



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

MIGUEL ÂNGELO FALCÃO PEREIRA

**O Ms. 2498 da Magdalene's Library:
Um Targum Judeocristão?**

Dissertação Final
sob orientação do:
Professor Doutor Isidro Pereira Lamelas

Lisboa
MMXXII

Dedicatória

*“Hominum natura novitatis
ac peregrinationibus avida est.”*

(Plínio, o Velho)

Quero dedicar este trabalho ao Deus Eterno e ao Seu Filho e Messias, Jesus, o nosso Salvador.

Também quero dedicá-lo aos meus pais por me terem apoiado ao longo da minha vida, neste mundo, e depois no Céu.

Quero agradecer à Luísa Isabel Pereira por todo o apoio, carinho e empenho, que me tem dedicado ao longo destes últimos nove anos da minha vida.

Quero agradecer à Helena, ao Tiago e à Teresa por me apoiarem ao longo do tempo que redigi esta dissertação e a paciência que tiveram em ouvir-me falar sobre ela.

Quero agradecer aos “meus irmãos”, Bruno e Filipa pela sincera amizade, apoio, e por me terem ajudado a perseguir o meu sonho.

Quero igualmente agradecer ao meu “padrinho” Jack e à Cidinha, por me terem incentivado, ao longo deste tempo, a aprofundar este projeto: *יְבָרְכֶם הַשֵּׁם* (Que Deus vos abençoe).

Quero agradecer ao Padre Dr. José António Gonçalves por me ter traduzido os textos da *Vita Beate*. Sem ele, teria sido impossível tão acurada tradução. *Gratias tibi ago, Magister!*

Quero agradecer ao meu Orientador, o Professor Doutor Isidro Pereira Lamelas por um dia, através do Seminário de Apócrifos, me ter despertado o gosto por esta parte da História da nossa Fé, por me ter ajudado a concretizar este projeto, e ter tido tanta paciência nos avanços e recuos pelos que ele passou.

Quero agradecer a todos aqueles e aquelas que não mencionei, mas que foram instrumentos de Deus na minha vida, ajudando-me a seguir o Caminho ao qual fui chamado a trilhar.

Resumo

Talvez uma das grandes incógnitas acerca dos primeiros séculos do Cristianismo corresponda à ausência de dados sobre quem eram e em que acreditavam os seguidores Judeus de Jesus, e porque motivo se sabe tão pouco acerca deles.

A partir de três novas fontes textuais agora sob análise, iremos aprofundar essa mesma investigação, acerca desses grupos religiosos que não sentiram a necessidade de mudar a sua religião, apesar de manterem a sua profissão de fé em Jesus de Nazaré: em que acreditavam eles? Quais os escritos que eles seguiam? Qual a sua origem?

Espera-se trazer algumas luzes, ao mesmo tempo que se colocarão novas questões a partir das informações apresentadas na presente dissertação.

Abstract

Maybe one of the most unknown things about the first centuries of Christianity is the absent of data about who were and in what believed the Jewish followers of Jesus, and what is the motive that we know so little about them.

From three new sources now under analysis, we shall deepen that investigation over those religious groups that didn't feel the necessity of changing their religion, despite keeping their profession of faith in Jesus of Nazareth: in which they believed? Which writings they followed? Where did they come from?

We hope to bring new light at the same time that it shall bring more new questions from the information presented in the present dissertation.

Siglas e abreviaturas

Ap. – *Apocalipse*

At. – *Atos dos Apóstolos*

c. – *Capítulo*

Cf. – *Confere*

Dt. – *Deuteronómio*

Den.Hün. – *Denzinger – Hünermann.*

et al. – *et alia.*

EvB – *Evangelho de Barnabé*

Ex. – *Êxodo*

Ez. – *Ezequiel*

Gl. – *Carta aos Gálatas*

Gn. – *Génesis*

Hb. – *Carta aos Hebreus*

Is. – *Isaiás*

Jb. – *Job*

Jn. – *Jonas*

Jo. – *Evangelho de João*

Jr. – *Jeremias*

Jz. – *Juízes*

Lc. – *Evangelho de Lucas*

Lm. – *Lamentações de Jeremias*

Mc. – *Evangelho de Marcos*

MI. – *Malaquias*

Ms. – Manuscrito

Ms.2498 – Manuscrito n.º 2498

Mt. – *Evangelho de Mateus*

n. – número

N.B. – «Nota Bene»

Ne. – *Neemias*

Nm. – *Números*

Os. – *Oseias*

PG – *Patrologia Graeca* (Migne)

PL – *Patrologia Latina* (Migne)

«Q» – *Quelle*

Rm. – *Carta aos Romanos*

SCh. – *Sources Chrétiennes*

Slm. – *Salmo*

t. – tratado

t.*Avot* – *Mishná*, tratado *Avot*

t.*Baba Bathra* – *Talmude da Babilónia*, tratado *Baba Bathra*

t.*berakh.* – *Talmude da Babilónia*, tratado *berakhot*

t.*Chag.* – *Talmude da Babilónia*, tratado *Chagigah*

t.*Shab.* – *Talmude da Babilónia*, tratado *Shabat*

t.*Yeb.* – *Talmude da Babilónia*, tratado *Yebamot*

t.*Yoma* – *Talmude da Babilónia*, tratado *Yoma*

VB – *Vita beate Virginis Marie et Salvatoris rhythmica.*

Introdução

Quando, em 2010, tivemos um contato inicial com textos apócrifos, no âmbito de um Seminário Temático sobre «Apócrifos Cristãos», nunca nos ocorreria que, a partir de um trabalho efetuado nesse âmbito, cujo título era *Evangelho dos Doze, de Pedro, ou segundo os Hebreus*, nos despertaria a curiosidade necessária que levaria a investigar de forma mais aprofundada este tema, e que esta, desembocaria na presente dissertação.

Entre a investigação sobre o tema em causa – efetuada a título pessoal, durante os anos subsequentes – e os trabalhos pastorais próprios da missão eclesial que fomos desempenhando, foi ganhando corpo o presente trabalho. Este não tem a menor pretensão de ser uma palavra final sobre um assunto tão complexo, mas tão somente, a partir de novos dados, lançar novas hipóteses e luzes, sobre os grupos judaicos crentes em Jesus, e o legado literário que estes deixaram.

Para este fim, com a clara consciência de que esta iniciativa seria complexa na sua abordagem, tornou-se necessário aprofundar os conhecimentos sobre o estado da arte, e desenvolver uma metodologia apropriada, que permitissem ter uma visão global adequada acerca desta temática.

Considerámos, em primeiro lugar, a necessidade de se conhecer o estado da questão mediante aquilo que outros autores já tinham dissertado anteriormente sobre o assunto. Com esse fim, analisaram-se trabalhos de investigação, e publicações centradas na análise da produção literária do Judeocristianismo.

Procedemos, de seguida, à análise das fontes literárias Judeocristãs disponíveis e, num segundo período, levámos a cabo um trabalho de investigação arquivística de hipotéticas fontes que indiciassem a utilização primária de elementos literários oriundos desta corrente teológica, procurando-se, posteriormente, enquadrar os resultados na investigação que fora realizada previamente.

Deste trabalho de investigação, são três as fontes que mereceram especial atenção:

a) O *Evangelho de Barnabé* – Apócrifo apologético islamizante, que apresenta Jesus como um Profeta enviado à Judeia. Segundo o manuscrito, durante a Paixão de Jesus, Judas Iscariotes virá a assumir o rosto e a voz de Jesus e será ele a sofrer o suplício da cruz ao invés do seu Mestre;

b) *A Vita Beate Virginis Marie et Salvatoris rhythmica* (Sobre a vida da Bem-Aventurada Virgem Maria e do Salvador) – Poema medieval centrado nas vidas de Maria e de Jesus, redigido a partir de vários apócrifos e de autores da antiguidade cristã, destacando-se pela utilização de algumas fontes consideradas perdidas. Dentre os Evangelhos apócrifos usados, merecem especial menção o *Evangelho dos Nazarenos* e o *Evangelho dos Hebreus*; quanto aos autores citados pelo redator, destacam-se Júlio Africano e Hegesipo.

c) O «Ms. n.º 2498 da Magdalene's Library», em Cambridge – Este manuscrito medieval tem a sua origem, provavelmente, numa fonte muito mais antiga, que corresponderia a uma harmonia dos quatro Evangelhos. Evidencia-se o facto de este apresentar vários elementos literários comuns às outras duas fontes acima mencionadas. Esta obra merecerá especial destaque, e será apresentada a sua tradução, na íntegra, como anexo à presente dissertação.

São, pois, estas as três fontes que se evidenciaram pela sua singularidade, de entre todas as outras analisadas. Duas delas – *O Evangelho de Barnabé* e a *Vita Beate* – afirmam claramente seguir o *Evangelho dos Nazarenos* e dos *Hebreus*, e o «Ms.2498», possui elementos literários comuns às duas fontes mencionadas.

Para o presente trabalho, destas três fontes, tem especial relevância o «Ms.2498», pelo significado que, provavelmente, este manuscrito poderá representar, para uma nova abordagem ao estado da arte.

Séneca dizia: «Para barco sem rumo, não há ventos favoráveis». Uma vez que surgiram os ventos favoráveis, subsequentemente, torna-se necessário traçar o rumo da presente dissertação. Por conseguinte, esta investigação, irá percorrer os seguintes passos:

No primeiro capítulo identificar-se-á o que é o Judeocristianismo, mencionando as diferentes correntes e grupos que constituíam esta corrente teológica.

No segundo capítulo analisar-se-ão pormenorizadamente as três fontes utilizadas, evidenciando as características de cada uma, bem como o processo de análise crítica necessário para se poder chegar àqueles elementos-chave fundamentais para a investigação em curso. Igualmente, destacam-se, neste processo, as diversas limitações que cada uma das fontes possui.

No terceiro capítulo analisar-se-á a provável correlação entre a «Quelle» e o «Ms.2498» e, a partir dos novos dados obtidos pelas novas fontes textuais sob investigação, será apresentada uma nova hipótese sobre a evolução dos textos.

No quarto capítulo, num primeiro momento, evidenciar-se-ão os principais pontos de interconexão entre as três fontes, bem como a provável constatação de uma fonte literária comum primitiva, da qual dependerão os manuscritos sob análise. Num segundo item, apresentar-se-ão as principais linhas teológicas que caracterizam o Judeocristianismo e, de modo sucinto, uma breve resenha histórica sobre o mesmo.

A presente dissertação será concluída rememorando as principais notas e prováveis evidências apresentadas ao longo do trabalho, com plena consciência dos riscos, próprios de alguma «ousadia» de quem está a dar os primeiros passos neste tema. Apesar de tudo, nem as nossas limitações nem a complexidade do assunto nos demoveram de, ao menos, tentar efetuar este exercício, esperando que o presente trabalho venha a ser um humilde contributo para a compreensão da temática sob estudo.

Em anexo, considerou-se relevante apresentar a tradução, na íntegra, do «Ms.2498», com a finalidade de melhor ilustrar o tema central da investigação, uma vez que este manuscrito possui algumas características que o tornam singular, destacando-o de outros do mesmo género.

Tentar compreender melhor o Judeocristianismo dos primeiros séculos da nossa era, poderá resultar numa provável abertura a uma nova forma de diálogo inter-religioso, que, sarando feridas do passado, leve à redescoberta dos pontos comuns no presente e permita trilhar um futuro convergente, respeitando as peculiaridades de cada fé – a judaica e a cristã – em torno do Deus único.

Capítulo I

O Judeocristianismo

1.1 – Origem do termo

Definir o «Judeocristianismo» enquanto conceito é uma tarefa complexa. Segundo Pesce¹, para que se possa definir de modo correto os Judeocristãos, são necessárias duas coisas: Primeiro, que seja claro o conceito de Judeocristianismo que se usa; Segundo, que o grupo ou fenómeno religioso que se quer definir, seja bem identificado, o que implicará a identificação de fontes históricas precisas.

O conceito de «Judeocristianismo», tal como muitos outros utilizados para definir realidades que pertencem ao mundo antigo, foi criado no último século e meio. Era, de facto, anteriormente desconhecido² e foi utilizado para definir os discípulos de Jesus que tinham mantido a sua conexão com o judaísmo³.

De acordo com o mesmo investigador, para clarificar o conceito de «Judeocristianismo», antes de mais, são necessárias esclarecer as questões relacionadas com o próprio conceito de «cristianismo» e apresentar o momento e os locais em que surgiu um fenómeno religioso autónomo que poderá ser designado de «cristianismo». De seguida, é necessário conhecer e clarificar com precisão o seu conteúdo enquanto realidade distinta do judaísmo e definir se este se foi demarcando de algum modo em particular desta religião, uma vez que esta, antes da destruição do Templo, era constituída por diferentes grupos⁴.

Para definir o conceito de «Judeocristianismo» deve-se olhar para o conceito de «cristianismo» enquanto realidade institucional, ética, dogmática e litúrgica diferenciada do judaísmo, o que somente irá suceder a partir de finais do século II e, subsequentemente,

¹ Cf. Mauro Pesce, «Sul concetto de giudeo-cristianesimo», acedido a 13 de fevereiro de 2022, <https://www.researchgate.net/publication/235911686>, 4.

² Cf. Pesce, «Sul concetto», 4.

³ Cf. Jean-Pierre Lémonon, «Os Judeo-Cristãos: Testemunhas esquecidas», *Cadernos Bíblicos* 101, Difusora Bíblica, Fátima, (2009):7; Para uma história mais aprofundada deste termo *vide*: James Carleton Paget, «The Definition of the Terms Jewish Christian and Jewish Christianity in the History of Research», em *Jewish Believers in Jesus*, ed. Oskar Skarsaune/ Reidak Hvalik (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2007), 22-52.

⁴ Cf. Pesce, «Sul concetto», 6-7.

não se pode associar este princípio ao momento em que os *Atos dos Apóstolos* mencionam os discípulos antioquenos como *Christianoi* (At. 11,16)⁵. Por isso, considera-se que para se chegar a um consenso sobre o uso da terminologia correta do conceito de «cristianismo» deve-se ter em conta dois elementos: quando e onde estes grupos de seguidores de Jesus se tornaram autónomos do judaísmo; e que fisionomia histórico-religiosa eles possuíam, tendo em conta que esta, não deve ser nem confundida nem lida à luz de um conceito de cristianismo posterior⁶. Torna-se, pois, necessário definir o significado cultural, étnico e religioso dos termos: «judeu», «gentio», «judeocristão»:

1 – «Judeu» – o termo «judeu» pode significar três coisas diferentes: a) – pertença a um grupo étnico por nascimento ou através de ritos; b) – modos de vida, concepções, instituições, mecanismos de adesão e grupos; c) – aquilo que se poderia designar de «religião».

2 – «Gentio» – por sua vez, o termo «gentio» pode significar um «não-judeu» de nascimento ou que não se tornou judeu. Deste ponto de vista, não é correto comparar judeus e gentios designando estes últimos como não-judeus, porque aqui o conceito de gentio não os define pelas suas características próprias, mas pelo fato de não partilharem um «ethnos» judeu. Neste primeiro sentido, «gentio» significa aquele que pertence a outros grupos étnicos que não os judeus. Numa segunda dimensão, «gentias» são as religiões tradicionais não-judaicas do mundo greco-romano, não definindo este ponto uma cultura, mas apenas um elemento cultural: o religioso. Como terceiro elemento, o «gentio» pode corresponder às antigas culturas greco-romanas. Porém, a cultura greco-romana do primeiro século incluía também os judeus. Desta feita, não se pode opor, a partir deste ponto de vista, «judeu» a «gentio» porque, a partir dele, os judeus são, culturalmente, gentios. Em suma, «judeu» e «gentio» nos primeiros dois séculos da história cristã assumem os três significados acima referidos⁷.

3 – Porém, o termo «cristão», assume apenas um carácter religioso, pois o grupo dos seguidores de Jesus nos dois primeiros séculos, ainda não tinha produzido uma cultura, pela ausência de elementos culturais fundamentais.

⁵ Cf. Pesce, «Sul concetto», 7.

⁶ Cf. Pesce, «Sul concetto», 7.

⁷ Cf. Pesce, «Sul concetto», 8-10.

Por fim, os seguidores de Jesus não se apresentam como um «ethnos», mas um conjunto de associações voluntárias⁸.

O Novo Testamento, bem como os Padres da Igreja, utilizam os termos «Ioudaios» (Judeu) e «Christianos» (Cristão) em separado, nunca os juntando numa única locução⁹.

O Judaísmo do primeiro século da nossa Era, concretamente do período anterior à destruição do Templo de Jerusalém, não pode ser entendido como uma realidade uniforme¹⁰ pelo facto de ter sido constituído por diversas correntes e interpretações da *Torá*.

A concretização de um Judaísmo uniforme, somente se daria após a destruição do Templo no ano 70, com o desaparecimento dos Essénios e dos Saduceus, subsistindo apenas o grupo dos Fariseus, que até então se subdividia na «Beit Hillel» e na «Beit Shammai». Estas duas escolas, posteriormente, transformar-se-iam no que é hodiernamente designado de Judaísmo Rabínico¹¹. O último grupo digno de menção, que sobreviverá à catarse da destruição do Templo, correspondia à seita dos Nazarenos (At. 24,5), coevo ao período do segundo Templo.

No que toca à génese do étimo «Nazareno», desconhece-se, ao certo, a origem do mesmo. Nem Josefo, nem Filão, nem mesmo a *Mishná* ou o *Talmude* ou quaisquer outros escritos rabínicos posteriores, mencionam uma cidade de nome Nazaré. Além do Novo Testamento, a referência mais antiga pertence a Júlio Africano¹².

Enquanto topónimo, a arqueologia bíblica atesta a sua localização e a sua existência no tempo de Jesus¹³; porém, não com a preponderância que se lhe costuma ser atribuída, uma vez que, nesse tempo, era Séforis, cidade situada a alguns quilómetros de distância, que se destacava comercialmente. No contexto neotestamentário, Nazaré, tal como o resto da Galileia, estava fortemente marcada pela presença pagã, pelo que não era muito bem vista aos olhos do resto do mundo judaico. Este facto é testemunhado pela pergunta feita

⁸ Cf. Pesce, «Sul concetto», 10.

⁹ Cf. Lémonon, «Os Judeo-Cristãos: Testemunhas esquecidas», 7.

¹⁰ Cf. João Duarte Lourenço, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005), 41; Joachim Gnilka, *Jesus de Nazaré* (Lisboa: Editorial Presença, 1999), 52; John Bright, *La Historia de Israel* (Bilbao: Desclée De Brouwer, 2003), 590.

¹¹ Cf. Christiane Saulnier e Bernard Rolland, «A Palestina no tempo de Jesus», *Cadernos Bíblicos* 41, (1993): 59.

¹² Cf. John J. Rousseau/Rami Arav, «Nazareth», em *Jesus and his world – An archaeological and cultural Dictionary* –, ed. Fortress Press, 1ªed., (Minneapolis, 1995), 214.

¹³ Cf. John J. Rousseau/Rami Arav, «Nazareth», 215.

por Natanael a Filipe, no texto canónico de João 1,46: «De Nazaré pode sair algo de bom?».

Quanto ao facto de Nazaré ser desconhecida dos textos extrabíblicos, é provável que tal se devesse a ser uma aldeia exígua. Porém, no que concerne à vivência da fé Judaica, Nazaré contrastava claramente com Séforis pela sua fidelidade à *Torá*. Esta afirmação pode ser comprovada pelo resultado de recentes escavações arqueológicas efetuadas na zona, onde se constatou que enquanto Nazaré permanecia vinculada às suas raízes Judaicas, Séforis, como consequência da confluência de culturas, abraçara o mundo e o pensamento helenistas¹⁴ e, subsequentemente, se encontrava fortemente marcada pelo paganismo. Talvez isto explique o facto de que os escritos neotestamentários mencionem Nazaré e Caná, mas não possuam uma única referência a Séforis.

A redescoberta da Nazaré do século I, na Baixa Galileia, deve-se, sobretudo, às escavações arqueológicas de Belarmino Bagatti¹⁵. Estas puseram em evidência que as casas desta aldeia eram edificadas com materiais perecedouros, possuindo, contudo, um compartimento subterrâneo destinado a servir como adega ou silo para a conservação do trigo. As fundações dos muros deixam entrever a exiguidade dos edificadros, apetrechados tão somente com aquilo que era considerado essencial para a vida quotidiana. A aldeia possuiria cerca de duzentos a quatrocentos habitantes¹⁶ e era relativamente antiga, remontando, pelo menos, ao período persa-asmoneu¹⁷. Em suma, Nazaré era, na verdade, um punhado de casas cravadas nuns promontórios de rocha¹⁸ que nem chegava a ser digna de menção nos principais escritos judaicos.

Alguns historiadores defendem que a menção a Nazaré encontrada em Mateus, poderá não estar tanto associada a uma realidade topográfica, mas sim a um elemento de carácter teológico¹⁹. O postulado enquadrar-se-ia na interpretação de Mt. 2,23: «... e foi morar para uma cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos Profetas: Ele será chamado Nazoreu».

¹⁴ Cf. Owen Jarus, «Biblical Story of Jesus explained by excavations in his hometown of Nazareth», acedido a 20 de setembro de 2020, <https://www.livescience.com/jesus-home-nazareth-discoveries.html>.

¹⁵ Cf. Joaquín González Echegaray, *Jesús en Galilea – Aproximación desde la arqueología* (Estella: Editorial Verbo Divino, 2001), 122.

¹⁶ Cf. José António Pagola, *Jesús – uma abordagem histórica* – (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008), 40.

¹⁷ Cf. Giuseppe Barbaglio, *Jesús, Hebreo de Galilea – Investigación histórica* – (Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, 2003), 119.

¹⁸ Cf. Francisco Varo, *Rabí Jesús de Nazaret*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007), 43.

¹⁹ Cf. Marcello Craveri, *The Life of Jesus*, (London: Fletcher & Son Ltd., 1967), 3-4.

O termo «Nazoreu» não se encontra em nenhum escrito veterotestamentário. O mais próximo que se pode encontrar é «Nazir» (Nm. 6,1-21), ou seja, a pessoa que efetuava o voto de Nazireato. Contudo, um termo não está vinculado ao outro.

Sabemos através dos *Atos dos Apóstolos* 24,5, que o primeiro nome pelo qual ficou conhecido o grupo dos seguidores de Jesus foi o de Ναζωραῖοι (Nazarenos). É somente em Antioquia da Síria (At. 11,26), ou seja, no contexto de uma comunidade greco-falante, que irão receber o nome de Χριστιανοί (Cristãos), o que pode ser literalmente traduzido como «os seguidores de Cristo».

Se os «Nazarenos» mencionados no texto canónico dos *Atos* corresponderão ou não ao grupo referido com esse nome pelas fontes patrísticas, será aprofundado adiante. Importa destacar agora, como conclusão deste primeiro ponto, que o moderno termo técnico «Judeocristão» engloba os diversos grupos religiosos de matriz judaica crentes em Jesus.

Vários grupos «Judeocristãos» surgiram ao longo da história, porém, importa evidenciar neste momento, apenas dois, cujos testemunhos se destacaram pelos escritos que chegaram até nós: os «Nazarenos» e os «Ebionitas».

Os primeiros, mencionados por Epifânio de Salamina²⁰, deram azo a troca de correspondência entre Agostinho²¹ e Jerónimo²², além de terem legado alguns testemunhos da sua produção literária, que chegaram até ao presente graças à Patrística. S. Jerónimo, ao argumentar com Agostinho, menciona que os aderentes a esta seita são conhecidos comumente como Nazarenos. Eles acreditam em Cristo, o Filho de Deus, nascido da Virgem Maria; e dizem que Aquele que sofreu sob Pôncio Pilatos e ressuscitou, é o mesmo em que nós acreditamos. Mas, enquanto desejam ser quer Judeus quer Cristãos, não são nem uma coisa nem outra²³.

Pode-se depreender deste testemunho de S. Jerónimo, que este grupo acreditaria, aparentemente, no mesmo que os Cristãos; porém, conservavam a peculiaridade de se manterem afetos à Lei de Moisés.

²⁰ Cf. Epifânio de Salamina, *Contra os hereges*, 1, 390-406, PG 41, 117A-124D.

²¹ Cf. Agostinho de Hipona, *Cartas a Jerónimo*, 28,40,71 e 82, PL 33,2.

²² Cf. Jerónimo, *Carta a Agostinho*, 1, 923-924, PL 22, 746-747.

²³ Jerónimo, *Carta a Agostinho*, 1, 924, PL 22, 747.

Os segundos ficaram conhecidos como «Ebionitas», e é Orígenes que vai distinguir dois grupos diferentes dentro deles: os que acreditam que Jesus nasceu virginalmente de Maria, e aqueles que acreditam que Ele nascera como todos os homens²⁴. Os Ebionitas, de um modo geral, eram conhecidos por serem opostos à doutrina Paulina, e por chamarem o Apóstolo de «apóstata da Lei»²⁵. Um dos grupos encontrar-se-ia doutrinariamente mais próximo dos Nazarenos; porém, o outro, teria sofrido influências marcadamente gnósticas. Deste segundo grupo, Epifânio deixa um testemunho da sua produção literária²⁶ ao citar o *Evangelho dos Ebionitas* ou *segundo Mateus*. Postulava este autor que este grupo de Ebionitas possuía um texto de *Mateus* falsificado, condenavam as riquezas e assumiam um caráter vegetariano. Importa ainda mencionar, que é aos Ebionitas que se pode atribuir, provavelmente, a redação da literatura pseudo-clementina²⁷.

No próximo ponto, será abordado o paulatino distanciamento entre o «Judaísmo Rabínico», surgido após a destruição do Templo de Jerusalém, e a seita dos «Cristãos» que, tendo crescido em número, igualmente se evidenciara enquanto movimento religioso autónomo, separado do Judaísmo. Como consequência disto, o «Judeocristianismo» passaria de ser um movimento religioso vinculado ao Judaísmo, para uma realidade sincrética, «presa entre dois mundos».

1.2 – «Entre dois mundos»: momentos de um distanciamento entre irmãos

Não podendo nem querendo ser exaustivos na descrição histórica do complexo processo de demarcação do cristianismo face ao judaísmo que aderiu, de algum modo, a Jesus, referiremos apenas os momentos mais marcantes.

²⁴ Cf. Orígenes, *Contra Celso*, III, 61. *SCh.* 147, 167.

²⁵ Cf. Ireneu de Lião, *Contra os hereges*, II, 26. *SCh.* 264, 347.

²⁶ Cf. Epifânio de Salamina, *Contra os hereges*, I, 427-430, PG 41, 137C-138B.

²⁷ Cf. Aurelio Santos Otero, *Los Evangelios Apócrifos* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984), 49.

1.2.1 – O período de harmonia

A destruição do Templo de Jerusalém ocorrida em tempos do Imperador Vespasiano, marca um inquestionável ponto de viragem na fé judaica. Até essa altura, como já foi referido, encontra-se bem documentada a coexistência de várias correntes teológicas que integravam o Judaísmo: os Saduceus, os Essénios, e os Fariseus. Dentro desta última corrente, distinguem-se a «Beit Shammai», que possuía uma interpretação da *Torá* mais rigorista, e mais vinculada à Tradição Oral, e a «Beit Hillel», menos rigorista na sua interpretação da *Torá*, e mais liberal na sua interpretação da Tradição Oral.

Na primeira metade do século I, surgirá o movimento reformista de João Baptista e, no encalço dela, a «seita dos Nazarenos», fundada por Jesus. Neste contexto, a metonímia «seita», não adquire um carácter eminentemente pejorativo, uma vez que Josefo empregará a mesma expressão para designar as diferentes correntes teológicas existentes no Judaísmo do seu tempo²⁸. É segundo este postulado que se poderá enquadrar a expressão «seita dos Nazarenos», presente em *Atos* 24,5, para descrever o movimento messiânico fundado por Jesus de Nazaré, enquanto novo grupo religioso dentro do Judaísmo.

Ainda que as disputas teológicas entre as diferentes seitas que constituíam o Judaísmo do século I fossem recorrentes, pouco antes da destruição do Templo, existia alguma harmonia entre os fariseus da «Beit Hillel», os «Nazarenos» e, associados a estes, os «Cristãos». Por conseguinte, não será de estranhar encontrar Gamaliel I, descendente de Hillel, líder da ala mais liberal dos Fariseus, a agir favoravelmente para com os membros do movimento fundado por Jesus (*At.* 5,34-39). Até então, quer os Nazarenos, quer os Cristãos, viam no Templo o polo centralizador do culto e, fora deste, em cada Sábado, oravam nas sinagogas (*At.* 15,21).

²⁸ Cf. Flávio Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 2, 8, 2-14, trad. William Whiston (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987), 605-608.

1.2.2 – A primeira guerra Judaica e a fuga para Pela

Este período de aparente tranquilidade seria perturbado com início da primeira guerra judaica contra o domínio romano, no ano 66. Referem Eusébio e Epifânio, que os Nazarenos foram avisados ou por Jesus ou por um anjo de Deus – segundo diferentes tradições – para que fugissem da cidade de Jerusalém e fossem viver para Pela, na Decápole, onde acabariam por se radicar. Sobre esta tradição, o bispo Eusébio de Cesareia menciona:

As gentes da Igreja em Jerusalém, foram ordenadas por um oráculo dado por revelação antes da guerra aos da cidade que eram dignos de partir, para residir numa das cidades de Pereia, que é chamada Pela. Para isso, aqueles que acreditavam em Cristo, viajaram de Jerusalém, para que, quando os homens santos tivessem todos desertado da capital real dos Judeus e de toda a terra da Judeia ...²⁹.

Por sua vez, também Epifânio refere:

Esta heresia dos Nazarenos existe em Bereia, na vizinhança de Coele-Síria e na Decápole, na região de Pela e em Basanítide na assim chamada Kokaba. Daí, tomou o seu início após o êxodo de Jerusalém quando todos os discípulos foram viver para Pela porque Cristo havia-lhes dito para deixar Jerusalém e se irem embora, já que iria passar por um cerco. Por causa deste conselho, eles viveram em Pereia, após terem-se mudado para esse lugar, como eu havia dito³⁰.

Ainda sobre o local do estabelecimento deste grupo, Epifânio vai dizer:

... Pois após todos aqueles que acreditaram em Cristo, terem vindo viver para a Pereia, numa cidade chamada Pela, da Decápole, da qual está escrito no Evangelho, que está situada na vizinhança da região de Bataneia e Basanítide, onde a pregação de Ebion se originou, após estes se terem mudado para esse local, e aí terem começado a residir³¹.

²⁹ Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica*, I, 5, 3. *SCh.* 31, 102-103.

³⁰ Epifânio de Salamina, *Contra os hereges*, 1,402-403, PG 41, 123D.

³¹ Epifânio de Salamina, *Contra os hereges*, 1,407, PG 41, 126B.

Por fim, no seu trabalho, *Sobre os pesos e medidas*, o bispo de Salamina ainda vai recordar, ao falar de Áquila:

Então Áquila, enquanto estava em Jerusalém, também viu os discípulos dos Apóstolos florescerem na fé, operando grandes sinais, curas, e outros milagres. Pois eram aqueles que tinham regressado da cidade de Pela para Jerusalém, aí residindo e ensinando. Pois quando a cidade estava prestes a ser tomada e destruída pelos Romanos, foi revelado antecipadamente a todos os discípulos pelo Anjo de Deus que deveriam retirar-se da cidade, pois iria ser completamente destruída. Eles permaneceram como imigrantes em Pela, a cidade acima mencionada, na Transjordânia. E esta cidade é dita ser da Decápole³².

Porém, o ano 70 do século I marcou um ponto de viragem em todo o Judaísmo: a 17 de Sivan³³ desse ano, deixaram de se fazer sacrifícios no Templo, e a 10 de Tammuz, o mesmo foi profanado³⁴. O Templo, centro da vida espiritual do Judaísmo, tinha caído.

A *carta aos Hebreus*, dentre as questões às quais procura dar resposta, ao rememorar aos seus leitores a liturgia judaica do «Yom Kippur»³⁵, menciona um novo sacerdócio, segundo a ordem de Melquisedech (Hb. 6,19-20), dado que o sacerdócio anterior fora abrogado (Hb. 7,18). De igual modo, existia agora um novo santuário (Hb. 9,11-14), de origem celeste, que foi atravessado pelo Messias, figura central do Judaísmo, que, pela sua morte, assumiria igualmente o caráter de sacrifício (Hb. 10,11-19) da nova e eterna aliança, motivo pelo qual todos os sacrifícios cruentos da antiga aliança deixariam de ter sentido. Por conseguinte, para os seguidores Judeus de Jesus, o Templo e o sacerdócio tinham-se tornado prescindíveis na reformulação do culto pós-destruição do Templo.

Idêntica situação viveu o Judaísmo rabínico, nascido do Concílio de Jâmnia, ao não poder já sacrificar no Templo, e tendo de reestruturar toda a sua vida e liturgia numa nova realidade. Este facto, levaria a que o rabinismo atravessasse uma autêntica crise de identidade, dado que grande parte da sua liturgia se centrava em torno dele.

³² Epifânio de Salamina, *Sobre os pesos e medidas*, 3,262, PG 43, 171B.

³³ Cf. Giuseppe Ricciotti, *Historia de Israel: Desde o cativo até ao ano 135 depois de Jesus Cristo* (Barcelona: Luis Miracle Editor, 1947), 433.

³⁴ Cf. Ricciotti, *Historia de Israel: Desde la cautividad hasta el año 135 después de Jesucristo*, 435-436.

³⁵ Para aprofundar a liturgia do Yom Kippur, vide: João Duarte Lourenço, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu*, 2005), 155-160.

1.2.3 -Separação entre Judaísmo «Rabínico» e Judeocristianismo: a Tefillah

O clima de aparente paz entre estes dois grupos religiosos durou, porém, pouco tempo, dado que, a própria liturgia Judaica deixou transparecer as dissensões existentes entre eles, naquela que é a mais importante das orações do Judaísmo, a «Amidah».

A «Amidah», igualmente conhecida como «Shemoneh Esreh» ou «Tefillah», é, de facto, o coração da oração Judaica. A «Tefillah» remonta, segundo a tradição presente no *Talmude*³⁶, aos «Homens da Grande Assembleia». Sendo recitada três vezes ao dia³⁷, em consonância com a liturgia no Templo, a «Tefillah» deveria ser recitada de memória³⁸.

Também no contexto Judeocristão é possível encontrar ecos de uma fórmula da «Amidah», testemunhada, sobretudo, a partir de dois escritos neotestamentários (Mt. 6,9-13; Lc. 11,2-4), e no documento Judeocristão conhecido como *Didaché*.

Na *Didaché*, os seguidores do Messias são exortados a «fazer a oração» não como os «hipócritas», isto é, como os fariseus, mas como Jesus ordenara no Evangelho³⁹. Uma vez que a «Tefillah» deixada por Jesus, é cronologicamente mais antiga do que a versão codificada pelo «Judaísmo Rabínico», torna-se bastante evidente o motivo da simplicidade redaccional da primeira, dado que, o texto deveria ser aprendido «de memória».

Encontrando-se em perfeita consonância com o preceito rabínico de recitar a «Amidah» três vezes ao dia, também a *Didaché* vai ordenar a sua tríplice recitação diária, afirmando: «Orai assim três vezes ao dia»⁴⁰. Porém, enquanto a versão rabínica traçara um caminho de codificação do texto, a versão Judeocristã, constituída por uma introdução, sete petições e uma conclusão, deixará espaço aberto a que, entre cada uma

³⁶ Cf. Emil G. Hirsch, «Shemoneh Esre», em *Jewish Encyclopedia*, ed. Isidore Singer, 1ªed., vol.11 (New York and London: Funk and Wagnals Company, 1905), 277.

³⁷ Cf. Emil G. Hirsch, «Shemoneh Esre», 270.

³⁸ Cf. Emil G. Hirsch, «Shemoneh Esre», 277.

³⁹ Cf. *Didaché*, 8,2. Manuel Luís Marques e Isidro Pereira Lamelas, *Didaché e Doctrina Apostolorum*; Col. «Philokalia», vol. 5. (Lisboa, Alcalá e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2004), 200-201.

⁴⁰ *Didaché*, 8,3. Marques e Lamelas, *Didaché e Doctrina Apostolorum*, 206-207.

das petições, o Espírito Santo possa operar livremente no orante, ao ponto de ele poder clamar, «Abbá, Pai» (Rm. 8,15). Mais tarde, o cristianismo acabaria por tomar o mesmo rumo do rabinismo, transformando a «oração do Senhor» numa unidade literária cristalizada.

No seu processo de codificação, a «Tefillah» do rabinismo foi fixada em dezoito bênçãos. Porém, à sua forma redaccional final, já por altura do concílio de Jâmnia, ocorrido por volta do ano 90⁴¹ ou talvez antes, foi acrescentada outra, às dezoito já existentes⁴², que ocuparia o décimo segundo lugar.

Na verdade, esta prece, mais do que uma bênção, era uma maldição. Uma maldição contra os «Minim». Esta «décima segunda bênção» foi efetuada a pedido de Gamaliel II a Samuel, o «pequeno»⁴³. Durante algum tempo, houve dúvidas sobre se, na verdade, estes «Minim» corresponderiam aos «Cristãos» ou se seriam outros grupos dissidentes do Judaísmo, porém, estas dúvidas começaram a dissipar-se com as descobertas efetuadas na «Genizah» do Cairo.

Por volta do século XIX, foram encontradas algumas versões da «Shemoneh Esreh»⁴⁴, na «Genizah» do Cairo, apresentando uma interessante variante na ברכת המינים (Birkhat haMinim). Nesta versão, é lido o seguinte: והנצרים והמינים⁴⁵ (...v^e haNetsarim v^e haMinim...)⁴⁶. O texto efetua a clara distinção entre os «Nazarenos» e os outros «hereges», nos quais se englobariam igualmente os «Cristãos».

Efetuando-se um simples exercício de raciocínio lógico, reconhecer-se-á que ninguém se dirigiria a um local de culto tendo como fim, durante a oração, amaldiçoar-se a si próprio. Por conseguinte, esta «décima segunda bênção», tornar-se-ia o primeiro gesto

⁴¹ Cf. Jacob Jocz, *The Jewish people and Jesus Christ – A study in the controversy between the Church and the Synagogue*, (London: S.P.C.K., 1954), 56.

⁴² Cf. João Duarte Lourenço, *O tempo de Jesus: o mundo e as instituições Judaicas*, (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020), 268.

⁴³ Cf. Lourenço, *O tempo de Jesus: o mundo e as instituições Judaicas*, nota 422.

⁴⁴ Cf. Philip Birnbaum, «Shemoneh Esreh», em *Encyclopedia of Jewish concepts*, (New York: Hebrew Publishing company, 1991), 613.

⁴⁵ Cf. David Instone-Brewer, «The Eighteen Benedictions and the Minim before 70 CE», *The Journal of Theological Studies*, 54, n.1, (2003), Pages 25–44.

⁴⁶ N.B: Pela ausência do ך na palavra נצרים claramente percebe-se que a transliteração será: «Netsarim» ou «Natsarim» e não נוצרים (Notserim). Assim, a tradução correta desta perícopie será: «... e os Nazarenos e os hereges...». O texto da «Bênção», na sua totalidade, fica da seguinte forma: «Para os apóstatas que não haja esperança e que o reino dos arrogantes seja rapidamente arrancado pela raiz nos nossos dias e os Nazarenos e os hereges pereçam num instante. Possam eles ser apagados do livro dos vivos e não ser inscritos com os Justos. Bendito és Tu, Adonai que humilhas os arrogantes.»

oficial de separação entre o Judeocristianismo que, até então, teria frequentado a sinagoga judaica, e o rabinismo, que rejeitara definitivamente Jesus como Messias.

Testemunho disto, serão, provavelmente, algumas perícopes encontradas nos escritos neotestamentários, onde se poderão evidenciar as subseqüentes disputas decorrentes da introdução dessa bênção: «bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam» (Lc. 6,28) e ainda: «Expulsar-vos-ão das sinagogas.» (Jo. 16,1). Por fim, como testemunha o texto do Apocalipse: «Forçarei os da sinagoga de Satanás, que se afirmam Judeus, mas não são, pois mentem...» (Ap. 3,9).

Na Patrística, é também possível encontrar claras referências ao modo como esta «bênção» marcou a separação entre o rabinismo e o Judeocristianismo. São três os autores Cristãos que se destacam pelos seus testemunhos concordes e claros: Justino de Roma, Epifânio de Salamina e Jerónimo. Todos eles tiveram oportunidade de contactar em primeira mão com o Judeocristianismo e, de modo particular, com o «Judaísmo Nazareno».

O bispo Epifânio de Salamina, ao elencar as especificidades dos «Nazarenos», escreve:

Contudo, para os Judeus, [os Nazarenos] são inimigos. O povo Judeu não somente os odeia, mas, até quando se levantam, ao amanhecer, ao meio-dia, e ao entrar na tarde, três vezes ao dia, e quando recitam as suas orações nas sinagogas, amaldiçoam e anatematizam-nos dizendo três vezes ao dia: «Deus amaldiçoe os Nazarenos».⁴⁷

Este testemunho é uma clara alusão à «Birkat haMinim», como se pode constatar pelo número de vezes que pronunciavam «maldições» e anátemas contra os Nazarenos, tendo em conta o que foi anteriormente dito sobre os fragmentos do texto da «décima segunda bênção» encontrados na «Genizah» do Cairo.

Igualmente é possível encontrar Justino a confirmar a recitação desta maldição no seu *Diálogo com Trifão*: «...E agora rejeitais aqueles que esperam n'Ele e em Deus Onnipotente e Criador de todas as coisas, que o enviou e, no que depende de vós, o

⁴⁷ Epifânio de Salamina, *Contra os hereges*, 1,404, PG 41, 124D.

desonrais, maldizendo nas vossas sinagogas aqueles que creem em Cristo.»⁴⁸ Embora Justino não faça distinção entre os Judeocristãos e os Cristãos, testifica a posição hostil do rabinismo, no contexto sinagoga, para com os que acreditavam no Messias Jesus.

Por fim, S. Jerónimo, em concordância com as palavras de Epifânio, vai escrever:

Por outro lado, dos príncipes dos Judeus aos quais se acusou antes de avareza e de luxo, diz-se isto porque, convidados à conversão pelo Senhor, e depois pelos seus Apóstolos, até hoje perseveram nos insultos e, três vezes ao dia, em todas as sinagogas, sob o nome dos «Nazarenos», anatematizam o nome: «Cristão».⁴⁹

Importa reter, de toda a informação acima veiculada, que o primeiro gesto oficial de rutura entre o Judeocristianismo e o «Judaísmo Rabínico» decorre da introdução, na liturgia sinagoga, de uma prece que postulava pela maldição daqueles que aceitavam Jesus como o Messias, bem como, de todos aqueles que se tinham tornado seus seguidores.

1.2.4 – A separação entre o Judeocristianismo e os «Cristãos»

Contudo, a divisão não se cingira somente ao lado Judaico, dado que, no lado Cristão, as hostilidades também se fizeram sentir.

Inicialmente, ainda mantendo a sua matriz Judaica, o Cristianismo era constituído, sobretudo, por gentios conversos a Cristo, mediante a pregação dos Apóstolos ou dos discípulos, sob a supervisão de Judeus crentes em Jesus. Porém, à medida que o número de aderentes crescia e que o grupo inicial, de diversos modos, ia desaparecendo, a autoridade que o substrato judaico tivera até então foi lentamente obnubilada. Tal asserção pode ser retirada a partir de testemunhos que remontam ao século II, e que

⁴⁸ Justino, *Diálogo com Trifão*, 1,511, PG 6, 117A.

⁴⁹ Jerónimo, *Comentário a Isaías*, 4,87, PL 24, 81C.

demonstram o lento, mas seguro caminho de separação entre o Judeocristianismo e o Cristianismo.

O primeiro testemunho é fornecido pelo bispo Inácio de Antioquia, dado que, dentre as epístolas expedidas às Igrejas por ele, algumas são bastante explícitas na exortação à separação com o Judaísmo e, até mesmo, com os Judeocristãos.

O primeiro sinal de rutura clara é manifesto quanto à data do dia sagrado, uma vez que Inácio vai escrever: «Aqueles que viviam na antiga ordem de coisas, chegaram à nova esperança, e não observam mais o Sábado, mas o dia do Senhor, em que a nossa vida se ergueu por meio d'Ele e da sua morte»⁵⁰. O bispo de Antioquia, por conseguinte, considerava que não mais se deveria observar o Sábado, mas sim o Domingo, pois Jesus ressuscitara no Domingo.

O segundo corte, a que Inácio exortará os seus Cristãos a realizar, é com os costumes judaizantes, tal como está descrito na *Carta aos Magnésios*: «É absurdo falar de Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, judaizar. Não foi o cristianismo que acreditou no judaísmo, e sim o judaísmo no cristianismo, pois nele se reuniu toda a língua que acredita em Deus»⁵¹.

Por fim, pese que ainda aceite um Cristianismo pregado por um circunciso, Inácio ordena a que os Cristãos se afastem da interpretação veterotestamentária das Escrituras baseada nas suas matizes judaicas. Sobre isso, vai dizer na sua *carta aos Filadelfenses*:

Se alguém vos interpreta o judaísmo, não o escuteis, porque é melhor ouvir o cristianismo de um homem circuncidado, do que o judaísmo de um homem incircunciso. Se ambos não falam a respeito de Jesus Cristo, são, para mim, estelas e túmulos de mortos, sobre os quais estão escritos somente nomes de homens⁵².

Inácio terá redigido esta correspondência epistolar durante o reinado de Trajano (98-117)⁵³, isto é, não muito longe das animosidades despoletadas pela introdução da «décima segunda bênção» nas sinagogas rabínicas; contudo, não se pode sonegar para um segundo

⁵⁰ Inácio de Antioquia, *Epístola aos Magnésios*, 9, 1. *SCh.* 10b, 102.

⁵¹ Inácio de Antioquia, *Epístola aos Magnésios*, 10,3. *SCh.* 10b, 104.

⁵² Inácio de Antioquia, *Epístola aos Filadelfenses*, 6,1. *SCh.* 10b, 144;146.

⁵³ Cf. Johannes Quasten, *Patrología I- Hasta el Concilio de Nicea*, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1978), 73.

plano o facto deste bispo de Antioquia ser o primeiro a exortar a uma rutura clara com a sua matriz judaica.

O segundo testemunho deste processo de afastamento gradual, está marcado pela dissensão entre o Papa Vítor I e o bispo Polícrates de Éfeso, como consequência da polémica levantada em torno da data da celebração da Páscoa. Vítor determinara que o mistério da Páscoa da ressurreição do Senhor fosse celebrado no Domingo⁵⁴, porém, o bispo Polícrates, fundado numa tradição antiquíssima, opôs-se a esta medida, considerando que Páscoa deveria ser celebrada com os Judeus a 14 de Nisan, tal e como tinham celebrado os seus antepassados⁵⁵.

Durante a primeira metade do século II, a igreja de Jerusalém ainda era dirigida por bispos oriundos da circuncisão, como é testemunhado por Eusébio⁵⁶, pelo que se poderá depreender que a sua conexão com o Judaísmo fosse muito mais forte, pelo menos até ao reinado de Adriano, cerca do ano 132. Nesta época, é desferido o golpe de misericórdia sobre a cidade santa na última grande revolta judaica⁵⁷ e os bispos de Jerusalém passam a ser oriundos da gentilidade.

1.2.5 – A proclamação de «Bar Kocheba» como Messias

É importante deter-se neste período tão conturbado da história do povo Judeu, e rememorar os factos. Por volta do ano 132 eclode uma nova revolta contra o Império Romano, capitaneada por Shimeon «Bar Kocheba». O nome de nascimento deste líder revoltoso era Shimeon Bar Koseva⁵⁸. Com base na profecia messiânica de Números 24,17, onde se menciona a «Estrela de Jacob», R. Akiva irá alterar o nome deste insurgente para «Bar Kocheba» (Filho da Estrela), e proclamá-lo como o messias.

Decorrente deste facto, muitos viram nele o messias político esperado que viria libertar Israel do jugo opressor. «Bar Kocheba» procurou, junto dos Judeocristãos, o

⁵⁴ Cf. Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica*, I, 5, 3. *SCh.* 31, 102-103

⁵⁵ Cf. Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, II, 5, 2-6. *SCh.* 41, 67-68.

⁵⁶ Cf. Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica*, I, 4, 3-4. *SCh.* 31, 164.

⁵⁷ Cf. Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, I, 4, 1-4. *SCh.* 31, 165-166.

⁵⁸ Cf. François Castel, *Historia de Israel y de Judá*, (Estella: Editorial Verbo Divino, 2005), 224.

apoio necessário para a sua revolta; contudo, não o obteve, uma vez que, para o Judeocristianismo, o Messias era Jesus e já tinha vindo antes da destruição do Templo.

Este acontecimento, corroborado por duas fontes, merece especial destaque, uma vez que evidenciará ainda mais o fosso existente entre os Judeocristãos e o rabinismo.

Justino de Roma, coevo aos acontecimentos, teve a oportunidade de testemunhá-los em primeira mão. Ao mencionar esta revolta, refere: «Com efeito, na guerra dos Judeus agora terminada, Bar Kocheba, o cabecilha da rebelião, mandava submeter a terríveis torturas somente os cristãos, caso estes não negassem e blasfemassem Jesus Cristo»⁵⁹.

Por sua vez, Jerónimo, ao citar a *Crónica* de Eusébio, especifica por que é que os seguidores de Jesus foram martirizados, escrevendo na «228.^a Olimpíada»: «Bar Kocheba, líder do partido dos Judeus, porque os Cristãos não desejaram ajudá-lo contra o exército Romano, matou-os com toda a sorte de tortura»⁶⁰.

A partir destes dois testemunhos, pode-se determinar que outro dos motivos que levou à separação entre o Judeocristianismo e o Rabinismo foi a não colaboração dos seguidores circuncisos de Jesus com Bar Kocheba, que fora proclamado messias por Akiva. Uma vez que, para o Judeocristianismo, Jesus era o Messias esperado, não havia razão para aceitar a liderança deste messias político, mesmo sob ameaça de guerra. Tal decisão, valeu-lhes a perseguição, morte e fuga.

Pese os autores atrás mencionados os designarem como «Cristãos», muito provavelmente estariam a referir-se aos Judeocristãos, dado que, seria pouco provável, que um líder insurgente judeu incorporasse nas suas fileiras incircuncisos, quando o objetivo era derrotar um povo dominador exatamente constituído por incircuncisos.

Outro aspeto a ter em conta, é que provavelmente o número de Judeocristãos nesse período deveria ser considerável, pois caso fosse apenas um movimento residual quanto a adeptos, seria pouco provável que Bar Kocheba procurasse apoio neles.

Entre as consequências desta última incursão militar contra o domínio de Roma contam-se a destruição daquilo que ainda restava da Jerusalém da época do Segundo Templo, bem como a sua subsequente transformação em «Aelia Capitolina» por Adriano; a total obliteração das forças rebeldes; o fim da linhagem de bispos oriundos da

⁵⁹ Justino de Roma, *Apologia pelos cristãos*, I, 36, 6. *SCh.*507, 211.

⁶⁰ Jerónimo, *Crónica de Eusébio*, 8,467, PL 27, 468 l.

circuncisão, e, por fim, a dispersão ou cativo de aquilo que restara do povo judaico. Com este sucesso, estava consumada definitivamente a separação entre o Judeocristianismo e o Rabinismo.

1.2.6 – A separação entre irmãos vista na ótica Judeocristã

Certamente que, quando o afamado escritor George Orwell, escreveu na revista *Tribune*, que «a história é escrita pelos vencedores», nunca lhe teria ocorrido que esta frase ecoaria de forma tão certa, ao momento de caracterizar historicamente aquilo que se sabe sobre os primórdios do Cristianismo.

Se não oferece muita dificuldade descrever, a partir da ótica Cristã, como este grupo de crentes em Jesus, gradativamente, se foi transformando em religião, uma vez que as fontes a que se pode recorrer para esse fim são relativamente abundantes, o mesmo não se pode dizer do Judeocristianismo, dado que as fontes disponíveis são parcas e os recursos escassos.

Quando alguém tenta escrever algumas linhas que narrem, especificamente, os motivos que levaram à separação entre o Judeocristianismo e o Cristianismo, esbarra com a ausência de provas documentais que expliquem essa separação com os detalhes desejados. O véu que encobre esse período histórico, poderá ter sido em parte levantado pelo Professor Judeu Shlomo Pines (1908-1990), com a tradução parcial de um manuscrito Islâmico do teólogo Muçulmano Abd al-Jabbar, cujo título é *Tathbit Dala'il Nubuwwat Sayyidina Muhammad* («O estabelecimento de provas para o profetismo do nosso Mestre Maomé»).

Parte do manuscrito⁶¹ tem como origem uma indiscutível fonte de proveniência Judeocristã que, apesar de ser uma fonte em segunda mão, dá a oportunidade de vislumbrar os argumentos nos quais assenta essa separação vista pela ótica dos circuncisos crentes em Jesus:

⁶¹ Cf. Shlomo Pines, «The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity According to a New Source», *The Israel Academy of Sciences and Humanities proceedings*, 2, n.º 13, (1966):14-19.

Tal como ele [Jesus], os seus discípulos estavam com os Judeus, e com os filhos de Israel nas sinagogas destes últimos, e observavam as orações e as festas [dos Judeus] no mesmo lugar que os últimos. [Contudo], existia um desentendimento entre eles e os Judeus no que concernia ao Cristo. Os Romanos reinavam sobre eles. Os Cristãos [costumavam] queixar-se aos Romanos sobre os Judeus, e mostraram-lhes a sua própria fraqueza, apelando à sua compaixão. E os Romanos tiveram compaixão deles. Isto sucedia frequentemente. Os Romanos disseram aos Cristãos: «Entre nós e os Judeus existe um pacto que [nos obriga] a não mudar as suas leis religiosas. Mas, se abandonarem as suas leis e vos separardes deles, rezando como nós fazemos [voltados para] Este, comendo [as coisas] que comemos, e considerando permitido tudo aquilo que consideramos como tal, nós vos ajudaremos, e vos tornaremos poderosos, e os Judeus não encontrarão modo [para vos fazer mal]. Pelo contrário, vós sereis mais poderosos do que eles.» Os Cristãos responderam: «Nós faremos isso.» [E os Romanos] disseram: «Ide, procurai os vossos companheiros, e trazei o vosso Livro.» [Os Cristãos] foram até aos seus companheiros⁶², informaram-lhes do [que ocorrera] entre eles e os Romanos, e disseram-lhes: «Trazei o Evangelho, e levantai-vos para irmos ter com eles.» Mas estes [companheiros] disseram-lhes: «Fizeram mal. Não estamos permitidos [deixar] que os Romanos poluam o Evangelho. Ao dardes uma resposta favorável aos Romanos, vós, conseqüentemente, vos afastastes da religião. A nós, [por conseguinte], já não nos está permitido associarmo-nos convosco. Pelo contrário, estamos obrigados a declarar que não existe nada em comum entre nós e vós.» E impediram a sua [tomada de posse] do Evangelho, ou de ganhar acesso a ele. Como consequência, [ecloidiu] uma violenta disputa entre [os dois grupos]. Estes, [mencionados em primeiro lugar], foram ter com os Romanos, e disseram-lhes: «Auxiliai-nos contra estes nossos companheiros, antes de [nos ajudardes] contra os Judeus, e tirai-lhes em nosso favor, o nosso Livro.» Logo a seguir, [os companheiros de que tinham falado] fugiram do país. Então, os Romanos escreveram sobre eles aos seus governantes nos distritos de Mossul e na «Jazirat al-‘Arab». Segundo isto, foi-lhes feita uma busca, alguns foram apanhados e queimados, outros foram mortos...⁶³

Dando algum crédito ao texto acima apresentado, os Judeocristãos e os Cristãos tinham-se separado como consequência de uma aliança entre o Império Romano e o Cristianismo.

É provável que este texto procure explicar o motivo pelo qual, após a revolta de Bar Kocheba, os bispos de Jerusalém, começaram a ser provenientes da gentilidade e não já da circuncisão, tal como alude Eusébio ao escrever: «Já demonstrámos que foi desde

⁶² N.B. que corresponderão aos Judeocristãos.

⁶³ Pines, «The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity», 14-15.

então quando, pela primeira vez, ali a Igreja se compôs de gentios, após os oriundos da circuncisão, e que o primeiro dos bispos gentios que os dirigiu foi Marcos»⁶⁴.

Entre os escritos cristãos, talvez seja possível encontrar indícios desta mudança nas *Constituições Apostólicas*. Este texto pseudoepigráfico, datado do século IV ⁶⁵ e atribuído aos Apóstolos, nada mais é do que uma refundição de produções literárias mais antigas, algumas delas, de indiscutível proveniência Judeocristã, com elementos novos introduzidos por um autor coevo à redação do texto.

Deste texto, sublinha-se a seguinte perícopes:

Não somente quis mostrar a Lei da justiça por meio de nós, como também lhe comprazeu manifestá-la e fazê-la resplandecer através dos Romanos. Estes, depois de terem acreditado no Senhor, e se terem afastado do politeísmo e da injustiça, reconhecem os bons e castigam os malvados. Têm os Judeus submetidos a tributo, e não permitem que façam uso das suas observâncias ...⁶⁶.

O texto faz uma clara apologia dos Romanos, ao modo com estes se tinham convertido ao Cristianismo, e como tinham submetido ao seu domínio os Judeus. Olhando agora, para os argumentos apresentados pela fonte utilizada por Abd al-Jabbar, pode-se considerar que o motivo que levou à rutura entre Judeocristãos e Cristãos, assenta, sobretudo, num processo de inculturação da fé, que implicou, por um lado, um corte com as suas raízes judaicas e, por outro, a adaptação à nova realidade circundante, isto é, ao mundo gentílico. Por sua vez, o Judeocristianismo não viu isto com bons olhos, e por isso, acabou por se afastar definitivamente dos seus «irmãos mais novos», os Cristãos, optando por seguir o seu próprio caminho.

⁶⁴ Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, I, 4, 4. *SCh.* 31, 166.

⁶⁵ Cf. *Constituições Apostólicas*, II, 6, 24, 1-2. *SCh.*329, 373; 375.

⁶⁶ *Constituições Apostólicas*, II, 6,24,1-2. *SCh.*329, 373; 375

1.2.7 – «Judaísmo Rabínico» e «Judaísmo Nazareno»: as linhas teológicas divergentes

Já entrados no século II, o isolamento dos Judeocristãos leva-os a manter uma linha teológica própria, fator que os defendia, por um lado, das adaptações introduzidas pelo Rabinismo após a destruição do Templo, e por outro, das inovações introduzidas pelo Cristianismo já enquanto grupo religioso desvinculado deles.

Para o Judeocristianismo, não existia uma teologia da «substituição» – onde o «antigo Israel» fora substituído pelo «novo Israel» – mas sim, uma «hermenêutica da continuidade», na qual, pese as mudanças e convulsões históricas ocorridas no seu entorno, não sentiu necessidade de alterar nem a praxis, nem a teologia, mas somente adaptar aquilo que, em virtude das vicissitudes sofridas, deixara de existir. Pode-se afirmar que o Judeocristianismo, continuava a ser, em grande medida, o Judaísmo do século I, só que já sem o Templo.

Por outro lado, o «Judaísmo Rabínico» evoluíra, pois após Jâmnia, este movimento religioso, no intuito de salvaguardar as suas tradições, não só codificou a tradição oral, como a canonizou⁶⁷ num volume compilado por «Yehuda haNasi» (Judas, o Príncipe), já no século III. Esta obra, designada de *Mishná*, de tal modo se tinha tornado relevante para o Rabinismo, que se transformara no coração da תורה שבעל פה (Torah sheba'al peh), isto é, da Lei Oral.

Os Judeocristãos, e, em concreto, os «Nazarenos», na linha daquilo que sucedera com Jesus, e que se sabe através dos relatos neotestamentários, entraram em confronto com esta Lei Oral. Não porque a rejeitassem, mas porque, de modo algum, a equiparavam à Palavra de Deus.

Prova disto, segundo se crê, poder-se-á encontrar naquilo que se pode chamar de *Comentário Nazareno a Isaías*, do qual Jerónimo vai fazer uso, no seu próprio *Comentário de Isaías*. Deste texto, destacam-se duas perícopes. Na primeira, lê-se o seguinte:

⁶⁷ Cf. Judas o Príncipe, *La Mishná*, trad. Carlos del Valle (Salamanca: Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011), 11.

Os Nazarenos, que aceitam Cristo de tal modo que não cessam de observar a antiga Lei, explicam as duas casas como duas famílias, [isto é] Shammai e Hillel, dos quais se originaram os Escribas e Fariseus. Akiba, que assumiu a escola deles, é chamado mestre de Aquila, o Prosélito e, após ele, veio Meir, que foi sucedido por Joannes, filho de Zakkai e, após ele, Eliezer, e a seguir Telphon (Tarphon), e depois José Galileu e Josué por altura da captura de Jerusalém. Shammai e Hillel nasceram não muito antes do Senhor; eles surgiram na Judeia. O nome do primeiro significa «dispersador» e o do segundo «ímpio», porque ele dispersou e profanou os preceitos da Lei pelas suas tradições e δευτερωσεις. E estas são as duas casas que não aceitam o Salvador, o qual se tornou para eles destruição e vergonha.⁶⁸

A palavra δευτερωσεις merece especial atenção, uma vez que ela tem como equivalente em hebraico a palavra *Mishná*.⁶⁹ Por conseguinte, os Nazarenos acusavam o rabinismo de profanar os preceitos da *Torá* através do uso da *Mishná*.

Da mesma obra de Jerónimo se extrai mais uma perícopie deste *Comentário Nazareno*, que demonstra as contendas entre estas duas correntes do Judaísmo:

Para o resto, os Nazarenos explicam a passagem deste modo: «Quando os Escribas e os Fariseus te dizem para ouvi-los, homens que tudo fazem por amor ao umbigo, e que sibilam durante os seus encantamentos como fazem os magos com o intuito de enganar-te, tens de responder-lhes deste modo: “Não é estranho se seguís as vossas tradições, já que cada tribo consulta os seus próprios ídolos. Por isso, nós não devemos consultar os vossos mortos acerca dos viventes. Pelo contrário, Deus deu-nos a Lei e os testemunhos das Escrituras. Se não estais dispostos a segui-los, não tereis luz, e as trevas irão sempre oprimir-vos. Irá cobrir a vossa terra e a vossa doutrina de modo a que, quando vejam que foram enganados por vós no erro, e sintam saudade pela verdade, então, eles ficarão tristes ou furiosos.”» E deixai que aqueles que acreditam serem como os seus próprios deuses e reis, amaldiçoar-vos. E deixai-os olhar para o Céu e para a Terra em vão, já que eles estão sempre nas trevas e não poderão fugir das vossas emboscadas.⁷⁰

A partir destes dois testemunhos, foi possível vislumbrar um pouco a posição dos Nazarenos face ao rabinismo. Porém, a disputa não ficou somente plasmada nos textos dos seguidores de Jesus, dado que também em algumas obras dos seus antagonistas

⁶⁸ Jerónimo, *Comentário a Isaías*, 4,122-123, PL 24, 122A-123B.

⁶⁹ Cf. Ray A. Pritz, *Nazarene Jewish Christianity - From the End of the New Testament period until its disappearance in the Fourth Century*, (Jerusalem-Leiden: The Magnes Press, The Hebrew University, E.J.Brill, 1988), 66-68.

⁷⁰ Jerónimo, *Comentário a Isaías*, 4,126, PL 24, 128C-D.

ficaram manifestas essas mesmas controvérsias. Desta feita, se destaca um testemunho narrado no *Talmude*:

... Eles recitavam os Dez Mandamentos, o Shemá, as secções: «E sucederá que se diligentemente observardes» e: «O Senhor disse», «Verdadeiro e firme», a «Avodah» e a «Bênção Sacerdotal». Rav. Judah disse em nome de Samuel: «Fora do Templo também o povo queria fazer o mesmo, mas pararam de o fazer por causa das insinuações dos Minim». Semelhantemente foi ensinado: «R. Natan diz: “Eles desejavam fazer o mesmo fora do Templo, mas foi abolido há muito tempo por causa das insinuações dos Minim”. Rabbah b.Bar Hanah teve a ideia de instituir isto em Sura, mas R. Hisda disse-lhe: “Foi abolido há muito por causa das insinuações dos Minim.” Amemar teve a ideia de o instituir em Nehardea, mas R. Ashi disse-lhe: “Foi abolido há muito por causa das insinuações dos Minim”»⁷¹.

As contendas entre o Rabinismo e os Judeocristãos de tal modo tinham crescido de tom, que os primeiros acabaram por alterar a sua liturgia diária em virtude dos argumentos adversos à canonização da Tradição Oral apresentados pelos segundos. A destruição do Templo, levava a que o Rabinismo codificasse todas as tradições na esperança de um dia reconstruir o seu local central de culto, porém, já o Judeocristianismo não comungava dessa mesma perspectiva e, por isso, deixaram de lado essa hipótese, não sentindo necessidade de efetuar qualquer forma de codificação da tradição. Por conseguinte, o peso da tradição oral para os Judeocristãos era totalmente diferente, já que, sem deixar de a seguir, não a equiparavam à Palavra de Deus, como é possível depreender a partir dos próprios Evangelhos canónicos e dos documentos do Judeocristianismo que chegaram até ao presente.

Um dos testemunhos mais notórios a destacar encontra-se presente na «cura da hemorroíssa» (Mc. 5,25-29; Mt. 9,20-22; Lc. 8,43-48.) Esta mulher considerava que, se tocasse na orla do manto de Jesus ficaria curada. Mas, o que era a «orla do manto» e que «manto» seria esse? Corresponderia, muito provavelmente, ao manto de oração, o «tallit». O «tallit» é um manto utilizado nas principais orações diárias do Judaísmo. Este costuma ter nas suas pontas as «tzitziyot», umas franjas que relembram o cumprimento dos Mandamentos da Lei (Nm. 15,37-41; Dt. 22,12.) Ora, a «Torah» prescreve que se coloquem essas franjas nas vestes comuns, porém, em nenhum momento, menciona a

⁷¹ Talmude da Babilónia, *t.berakhot* 12a, trad. A. Cohen (Cambridge: At the University Press, 1921), 73.

necessidade de se utilizar um «manto» para a oração, o que resultara ser uma interpretação da *Torá* feita pelos Sábios. Por conseguinte, se aquela mulher tocara no manto de oração de Jesus, é sinal que Jesus também seguia esta interpretação da *Torá*.

Outro texto em que se evidencia a utilização da tradição oral pelo Judeocristianismo é encontrado na *Didaché*. Neste documento, quando se descreve o que deveria ser dito na «Acção de Graças» após a refeição, menciona: «Mas depois de estardes saciados, dai graças assim...»⁷². Esta «Acção de Graças» depois da refeição corresponde à «Birkhat haMazon» Judaica.

O mesmo princípio aplicado ao uso do «tallit» pode ser utilizado para com a «Birkhat haMazon»: Em nenhum lugar da *Torá* se menciona que se deve «dar graças» após a refeição. Este é, pois, um outro elemento da tradição oral que perpassou para o Judeocristianismo. Por conseguinte, daqui se conclui que os seguidores de Jesus oriundos da circuncisão faziam uso da tradição oral. Contudo, a grande diferença entre estes e o «Judaísmo Rabínico» residia nas diferentes perspetivas com que olhava para a Tradição Oral: enquanto os primeiros a tinham como algo a ser seguido, mas que, em virtude das circunstâncias, poderia ser adaptada, os segundos consideravam-na Lei de Deus tal e como a Lei Escrita, e, subsequentemente, imutável e santa. No entanto, tendo em conta todos os acontecimentos decorridos no Judaísmo desde o ano 66 até 135 e a crise de identidade religiosa que eles geraram, poder-se-ia considerar isto como um «mal necessário», dado que permitiria conservar a memória para uma futura reedificação do Templo.

1.2.8 – A infiltração do gnosticismo nas correntes Judeocristãs

Após a consumação da separação entre os diferentes movimentos religiosos, poder-se-ia pensar que finalmente chegara um momento de paz para o Judeocristianismo. Nada de mais erróneo: novas correntes religiosas haviam despontado ainda no princípio do século II e ganho força durante estes tempos conturbados de divisão. Estes novos

⁷² *Didaché*, 10,1. *SCh.* 248, 179.

movimentos religiosos, batizados com o nome de «Gnósticos», também se tinham imiscuído no seio das comunidades Judeocristãs. Importa recordar as palavras de Hegesipo, citado por Eusébio acerca deste tempo:

Mas quando o coro sagrado dos Apóstolos alcançou o fim da vida de vários modos, e tinha desaparecido a geração dos que tinham sido julgados dignos de escutar com os próprios ouvidos a sabedoria divina, então, começou a estabelecer-se o erro ateu por sedução dos mestres da mentira. Estes, uma vez que não restava Apóstolo algum, esforçaram-se por contrapor de frente descoberta a falsamente chamada gnose à pregação da verdade⁷³.

Os Judeocristãos gnósticos plasmaram as suas doutrinas em alguns “Evangelhos” próprios. Dentre os documentos mais conhecidos cujos textos chegaram parcialmente até aos nossos dias, contam-se partes do *Evangelho de Mateus* ou dos *Ebionitas* que, graças ao testemunho de Epifânio de Salamina, é possível conhecer; ou ainda o *Evangelho de Tomé*, cujo manuscrito, na sua totalidade, foi descoberto nas grutas de Nag Hammadi. A partir destas obras, ideias consideradas heterodoxas foram-se instalando, ganhando terreno e separando ainda mais as comunidades Judeocristãs.

1.2.9 – O isolamento crescente do Judeocristianismo e o seu desaparecimento

A anatematização do Judeocristianismo pelas correntes rabínicas e a sua excomunhão por um Cristianismo já teologicamente consolidado após Niceia, levaram a que os crentes oriundos da circuncisão se acrisolassem ainda mais, ao ponto de desaparecerem.

Pese o facto de S. Jerónimo testemunhar a sua existência, ainda no século IV, dado que teve oportunidade de contactar diretamente com eles e com a sua produção literária, e algum que outro indício presente em algum texto, pouco mais se sabe sobre este grupo

⁷³ Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica*, I, 3, 8. *SCh.* 31, 144-145.

religioso, desde o período de tempo que medeia entre o século IV e o VII, altura em que Maomé realiza as suas incursões militares no Médio Oriente⁷⁴.

Porém, sabe-se que uma minoria resistira à assimilação até ao século VII, dado que no *Evangelho de Barnabé*, é dito que, quando Maomé viesse, «escassamente haverá trinta fiéis», o que permite subentender que, até esse momento, subsistiria uma minoria. A perícopes do texto estabelece um diálogo entre Jesus e o Apóstolo André, onde são narrados os sinais do advento do Profeta:

Então André disse: «Mestre, dá-nos algum sinal para que possamos conhecê-lo». Jesus respondeu: «Ele não virá no vosso tempo, mas virá alguns anos após vós, quando o meu evangelho for anulado, de tal modo, que escassamente haverá 30 fiéis. Nesse tempo, Deus terá misericórdia do mundo e assim, Ele enviará o Seu Mensageiro, sobre cuja cabeça descansará uma nuvem branca, pelo qual será reconhecido como um eleito de Deus e será manifestado por Ele ao mundo»⁷⁵.

Este testemunho poderá indiciar que somente com a ascensão do Islão o Judeocristianismo terá desaparecido totalmente, através da sua assimilação pela nova religião pregada por Maomé.

1.2.10 – Algumas particularidades do Judeocristianismo: os testemunhos de Epifânio e de Jerónimo

Uma questão de fundo emerge após a breve súpula histórica deste movimento religioso: serão eles os «irmãos mais velhos» marginalizados pelos «irmãos mais novos»? Segundo os testemunhos das fontes patrísticas, provavelmente, sim. Alguns, nomeadamente, Jerónimo e Epifânio de Salamina, asseveram que este movimento religioso era considerado «sincrético», na medida em que, querendo ser duas realidades

⁷⁴ Cf. Hugh Schonfield, *The History of Jewish Christianity – from the first to the Twentieth century*, (London: Duckworth, 1936), 60.

⁷⁵ *The Gospel of Barnabas*, trad. e ed. Lonsdale and Laura Ragg (Oxford: Clarendon Press, 1907), 167.

– Judeus e Cristãos – não seriam nem uma nem outra, como já se citou anteriormente, segundo o testemunho de Jerónimo. Por sua vez, Epifânio vai adicionar:

Pois esta gente não dá a si mesmos o nome de Cristo, o próprio nome de Jesus, mas aquele de «Nazarenos». Mas, nesse tempo, todos os Cristãos eram igualmente chamados de Nazarenos. Eles também foram, por pouco tempo, chamados «Jesseanos», antes dos discípulos começarem a ser chamados Cristãos em Antioquia.⁷⁶

Este mesmo bispo lhes atribui o «critério de antiguidade»:

... Pois através de apenas ter ouvido o nome de Jesus e tendo visto os milagres realizados através das mãos dos apóstolos, eles mesmos chegaram à fé em Jesus. E desde que descobriram que havia sido concebido em Nazaré, e criado na casa de José, por essa razão, é chamado «Jesus, o Nazareno» no Evangelho – como dizem os apóstolos: «Jesus, o Nazareno, um homem provado em sinais e maravilhas» e assim por diante – eles adotaram este nome, para assim serem chamados Nazarenos.⁷⁷

O mesmo autor vai descrever o movimento religioso dos «Nazarenos», dando algumas indicações precisas sobre a sua maneira de viver a fé:

Eles usam não só o Novo Testamento, mas igualmente o Antigo Testamento, como fazem os Judeus. Pois não repudiam a legislação, os profetas, e os livros que são chamados Escritos pelos Judeus, e por si próprios. Não têm visões diferentes, mas confessam tudo em total acordo com a doutrina da Lei, como os Judeus, exceto que são, supostamente, crentes em Cristo. Pois reconhecem quer a ressurreição dos mortos, quer que todas as coisas foram criadas por Deus, e declaram que Deus é Um e que o Seu Filho é Jesus Cristo. São perfeitamente versados na língua hebraica, para toda a Lei, os Profetas e os chamados “Escritos” – refiro-me aos livros poéticos, Reis, Crónicas, Ester e tudo o resto – que são lidos em Hebraico entre si, tal como, claro, entre os Judeus. Eles são diferentes dos Judeus e dos Cristãos, apenas nos seguintes caminhos: Discordam com os Judeus, por causa da sua crença no Cristo; mas não estão de acordo com os Cristãos porque continuam acorrentados pela Lei – o Sábado e tudo o resto. Quanto a Cristo, não posso dizer se

⁷⁶ Epifânio de Salamina, *Contra os Hereges*, 2, 390, PG 41, 117A.

⁷⁷ Epifânio de Salamina, *Contra os Hereges*, 2, 399, PG 41, 121A.

também foram enganados pela malvez de Cerinto e Merinto, e consideram-no um simples homem – ou se, como é a verdade, eles afirmam que ele nasceu de Maria, pelo Espírito Santo.⁷⁸

Tenha-se em conta que, quando Epifânio menciona a «Lei», não se referia à «Lei Oral», mas sim ao cânone veterotestamentário. Quanto à posição teológica deles sobre a encarnação de Cristo, este apologeta não dispõe de informações concretas.

Por fim, este autor descreve a localização geográfica em que, ao seu tempo, se poderia encontrar membros deste movimento:

Esta seita dos Nazarenos encontra-se em Bereia, perto de Coele-Síria, na Decápole, perto de Pela, e na Bashanítide, no lugar chamado Cocabe – Khokhabe em Hebraico. Pois esse era o sítio de origem, já que todos os discípulos se estabeleceram em Pela após a sua retirada de Jerusalém – tendo-lhes dito Cristo para abandonar Jerusalém, e retirar-se dela por causa do cerco que estava prestes a ocorrer. E estabeleceram-se em Perea por esta razão e, como eu disse, viveram as suas vidas aí. Foi a partir daqui que a seita dos Nazarenos teve a sua origem.⁷⁹

Depois de Epifânio ter fornecido um quadro de conjunto deste movimento religioso, é a vez de dar voz a um escritor eclesiástico que contactou diretamente com eles, e utilizou a sua produção literária. Jerónimo, como já foi referido anteriormente, contactou diretamente com o grupo Judeocristão dos Nazarenos, e copiou alguns dos seus escritos, concretamente o *Evangelho dos Hebreus* usado pelos Nazarenos e alguns *Comentários aos Profetas do Antigo Testamento*⁸⁰ redigidos a partir da perspetiva teológica desta seita.

Da sua correspondência epistolar com Agostinho de Hipona, vale a pena recordar:

Nos nossos próprios dias, existe uma seita entre os Judeus por todas as sinagogas do Oriente, que é chamada a seita dos Minei, e que, até agora, é condenada pelos fariseus. Os aderentes a esta seita são comumente conhecidos como Nazarenos; eles acreditam em Cristo como Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, e

⁷⁸ Epifânio de Salamina, *Contra os Hereges*, 2, 402, PG 41, 122B-122D.

⁷⁹ Epifânio de Salamina, *Contra os Hereges*, 2, 402-403, PG 41, 122D-123A.

⁸⁰ Cf. Pritz, *Nazarene Jewish Christianity*, 49.

dizem que Ele padeceu sob Pôncio Pilatos e ressuscitou outra vez, como Aquele em quem acreditamos. Mas, enquanto desejam ser quer Judeus quer Cristãos, não são nem uma coisa nem outra.⁸¹

A seita dos «Minei» a que se refere Jerónimo é, provavelmente, a mesma dos «Minim» da «Birkhat haMinim», ou seja, a décima segunda bênção da «Amidah». Jerónimo afirma que estes, são os mesmos que os Nazarenos, contudo, como já se teve oportunidade de constatar anteriormente, na «Birkhat haMinim», existia uma clara distinção entre os Nazarenos e os «Minim», que, eventualmente corresponderiam aos «Cristãos» ainda vinculados aos Nazarenos, ou a qualquer outro movimento religioso dentro ou fora do Judaísmo normativo, dado que esta expressão era muito abrangente.

Não deixa igualmente de ser interessante o facto de Jerónimo atribuir certa precedência aos Nazarenos, ao contrário de outras seitas às quais ele apenas menciona. Aparentemente, sabia onde encontrá-los e deles recebera alguns documentos. Por conseguinte, Jerónimo não poderia ser para este grupo um «perfeito estranho», uma vez que, muito provavelmente, não permitiriam que um estranho se aproximasse da sua comunidade e tivesse livre acesso para copiar alguns dos seus documentos mais importantes. Jerónimo testemunha isto ao dizer: «Ainda há pouco, li em certo rolo hebraico que me proporcionou um hebreu da seita nazarena, um apócrifo de Jeremias no qual encontrei esta passagem escrita literalmente...»⁸².

Pode-se até dizer que Jerónimo detinha uma certa relação de «amor-ódio» com este movimento religioso pois, enquanto nalgumas vezes lhes tece duras críticas, noutras utiliza e, inclusive, traduz documentos da sua própria produção literária, asseverando deste modo, ainda que de forma sub-reptícia, a sua antiguidade e importância.

⁸¹ Jerónimo, *Carta a Agostinho*, 1, 924, PL 22, 747.

⁸² Jerónimo, *Comentário a Mateus*, 7, 205, PL 26, 228B.

1.2.11 – Conclusão

Como conclusão do presente capítulo, pode-se considerar, em primeiro lugar, que o movimento Judeocristão, apesar de muito abrangente na multiplicidade de grupos que o constituíam, ganhou especial relevo graças à «seita dos Nazarenos». Este grupo religioso, seria descendente dos primeiros discípulos de Jesus refugiados em Pela e noutros lugares, pouco antes da destruição do Templo de Jerusalém no ano 70.

Inicialmente, este movimento religioso estava composto por dois grandes grupos – os «Nazarenos» e os «Cristãos» – que, mantendo-se unidos, e seguindo aquilo que se poderia designar como «Hermenêutica da continuidade», se inseriam no mundo plural judaico do primeiro século como mais uma seita que compunha o Judaísmo, tendo como especificidade considerar Jesus como o Messias.

Uma vez caída Jerusalém, começaram a surgir diversos problemas e dificuldades. Por um lado, o Judaísmo, que até essa altura era uma amálgama constituída por diversos movimentos religiosos, transformou-se em «Judaísmo Rabínico» e sentiu a necessidade de cristalizar e canonizar as suas tradições, provavelmente, tendo em mente, um dia, reconstruir o Templo. Nesse sentido, não deixa de ser interessante o facto de João, no Apocalipse, ao descrever a «Nova Jerusalém», mencionar que não viu nela nenhum Templo (Ap. 21,22).

Os crescentes antagonismos entre os «Nazarenos» e «Cristãos» por um lado, e o «Judaísmo Rabínico» ainda em processo de consolidação do outro, levaram à rutura definitiva entre estes dois grupos.

Por outro lado, os «Cristãos», como resultado da adesão de um crescente número de gentios cuja vinculação ao Judaísmo era quase nula, foram-se paulatinamente afastando dos «Nazarenos», consumando-se a rutura com estes, provavelmente, ainda entre finais do século I e a primeira metade do século II. Os «Cristãos», por sua vez, desenvolveram uma teologia própria, doutrinalmente retendo alguns elementos Judaicos, mas sem manter a conexão essencial outrora existente. Aliado a isto, constata-se que o número e a importância dos aderentes ao novo movimento cristão era gradativamente maior, uma vez que, entre as fileiras dos convertidos, começaram a surgir homens e mulheres relevantes na vida do Império Romano.

Os «Nazarenos», por sua vez, encontravam-se cada vez mais isolados e procuraram resistir a estes ventos de mudança. Contudo, além das dificuldades acima elencadas, tiveram, ainda neste período, de combater as heterodoxias gnósticas que se haviam introduzido nos seus círculos. O gnosticismo houvera-se subdividido em diferentes correntes de opinião: desde umas mais ligadas aos «Nazarenos», como por exemplo, o ramo heterodoxo dos Ebionitas, que professavam que Jesus nascera de Maria e de José, mas que, efetivamente, ele era o Messias e um Profeta; até às opiniões mais marcadamente gnósticas, que defendiam diferentes opiniões teológicas sobre a natureza de Deus e a origem de Jesus. Estes fatores levaram a que, nesse período, surgisse abundante produção literária que sustentasse tais doutrinas heterodoxas.

A braços com esta situação, os «Nazarenos» isolaram-se cada vez mais, não havendo registo ou documento que tenha chegado até ao presente e que indique qualquer crescimento exponencial deste grupo. Presos entre dois mundos, lentamente definham.

Por sua vez, o «Cristianismo», já doutrinariamente cristalizado, vai recorrer esporadicamente aos documentos desta «seita»: umas vezes para a criticar, outras, para fundamentar algumas premissas doutrinárias do próprio «Cristianismo». Nomes como Jerónimo, Epifânio de Salamina, Orígenes, ou até o historiador Eusébio de Cesareia, utilizarão copiosamente os manuscritos destes Judeocristãos com finalidades várias.

O isolamento da «seita dos Nazarenos» levou a que, quer o «Judaísmo Rabínico» quer o «Cristianismo», olhassem igualmente para eles como um grupo religioso heterodoxo. A presença e utilização de fontes Judeocristãs por parte de igrejas Cristãs, sobretudo nas zonas da Síria, levam a que se considere a hipótese de que este movimento religioso, em algum momento da história, tenha sido assimilado por essas igrejas. Talvez se possa encontrar testemunho desta assimilação religiosa, no bonito mosaico do século V, incorporado na Basílica de Santa Sabina, em Roma, onde se apresentam dois rostos da Igreja: a «ecclesia ex Circumcisione» e a «ecclesia ex Gentibus».

Por fim, reduzidos a um punhado de membros, os resilientes integrantes do Judeocristianismo, terão definitivamente deixado de existir no século VII, com a expansão no Médio Oriente de um novo movimento religioso que postulava Maomé como o grande Profeta. Apesar da falta de mais evidências documentais, pode-se dizer que é, provavelmente, neste período que este movimento religioso foi definitivamente extinto, terminando por ser assimilado pela nova religião que surgira.

O Judeocristianismo deixou a sua marca indelével ao longo da História da Igreja, testemunhada a partir dos seus escritos, os quais, acima de tudo, manifestam o profundo amor que detinham para com o seu Rabi e Messias, Jesus. Estes nossos «irmãos mais velhos» ajudaram-nos, como diria com propósito Daniélou, a «recordar-nos de verdades e fontes na fé Cristã que o nosso próprio tempo esqueceu ou subvalorizou»⁸³.

⁸³ Jean Daniélou, *The Theology of Jewish Christianity*, (London: Darton, Longman & Todd, 1964), 408.

Capítulo II

O Evangelho Segundo os Nazarenos: Quid novum?

No presente capítulo será feita uma breve retrospectiva sobre o «status quaestionis» da produção literária Judeocristã. De seguida, identificaremos as três fontes sobre as quais assenta a presente investigação, isto é: o «Ms.2498», a *Vita beate Virginis Marie et Salvatoris Rhythmica* e o *Evangelho de Barnabé*. Além disso, serão apresentadas as limitações a que estas estão sujeitas na sua utilização, enquanto fontes documentais para uma nova abordagem ao assunto sob estudo.

Posteriormente, serão apresentadas, em sinopse, as principais evidências de correlação textual, onde estarão patentes as semelhanças entre algumas das principais perícopes das três fontes, testemunhando, deste modo, a provável utilização de uma fonte comum.

A seguir, considerar-se-á a hipótese de estas três fontes dependerem diretamente quer do *Evangelho dos Nazarenos*, quer do *Evangelho dos Hebreus*, outorgando especial ênfase a uma das fontes, o «Ms.2498», pela sua peculiaridade redaccional.

Como conclusão do capítulo, será apresentada sob a forma de um esquema, uma provável proposta para a formação textual a partir do documento «Q», com base nos novos elementos disponibilizados.

2.1– Status quaestionis

As mais antigas referências aos Evangelhos Judeocristãos, ou à utilização destes, pertencem a Hegésipo e a Papias de Hierápolis⁸⁴. A Patrística posterior⁸⁵ abunda em citações e referências aos mesmos, deixando entrever a importância destes nos círculos protocristãos.

⁸⁴ Cf. Albertus Frederik Johannes Klijn, *Jewish Christian Gospel Tradition*, (Leiden: E.J. Brill, 1992), 3.

⁸⁵ Cf. Klijn, *Jewish Christian*, 47-146.

Quanto à antiguidade dos textos, concretamente do *Evangelho dos Nazarenos* e do *Evangelho dos Hebreus*, pode-se afirmar que não irão muito além do século II, e que a data mais provável da sua redação, não seja anterior à primeira metade do século I⁸⁶. Por conseguinte, estes documentos poderão, provavelmente, ser tão antigos quanto alguns dos escritos neotestamentários.

Quanto à sua origem, é provável que tenham sido produzidos por Judeocristãos da seita dos Nazarenos, que fugiram, por volta do ano 70, de Jerusalém para Pela, na Transjordânia⁸⁷. Para se asseverar este postulado, tem-se como base as informações fornecidas por Jerónimo e por Epifânio, acima mencionadas. Por conseguinte, poder-se-á situar a localização da produção literária ou em Jerusalém, ou em Pela.

No que toca à importância destes textos, dada a considerável quantidade de testemunhos que chegaram até ao presente, sobretudo, a partir da Patrística, pode-se afirmar com alguma certeza que detinham algum relevo e destaque no contexto global dos apócrifos conhecidos. Efetivamente, é notória a autoridade e precedência que certos Padres da Igreja atribuem aos Evangelhos Judeocristãos, sobressaindo dentre estes Jerónimo e Orígenes, que citaram abundantemente esses escritos, os quais chegaram, inclusive, a concorrer com os Evangelhos canónicos⁸⁸.

Ainda que, na verdade, muito já se tenha escrito sobre este tema, até agora era graças ao número elevado de citações textuais ou de hipotéticas reconstruções que, de forma limitada, se poderia vislumbrar um pouco da história da evolução textual destes Evangelhos, e qual o impacto que deteriam na comprovação da existência de uma provável fonte textual única.

Estes documentos permitiriam, igualmente, formar uma concepção mais clara sobre a teologia e pensamento do «Judaísmo Nazareno» em particular e, num sentido mais amplo, dos diversos movimentos Judeocristãos. Porém, por algum motivo, eles não chegaram até aos nossos tempos a não ser de forma fragmentária. Como consequência disso, apenas se têm avançado hipóteses⁸⁹ sobre a sua formação, sem que nada de concreto tivesse sido deixado.

⁸⁶ Cf. Otero, *Los Evangelios Apócrifos*, 30.

⁸⁷ Cf. Otero, *Los Evangelios Apócrifos*, 30.

⁸⁸ Cf. Luigi Moraldi, *Evangelhos Apócrifos*, (São Paulo: Editora Paulus, 2016), 189.

⁸⁹ Cf. Moraldi, *Evangelhos Apócrifos*, 191.

É, porém, no contexto da «Q»⁹⁰, desta hipotética «fonte original» matriz dos quatro Evangelhos canónicos, que os Evangelhos Judeocristãos adquirem especial relevo, dado que a prevalência destas fontes permitiria, provavelmente, avançar no conhecimento acerca da existência ou não de uma possível fonte literária original. Contudo, aquilo que mais animaria os investigadores a desejar contactar com estes manuscritos era a seguinte questão: «dependeriam estes documentos da hipotética *Quelle?*»

2.1.1 – Luzes ao fundo do túnel

Como já foi dito acima, há alguns anos atrás, quase por coincidência, decidimos levar por diante, a título pessoal, esta investigação sobre o Judeocristianismo. Após um primeiro contacto com alguns testemunhos da Patrística sobre este tema, optámos por aprofundá-lo, uma vez que, a partir da leitura atenta de alguns documentos até agora pouco conhecidos, novos dados importantes poderiam vir a ser evidenciados.

O primeiro texto ao qual se teve acesso foi o *Evangelho de Barnabé*. Esta extensa obra literária apologética de Maomé, segundo os eruditos que a estudaram a fundo, seria cronologicamente recente. Pouco tempo depois, foi possível contactar com uma outra obra: a *Vita beate Virginis Marie et Salvatoris Rhythmica*. Este escrito correspondia a um conjunto de poemas realizado por um monge do Medievo, e tinha a particularidade de, segundo o testemunho do próprio autor, depender quer do *Evangelho dos Hebreus*, quer do *Evangelho dos Nazarenos*.

Por fim, analisando mais alguns documentos medievais, tomou-se conhecimento do manuscrito n.º 2498 da «Magdalene's Library», conhecida igualmente como «Biblioteca Pepys», em honra de Samuel Pepys, o seu fundador, e que está situada em Cambridge.

Após uma primeira leitura dos documentos, logo se evidenciaram alguns traços comuns:

⁹⁰ Para melhor compreensão da História da problemática da *Q*, vide: James M. Robinson, Paul Hoffmann, John S. Kloppenborg, *El documento Q en griego y en Español*, trad. Esther Miquel (Leuven/ Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004), 19-94.

Primeiro – Os três manuscritos estavam redigidos como «harmonias Evangélicas».

Segundo – Estes documentos possuíam perícopes comuns entre si, mas ausentes nos textos canónicos dos Evangelhos.

Terceiro – Ainda que o «Ms.2498» tivesse algumas perícopes comuns ao *Evangelho de Barnabé* e à *Vita beate Virginis Marie et Salvatoris Rhythmica* que não constam nos Evangelhos canónicos, constatou-se que o «Ms.2498» dispunha de uma maior afinidade redaccional com a *Vita beate Virginis* do que com o *Evangelho de Barnabé*.

Quarto – Quer no *Evangelho de Barnabé*, quer na *Vita beate Virginis* se afirma depender diretamente do *Evangelho dos Nazarenos* e do *Evangelho dos Hebreus*.

Intuindo-se a possibilidade de, a partir desta análise prévia, poder vir a recolher-se alguns frutos, deu-se início à investigação, amparada pelas análises de outros eruditos que, anteriormente, já se tinham debruçado sobre cada um destes manuscritos em separado. Coube à presente investigação realizar uma sinopse comparativa dos mesmos e, após a leitura das análises, definiram-se dois parâmetros essenciais, que iriam acompanhar todo o percurso ao longo do escrutínio destas prováveis fontes:

Primeiro – Origem, localização, nome e informações já conhecidas sobre os seus redatores;

Segundo – Eventuais limitações que possam existir nestas fontes, e que se tenha de ter em conta à hora de as utilizar.

Definidos os parâmetros, e após a recolha das informações consideradas indispensáveis, em epígrafe se apresentam os respetivos resultados.

2.1.2 – O Manuscrito Medieval n.º 2498 da «Magdalene's Library»

A primeira fonte de que dispomos corresponde a uma provável harmonia dos quatro evangelhos presente entre as páginas 1 e 43 do manuscrito Pepys n.º 2498 da biblioteca

do «Magdalene's College» de Cambridge, no Reino Unido⁹¹. O manuscrito foi erroneamente considerado ser uma coleção de sermões de Wycliff. O seu real conteúdo foi descoberto em 1902, pela filóloga Sueca Anna Carolina Paues⁹², que foi leitora no «Newnham College»⁹³.

Porém, é a Margery Goates que se deve, quer a análise linguística, quer a publicação do documento, cuja tradução será apresentada em «Anexo» na presente dissertação.

Datada do século XV⁹⁴, esta harmonia evangélica, ficou conhecida pelo nome do seu antigo proprietário, Samuel Pepys⁹⁵. Este administrador naval e diarista ao serviço da coroa Britânica, viveu entre os séculos XVII e XVIII⁹⁶. Pepys era igualmente um bibliófilo, fazendo totalizar a sua coleção, à hora da sua morte, com mais de três mil volumes entre «incunabula», livros impressos e manuscritos.

Quanto à língua do manuscrito, a versão que chegou até nós corresponde, aparentemente, a uma tradução para Inglês do Medievo a partir do Francês⁹⁷ e não da língua latina.

Petersen⁹⁸ vai considerar este manuscrito como um «terreno inexplorado». Mas é relevante, sobretudo, destacar o facto deste investigador afirmar que esta harmonia tem uma ordem textual diferente de todas as outras harmonias evangélicas e de vários outros textos semelhantes que chegaram até aos nossos dias e que concordam com a *Harmonia* de Taciano⁹⁹. Quanto à época da produção do texto, Petersen considera que a sua redação remontaria a um período anterior à *Harmonia* de Taciano¹⁰⁰ sendo, por conseguinte, anterior à segunda metade do século II.

Brent A. Pitts, investigador e tradutor de uma harmonia evangélica semelhante, presente no *Liber Niger* da «Christ Church Cathedral» de Dublin sob o título de *Estoire de L'Evangile*, afirma que: «O *Estoire* é quase de certeza o exemplar em “Francês Antigo”

⁹¹ Cf. Margery Goates, *The Pepsian Gospel Harmony*, (London: Oxford University Press, 1922), XII.

⁹² Cf. Goates, *The Pepsian Gospel Harmony*, XII.

⁹³ Cf. https://en.wikipedia.org/wiki/Anna_Paues, acessado a 30 de agosto de 2020.

⁹⁴ Cf. William L. Petersen, *Tatian's Diatessaron – Its creation, Dissemination, Significance, and History in Scholarship*, (Leiden/New York/Koln: E. J. Brill, 1994), 168.

⁹⁵ Cf. Petersen, *Tatian's Diatessaron*, 168.

⁹⁶ Cf. Samuel Pepys, *The Diary of Samuel Pepys: 1660-1661* (London, Paris, New York & Melbourne: Cassell & Company, Limited, 1886), 9.

⁹⁷ Cf. Goates, *The Pepsian Gospel Harmony*, XV.

⁹⁸ Cf. Petersen, *Tatian's Diatessaron*, 169.

⁹⁹ Cf. Petersen, *Tatian's Diatessaron*, 170.

¹⁰⁰ Cf. Petersen, *Tatian's Diatessaron*, 169.

da Harmonia evangélica Pepysiana»¹⁰¹. Colocados em sinopse, e sob o escrutínio do «critério de embaraço», pode-se afirmar com alguma certeza que a harmonia Pepysiana é anterior à recensão do *Estoire*, uma vez que este último elimina elementos textuais embaraçosos que se encontram no «Ms.2498».

Com a finalidade de melhor ilustrar este ponto de vista, apresentam-se em epígrafe, apenas dois testemunhos que o constataam:

Estoire de l'Evangile – «Quando eles chegaram ao Monte Calvário, despiram Jesus, colocaram-no na cruz, e pregaram-no...»¹⁰².

«Ms. n.º 2498» – «Quando eles chegaram ao Monte do Calvário, despiram Jesus, e colocaram-no totalmente nu sobre a cruz»¹⁰³.

A «nudez de Jesus» no momento da sua crucifixão é totalmente omissa na *Estoire*, mas presente no «Ms.2498». Apresentar no quadro da crucifixão um Cristo totalmente desnudado, no contexto histórico do Medievo, altura em que as convenções morais e sociais prezavam o decoro, seria anacrónico e, muito provavelmente, considerada uma ofensa que roçaria a heresia.

Estoire de l'Evangile – «... “Quem pode ser salvo?” Então, Jesus respondeu: “Pelo homem, a salvação é impossível, mas Deus pode justificá-lo”»¹⁰⁴.

«Ms. n.º 2498» – «... “Quem, então, pode ser salvo?”. E então, Jesus respondeu dizendo que não os poderia nomear, porque Deus o castigaria»¹⁰⁵.

A perícopre do Ms. n.º 2498 não deixa de causar alguma perplexidade, uma vez que, dificilmente passaria pelo «critério de embaraço». Nela, Jesus afirma claramente que, se dissesse quem poderia ser salvo, Deus o castigaria. Por outro lado, a perícopre análoga, presente na *Estoire*, tem um menor impacto, pois ante a mesma questão, Jesus afirma que a salvação depende, não do esforço humano, mas de Deus.

A partir da análise destas duas variantes textuais, é possível deixar em aberto, ao menos, a hipótese de que o «Ms. n.º 2498» seja anterior à recensão do *Estoire*. O facto de

¹⁰¹ Brent A. Pitts, *The Anglo-Norman Gospel Harmony – A translation of the Estoire de l'Evangile*, Dublin, Christ Church Cathedral C6.1.1., *liber niger*, (Tempe-Arizona: Medieval and Renaissance Texts and Studies, 2014), 14.

¹⁰² Pitts, *The Anglo-Norman Gospel Harmony*, 125.

¹⁰³ Goates, *The Pepysian Gospel Harmony*, 98.

¹⁰⁴ Pitts, *The Anglo-Norman Gospel Harmony*, 102.

¹⁰⁵ Goates, *The Pepysian Gospel Harmony*, 68.

que Petersen o situe num período anterior à segunda metade do século II, torna este manuscrito digno de especial atenção e cuidado à hora de o analisar, uma vez que, cronologicamente, estará mais próximo da hipotética «Q».

É inegável que o «Ms. n.º 2498» corresponde a uma versão inglesa efetuada a partir de uma versão francesa, como é defendido por Pitts. Contudo, esta versão francesa, pelo que se pôde constatar a partir das variantes acima apresentadas, não corresponde à versão do *Estoire*.

Ainda assim, algumas particularidades redacionais, como por exemplo o constante emprego de copulativas – elemento comum no uso da língua hebraica ou aramaica – poderá indiciar a provável origem semita da redação primitiva deste manuscrito.

2.1.3– Limitações do texto

Contudo, o Ms. n.º 2498 também possui as suas limitações. Aparentemente, a primeira é o caráter eminentemente narrativo do texto. Quem contacta diretamente com esta fonte, constata que várias das perícopes que nos Evangelhos canónicos se apresentam como diálogos, neste manuscrito são apresentadas sob a forma de discurso indireto. Ressalva-se aqui a utilização do advérbio «aparentemente», porque esta suposta limitação poderá ser significativa mais adiante, aquando da análise do texto, quanto ao género de produção literária.

A segunda limitação textual corresponde às diversas alterações a que o texto foi submetido, a fim de ficar mais concorde com a *Vulgata* de S. Jerónimo¹⁰⁶, uma vez que o padrão da Escrituras na época em que foi vertido para o francês era esta tradução da Bíblia.

Por fim, a terceira limitação mais evidente, é o emprego de certos conceitos medievais, certamente estranhos à redação primitiva do texto. Evidencia-se isto, por exemplo, a partir da seguinte perícopa: «... e enviaram Judeus de Jerusalém, os fariseus,

¹⁰⁶ Cf. Petersen, *Tatian's Diatessaron*, 170.

os sacerdotes, e os Diáconos...»¹⁰⁷. Por sua vez, o texto canónico análogo de João 1,19 menciona «Levitas», e não «Diáconos».

Após serem apresentados os elementos disponíveis sobre o Ms. n.º 2498, aplicar-se-á o mesmo critério de análise ao livro de poemas medieval sob o título: *Vita beate Virginis Marie et Salvatoris rhythmica*.

2.1.4. – *A Vita beate virginis Marie et Salvatoris rhythmica*

Este texto, de autoria desconhecida, foi redigido em modo poético, com o título de: *Vita beate Virginis Marie et Salvatoris rhythmica* («Poema sobre a vida da Bem-aventurada Virgem Maria e do Salvador»), e é proveniente, provavelmente, da zona da Baviera.

Quanto à data da sua redação, sabe-se que remonta ao século XIII sem, contudo, se possuir quaisquer outros dados adicionais que precisem a data exata da sua composição.

Escrito em Latim, este documento conta com a presença de vários testemunhos originários de textos apócrifos e de historiadores eclesiásticos, destacando-se entre estes o «Nazareno» Hegésipo e Júlio Africano. O redator deste poema afirma ter utilizado copiosamente o *Evangelho dos Nazarenos* e o *Evangelho dos Hebreus*.

Quanto à sua estrutura, este texto segue o mesmo carácter de harmonia evangélica, tal e como o documento apresentado anteriormente¹⁰⁸; porém, distancia-se do manuscrito anterior pelo facto de ter sido construído a partir de várias fontes históricas e apócrifas e não ser um documento único, com uma única origem e fonte.

A descoberta e impressão deste manuscrito em 1888¹⁰⁹, deve-se ao escritor, professor e poeta Suíço Adolf Vögtlin, que o publicou nesse mesmo ano.

¹⁰⁷ Goates, *The Pepsian Gospel Harmony*, 9.

¹⁰⁸ Cf. Petersen, *Tatian's Diatessaron*, 265.

¹⁰⁹ Cf. Adolf Vögtlin, *Vita Beate Virginis Marie et Salvatoris rhythmica*, (Tübingen: Gedrukt für den litterarischen verein in Stuttgart, 1888).

Este manuscrito foi dividido pelo redator em quatro «livros», e subdividido em 8031 linhas, pelo investigador que efetuou a sua descoberta.

É graças à listagem das obras utilizadas pelo redator do documento que se tomou conhecimento do emprego de fontes relevantes para a presente investigação. Na introdução ao segundo «livro», o redator do manuscrito afirma:

Por conseguinte, coligi diversas coisas de diversos livros e redigi-as numa só obra com estilo rudíssimo, tal como do Evangelho, que se chama «dos Nazarenos», e do que foi chamado «dos Hebreus», que se sabe que São Jerónimo traduziu, e acreditamos que ali, este Santo homem não escreveu nenhuma falsidade. E, mesmo que algumas coisas se chamem apócrifas, todavia não há provas de que aqui se tenham colocado coisas falsas. Para isto também me socorri do livro de Honório, que se chama *Espelho da Igreja*. Na santa *História Eclesiástica*, o bispo Eusébio relatou algumas coisas. Também historiadores, como Santo Hegesipo, Africano, Josefo, Orósio e Filipe, nos ajudaram nesta obra com os seus escritos.¹¹⁰

Atestado o contacto direto com o *Evangelho dos Nazarenos* e o *Evangelho dos Hebreus*, foi efetuada uma acurada tradução a partir do texto latino disponível¹¹¹ com a finalidade de se entender melhor o documento. Após isso, foi realizada a análise textual da obra, descartando os elementos das obras apócrifas irrelevantes para a investigação e retendo aqueles dados que, provavelmente, teriam feito parte de alguma das obras supramencionadas pelo redator.

2.1.5 – As limitações do texto

Este manuscrito possui, tal como o anterior, algumas limitações que obrigam a manter certa prudência, no momento de proceder à sua análise, tendo em vista extrair informações de relevo para a investigação.

¹¹⁰ Vögtlin, *Vita Beate Virginis Marie*, n.1498-1513.

¹¹¹ Agradece-se penhoradamente a tradução do texto, até ao *Quarto Livro*, do qual foi traduzida uma boa parte, pelo Rev. P.e Doutor José António Gonçalves, Presbítero da Arquidiocese de Évora e Latinista da mesma cidade.

A primeira das limitações são as próprias fontes utilizadas pelo redator. Embora use duas de relevo – o *Evangelho dos Nazarenos* e o *Evangelho dos Hebreus* – estas não são as únicas citadas por ele. Isto implica certa prudência à hora de fazer uso delas, uma vez que poderia suceder que, ao invés de se citar uma perícopes do *Evangelho dos Nazarenos*, se use uma, por exemplo, do *Evangelho de Nicodemos* ou de uma fonte historiográfica.

A segunda das limitações textuais evidencia-se pela preocupação do redator querer que a sua obra permaneça dentro dos cânones da ortodoxia da fé. Evidentemente que, por causa disso, algumas das perícopes mais embaraçosas das fontes originais terão sido censuradas. É possível encontrar algumas evidências disto no «solilóquio de Jesus com a sua Mãe»¹¹², onde Jesus aborda aspetos teológicos concernentes à sua encarnação, paixão, morte e ressurreição e o redator arranja-os de forma a se inserirem nos padrões da ortodoxia da fé.

Por fim, a terceira e última limitação, é o estilo de composição. Uma vez que o redator construiu a sua obra em estilo poético e não em prosa, é muito provável que tenha alterado algumas perícopes com a finalidade de produzirem rima. Embora este elemento não inutilize o texto, deve-se ter em conta que, possivelmente, foram efetuados acrescentos, cortes, ou até mesmo modificações no texto original aquando da produção literária.

2.1.6 – O *Evangelho de Barnabé*

O último documento usado como fonte para esta investigação, designado de *Evangelho de Barnabé*, deve o seu nome ao facto deste texto ser atribuído ao companheiro de evangelização de Paulo.

Segundo Otero¹¹³, este apócrifo é uma composição tendenciosa do século XIV, devida a um Cristão que apostatou da fé para tornar-se muçulmano.

Porém, a tese de que este documento foi criado por um muçulmano por volta do século XVII tem vindo a ganhar novo vigor e apoio. O contexto espanhol poderia explicar

¹¹² Cf. Vögtlin, *Vita Beate Virginis Marie*, n. 3450-3620.

¹¹³ Cf. Otero, *Los Evangelios Apócrifos*, 24.

a mistura peculiar de elementos islâmicos e cristãos¹¹⁴, uma vez que os Muçulmanos estiveram presentes na Península Ibérica até 1492, altura da sua expulsão, pelos Reis Católicos.

O *Evangelho de Barnabé* é testemunhado por dois manuscritos: um manuscrito italiano, que, provavelmente, remonta a finais do século XVI e que se encontra atualmente em Viena; e um manuscrito do século XVIII, com lacunas. Este último foi descoberto recentemente em Sydney¹¹⁵.

Esta obra, tal como as anteriormente analisadas, está estruturada como uma harmonia evangélica¹¹⁶. O texto vai desenrolar-se em torno da vida e ministério de Jesus, e é interrompido por longos discursos acerca de questões de fé e de doutrina. O redator faz desaparecer por completo os relatos da ressurreição e, bem ao gosto de alguns documentos gnósticos, Jesus é substituído por Judas na cruz.

Quanto à origem das fontes usadas na composição deste apócrifo, Cirillo e Fremaux, que analisaram o documento a fundo, consideram que é indubitável o seu carácter Judeocristão¹¹⁷.

Tal como se mencionou anteriormente, uma das fontes deste manuscrito seria o *Evangelho dos Nazarenos*. Aliás, é possível depreender-se isso a partir do próprio texto no qual é dito:

Uma grande multidão de Judeus, e alguns dos fariseus, acreditaram em Jesus, já que o milagre foi grande. Aqueles que permaneciam na sua incredulidade partiram e foram a Jerusalém e anunciaram ao chefe dos sacerdotes a ressurreição de Lázaro, e como muitos se tinham tornado Nazarenos – já que assim chamavam eles aos que eram levados ao arrependimento através da Palavra de Deus que Jesus pregava...¹¹⁸.

O episódio desenrola-se após a ressurreição de Lázaro. A certa altura, menciona o texto que muitos «se tinham tornado Nazarenos», sendo assim feita uma clara alusão à fonte utilizada nesta obra.

¹¹⁴ Cf. Jan Joosten, «The “Gospel of Barnabas” and the Diatessaron», *The Harvard Theological Review*, 95, n.1, (2002), 73.

¹¹⁵ Cf. Joosten, «The “Gospel of Barnabas”», 73.

¹¹⁶ Cf. Joosten, «The “Gospel of Barnabas”», 86.

¹¹⁷ Cf. Luigi Cirillo e Michel Fremaux, *Évangile de Barnabé*, (Paris: Éditions Beauchesne, 1977), 5-6.

¹¹⁸ *The Gospel of Barnabas*, 433.

Mais adiante, já durante a Paixão de Jesus, é apresentado outro testemunho semelhante: «Então os escribas cobriram-lhe os olhos com uma venda e escarnecendo dele, diziam: “Jesus, profeta dos Nazarenos” – Já que assim chamavam aos que acreditavam em Jesus – “Diz-nos: Quem foi que te bateu?” E escarneciam dele, cuspidolhe na cara»¹¹⁹.

Por causa do caráter apologético do Islamismo, o redator desta obra, apresenta Jesus como um simples Profeta e não como o Messias ou Filho de Deus. Segundo o texto, o verdadeiro Messias seria aquele que viria após ele, isto é, Maomé.

A fim de deixar bastante evidente a dimensão profética de Jesus, o redator do *Evangelho de Barnabé* elimina totalmente a imagem do Precursor, isto é, de João Batista, para colocar Jesus a assumir o papel de «voz que clama no deserto»¹²⁰.

Esta obra está subdividida em 222 capítulos com diferentes dimensões e, além de contar com a presença do *Evangelho dos Nazarenos* como texto de base, recorre a outras fontes literárias apócrifas.

2.1.7 – As limitações do texto

Tal e como nos documentos acima mencionados, esta obra contém algumas limitações que merecem destacadas.

A primeira corresponde às adulterações textuais. Se, nos manuscritos anteriormente descritos, os seus redatores alteraram os textos com a finalidade de torná-los mais concordes com a ortodoxia Católica, neste caso o fundamento das modificações do texto original corresponde ao desejo do redator do *Evangelho de Barnabé* querer apresentar unidades literárias diferentes das existentes nos textos canónicos, como forma de demonstrar que o seu documento é o original e único, e que os textos neotestamentários é que passaram por um processo de adulteração.

¹¹⁹ *The Gospel of Barnabas*, 473.

¹²⁰ Cf. *The Gospel of Barnabas*, 97; 99.

A segunda limitação constatada reside no facto de que o redator não utiliza somente como texto de base o *Evangelho dos Nazarenos*, mas, como já se mencionou, se servirá de outras fontes, algumas totalmente desconhecidas. Por conseguinte, torna-se complexo separar aquilo que será relevante para a presente investigação daquilo que não o é.

A terceira limitação verificada reside na ótica apologética muçulmana do documento. As perícopes e os diálogos modificados com a finalidade de apresentar Maomé como o Messias esperado criam algumas resistências e incertezas à hora de aceitar certas perícopes do texto como pertencentes ao original Judeocristão.

Após a apresentação dos três documentos disponíveis para a presente investigação, transita-se agora para a especificação dos principais testemunhos de convergência textual. Com esta «sinopse» pretende-se evidenciar alguns dos principais momentos em que se constata a utilização de uma ou duas fontes comuns.

2.1.8 – Sinopse das principais evidências de convergência textual

No presente ponto serão evidenciados os principais indícios de um provável recurso, por parte dos redatores das três fontes acima descritas, a uma ou duas fontes Judeocristãs, mediante a apresentação de um quadro sinóptico.

Para esse fim, serão delineadas algumas normas prévias orientativas com a finalidade de se apresentar com maior clareza aquilo que é proposto.

Primeiro, doravante, ao invés dos três manuscritos serem mencionados com os respetivos nomes completos, serão utilizadas siglas que os identifiquem. Para o *Manuscrito n.º 2498* se usará a sigla «Ms.2498»; para a *Vita beate virginis Marie et Salvatoris rhythmica* se utilizará a sigla «VB» e, finalmente, o *Evangelho de Barnabé*, terá como sigla «EvB».

Segundo, serão destacadas somente as perícopes onde se constate a existência de uma provável convergência textual. Uma vez evidenciada, será efetuada uma breve análise que corrobore aquilo que foi apresentado no quadro.

Terceiro, deve-se ter em conta que, muitos dos testemunhos apresentados são exclusivos aos três manuscritos e não encontram eco nos Evangelhos canônicos. Tal fator, poderá ser considerado, *a priori*, uma evidência abonatória do uso de uma ou duas fontes originais comuns. Uma vez que os indícios são vários, e alguns bastante subtis, serão apresentados, somente, aqueles que sejam mais claros e relevantes.

1 – Anunciação do anjo:

Ms. 2498, c.2 – «E o nome da virgem era Maria. O anjo veio ter com ela, saudando-a, e disse que ela estava cheia de graça, que Deus estava com ela, e que era mais abençoada do que qualquer outra mulher».

VB, 1536-1538 – «Aproximando-se dela, o anjo saudou-a, dizendo: «Avé cheia de graça, o Senhor está contigo. Tu és mais bendita que todas as mulheres».

No Ms.2498 encontra-se uma expressão muito semelhante à presente em VB para descrever que a beatitude de Maria é superior à de todas as outras mulheres. Tal nota, contudo, não é encontrada no texto canônico equivalente (Lc. 1,42).

2 – Anunciação (encontro do anjo com Maria):

Ms. 2498, c.2 – «O anjo veio ter com ela, saudando-a...».

VB 1518-1527 – «... a Virgem Maria estava dentro do seu quarto, e entregava-se aos trabalhos manuais sozinha, e repassava os salmos no meio dos seus trabalhos, mas, quando chegou àquele Salmo que se intitula «Abençoastes, Senhor, a terra», ao pronunciar este versículo: «Prestarei atenção ao que diz o Senhor», um anjo, que se chama Gabriel, é enviado por Deus até junto de Maria...».

EvB, c.1 – «... e estando dedicada à oração e ao jejum, encontrava-se um dia sozinha, e então, entrou na sua sala o anjo Gabriel e saudou-a dizendo...».

Os manuscritos VB e EvB têm em comum alguns pontos: primeiro, que quando o anjo apareceu a Maria, esta se encontrava sozinha; segundo, ambos destacam que Maria desempenhava alguma ação adicional. Em VB, a mãe de Jesus estava a recitar Salmos; por sua vez, em EvB, estava em oração. Também se deve evidenciar que em VB, Maria se entregava aos trabalhos manuais; contudo, em EvB, praticava o jejum. Deve-se ter em conta que nenhuma destas referências se encontra no relato canônico de Lucas. Por fim, ressalva-se que o Ms.2498 se aproxima mais do relato lucano (Lc. 1,28).

3 – Conceção:

Ms. 2498, c.2 – «E então, verdadeiramente ela concebeu o Filho de Deus, homem perfeito em corpo e alma, e, contudo, verdadeiro Deus».

VB,1564-1579- «A esta palavra o Filho de Deus logo entrou no seu ventre e Deus encarnou. Permanecendo Deus verdadeiro na sua natureza divina, e faz-se homem perfeito».

EvB, c.1 – «Agora foi concebido em ti o Profeta a quem chamarás Jesus...».

O Ms.2498 e o VB seguem claramente uma fonte comum. Por sua vez, VB e EvB conectam-se pela contextualização do momento da concepção: «A esta palavra [...] logo entrou...» (VB), «Agora foi concebido em ti ...» (EvB). Teologicamente, Ms.2498 e VB, são claros quanto à natureza divina de Jesus; contudo, o redator de EvB, altera o texto de forma a que Jesus seja visto como um Profeta. A nota concernente à natureza divina de Jesus, tal e como se encontra em Ms.2498 e em VB, não está presente no relato de Lucas.

4 – José, servo de Maria e de Jesus:

VB,1698-1701 – «José então aceitou Maria, sua esposa com reverência e temor de Deus, e serviu Maria com amor...».

EvB, c.2 – «José, acordando do sonho, deu graças a Deus e viveu com Maria toda a sua vida, servindo a Deus com toda a sinceridade...».

Destaca-se neste ponto a semelhança estrutural das perícopes de VB e de EvB. Contudo, na primeira, José serve Maria, a quem aceitara como sua esposa. Na segunda, o esposo de Maria serve a Deus. Tais informações não se encontram no texto canónico de Mateus (Mt. 1,24).

5 – O nascimento de Jesus em Belém:

Ms.2498, c.6 – «E por isso, José, e a sua esposa Maria, a qual estava para dar à luz em Nazaré, foram para Belém, para assim comparecerem na sua cidade de origem, uma vez que ele e a sua mulher eram parentes do rei David.»

Pese os três relatos variarem neste ponto, sublinha-se a singularidade das informações fornecidas pelo Ms.2498: primeiro, o texto afirma que Maria estava para dar à luz em Nazaré, dado que não consta em Lucas (Lc. 2,4-5); segundo, menciona que quer

José quer Maria, eram da parentela de David. Efetivamente os matrimónios à época do segundo Templo, ocorriam comumente entre pessoas da mesma tribo, ou até mesmo da própria família (Jz. 14,3)¹²¹.

6 – A luz no parto:

VB,1746-1747 – «Imediatamente uma grande luz envolveu a Virgem que dava à luz...».

EvB, c.3 – «A virgem foi rodeada por uma luz sumamente brilhante, e deu à luz ao seu filho sem dor».

Ambas as perícopes se inserem no contexto do nascimento de Jesus (Mt.2,7). Quer numa quer noutra, é mencionada uma luz que envolve Maria; porém, esta informação não está presente no Evangelho de Mateus. EvB acrescenta que Maria «deu à luz ao seu filho sem dor». À primeira vista, tal afirmação poderia ter um sabor a Docetismo. Contudo, tendo em conta que a Teologia Judeocristã está intimamente vinculada aos textos veterotestamentários, parece mais provável que esta perícopes se correlacione com a maldição que recaiu sobre a mulher, e que se encontra presente em Génesis 3,16. Por conseguinte, segundo este conceito teológico, sobre Maria não recaiu a mesma maldição que recaía sobre Eva.

7 – Os animais no estábulo:

Ms.2498, c.6 – «Ela própria envolveu-o em panos e deitou-o num berço, onde um boi e um burro permaneciam de pé...».

VB, 1820-1825 – «Maria envolveu o seu Menino em panos, e colocou-o na manjedoura do boi e do burro, dobrando diante dele os seus joelhos...».

Este episódio é mencionado logo após o nascimento de Jesus (Lc. 2,7) no Ms.2498 e na VB. Narra a presença de um boi e de um burro no local onde Jesus nascera. Provavelmente, além desta perícopes evidenciar o recurso a uma fonte Judeocristã comum, poderá igualmente corresponder a um «Midrash» de Isaías 1,3.

8 – A alegria de Maria e de José:

¹²¹ Cf. Joachim Jeremias, *Jerusalém no tempo de Jesus – Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*, trad. M. Cecília de M. Duprat (São Paulo: Edições Paulinas, 1983), 480-481.

VB, 1760-1763 – «Então, houve uma alegria inefável em Maria e em José, pois receberam o Filho de Deus».

EvB, c.3 – «Maria e José louvavam o Senhor pelo nascimento de Jesus...».

As duas perícopes descrevem os sentimentos de Maria e de José ao receberem de Deus o Seu próprio Filho. Por causa do sentido teológico que o redator do EvB pretende demonstrar – de que Deus não pode ter filhos e que Jesus é um Profeta – modifica o sentido do relato original, de forma a que Maria e José simplesmente se alegrem pelo nascimento de Jesus.

9 – Os Magos do Oriente:

Ms.2498, c.9 – «Depois, após o décimo segundo dia, vieram os reis do Oriente, a Jerusalém, e perguntaram onde é que estava o rei dos Judeus que tinha nascido...».

VB, 2064-2067 – «Treze dias depois, três Reis vindos do Oriente, chegaram a Jerusalém conduzidos por uma estrela, perguntando ao Rei Herodes qual o lugar do nascimento do Menino...».

EvB, c.7 – «No reinado de Herodes, rei da Judeia, quando Jesus nasceu, três magos do Oriente observavam as estrelas no céu...».

Esta cena enquadra-se na visita dos Magos do Oriente (Mt. 2,1). Quer o Ms.2498 quer o VB concordam quanto à indicação cronológica apresentada. Por sua vez, o EvB transmite o número de Magos que visitaram Jesus. Contudo, nenhum destes itens se encontra presente no relato canónico.

10 – A luz no batismo de Jesus:

Ms.2498, c.14 – «E quando foi batizado, e se encontrava em oração por aqueles que iriam receber o batismo em Seu nome, veio então do céu um resplendor, e o Espírito Santo desceu e pousou nele».

VB, 3686-3687 – «...eis que o céu se abriu, e uma grande luz refulgiu, iluminando à sua volta a Jesus e a todos os presentes...».

EvB, c.10 – «... foi rodeado por uma luz sumamente brilhante...».

Este episódio enquadra-se no batismo de Jesus (Mt. 3,15). A «iluminação» de Jesus é narrada igualmente num códice da *Vetus Latina*: «Enquanto era batizado, uma luz intensa se espalhou fora da água, a ponto de encher de medo todos os presentes»¹²².

As três fontes são unânimes quanto à presença desta «luz». Contudo, no EvB, este acontecimento foi totalmente adulterado e reduzido pelo seu redator, à descida do Evangelho ao coração de Jesus. Segundo este texto, Jesus encontrava-se no Monte das Oliveiras a apanhar azeitonas com a sua mãe. Nesse momento, surge uma luz, e desce o Evangelho ao coração de Jesus. O relato da «luz» no momento do batismo, não se encontra presente em nenhum dos testemunhos canónicos.

11 – O número de demónios nos possessos de Gérasa:

Ms.2498, c.34 – «Jesus perguntou-lhes quantos é que estavam ali. E os demónios responderam dizendo que eram uma Legião – Um número equivalente a seis mil e seiscentos e sessenta e seis».

VB 3996-3999 – «Jesus disse-lhes: “Qual é o vosso nome?” Responderam: “O nosso nome é Legião”. É que 666 mil demónios se juntaram retidos neste homem...».

EvB, c.21 – «Jesus perguntou quantos eram. Eles responderam: “Somos 666”».

Este episódio enquadra-se no exorcismo feito por Jesus ao «possesso de Gérasa» (Mc. 5,1-20). Nas três fontes são especificadas o número de demónios que possuíam o homem: no Ms.2498, 6.666; no VB, 666.000; por fim, no EvB, talvez influenciado por Apocalipse 13,18, 666. É importante destacar que, pelo facto desta nota não se encontrar em nenhum dos relatos análogos presente nos Sinópticos, poderá ser um claro indício do uso de uma ou duas fontes comuns aos três redatores.

12 – Jesus é crucificado totalmente nu:

Ms.2498, c.186 – «Quando eles chegaram ao Monte do Calvário, despiram Jesus, e colocaram-no totalmente nu sobre a cruz.»

¹²² Cf. *Biblia de Jerusalém*, Mt. 3,15, nota «n».

VB 4950-4953 – «Depois disto, o benigníssimo Jesus foi conduzido ao Gólgota, lugar que se chama Calvário. Aí lhe retiraram as suas vestes, e fizeram-no ficar totalmente nu...»

EvB, c.217 – «Deste modo, eles conduziram-no ao Monte Calvário, onde eles costumavam pendurar os malfeitores e ali o crucificaram nu, para maior ignomínia.»

O episódio apresentado ocorre na crucifixão de Jesus. Tal e como nos testemunhos anteriores, a nota em que se menciona a nudez de Jesus no momento da sua Paixão, não possui paralelo nos textos canónicos, mas é comum aos três redatores. Tal aspeto, poderá ser um forte indício do uso de uma ou duas fontes comuns pelos redatores dos manuscritos.

Uma vez apresentados alguns aspetos que poderão testemunhar o uso de uma ou duas fontes Judeocristãs, por parte dos três redatores dos manuscritos sob análise, é agora altura de se retirar algumas conclusões. Para esse fim, recorrer-se-á à sua apresentação mediante um quadro onde conste: na vertical, as siglas atribuídas às três fontes; na horizontal encontrar-se-ão os títulos de cada um dos testemunhos, bem como as respetivas evidências onde se pode constatar que, para a redação dos manuscritos, foram utilizadas fontes comuns.

	Ms.2498	VB	EvB
1. Anunciação (Saudação do anjo): «Mais bendita do que todas as mulheres»	Presente	Presente	Ausente
2. Anunciação (Local de encontro com Maria): «...no seu quarto...»	Ausente	Presente	Presente
3. Conceção: «...o Filho de Deus...» / Profeta	Presente	Presente	Presente
4. José, servo de Maria e de Jesus	Ausente	Presente	Presente
5. Maria e José, descendentes de David	Presente	Ausente	Ausente
6. A «luz» no parto	Ausente	Presente	Presente
7. Animais no estábulo	Presente	Presente	Ausente
8. Alegria em Maria e José	Ausente	Presente	Presente
9. Magos do Oriente: I. – A «data» da sua chegada	Presente	Presente	Ausente

9. Magos do Oriente: II. – O número de Magos	Ausente	Presente	Presente
10. O «brilho» no batismo de Jesus	Presente	Presente	Presente
11. O número de espíritos impuros	Presente	Presente	Presente
12. A nudez de Jesus na crucificação	Presente	Presente	Presente

Tabela 1 – Quadro esquemático de correlação intertextual

A partir do presente «Quadro esquemático» se pode depreender que:

Quanto à frequência de episódios apresentados, a partir dos 13 testemunhos: O Ms.2498 possui 8; a VB possui 12; e o EvB tem 10.

Quanto à quantidade de episódios em comum, isto é, onde constem duas presenças na mesma linha, o Ms.2498 tem: com VB, 7 episódios em comum; com EvB 4 episódios. Por sua vez, a VB tem: com o Ms.2498, 7 episódios; com o EvB, tem 9 episódios. Por fim, o EvB tem: com Ms.2498, 4 episódios; com VB, 9 episódios.

Posto isto, pode-se afirmar que o Ms.2498 possui uma maior afinidade textual com a VB do que com o EvB (7 episódios em 13 contra 4 episódios em 13). Por outro lado, a VB e o EvB têm entre si uma forte correlação textual (9 episódios em 13).

Apesar do Ms.2498 manter alguma afinidade textual com a VB e menos com o EvB, aparenta ter como fonte original uma unidade literária única. A VB terá bebido mais desta unidade e o EvB menos. Porém, não deixa de ser relevante recordar que os redatores da VB e do EvB afirmam que as suas produções literárias dependem do *Evangelho dos Nazarenos*, enquanto que o do Ms.2498 não apresenta nenhuma indicação acerca da origem sua fonte. Uma vez que a VB e o EvB dependem deste apócrifo Judeocristão, qual será a origem do Ms.2498, e qual o género de produção literária a que corresponde?

Procurar-se-á dar resposta a estas duas questões no próximo ponto.

2.1.9 – O emergir de duas fontes comuns: o Evangelho dos Nazarenos e o Evangelho de Sião

Já foi posto em evidência que os redatores da VB e do EvB dependem do *Evangelho dos Nazarenos*, mas onde enquadrar o Ms.2498? Este manuscrito é singular, pois ao mesmo tempo que claramente se correlaciona com o VB e o EvB por vários testemunhos comuns, igualmente se distancia deles ao possuir uma estrutura própria e ao ser mais extenso. Talvez a resposta à questão possa ser encontrada na literatura Patrística. Epifânio de Salamina afirma que os Nazarenos possuíam uma versão do *Evangelho segundo Mateus* «completíssimo, em hebraico»¹²³.

Efetivamente, como já foi mencionado, o constante uso de copulativas no Ms.2498 pode indiciar uma fonte original redigida em língua semita. Por sua vez, esta versão de Mateus diferiria da versão grega, que chegou até hoje como Evangelho canónico.

Depois de uma leitura atenta do Ms.2498 não se pode deixar de encontrar certas similitudes com o «Judaikon». Este texto corresponderia a um hipotético Evangelho Judaico, teorizado por alguns investigadores com base em 13 glosas presentes em alguns códices gregos do *Evangelho de Mateus*¹²⁴.

Importa referir que o «Judaikon» também era conhecido como *Evangelho de Sião*¹²⁵. Este, segundo Schimdtke, corresponderia a uma edição do Evangelho preservado numa basílica do Monte Sião, em Jerusalém, à qual ele chamou «edição do Evangelho de Sião»¹²⁶.

É revelante mencionar que, desta hipotética obra, existem três variantes que eventualmente teriam pertencido ao *Evangelhos dos Nazarenos*, concretamente nos códices 566, 899 e 1424¹²⁷. Tal aspeto pode ser importante para o presente estudo, uma vez que, como já se demonstrou, ainda que o Ms.2498 seja uma unidade literária que se

¹²³ Epifânio de Salamina, *Contra os Hereges*, 1, 406, PG 41, 124A: «Eles têm o Evangelho segundo Mateus completíssimo, em Hebraico. Pois é certo que eles conservam este como foi escrito originalmente no alfabeto hebraico. Mas o que eu não sei é se eles suprimiram as genealogias desde Abraão até Cristo.»

¹²⁴ Cf. Otero, *Los Evangelios Apócrifos*, 46-47.

¹²⁵ Cf. Armand Puig, *Los Evangelios Apócrifos I*, (Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2008), 108.

¹²⁶ Cf. Wilhelm Schneemeicher, (ed.), *New Testament Apocrypha – Volume one*, (Louisville/London: James Clarke & Co, Westminster John Knox Press, 1991), 149-150.

¹²⁷ Cf. Petri Luomanen, *Recovering Jewish-Christian sects and gospels*, (Leiden/Boston: Brill, 2011), 87.

distancia da VB e do EvB, as três fontes possuem traços comuns. Acresce ainda a esta hipótese, o facto de que a VB e o EvB tenham como fonte o *Evangelho dos Nazarenos*.

Deve-se também referir que os manuscritos detentores destas variantes frequentemente possuem um «Cólofon» a indicar a confrontação de algum manuscrito, pela sua antiguidade, com antigos exemplares de Jerusalém, na «Montanha Sagrada»¹²⁸, isto é, em Sião.

Quanto à sua proveniência, uma boa parte destes manuscritos é de origem Calábria; outros, por sua vez, vêm da zona de Trapezunte, na zona costeira norte da Ásia Menor. Ambas são regiões para as quais os literatos Cristãos Sírios fugiram antes da invasão Muçulmana¹²⁹.

Afim de se colocar como hipótese a probabilidade de que o Ms.2498 esteja interconectado a este *Evangelho Judaico de Mateus* e assim se possa outorgar uma provável origem a este manuscrito, é necessário encontrar no documento alguns indícios que evidenciem esta possibilidade. Com esse objetivo, de seguida, serão apresentados os testemunhos do «Judaikon» que chegaram até ao presente e, depois de explicado o seu contexto, comparar-se-ão com alguns episódios do Ms.2498.

1 – «O Judaico não diz “Cidade Santa”, mas “Jerusalém”» – Este episódio corresponde à narrativa das tentações no deserto (Mt. 4,5). O Ms. 2498, c.15 descreve: «Então diabo tomou-o, e trouxe-o a Jerusalém e aí, colocou-o sobre um pilar no alto, no Templo, e disse-lhe que se Ele fosse Filho de Deus, que saltasse dali para baixo, pois o próprio Deus havia prometido através de David o profeta, que o Seu anjo haveria de transportá-lo para cima...» – A variante surge textualmente no manuscrito.

2 – «Bariona: o Judaico: Filho de João.» – Aparentemente, esta variante está relacionada com o episódio da «confissão messiânica de Pedro» (Mt. 16,17). Contudo, no presente manuscrito, pese o facto de ela estar presente, encontra-se associada ao texto análogo a João 1,42. Por conseguinte, o Ms.2498, c.17 apresenta: «Ele foi, e encontrou Simão, o seu irmão, e disse-lhe que tinha encontrado o Cristo e trouxe-o até Jesus.» Por seu lado, no episódio da «confissão messiânica de Pedro», no Ms.2498, c.98 se pode

¹²⁸ - Cf. J. N. Birdsall, «The New Testament text» em *The Cambridge History of the Bible – From beginnings to Jerome*, ed. P.R. Ackroyd e C.F. Evans (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), 325.

¹²⁹ - Cf. Birdsall, «‘Scholia’ and ‘Catenae’», 325.

encontrar: «Então, Jesus respondeu-lhe dizendo: «Em verdade te digo que tu és Pedro em quem eu fundarei a minha comunidade. Tu terás poder no céu, na terra, e no inferno.»

A não ser que se postule que, afinal, este testemunho do «Judaikon», está vinculado a João – o que não se considera plausível já que a nota é atribuída a Mateus – três hipóteses devem ser tidas em conta: primeiro, que este manuscrito não corresponde nem depende do «Judaikon»; segundo, que o redator do Ms.2498 omitiu propositadamente esta perícope; e em terceiro lugar, que a versão de Mateus presente no «Judaikon» corresponderia, afinal, a uma harmonia dos evangelhos e que esta nota estaria numa «versão completíssima do *Evangelho segundo Mateus*», como foi testemunhado por Epifânio de Salamina. Para se deixar em aberto esta última hipótese, ter-se-ia de ponderar o facto de que a versão com a qual Epifânio contactou, corresponderia, afinal, a uma harmonia Evangélica, o que daria sentido à expressão «completíssima» usada por ele.

3 – «O Judaico diz assim depois de “setenta vezes sete”: “Pois também nos Profetas, depois de terem sido ungidos com o Espírito Santo, encontra-se pecado”». No texto análogo a este testemunho presente no Ms.2498, c.106 está escrito: «Então, Pedro perguntou quantas vezes deveria perdoar se lhe fosse pedido perdão, e se deveria perdoar até sete vezes. Jesus contou-lhe, então, uma estória sobre um rei que reaplicou a dívida sobre o seu administrador, uma vez que este não havia feito aos outros como o rei havia lhe havia feito, e disse que o seu Pai agiria de igual modo com eles, a não ser que todos perdoassem o seu próximo de todo o coração.»

A estrutura desta perícope, tal e como se encontra no Ms.2498, carece de sentido, pois suscita mais questões do que traz respostas: onde se encontra a resposta de Jesus a Pedro, uma vez que Pedro coloca uma questão, e Jesus responde com uma parábola? Por outro lado, onde está a conclusão da mesma perícope? Será que o redator do Ms.2498 não a omitiu propositadamente e, deste modo, justificar-se-ia a sua ausência pelo «critério de embaraço», dado que afirmar que nos profetas existia pecado seria motivo para tal?

4 – «O Judaico: “e negou, e jurou, e amaldiçoou”» – No que respeita a esta glosa, o Ms.2498, c.171 aproxima-se bastante do «Judaikon»: «Então Pedro começou a jurar, e a amaldiçoar todos os que alguma vez estiveram com Jesus, bem como a todos os que alguma vez o tenham conhecido.» Mateus 26,74, irá inverter a ordem dos verbos empregues, colocando o ato de «amaldiçoar» seguido do de «jurar». O Ms.2498 narra que

Pedro «começou a jurar e a amaldiçoar», concordando assim com o «Judaikon». Contudo, o verbo «negar» encontra-se ausente no texto.

5 – «A palavra “εικη” (sem motivo) não aparece em certos exemplares, nem no Judaico.» – A perícopie correspondente no *Evangelho de Mateus* 5,22 não se encontra igualmente no Ms.2498.

6 – «O Judaico, neste local diz o seguinte: “Se estais no meu regaço e não fazeis a vontade do Meu Pai que está nos Céus, eu expulsar-vos-ei do meu seio.”» – Esta perícopie não consta no Ms.2498.

7 – «O Judaico: “mais [prudentes] do que as serpentes”». – A variante mencionada não consta no manuscrito. O Ms.2498, c.46, aproximando-se muito do que é encontrado em Mateus 10,16, narra: «E pediu-lhes para serem sábios como uma serpente e tão simples como uma pomba».

8 – «O Judaico diz: “É saqueado”». – Esta variante não se encontra no texto análogo de Mateus 11,12. O Ms.2498, c.113 apresenta: «Jesus censurou-os por causa da sua hipocrisia, e disse-lhes que o tempo da promessa da Lei sobre os bens deste mundo, não durara senão até ao tempo de João, o Baptista, pois, desse tempo em diante, a promessa de Deus aos Seus servos é o reino dos céus: e quem quer que o venha a ter, terá de o conquistar pela força.»

9 – «O Judaico: “Eu Te dou graças”» – Esta variante se insere no contexto do episódio em que Jesus exulta de alegria porque os mistérios do Reino são revelados aos pequenos (Mt. 11,25). O Ms.2498, c.54 apresenta a seguinte perícopie: «E nesse preciso momento, Jesus começou a chamar o Espírito Santo, e a dar graças, agradecendo a Deus, Seu Pai, porque tinha escolhido os simples e os pequenos de coração e não os sábios e os grandes homens, para mostrar tão grandes coisas.» Note-se que, uma vez que «dar graças» é sinónimo de «oferecer graças», ambas decorrentes do verbo grego «ευχαριστω», pode-se afirmar que esta perícopie do «Judaikon» se encontra presente no Ms.2498.

10 – «O Judaico não diz: “Três [dias e três noites]”» – A variante em causa, situa-se no episódio do «sinal de Jonas», onde Jesus é coagido pelos doutores da Lei e pelos fariseus a realizar um sinal (Mt. 12,40). Segundo esta glosa, o «Judaikon» não menciona «três dias e três noites».

O texto em questão é o seguinte: «Pois como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra.» (Mt. 12,40). Aquilo que o «Judaikon» pretende evidenciar não é a indicação cronológica (três dias e três noites), mas sim a analogia entre Jonas – que esteve no ventre do animal marinho (Jn. 2,1) –, e Jesus, que iria estar no seio da terra.

No Ms.2498, c.63, é possível encontrar o seguinte: «Pois assim como Jonas esteve três noites e três dias no ventre da baleia, e depois foi lançado sobre a terra, como sinal para o povo de Nínive, de modo a que, se acreditassem nele, pudessem ser salvos, assim também o próprio Jesus estaria num túmulo, na terra, e depois disso, erguer-se-ia da morte à vida.» O Ms.2498 concorda com o «Judaikon» nesta variante.

11 – «O Judaico: “o Korban, no qual vós saireis beneficiados por nós”» – Esta variante insere-se no episódio polémico entre Jesus e uns fariseus e escribas acerca das tradições (Mt. 15,5). O episódio encontra-se relatado no Ms.2498, c.87, mas é totalmente omissivo quanto a esta glosa: «E Jesus perguntou-lhes por que é que eles não guardam o mandamento de Deus. Porque Deus ordenou que se deveria ajudar o pai e a mãe. Os Judeus responderam dizendo que era melhor dar os seus bens ao Templo, em vez de dá-los ao pai e à mãe, e muitas outras coisas eles fazem contra a Lei de Deus através dos seus decretos e das suas tradições».

12 – «O Judaico: “E pôs-lhes à sua disposição gente armada para que se colocasse à frente da gruta e lhe fizesse guarda de dia e de noite”» – Esta variante enquadra-se no episódio da «guarda do túmulo» (Mt. 27,66). O Ms.2498, c.195, neste ponto, segue de perto a versão canónica: «Pilatos respondeu-lhes que fossem, e que guardassem o melhor que pudessem. E os soldados foram armados para lá, e selaram a pedra que repousava diante da sua entrada.»

Que conclusões se podem retirar desta análise comparativa entre os testemunhos do *Evangelho de Sião* e o Ms.2498? Que das 12 variantes apresentadas, 4 reproduzem textualmente o «Judaikon», 2 aparentemente, foram propositadamente omitidas, 3 têm grande afinidade textual com que é encontrado no texto canónico, e 3 não estão presentes no Ms.2498. Tendo em conta que, das 12 glosas, 4 estão presentes, isto equivale a 25% dos testemunhos do «Judaikon». Pode-se concluir que, existe uma boa possibilidade do Ms.2498 ter sido redigido a partir do *Evangelho de Sião*.

Foi mencionado anteriormente, com base nas conclusões de alguns investigadores, que este Evangelho Judaico atribuído a Mateus, estava situado numa basílica do Monte Sião. Talvez o Ms.2498 possa fazer eco dessas mesmas ilações, com base em dois testemunhos do próprio manuscrito, presentes no capítulo 210:

A seguir, Jesus ordenou-lhes que reunissem todos os discípulos que vivessem nas imediações, homens e mulheres, e que todos fossem ao seu encontro no Monte das Oliveiras, pois os Onze moravam na grande sala do andar de cima, e os todos outros discípulos moravam noutras casas, próximas desse lado da cidade, que era chamado Monte Sião.

Esta perícope situa geograficamente a residência dos Apóstolos e dos outros discípulos de Jesus no Monte Sião. Dela não se encontra eco em nenhum texto canónico, nem mesmo nos *Atos dos Apóstolos*. Não será que é exatamente por causa deste destaque que o Monte Sião merece no Ms.2498, que o «Judaikon» foi designado de *Evangelho de Sião*?

Que dados se podem concluir deste capítulo?

Em primeiro lugar, conclui-se que os redatores do Ms.2498, da VB e do EvB utilizaram uma ou duas fontes originais comuns para redigir os seus manuscritos.

Em segundo lugar, é possível concluir que os redatores da VB e do EvB se serviram do *Evangelho dos Nazarenos* como texto de base. Embora o redator do Ms.2498 não o mencione, é bastante provável que uma versão mais extensa deste Evangelho Judaico tenha igualmente servido como fonte para a redação do seu texto. Testemunho disto, é o facto do Ms.2498 partilhar várias especificidades narrativas com a VB e o EvB que não se encontram nos textos canónicos, mas são comuns entre si.

Em terceiro lugar, também se pode concluir que o Ms.2498 é uma obra singular, que não depende doutras harmonias Evangélicas. Este manuscrito, dotado de carácter eminentemente narrativo, merece especial destaque pela sua antiguidade, uma vez que alguns investigadores o situam cronologicamente entre finais do século I e a primeira metade do século II. Este dado poderá ser especialmente relevante, sobretudo quando se procura investigar sobre a factualidade da «Q», já não só pela singularidade da harmonia Evangélica, como também pela sua antiguidade.

Como quarto elemento, conclui-se, com base nas análises comparativas entre as glosas do *Evangelho de Sião* e o Ms.2498, que uma parte das particularidades literárias do primeiro, estão testemunhadas no segundo. Por conseguinte, o Ms.2498, poderá ser o testemunho mais próximo da existência do «Judaikon». Esta hipótese sai reforçada quando se têm em conta mais dois elementos: primeiro, porque no fim do Ms.2498 se dá especial ênfase ao Monte Sião; segundo, porque o constante uso de copulativas ao longo do manuscrito, indiciam a utilização de um original em língua semita.

No próximo capítulo, esta hipótese será aprofundada, de forma a que se consiga evidenciar a existência ou não de um substrato semita do Ms.2498.

Capítulo III

Ms.2498: um «Targum» de um Evangelho semita?

O presente capítulo tentará verificar a hipótese do Ms.2498 ter como texto de base um original semita. Para tal, recorrer-se-á à análise dos prováveis indicadores presentes no manuscrito que testemunhem esta hipótese. Após isso, realizar-se-á uma hipotética classificação tipológica do texto com base nos dados obtidos na análise.

3.1 – Na senda das raízes semitas do Ms.2498

Um texto de origem semita, mesmo que tenha sido vertido para uma outra língua, como o grego, por exemplo, conservará em si elementos próprios da língua original. Esses indícios poderão corresponder a traços da estrutura gramatical e, em casos mais evidentes, a palavras conservadas na língua original ou até mesmo, a perícopes completas. Prova disso se encontra, por exemplo, quando Jesus no alto da cruz exclama: «Eli, Eli, lemá sabachtáni?» (Mt. 27,46). O texto canónico de Mateus está redigido em grego, contudo, conservou estas palavras em aramaico.

Quando se faz uma leitura atenta do Ms.2498, ainda que o texto se encontre em Inglês, poderão eventualmente encontrar-se alguns indícios de uma fonte original em língua semita. Anteriormente mencionou-se que as perícopes que compõem o texto, estavam ligadas entre si por copulativas. Isto, por si só, poderia ser já um indicador; contudo, não é o único. Na verdade, existem algumas palavras do manuscrito que não se enquadram no contexto da gramática Inglesa, e, dentre elas, sobressaem duas:

A primeira, é a palavra «Sabbath», a qual corresponde à forma Inglesa sinónima da palavra hebraica «Shabbat». Se o redator se quisesse referir ao dia da semana equivalente em Inglês, não utilizaria «Sabbath», mas sim, «Saturday». שַׁבָּת (Shabbat) surge 36 vezes ao longo de todo o manuscrito para aludir ao dia de descanso judaico.

A segunda evidência, mais do que uma palavra, é a expressão «Seder de Páscoa». A palavra hebraica סֵדֶר (Seder) traduz-se como «Ordem». Por conseguinte, «Seder de

Páscoa» tem o equivalente hebraico פסח סדר (Seder Pessach). Ainda hoje, esta expressão é usada nos meios judaicos para se referir à refeição pascal. Esta expressão surge duas vezes no texto, nos capítulos 153 e 154 do manuscrito.

Estes dois testemunhos evidenciam, provavelmente, que o redator do Ms.2498 terá utilizado para a redação do seu manuscrito, um original hebraico ou aramaico. Mas existirão mais dados que corroborem isto? É provável que os indícios apresentados em seguida deem força a esta hipótese.

Existem algumas perícopes no Ms.2498 que não encontram paralelo nos evangelhos canónicos. Estas, possuem uma função puramente interpretativa de determinados aspetos menos claros presentes no texto. Para ilustrar esta afirmação, apesar dos vários exemplos que poderiam ser apresentados, serão destacados apenas três:

1 – Após o anúncio a Maria, e antes da partida do anjo: «E então, verdadeiramente ela concebeu o Filho de Deus, homem perfeito em corpo e alma, e, contudo, verdadeiro Deus.» (c.2).

2 – Aquando da expulsão dos demónios nos possessos de Gérasa: «Jesus perguntou-lhes quantos é que estavam ali. E os demónios responderam dizendo que eram uma Legião – Um número equivalente a seis mil e seiscientos e sessenta e seis» (c.34).

3 – Quando Jesus curou a hemorroísa: «E Jesus imediatamente se levantou e foi com Ele, e os Seus Discípulos o seguiram. Era grande a quantidade de povo que os comprimia, incluindo uma mulher que tinha um fluxo de sangue havia doze anos e, que, segundo a Lei, não deveria vir entre os homens para a cidade.» (c.39).

Ao contrário doutros apócrifos, este modelo de paráfrases, não tem propriamente como função alimentar a curiosidade dos leitores, mas sim explicitar determinado elemento teológico subjacente ao próprio texto.

Esta modalidade de produção literária era bem conhecida no Judaísmo, principalmente, no âmbito da interpretação das Escrituras, e designava-se como «Targum». Contudo, o que é um «Targum»?

Entende-se por «Targum» a «versão aramaica da Bíblia feita oralmente no culto sinagoga»¹³⁰. Quanto à sua função, o

Targum é, originalmente, uma tradução com tendência claramente interpretativa, ao estilo das releituras da própria Bíblia, que evolui, às vezes desde antanho, para a exegese. Segundo este critério, deve-se considerar o Targum como um prolongamento do trabalho levado a cabo pelos “soferim” (escribas) [...] ¹³¹.

Quanto à língua em que foram redigidos, na sua grande maioria, foi o aramaico¹³². Quanto ao género literário do «Targum», este

aparece como uma tradução corrida da Bíblia com glosas e paráfrases, ainda que, por vezes, com ampliações hagádicas ou haláchicas muito semelhantes aos comentários midráshicos. [...] O Targum forma um género próprio de tradução interpretada do texto massorético, transformando, frequentemente o texto numa narração [...]. O Targum, às vezes traduz literalmente, outras parafrasticamente. As paráfrases consistem em acrescentos, substituições ou reelaborações do texto massorético [...]. As paráfrases são de índole muito diversa (hagádicas, haláchicas ou simples glosas) e dificilmente classificáveis se não é em função do objetivo exegético que se pretende. Portanto, o Targum tem uma identidade própria dentro da literatura rabínica, que constitui o género Targúmico¹³³.

Por fim, quanto à exegese e hermenêutica targúmicas, importa dizer que a

interpretação targúmica da Bíblia se apresenta com um duplo objetivo: tornar o texto massorético claro e compreensível, e dar-lhe um significado vivo e atual para os leitores e ouvintes da Bíblia. Com a finalidade de conseguir tais objetivos exegéticos, o Targum faz-se valer de uma série de recursos gramaticais, estilísticos, semânticos, léxicos que, certamente, correspondem à hermenêutica judaica do chamado método darash. [...] As palavras ou passagens obscuras do texto massorético clarificam-se ou se simplificam, as metáforas ou alegorias tornam-se “realistas”, as lacunas completam-se [...]. Abundam também os reajustes históricos e toponímicos¹³⁴.

¹³⁰ Teresa Martínez Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia: Los Targumim del Pentateuco I. Génesis*, (Estella: Editorial Verbo Divino, 2004), 1.

¹³¹ Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 2.

¹³² Cf. Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 2-3.

¹³³ Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 6-7.

¹³⁴ Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 7.

Uma vez especificado o conceito de «Targum», comparativamente à narrativa existente no manuscrito, tudo aponta para que o original empregue pelo redator do Ms.2498 seja um «Targum» Judeocristão. Ainda que haja alguma resistência quanto à aplicação do termo «Targum», contudo, tenham-se em conta dois elementos:

Por um lado, enquanto género literário, o «Targum» é cronologicamente anterior, inclusive, à destruição do Templo. Pese o facto de o hebraico ser a língua litúrgica empregue nas sinagogas, os textos eram vertidos para o aramaico. Por outro lado, não se pode esquecer que este manuscrito pertencia a um grupo religioso Judaico que, apesar de aceitar a novidade da boa-nova de Jesus, se encontrava enraizado na cultura e na história do seu povo. Desta feita, seria de estranhar que os géneros literários utilizados por eles na sua produção literária diferissem daquilo que já conheciam. Por isso, olhando em retrospectiva para todas as evidências que o Ms.2498 deixa transparecer, esta conclusão surge como a mais lógica.

Partindo do postulado que, efetivamente, esta harmonia Evangélica teria como base um «Targum» Judeocristão em aramaico, isto implicaria que o texto usado para a criação desse «Targum» estivesse, necessariamente, em hebraico, uma vez que, como já foi evidenciado anteriormente, este género se aplicava às Escrituras hebraicas. Isto leva a colocar a seguinte hipótese: será que, ao invés de «Q» ter sido redigida em grego, como é defendido por muitos investigadores, não terá antes sido escrita em hebraico?

Esta dúvida abrirá portas para o próximo ponto, no qual se aprofundarão os elementos históricos e documentais que lhe dão fundamento, e, ao menos, deixarão em aberto outra hipótese alternativa para a criação de «Q».

3.2 – *Quelle* em grego, aramaico ou em hebraico? Evidências que sugerem uma nova hipótese

A possibilidade do Ms.2498 ter sido redigido a partir de um «Targum» Judeocristão leva, ao menos, a deixar em aberto a hipótese do texto matricial ter sido redigido em

hebraico. Tendo em conta essa premissa e o que se sabe sobre «Q», não poderão os dois corresponder a uma única e mesma realidade? Para se chegar a uma resposta, é necessário compreender o *Sitz im Leben* em que foi feito o anúncio da Boa-Nova: quem anunciou; quem foram os recetores deste anúncio; o que foi anunciado.

Paulo informa que o anúncio do Evangelho foi dividido em dois grandes blocos:

Pelo contrário, vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro dos circuncisos – pois aquele que operava em Pedro para a missão dos circuncisos, operou em mim também através dos gentios – e conhecendo a graça em mim concedida, Tiago, Cefas e João, os notáveis tidos como colunas, estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: nós pregaríamos aos gentios, e eles aos da Circuncisão (Gl. 2,7-9).

Com base neste testemunho, pode-se afirmar que esses dois grandes núcleos eram: por um lado, os crentes em Jesus oriundos do Judaísmo e encabeçados por Pedro e Tiago; por outro, Paulo e Barnabé que dirigiam a sua pregação aos gentios¹³⁵. Por conseguinte, pode-se afirmar que, ao menos num estágio inicial, a comunidade dos discípulos de Jesus era formada por «Helenistas» e «Hebreus»¹³⁶.

Os únicos motivos de divisão existentes Hebreus e Helenistas nesse estágio, seriam tão somente de carácter linguístico e cultural, pois enquanto os Hebreus eram Judeus que falavam Aramaico¹³⁷, os Helenistas eram greco-falantes.

Se, por um lado, o leque daqueles que aderiam à fé em Jesus a partir do Judaísmo eram, entre outros, membros do partido dos fariseus e da Comunidade de Qumran¹³⁸, por outro, os crentes de origem helénica seriam maioritariamente gentios convertidos e prosélitos¹³⁹.

Nesse tempo, o estatuto do «prosélito» obrigava à observância da Lei na sua totalidade e, em contrapartida, seriam aceites como membros de pleno direito na comunidade de Israel. Por outro lado, os gentios conversos ou «Tementes a Deus»,

¹³⁵ Cf. Gerd Theissen, *La religión de los primeros cristianos*, (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002), 304.

¹³⁶ Cf. F.F. Bruce, *New Testament History*, (New York: Anchor Books, Doubleday & Company, Inc., 1972), 217.

¹³⁷ Cf. Bruce, *New Testament History*, 217.

¹³⁸ Cf. Bruce, *New Testament History*, 217.

¹³⁹ Cf. Bruce, *New Testament History*, 266.

homens e mulheres que, em Antioquia ou noutros lugares se sentiam atraídos pela adoração monoteísta e pelo caminho de vida apresentado pelo Judaísmo, estavam apenas vinculados à sinagoga sem, contudo, se tornarem prosélitos¹⁴⁰. Podem-se identificar estes últimos nos textos canónicos, nomeadamente o Centurião que edificou a sinagoga de Cafarnaum (Lc. 7,1-10) e Cornélio (At. 10,1-2).

Partindo do pressuposto de que o anúncio kerigmático corresponderia ao primeiro estágio de evangelização para os ouvintes (At. 2,22-24), este anúncio levaria a suscitar outras interrogações. Por exemplo, quem era Jesus? Qual a sua doutrina? Por conseguinte, tais dúvidas levariam necessariamente, à recolha de memórias acerca do Messias, que resultariam nas primeiras produções literárias.

Tenha-se em conta que até às primeiras décadas do século II, este tipo de produção literária ainda não detinha o estatuto de «Sagrada Escritura», status que pertencia exclusivamente ao Antigo Testamento. Contudo, à medida que o tempo passava, e a produção de textos crescia, estes documentos cada vez mais adquiriram uma posição de autoridade no seio das comunidades crentes em Jesus. Tais produções literárias poderiam ser designadas de «ditos do Senhor», «pronunciamentos dos apóstolos», ou «tradições dos anciãos», ou ainda, como proclamações ou escritos de profetas cristãos¹⁴¹. Da recolha de toda esta produção literária se terá originado uma fonte textual que mais tarde se convencionou chamar «Quelle».

3.2.1 – *A Quelle em hebraico? Fundamentos para uma nova hipótese.*

Ao longo dos últimos séculos tem havido amplo debate sobre a língua original desta fonte. Alguns, como Bultmann¹⁴², com base no testemunho de Papias de Hierápolis, vão defender a origem aramaica do texto, enquanto que outros, como Siegfried Schulz¹⁴³ defendem que o grego seria a língua mais provável da «Q».

¹⁴⁰ Cf. Bruce, *New Testament History*, 266.

¹⁴¹ Cf. Helmut Koester, «From the Kerygma-Gospel to Written Gospels», *New Testament Studies*, 35, n.º 3 (1989): 373-374; 381, <https://doi.org/10.1017/S0028688500016830>.

¹⁴² Cf. Robinson, Hoffmann, Kloppenborg, *El documento Q en griego y en Español*, 58.

¹⁴³ Cf. Robinson, Hoffmann, Kloppenborg, *El documento Q en griego y en Español*, 72.

Tanto quanto se sabe do *estado da arte* acerca deste tema, nunca foi colocada como hipótese que a «Q» tenha sido redigida em hebraico. Para se ter em conta estas possibilidades, terão de existir testemunhos que, ao menos, possam sustentá-la.

Talvez se encontrem indícios disto quer em Epifânio de Salamina, quer em Jerónimo, uma vez que estes autores mencionam a existência uma versão do *Evangelho segundo Mateus* dotado de algumas peculiaridades.

Epifânio de Salamina refere:

Encontra-se em poder dos [Nazarenos] o *Evangelho segundo Mateus*, completíssimo e em hebraico. Pois entre eles se conserva, sem dúvida, ainda este, tal e como foi composto originalmente, em caracteres hebraicos. Aquilo que não sei, é se suprimiram as genealogias desde Abraão até Cristo¹⁴⁴.

Mais tarde, Jerónimo vai afirmar: «O evangelho usado pelos Nazarenos e Ebionitas -que recentemente traduzimos do hebraico ao grego e a que a maioria chama o “autêntico de Mateus” – [...]»¹⁴⁵.

É importante prestar especial atenção às informações contidas nestes dois testemunhos. Epifânio menciona uma versão de *Mateus* «completíssima» e redigida em hebraico. Qual será o termo de comparação utilizado por Epifânio para que empregue este adjetivo na forma superlativa? A primeira hipótese, é que Epifânio esteja a estabelecer um termo de comparação com a versão grega de *Mateus*. Se assim fosse, estaria a afirmar que a versão hebraica teria uma maior extensão do que a grega. A segunda hipótese, aponta para uma contraposição com uma outra versão de *Mateus*, à qual Epifânio caracteriza como «não de todo completo, mas mutilado e adulterado»¹⁴⁶, utilizado pelos Ebionitas. Por fim, a terceira hipótese, é que Epifânio esteja a afirmar que, essa versão hebraica de *Mateus* conteria em si vários episódios dos Evangelhos canónicos que não se encontram na versão grega de *Mateus*. Ora, a ser assim, poder-se-ia falar de uma harmonia Evangélica. Porém, desconhecem-se mais evidências que sustentem esta hipótese e, por conseguinte, afirmar tal possibilidade seria entrar no campo da especulação.

¹⁴⁴ Epifânio de Salamina, *Contra os Hereges*, 1, 406, PG 41, 124A.

¹⁴⁵ Jerónimo, *Comentário a Mateus*, 7, PL 26, 77A-B.

¹⁴⁶ Epifânio de Salamina, *Contra os hereges*, 1, 427, PG 41, 137C.

Também Jerónimo testemunha a existência de um *Evangelho segundo Mateus* em hebraico, designado como «autêntico Mateus».

Estes dois testemunhos podem indiciar a existência de uma versão hebraica de Mateus mais extensa do que o texto canónico existente nas Escrituras. Contudo, como é que a partir deste elemento se pode chegar a existência da «Quelle» em hebraico, e que argumentos sustentariam esta hipótese?

Como primeiro argumento, se encontra o facto de a Igreja ter nascido em Jerusalém e no contexto sinagoga. A boa-nova de Cristo foi pregada, em primeiro lugar, a Judeus e Prosélitos que frequentavam as sinagogas. Uma vez que a «língua sagrada» usada nas sinagogas era o hebraico, seria de estranhar que a primeira produção literária sobre o Messias do Judaísmo fosse feita no grego Koiné.

Este argumento ganha mais peso quando se tem conhecimento da situação sociopolítica da Palestina do século I. O povo estava sob o domínio do império romano, uma potência estrangeira que dominava todos os setores da vida em Israel, incluindo o religioso. Por conseguinte, considerar-se que o «Messias dos Judeus», o elemento-chave do nacionalismo judaico, ao menos numa primeira fase, teria sido anunciado numa língua que não o hebraico, seria contraditório. Paulo, por exemplo, vai dirigir-se aos Judeus, ainda que residentes numa região estrangeira, em hebraico (At. 22,1). De igual modo, escrevendo à comunidade de Roma, vai afirmar que o evangelho de Cristo é poder de Deus para salvação de todo aquele que acredita: «Primeiro do Judeu, e também do Grego» (Rm. 1,16).

Subsequentemente, se a raiz da boa-nova é o Judaísmo, o seu anúncio, ao menos num estágio inicial, não poderia ser feito senão na língua do Judaísmo, ou seja, o hebraico.

Nesta linha de pensamento se situa o segundo argumento, uma vez que é recorrente pensar-se que Jesus e os Apóstolos continham no seu grupo tão somente «gente iletrada», ou de baixo escalão social e, como tal, desconhecedoras da língua da *Torá*. Com base nos testemunhos dos Evangelhos canónicos, constata-se que tal premissa é temerária, uma vez que se contavam entre os membros do grupo de Jesus escribas e fariseus, isto é, gente bastante versada na língua hebraica. Aliás, em determinada altura, são os próprios fariseus que alertam Jesus das intenções homicidas que Herodes tinha para com Ele (Lc. 13,31). Se entre os discípulos de Jesus se encontravam homens bem conhecedores da «língua

sagrada», como poderia suceder que o texto primordial do anúncio da boa-nova do Messias dos Judeus fosse redigido em grego?

Um testemunho abonatório da «Quelle» em hebraico, talvez possa ser o trabalho desenvolvido por Jean Carmignac (1914-1986), que teve o mérito de apresentar uma teoria alternativa quanto à formação dos textos Sinópticos. Este investigador participou na tradução dos documentos de Qumran, e fundou a *Revue du Qumrân*, em 1958¹⁴⁷. Conhecedor exímio do hebraico qumrânico, elaborou uma retroversão de Marcos, e, posteriormente, dos outros Sinópticos¹⁴⁸, onde constatou que Marcos e Mateus seguiam uma fonte comum hebraica, e Lucas, embora tendo sido escrito em grego, serve-se de escritos semitas, traduzidos de forma muito literal¹⁴⁹. Segundo ele, a língua grega de Marcos¹⁵⁰ seguia docilmente as leis gramaticais hebraicas, e como constatou, «a prosa dos Evangelhos [...] é de uma beleza simples e espontânea, não de uma beleza grega, mas sim da beleza habitual da prosa semítica»¹⁵¹.

Quanto aos seus argumentos para sustentar a sua hipótese, Carmignac fundamenta-se nas diferentes ordens de «semitismos» presentes nos Evangelhos, inventariando-os em nove grupos distintos do seguinte modo:

1 – Semitismos «emprestados» – semitismos presentes no Novo Testamento através de vários vocábulos utilizados: p. ex: «aleluia», «ámen», etc. Refere ele que estes semitismos não comprovam nada em si mesmos, uma vez que qualquer pessoa pode tomá-los por empréstimo¹⁵².

2 – Semitismos «de imitação» – Segundo ele, a *Septuaginta* poderá ter tido a mesma influência sobre os judeus helenizados, que o texto hebraico sobre judeus não helénicos. Um autor acostumado a ler a Bíblia na versão da *Septuaginta* poderia reproduzir espontaneamente algumas formas decalcadas do hebraico. Esta influência poderá ter desempenhado certo papel à hora de escolher algumas palavras e expressões. Contudo, modificaria pouco a sintaxe porque, quando se fala uma língua, procura fazer-se entender.

¹⁴⁷ Cf. Craig A. Evans, *Guide to the Dead Sea scrolls*, (Tennessee: Holman Reference, 2010), 391.

¹⁴⁸ Cf. Jean Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas: hebreas, arameas o griegas?*, trad. Joanna Jakubowska Elías e Felipe Sem (Madrid: Editorial: Vision Libros, 2012), 18.

¹⁴⁹ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 18.

¹⁵⁰ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 14.

¹⁵¹ Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 16.

¹⁵² Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 36.

Quando algum dos autores do Novo Testamento emprega uma construção pouco grega, poderá ser por culpa da influência da sua língua materna¹⁵³.

3 – Semitismos de «pensamento» – Uma das características da língua do Novo Testamento consiste na impotência ou reticência de combinar, subordinar, e sintetizar os diversos elementos do pensamento e, subsequentemente, de construir períodos tais e como nos são apresentados pela literatura grega clássica. A esta reticência ou incapacidade corresponde uma notória tendência para dissociar os elementos do pensamento a fim de expressá-los de forma separada. Esta característica do grego neotestamentário, observa-se constantemente na estrutura geral da língua, e é designada de «dissociação» da língua grega. Para um Judeu, constituía a «ausência de associação e de subordinação» tal e como na sua língua. Para um helénico, era uma dissociação da sua língua tal e como ele a escrevia. Além do mais, onde se prefere concisão, os semitas preferem uma maior amplitude na descrição. Deste modo, eles expressam dois aspetos numa só ação, enquanto que nós somente apreciamos um. Enquanto escrevemos: «Ele veio», «Ele falou», «Viu», «Disse», eles escrevem: «Ele veio e falou» ou: «abriu a boca e falou», «Tomou a palavra e disse». Os semitismos desta ordem servem para determinar o ambiente em que o redator cresceu, mas não servem para determinar a língua de uma obra¹⁵⁴.

4 – Semitismos de «vocabulário» – Recorrentemente, as palavras de uma língua não correspondem exatamente às de uma outra. Por exemplo, em português, a expressão: «sentir saudade» é colocada em inglês como: «to miss», ou em castelhano: «echar de menos». Porém, elas não conseguem transmitir com exatidão o significado português de «saudade». De igual modo, pode-se constatar que uma palavra em hebraico ou aramaico poderá ter várias divergências relativamente ao grego.

O conhecimento dos «semitismos de vocabulário» é muito importante para compreender melhor o pensamento de um autor, por isso, os exegetas estudam-nos com muito cuidado, e os tradutores procuram os equivalentes mais próximos. Assim, podem evidenciar que um autor é, efetivamente, de origem semita. Contudo, estes semitismos não se devem ter em conta à hora de um estudo da língua original do Evangelhos, uma vez que podem ser simples vestígios de uma língua com a qual o autor esteja mais

¹⁵³ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 36

¹⁵⁴ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 37-38.

familiarizado, e não comprovam nada se o autor se serviu desta língua na redação do seu documento¹⁵⁵.

5 – Semitismos de «Sintaxe» – A «sintaxe» é a lei que organiza a relação que as palavras detêm entre elas e supõe um profundo conhecimento da língua. De forma a que não existam erros, exige-se um cuidado redobrado quando se faz uma análise sintática, sobretudo ao lidar-se com línguas tão diferentes como o grego ou como as línguas semitas. A título de exemplo, para se dizer «na casa do rei», o hebraico e, em certas circunstâncias, o aramaico, suprime o artigo antes do primeiro substantivo, e diz sempre «na casa do rei». Um semita que fale grego terá tendência a omitir o artigo neste caso, e a conservar a expressão familiar. Outro exemplo, também presente no francês: os verbos «dizer» e «falar» exigem o uso a preposição «a» que, no grego, corresponde ao dativo. O hebraico, mas não o aramaico, admite também a preposição «para». Por isso, recorrentemente se encontra, sobretudo em Lucas, «dizer para alguém» ou «falar para alguém».

Estas particularidades não se encontram nas traduções modernas porque, quando se realiza uma tradução, tenta-se fazê-lo na língua corrente. Teoricamente, não demonstram nada quanto ao concerne à língua original, uma vez que, sempre se pode supor que os redatores dos Evangelhos, estavam influenciados pela língua materna. Contudo, quando os erros sintáticos ultrapassam o limite do provável, até mesmo no caso de alguém que não conheça bem a língua, chega-se à conclusão que os erros são cometidos por um tradutor demasiado servil, porque deseja conservar até ao último pormenor do texto considerado sagrado¹⁵⁶.

6 – Semitismos de «estilo» – A prosa semita é muito mais próxima ao estilo oral do que a prosa grega, que é formalmente mais complexa. A prosa semita não pretende construir frases, mas costuma frequentemente alinhar várias locuções unidas por uma simples copulativa, isto é, a partícula «e». Ela não teme a monotonia, enquanto que o grego tende à diversidade. Igualmente, não teme a repetição de palavras que partilham a mesma raiz, porque, aos narradores, estas redundâncias lhes facilita a memorização e dão mais ênfase à história. Por exemplo: «Saiu um semeador a semear a sua semente [...] e

¹⁵⁵ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 38-39.

¹⁵⁶ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 39-40.

ao semear [...] (Lc. 8,5) ou então: «Desejei com grande desejo» (Lc. 22,5), ou ainda: «Temeram com grande temor» (Mc. 4,1; Lc. 2,9).

Mas, novamente, não se pode tirar nenhum argumento válido, porque um semita poderia muito bem conservá-los, ao expressar-se em grego. Por sua vez, a poesia grega obedece a umas regras muito estritas, nas quais as sílabas longas ou breves devem seguir uma ordem específica para formar um verso. Por sua vez, no hebraico isto não sucede, uma vez que a natureza e número de sílabas não é determinado, e o verso não constitui a unidade poética, mas sim a estofe que tem uma série regular de dísticos, agrupadas num paralelismo harmónico. Se os poemas presentes nos Evangelhos fossem escritos em grego, teriam de submeter-se às normas da poesia grega, mas, notoriamente, isto não sucede. O *Benedictus*, *Magnificat*, *Pai nosso*, «Prólogo» de João, e a «Oração Sacerdotal» estão redigidos segundo as normas da poesia hebraica. Tendo em conta isto, será que, ao invés de escrevê-los em grego, não os terão redigido originalmente em hebraico? Este argumento, segundo o autor, merece especial atenção.

Outra nota apresentada por Carmignac, corresponde ao fenómeno linguístico tipicamente hebraico que proporciona um argumento muito sério para a primazia do hebraico nos Sinópticos. Em hebraico, costuma-se iniciar uma obra ou um desenvolvimento de uma história por «vayyehî» (e fez-se), de seguida, coloca-se um complemento de tempo que, regulamente, é um infinitivo introduzido pela proposição «em», «em fazê-lo de ele» ou, para uma tradução no vernáculo, «enquanto ele fazia», depois, a frase é continuada mediante outro verbo normalmente precedido de «e». Isto encontra-se cerca de 300 vezes no Antigo Testamento.

A *Septuaginta* traduz literalmente «kai egeneto en tô (E se fez em [fazê-]lo)», de seguida expressa o complemento de tempo por um infinitivo, seguido do sujeito e dos dois complementos, depois continua a frase com «kai» seguido doutro verbo no indicativo. O resultado em grego é tão estranho como numa língua moderna comum: *E se fez em fazê-lo* (tal coisa) e (tal pessoa) *disse*... Este tipo de linguagem não se encontra presente nas obras do Novo Testamento certamente compostas em grego, como por exemplo, a segunda parte dos *Atos*, as *Epistolas* e, inclusive, o *Apocalipse*. Contudo, encontra-se duas vezes em Marcos, seis em Mateus e trinta e duas em Lucas. Se correspondia à influência da *Septuaginta*, porque razão é que somente aparece nos Evangelhos Sinópticos? E, se os autores que desejavam ser compreendidos pelos leitores, então, para quê escolher uma linguagem tão rebuscada? Nesse sentido, têm mérito os

tradutores que «pecam» por excesso de literalismo, pois como esta forma tão rebuscada não existe no aramaico, a sua presença denota a existência de um original hebraico, não de um aramaico. Talvez por isso se justifique a sua ausência em João. Dado que esta forma rebuscada existe na *Septuaginta*, aceite-se, e não se insista em se querer forçar a pensar que tenha sido inspirado por um desejo de querer imitar a *Septuaginta*¹⁵⁷.

7 – Semitismos de «composição» – São os casos nos quais os semitismos provocam a composição do texto, ou seja, quando os textos não existiriam na sua forma atual se, efetivamente, não tivesse sido composto em língua semita. Cada um acabará por ser uma evidência de que o original foi composto em língua semita e depois traduzido ao grego, sempre e quando não se queira considerar mera casualidade os fenómenos decorrentes da composição. Desta forma de semitismo, apenas se destacam dois exemplos, embora o autor apresente vários. O primeiro se encontra no Evangelho de Marcos 1,1-4. Este inicia: «Vê, envio o meu mensageiro ante ti, aquele que há-de preparar o teu caminho. Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas, apareceu João a batizar no deserto (e) proclamando...». Porquê esta citação de Isaías que, por outro lado, combina Êxodo 23,20, Malaquias 3,1 de um modo distinto da *Septuaginta* e, Isaías 40,3?

O texto hebraico conhecido de Isaías diz: «qôl qôré Bemidbâr» (voz que clama no deserto). E, segundo o investigador, ao se fazer uma retroversão para o hebraico de Marcos 1,4, se obtém, com toda a segurança «vayyehî Yohânân matbîl bemidbâr (ve)qôré...» (E apareceu João a batizar no deserto, a pregar...). As palavras «bemidbâr» (no deserto) e «qôré» (clamando/pregando) são retiradas de Isaías, e aplicam-se a João Batista, seguindo o procedimento «Peshet», tal e como se fazia recorrentemente em Qumrân, e noutras localidades.

Contudo, este «empréstimo» que justifica a citação de Isaías, existe somente em hebraico e não em grego, onde o tradutor cometeu o erro de empregar na primeira vez, como se encontra na *Septuaginta* «bôontos», e, na segunda vez, «kêrusson». Para que fosse visível em vernáculo, ter-se-ia de empregar em cada uma das vezes o verbo «proclamar». Uma em Isaías: «Voz proclamando no deserto», outra em Marcos: «no deserto proclamando um batismo de conversão». Deste modo, a citação de Isaías

¹⁵⁷ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 40-43.

relaciona-se somente na versão hebraica, uma vez que o seu significado se dilui na versão grega.

O segundo exemplo, dos vários propostos por Carmignac, é retirado do *Benedictus*, sobretudo de Lucas 1, 68-79. Este é composto de três estrofes como sete dísticos cada um. A primeira começa com a fórmula bíblica e Qumrânica: «Bendito (seja) o Senhor Deus de Israel». A terceira começa por um pronome pessoal, como é muito comum também em Qumrân: «E tu, menino». A segunda, tem como primeiro dístico: «fazendo misericórdia aos nossos pais», onde a expressão «fazendo misericórdia» traduz o verbo «hânan», o que constitui a raiz de «Yôhânân» (João); depois, vem o segundo dístico: «recordando a sua sagrada Aliança», onde «recordando» traduz o verbo «zâkar», o qual é a raiz de «Zâkâryah» (Zacarias), por fim, o terceiro dístico: «o juramento que jurou a Abraão, nosso pai», utiliza, sob duas formas diferentes, a raiz «Shâbâ» (jurar, prestar juramento), que é a raiz de «Elishâba'at» (Isabel). Será, eventualmente, coincidência que a segunda estrofe deste poema, comece pela tripla alusão aos nomes dos três protagonistas: João, Zacarias e Isabel? Contudo, isto só poderia ser constatado através de uma versão em hebraico, uma vez que no grego ou no vernáculo estes elementos se perdem¹⁵⁸. Como se viu nestes exemplos, os semitas gostam de jogos de palavras e comprazem-se em sons parecidos, que facilitam a memorização¹⁵⁹.

8 – Semitismos de «transmissão» – Nesta forma de semitismos, o autor evoca o facto de que os copistas podem cometer erros. A ausência de vogais no hebraico, as quais não eram transmitidas e tinham de ser adivinhadas, favorecia a existência desses erros. Além disso, o facto de algumas das consoantes serem muito parecidas, culminavam em confusões. Se defendermos a origem dos Evangelhos a partir do hebraico, é provável que constatem alguns desses erros.

Destes, destacar-se-ão apenas três erros que Carmignac apresenta na sua obra. O primeiro consta do seguinte: em Marcos 1,7 e Lucas 3,16 João Batista diz: «Não sou digno de (desatar-lhe) “lâshèlèt” as sandálias», mas em Mateus 3,11 diz: «Não sou digno de (levar-lhe) “lâs'èt” as sandálias.» A leitura de Mateus resulta menos natural. No segundo exemplo, o investigador apresenta a seguinte evidência: em Marcos 8,31, Jesus «começa a (ensinar) “lehôrôt”» e, em Mateus 16,21, «começa a (demonstrar) “lehar'ôt”».

¹⁵⁸ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 43-45.

¹⁵⁹ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 45.

Por fim, como terceiro exemplo, dentre os tantos que Carmignac apresenta, destacamos o seguinte: em Lucas 9,40, o pai do possesso diz a Jesus: «Pedi aos teus discípulos» e, em Mateus 17,16: «Apresentei-o aos teus discípulos», o que supõe em Lucas «W'QR'» (pedir) e em Mateus «W'QRH» (apresentar), mas poderia também ser escrito «WQR'» sendo notória a semelhança¹⁶⁰.

Depois, o autor culmina a menção a esta forma de semitismos afirmando:

Nos exemplos expostos, trata-se sempre de diferenças realmente demonstradas por dois (ou três) textos sinópticos, e poder-se-á constatar que estas variantes não são justificáveis por motivos literários (para obter melhor expressão de pensamento), nem por motivos teológicos (para expressar um pensamento mais ou menos diferente com exceção, talvez, de Mateus 28,8). Em todos os casos citados, a diferença centra-se em detalhes irrelevantes, sem existir nenhum motivo para a sua modificação, precisamente onde a pena do copista não se regia pela lógica intrínseca do conteúdo.¹⁶¹

9 – Semitismos de «tradução» – Em todas as línguas sucede que a mesma palavra possa ter vários significados. Nesse sentido, os Evangelhos Sinópticos podem apresentar diferentes traduções que se explicam pelo mesmo documento original. Também sobre este tipo de semitismos Carmignac apresenta múltiplos exemplos. De forma a não tornar ainda mais maçuda a leitura desta investigação, apenas serão apresentados mais dois exemplos que se consideram ser de relevo. O primeiro encontra-se em Marcos 5,29: «A (fonte) “pêgê” de sangue», e Lucas 8,44: «O (fluxo) “rusis” de sangue». Mas de facto, a mesma palavra «mâqôr», que significa (fonte) e (fluxo), traduz-se na *Septuaginta*, em Levítico 20,18 sucessivamente como «pêgê» e «rusis». Como segundo exemplo, encontra-se o seguinte: em hebraico, a palavra «îsh» (homem), frequentemente possui o significado indeterminado de «alguém». Portanto, no mesmo contexto, Marcos 9,17 traduz: «alguém», enquanto que Lucas 9,38 e Mateus 17,14 empregaram «homem», mas com duas palavras diferentes no grego, «anêr» e «anthrôpos»¹⁶².

10 – Semitismos «múltiplos» – Segundo o autor, tratam-se de perícopes onde se constata a presença de mais do que um semitismo¹⁶³.

¹⁶⁰ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 49-51.

¹⁶¹ Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 52.

¹⁶² Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 52-53.

¹⁶³ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 58.

Depois da longa, mas necessária exposição da investigação realizada por Carmignac, é importante evidenciar algumas conclusões lógicas a que ele chegou: «1 – É certo que Marcos, Mateus e os documentos utilizados por Lucas foram redigidos numa língua semita; 2 – É provável que esta língua semita, mais do que o aramaico, seja o hebraico».¹⁶⁴

Além da tese defendida por Carmignac, a qual, infelizmente, não chegou a concretizar pela morte precoce do seu autor, outros autores defendem a primazia de uma «Q» não grega, mas semita.

De igual modo, Klijn, ao falar de S. Jerónimo, defende: «Parece que Jerónimo e os autores após ele, supuseram que existiu apenas um Evangelho Judeocristão, que foi originalmente escrito em aramaico, e que deve ter recuado ao texto original do Evangelho de Mateus»¹⁶⁵.

Enquanto Klijn teoriza sobre o «original aramaico», Carmignac¹⁶⁶ faz cair esta hipótese por terra de forma clara e direta, afirmando que essa moda vingara desde o século XVI, uma vez que Johann-Albrecht von Widmanstadt imaginou que nos tempos de Jesus a língua hebraica já não era conhecida e, por conseguinte, o Novo Testamento teria de ser redigido numa língua diferente do Antigo Testamento. Deste modo, inventou a teoria do «Mateus aramaico», a qual vingou até 1950, altura em que os Manuscritos do Mar Morto provaram que o hebraico continuava «vivo e bem de saúde» ainda nos tempos de Jesus.

Por fim, evidencia-se também o testemunho de Hugh J. Schonfield que defende:

A minha própria opinião é que o Evangelho canónico (de Mateus) é uma edição abreviada de um trabalho mais extenso, do qual fragmentos sobrevivem, e que continha mais atos e ditos de Cristo do que aqueles que agora encontramos nos quatro juntos existentes. Eu acredito que este Protoevangelho estava redigido em hebraico, não em aramaico...¹⁶⁷.

Com base nas evidências apresentadas, fundadas, sobretudo, na investigação desenvolvida por Carmignac, considera-se como plausível a hipótese de uma «Q» redigida originalmente em hebraico. Se a isto se aliar outros indícios já mencionados,

¹⁶⁴ Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 111.

¹⁶⁵ Klijn, *Jewish Christian*, 27.

¹⁶⁶ Cf. Carmignac, *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas*, 87.

¹⁶⁷ Hugh J. Schonfield, *An old Hebrew text of St. Matthew's Gospel*, (Edinburg: T.&T. Clark, 1927), viii.

como, por exemplo, a primazia da língua hebraica, no primeiro estágio do anúncio da boa-nova, os testemunhos de Epifânio e de Jerónimo quando referenciam a existência de um *Evangelho segundo Mateus* «completíssimo e em hebraico», então, esta hipótese, ainda ganha mais consistência.

Tendo em conta todos estes indícios, onde se inserirá o Ms.2498? Uma vez que, como já se constatou, o Ms.2498 partilha de todas as características de um «Targum» e uma vez que um «Targum» é um texto redigido em aramaico a partir de uma fonte literária sagrada escrita em hebraico, por conseguinte, a fonte original do Ms.2498, seria um «Targum» Judeocristão de um original redigido em hebraico. Este texto primitivo, com a característica de harmonia Evangélica, corresponderia, provavelmente, à hipotética «Q».

3.3 – Pedro e Tiago, Paulo e Barnabé: os dois caminhos da *Quelle*

Anteriormente constatou-se, através do testemunho de Paulo (Gl. 2,7-9), como o anúncio da Boa-Nova fora dividido em dois grandes blocos: enquanto que Pedro e Tiago pregariam aos circuncisos, Paulo e Barnabé pregariam aos gentios.

Analogamente, num determinado momento, a «Q» teria sido utilizada quer para a pregação aos crentes oriundos da circuncisão, quer para os crentes provenientes da gentilidade.

Para a pregação dos crentes gentios surgiriam os Evangelhos Sinópticos, os quais, como já se constatou, indiciam ter como matriz um texto semita, muito provavelmente, redigido em hebraico. Os Evangelhos canónicos surgiriam como resposta à necessidade de alimentar espiritualmente as comunidades Cristãs nascentes, segundo as suas especificidades e contextos.

Por outro lado, os crentes oriundos da circuncisão conservariam a «Q» no modo como a tinham recebido e, segundo a práxis própria da mentalidade semita, enriqueceram-na com tradições orais acerca de Jesus, dos apóstolos, ou de outras figuras neotestamentárias.

Uma vez que a «Q» estava redigida na «língua sagrada», ainda que não fosse liturgicamente lida num contexto sinagagal, era, certamente, sobejamente conhecida nos meios sinagais. Com a introdução da «Birkhat HaMinim» por volta do ano 90 e a subsequente expulsão de judeus e gentios crentes em Jesus das sinagogas, o ramo oriundo da circuncisão adquirira certa liberdade para ter os seus próprios locais de culto onde a sua fé pudesse ser alimentada.

É, provavelmente, neste contexto que nasce o «Targum» Judeocristão que viria a dar origem ao Ms.2498. Uma vez que a «Q», após a separação entre Judeus crentes em Jesus e aqueles que não o aceitaram como Messias, adquirira o estatuto de «Sagrada Escritura», seria perfeitamente plausível que se recorresse a um método de produção literária sobejamente conhecido na época. Tenha-se em conta que, cronologicamente, os «Targumim» que chegaram até ao presente, estão datados entre o século I a.C. e finais do século I ou inícios do II. Por conseguinte, não seria de estranhar que, neste contexto, fosse redigido um «Targum» Judeocristão.

É neste contexto, que vai nascer uma versão «brevior» do *Evangelho dos Nazarenos* «usada pelos Nazarenos e pelos Ebionitas», como afirma S. Jerónimo. Com base nos testemunhos apresentados pela VB e pelo EvB, e graças ao esforço de Klijn¹⁶⁸, que compilou todas as evidências conhecidas acerca dos Evangelhos Judeocristãos, tornou-se possível situar e distinguir, na VB, partes da versão «brevior» do *Evangelho dos Nazarenos* e do *Evangelho dos Hebreus*, e, na EvB, partes dessa mesma versão mais breve do já mencionado *Evangelho dos Nazarenos*.

Com base nos indícios encontrados na VB e EvB, e sustentados pelas evidências expostas por Klijn, pode-se afirmar que as principais características desta versão mais breve do *Evangelho dos Nazarenos* são as seguintes:

Primeiro, um carácter doutrinal profundamente judaizante. Esta obra, como se testemunhará no próximo capítulo, tinha uma profunda preocupação em se distanciar do «Judaísmo Rabínico», mas, ao mesmo tempo, de demonstrar que o Cristianismo Paulino havia apostatado da verdadeira fé, vincando a sua própria visão do Judaísmo.

Segundo, aponta para um carácter marcadamente «polemizante», uma vez que, ao longo deste documento, os principais motivos apontados para a sua produção literária

¹⁶⁸ Cf. Klijn, *Jewish Christian*, 47-146.

serão: o Templo e a destruição do mesmo, porque a Deus já não lhe agrada os sacrifícios cruentos que nele são realizados, uma vez que, o Messias, pelo seu próprio sacrifício, poria termo aos sacrifícios; a condenação da canonização da *Torá* Oral, equiparando-a a idolatria, porque a palavra dos homens adquire o estatuto que é devido à única Palavra de Deus, isto é, a *Torá* Escrita.

Terceiro, a dimensão vegetariana dos Ebionitas, cujo motivo não se conseguiu clarificar, contudo, estaria provavelmente, associada à não consumpção de carnes provenientes dos sacrifícios no Templo.

Ainda a partir da VB, foi possível constatar que, para a sua redação, foi usado também o *Evangelho dos Hebreus*. Esta obra, corresponderia, provavelmente, à que Jerónimo testemunha ter vertido para grego quando afirma:

No *Evangelho segundo os Hebreus*, que foi escrito em língua caldaica e siríaca (aramaico), mas com caracteres hebraicos, do que se servem até hoje os Nazarenos, *segundo os Apóstolos* ou, como prefere a maioria, *segundo Mateus*, conservado na Biblioteca de Cesareia [...] ¹⁶⁹.

A partir da leitura dos testemunhos disponíveis do *Evangelho dos Hebreus* apresentados na VB, e com base nos conhecimentos adquiridos sobre as características do conceito de «Midrash», pode-se afirmar que esta produção literária corresponderia, provavelmente, a um «Midrash» Judeocristão dependente da versão *brevior* da «Q». Indicadores disso, serão, por exemplo, o desenvolvimento de diversos relatos teológicos associados aos fenómenos ocorridos na Encarnação e na Paixão de Jesus, estranhos aos textos canónicos, e que se encontram presentes na VB.

Com a introdução do gnosticismo nos círculos Judeocristãos, alguns membros se dissociarão das suas raízes, para originar uma corrente Judeocristã com matizes gnósticas. Encontra-se testemunho disto nas palavras citadas por Eusébio de Cesareia e extraídas da obra de Hegesipo:

¹⁶⁹ Jerónimo, *Diálogo contra os Pelagianos*, 2-3, 570, PL 23, 782B.

Mas, quando o coro sagrado dos Apóstolos alcançou o fim da vida de vários modos, e tinha desaparecido a geração dos que tinham sido julgados dignos de escutar com os próprios ouvidos a sabedoria divina, então começou a se estabelecer o erro ateu por sedução dos mestres da mentira. Estes, uma vez que não restava apóstolo algum, esforçaram-se por contrapor de frente descoberta a pseudo-gnose à pregação da verdade¹⁷⁰.

Hegesipo afirmara anteriormente que os apóstolos tinham vivido até ao reinado de Trajano¹⁷¹, ou seja, entre 98 e 117 d.C. Portanto, este sucesso poderá situar-se ainda durante a segunda metade do século II.

Dependendo, provavelmente, da versão mais breve do *Evangelho dos Nazarenos*, surgirá uma outra marcadamente heterodoxa, designada por vários nomes: *Evangelho de Pedro*, *Evangelho de Mateus*, ou *Evangelho dos Doze*. Deste documento, redigido em grego, isto é, a língua na qual a gnose era proclamada, chegaram até aos nossos dias algumas perícopes, graças aos testemunhos de Epifânio de Salamina.

Neste contexto, vai surgir o *Evangelho de Tomé*, ainda com marcas Judeocristãs, mas claramente gnóstico. Na verdade, este texto, não se insere na categoria de produção literária conhecida como «Evangelho», mas antes, corresponde a uma «coleção de ditos» pronunciados por Jesus.

Por fim, já tardiamente, num diálogo atribuído a Cirilo de Alexandria sobre a Virgem Maria, vai ser mencionada uma outra versão do *Evangelho dos Hebreus*, que nada tem comum com o anteriormente mencionado, a não ser o nome. Este documento, marcadamente gnóstico, provavelmente, estará inspirado na produção literária Judeocristã anteriormente mencionada, que ficou conhecida como *Evangelho dos Hebreus*.

Uma vez exibida a proposta de formação de alguns textos a partir da «Q» em hebraico, em epígrafe, apresentar-se-á um quadro esquemático daquilo que acima foi exposto.

¹⁷⁰ Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica*, I, 3, 8. *SCh.* 31, 144-145.

¹⁷¹ Cf. Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica*, I, 3, 6. *SCh.* 31, 144.

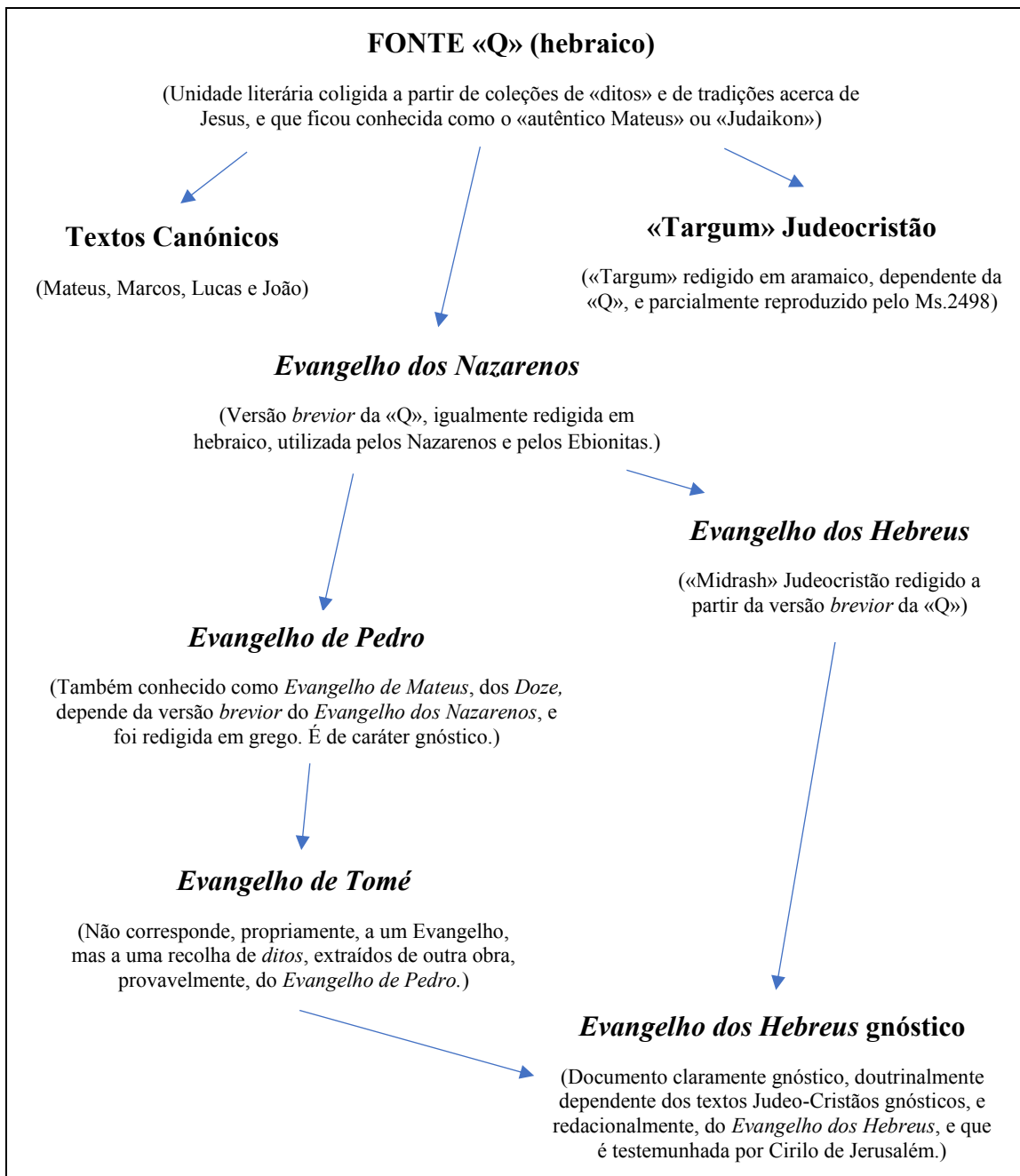


Tabela 2 – Quadro esquemático da provável formação de alguns textos a partir da «Q».

Concluído este capítulo, é momento de se rememorar alguns elementos mais dignos de nota.

Em primeiro lugar, deve ser tido em conta que, provavelmente, a formação da «Q» se dá no contexto judaico e não no helenista e, como tal, a partir de evidências históricas, teológicas e linguísticas, se constatou que é muito mais provável que a «Q» tenha sido redigida em hebraico do que em grego.

A considerar-se como válida a possibilidade do Ms.2498 ser uma tradução de um «Targum» aramaico Judeocristão, tal constatação ganharia ainda mais força, pois uma vez que os «Targumim», segundo a praxis judaica, eram, quase por norma, redigidos em aramaico, a presença de um «Targum» Judeocristão sugeriria a existência de um texto considerado sagrado em hebraico, isto é, a «Q».

Em segundo lugar, é relevante mencionar que a hipótese da existência de um «Targum» Judeocristão se enquadraria perfeitamente no tipo de produção literária judaica efetuada na época, uma vez que aqueles «Targumim» cujo testemunho chegou até ao presente podem ser situados cronologicamente entre o século I a.C. e o final do século I ou inícios do II d.C..

Como terceiro ponto digno de menção, encontra-se a possibilidade dos apócrifos Judeocristãos, até ao período da introdução da gnose, dependerem exclusivamente da «Q» em hebraico. Isso justificaria o motivo pelo qual os testemunhos da Patrística outorgam certa precedência à «Q», conhecida como «autêntico Mateus», ou à versão *brevior*, utilizada pelos Nazarenos e Ebionitas.

Após a entrada da gnose de matiz Cristã nos círculos Judeocristãos, ocorre uma mudança na língua usada para a produção literária. É destronada a primazia do hebraico, para ser introduzida a língua da gnose, isto é, o grego. Isto justificaria o motivo pelo qual uma boa parte dos textos posteriores foram produzidos em grego. Dentre eles, destacam-se os testemunhos de uma versão «mutilada» de Mateus apresentados por Epifânio, bem como o apócrifo conhecido como o *Evangelho de Pedro*.

Do lado Judeocristão ortodoxo, deve-se ainda destacar a produção do *Evangelho dos Hebreus*. Este texto que, segundo o testemunho de Jerónimo, foi redigido em hebraico, corresponderia a um «Midrash» Judeocristão à versão *brevior* da «Q», conhecida como *Evangelho dos Nazarenos*. Esta afirmação baseia-se, sobretudo, nos testemunhos desta obra presentes na VB, cuja forma literária se enquadra perfeitamente no género midráshico. Tal asseveração poderá conduzir à seguinte pergunta: «A ser assim, por que é que Jerónimo e Orígenes designam esta obra de *Evangelho*?» A resposta poderá ser, provavelmente, a seguinte: é indiscutível o conhecimento monumental que Jerónimo e Orígenes detinham sobre as Escrituras, e a importância dos trabalhos desenvolvidos acerca delas por estes autores. Graças a eles, o tesouro da Palavra de Deus, foi aberto para quem o estuda, lançando as bases para a sua compreensão. Contudo, Jerónimo e Orígenes

eram Cristãos, e a sua apreciação de um documento que falasse sobre Jesus, seria sempre e tão somente, a partir de uma ótica Cristã. Por isso, qualquer texto não-Cristão que falasse sobre Jesus, sobre a Sua vida ou sobre a sua doutrina, seria sempre catalogado de *Evangelho*, não distinguindo os diversos géneros literários que compunham a paleta de cores literária do Judaísmo.

Em contrapartida, os Judeus, a partir de um texto considerado sagrado, poderiam escrever outros documentos com base nesse mesmo documento. Prova disso, é a produção literária que começou com a canonização da *Mishná* e culminou com o *Talmude*. Ora, os Judeocristãos, apesar de tudo, eram Judeus em todo o sentido da palavra. Por isso, faria todo o sentido que, em torno da «Q», documento reputado por eles como sagrado, surgisse toda a produção literária característica do Judaísmo. Porém, esta produção literária vista a partir da perspectiva Cristã corresponderia tão somente a mais *Evangelhos*.

No próximo capítulo, abordar-se-á o olhar Judeocristão sobre Jesus, procurando, deste modo, com base nos três documentos sob análise, delinear alguns dos principais traços teológicos característicos deste grupo religioso.

Capítulo IV

Jesus visto pelos Judeocristãos: uma abordagem teológica

Neste último capítulo abordar-se-ão alguns aspetos atinentes à conceção teológica que os Judeocristãos tinham acerca de Jesus. Sustentados por algumas das evidências extraídas dos textos sob investigação, indagar-se-á sobre as principais verdades professadas pelo Judeocristianismo.

4.1. – O *Shemá* e Jesus, ou, o *Shemá versus Jesus*?

Diariamente, o Judaísmo professa a sua fé a partir das palavras do Deuterónimo: «Escuta Israel, o Senhor é o nosso Deus, o Senhor é Um.» (Dt. 6,4). A unidade de Deus, é, pois, a *pedra de toque* desta religião, fundada sob o conceito do monoteísmo.

Ao falar sobre Jesus, o «Judaísmo Rabínico» não nega a sua existência histórica, contudo, olha para Ele como um rabi heterodoxo, crucificado sob o domínio romano, a quem os seus seguidores deificaram.

Maimónides, um dos grandes nomes do rabinismo do Medievo, deixou claramente codificado nos seus *Treze Princípios do Judaísmo*, o seu total repúdio a alguns princípios basilares do Cristianismo: o princípio básico de Deus como sendo Uno e Trino; a Encarnação; a existência de um mediador entre Deus e a humanidade; uma *Nova Aliança* selada entre Deus e todos os seres humanos, são alguns dos fundamentos que tornam a Fé Judaica inconciliável com a Fé Cristã. Todavia, nem o Judaísmo de Maimónides é o Judaísmo do século I, nem o Cristianismo, cujos fundamentos são cristalizados em Niceia, é aquele que coabitava com o Judaísmo em ambiente sinagoga, durante a época do segundo Templo.

Como já se mencionou, a Palestina do primeiro século I era fecunda em produção teológica. Por isso, ao invés de se falar em «Judaísmo» durante o século I, talvez fosse mais correto falar em «Judaísmos». As duas escolas farisaicas, os Saduceus, os Essénios, os Samaritanos e os Batistas são apenas alguns dos grupos que constituíam a amálgama

religiosa que coexistia nesse tempo. Apesar disso, todos eles, a uma só voz, recitavam o *Shemá* diariamente. Jesus, como Judeu piedoso, também o fez, e ensinou os seus discípulos a fazê-lo (Mc. 12,28-29).

Após a morte e a ressurreição de Jesus, começaram a surgir as dúvidas sobre quem, ou o que é que Ele seria. Enquanto que o Cristianismo, seguindo o seu próprio caminho, encontraria, mais tarde, a resposta à sua inquietação mediante o apoio da filosofia grega, para os crentes em Jesus oriundos da Circuncisão, para quem era impensável a ideia de um Deus feito carne, a resposta adviria das próprias Escrituras, pois ao longo da História de Salvação, «muitas vezes e de modos diversos, Deus falou, outrora» (Hb. 1,1). *Deus falou...* subseqüentemente, a Palavra era a fonte da revelação.

No princípio, Deus criara todas as coisas através da Palavra (Gn. 1). A Palavra, através de Moisés, libertara o Povo de Israel, cativo no Egito, e o fizera atravessar a pé enxuto o Mar Vermelho. No Sinai, Deus Se manifestara, sensivelmente, através de Teofanias e, por fim, Ele faz ouvir a Sua Palavra para pronunciar a Sua Torá.

O Evangelho de João, logo no seu *Prólogo*, faz eco destas palavras, ao dizer: «No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. No princípio, ela estava com Deus. Tudo foi feito por meio dela e sem ela nada foi feito» (Jo. 1,1-4). Por conseguinte, segundo o redator do texto canônico de João, a Palavra de Deus criara todas as coisas. Todavia, onde é que João se inspirara para afirmar: «E a Palavra Se fez carne, e habitou entre nós» (Jo. 1,14)? A Palavra de Deus, é Deus que Se faz carne?

Para se compreender melhor esta expressão, talvez se tenha de recorrer novamente aos «Targumim», uma vez que o conceito de מֵמְרָא (Memra) possui neles um grande destaque. A «Memra» em aramaico é equivalente, em grego, a λόγος (Palavra).

Segundo a ótica judaica, a «Memra» surge «no sentido da palavra ou discurso diretivo ou criativo de Deus, ao manifestar o Seu poder no mundo da matéria ou da mente. É um termo usado especialmente no “Targum” como um substituto de “o Senhor” ao se evitar usar uma expressão antropomórfica»¹⁷². Mais adiante, ao falar da «Memra» nos «Targumim», o autor acrescenta: «No “Targum”, a «Memra» aparece constantemente como uma manifestação do poder divino, ou como mensageiro de Deus em lugar do

¹⁷² Kaufmann Kohler, «Memra», em *Jewish Encyclopedia*, ed. Isidore Singer, 1ª ed., vol.8 (New York and London: Funk and Wagnalls Company, 1904), 464.

próprio Deus, onde quer que o predicado não esteja em conformidade com a dignidade ou a espiritualidade da Divindade»¹⁷³.

Por conseguinte, pode-se depreender que a «Memra» é uma manifestação visível do poder divino no mundo.

Quando os «Targumim» eram lidos ao Sábado e nas Festas litúrgicas judaicas, com a finalidade de melhor compreender a Palavra de Deus pelos seus participantes¹⁷⁴, este conceito teológico era ouvido muitas vezes, e, por conseguinte, bem conhecido pelos seus ouvintes.

De todas as versões dos «Targumim» que chegaram até ao presente, a saber, *Onqelos*, *Pseudo-Jonatan*, *Neofiti 1* e alguns textos fragmentários desconhecidos, é, sobretudo, relevante destacar a descoberta do «Targum» que ficou conhecido como *Neofiti 1* por Alejandro Díez Macho¹⁷⁵. Este documento, redigido em aramaico Galileu, possui singular importância pelo facto de ajudar a conhecer o aramaico falado na Galileia durante os primeiros anos da Era Cristã¹⁷⁶.

Por sua vez, dos «Targumim» supracitados, o *Neofiti 1* é aquele que atribui maior importância à «Memra», uma vez que a expressão «Memra do Senhor», ocorre ao longo de todo o texto 314 vezes¹⁷⁷.

A especificidade teológica deste documento, consiste em demonstrar que, através da «Memra», Deus cria¹⁷⁸, e a obra manifesta-se na nossa realidade. Concretamente, só no *Targum Neofiti 1* se cita a «Memra» como meio de criação¹⁷⁹, ou seja, a criação surge *ex nihilo* através da Palavra de Deus.

¹⁷³ Kaufmann Kohler, «Memra», 464-465.

¹⁷⁴ Cf. Mirosław S. Wróbel, «The Gospel According to St. John in the Light of Targum Neofiti 1 to the Book of Genesis», *Biblica et Patristica Thoruniensia* 9 (2016):116-117.

¹⁷⁵ Cf. Alejandro Díez Macho, *Neophyti 1 – Targum Palestiniense Ms de la Biblioteca Vaticana*, 1, “Genesis” – (Madrid/Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1968), 8*-9*.

¹⁷⁶ Cf. Macho, *Neofyti 1*, 9*-10*.

¹⁷⁷ Cf. Martin McNamara (Dir.), *The Aramaic Bible – The Targums* –1, (Minnesota: The Liturgical Press, 1992), 37.

¹⁷⁸ Cf. Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 25.

¹⁷⁹ Cf. Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 25, nota 99.

E uma vez que Deus cria por meio da Sua Palavra, ela se torna uma realidade activa¹⁸⁰ e, subseqüentemente, a agente do cumprimento da vontade de Deus entre o próprio Deus, e o mundo visível.

Mas será que os crentes em Jesus oriundos da circuncisão viam o seu Mestre como uma espécie de «hipóstase» da *Memra do Senhor*? Nesse sentido, as opiniões dos investigadores dividem-se.

McNamara¹⁸¹ considera que, «mesmo se nos Targums “ a Palavra do Senhor” não é mais do que uma metonímia para “o Senhor”, de modo nenhum isto exclui uma provável influência da expressão no autor do Quarto Evangelho»¹⁸². Antes, baseando-se no «Prólogo» de João, considera que a «Palavra do Senhor» era «Luz» que brilhava nas trevas¹⁸³, porém, para ele, Jesus, não é uma hipóstase da «Memra do Senhor».

Porém, para Hayward, a «Memra não é nem uma hipóstase nem uma perífrase piedosa para o Nome de YHWH, mas sim um termo exegético que permanece para o Nome revelado por Deus a Moisés no arbusto ardente, o Nome “HYH” (EU SOU/EU ESTAREI AÍ)»¹⁸⁴.

Finalmente, vale a pena dar especial ênfase à tese de Doutoramento de Howell, na qual ele, assumindo de modo fundamentado uma posição próxima à tradicional, afirma que

parte da dificuldade de definir «Memra», consiste no debate sobre se o termo implica, personalidade, pessoa, ou hipóstase. Este debate, dominou a discussão sobre «Memra», porque a «Memra» permanece gramaticalmente em lugar de ܡܡܪܐ, mas é frequentemente apresentada como diferente de Deus. Por isso, tal como o «Logos», a «Memra» é diferente de Deus, mas é identificada como Deus¹⁸⁵.

¹⁸⁰ Cf. Domingos Muñoz Leon, *Dios-Palabra: Memra en los Targumim del Pentateuco*, (Granada: Editorial-Impronta Santa Rita, 1974), 609.

¹⁸¹ Cf. Martin Macnamara, «Logos of the Fourth Gospel and Memra of the Palestinian Targum (Ex 12,42)», *The Expository Times*, n.4, 79, (1968): 117, [https://doi:10.1177/001452466807900405](https://doi.org/10.1177/001452466807900405).

¹⁸² McNamara, «Logos of the Fourth Gospel and Memra», 115.

¹⁸³ Cf. McNamara, «Logos of the Fourth Gospel and Memra», 116.

¹⁸⁴ Charles Thomas Robert Hayward, *The Holy Name of the God of Moses and the Prologue of St. John's Gospel*, (Cambridge: Cambridge University Press, 2009), 17.

¹⁸⁵ Adam Joseph Howell, *Finding Christ in the Old Testament Through the Aramaic «Memra», «Shekinah», and «Yeqara» of the Targums*, (Louisville: Ed. Southern Baptist Theological Seminary, 2015), 46, nota.23.

De seguida, Howell vai apresentar, com base em *Neofiti I*, várias evidências onde isto se constata, chegando à conclusão de que a «Memra» está «a funcionar como o agente de Deus na criação...»¹⁸⁶.

Para que a «Memra» possa ser perceptível enquanto agente da acção criadora de Deus, é necessário que ela se releve sensivelmente. Não deixa de ser interessante, nesse sentido, o testemunho do «Targum» *Neofiti I*, onde está escrito: «E disse YHWH a Moisés: Eis que a Minha Palavra te aparecerá no poder (no mais espesso) da nuvem, para que o povo ouça ao falar-te, e também acreditem sempre na tua profecia, Moisés, Meu servo»¹⁸⁷.

Contudo, esta revelação sensível da Palavra de Deus é manifesta através de sinais sensíveis, perceptíveis a quem os contempla. À manifestação sensível de Deus através de sinais perceptíveis designa-se de «Teofania», contudo, uma vez que, segundo o princípio teológico presente no «Targum» *Neofiti I*, é a «Palavra de Deus» que se manifesta de modo sensível e não o próprio Deus, então, poder-se-á falar de «Logofania», isto é, a manifestação sensível da Palavra divina.

Recapitulando: se a ideia de um Deus feito carne, segundo a ótica judaica, entraria em rota de colisão com os seus princípios teológicos – em concreto, com a Unidade e a Invisibilidade de Deus – o mesmo não sucederia caso se, ao invés de ser o próprio Deus a encarnar, fosse a Sua Palavra. Por isso, servindo-se do sobejamente conhecido conceito de «Memra», os crentes oriundos da circuncisão vão aplicá-lo a Jesus. Por conseguinte, estava salvaguardada a sua ortodoxia judaica, uma vez que, afinal, quem encarnara, não teria sido o próprio Deus, mas sim fora a Sua Palavra aquela que se manifestara em carne.

Longe de ser um mero preciosismo, este princípio teológico fundamental, é a linha que separa entre a ortodoxia e a heterodoxia dos seguidores judeus de Jesus a partir da ótica judaica. Conscientes disso, até mesmo os seus detratores somente os irão expulsar das suas sinagogas mais de cinquenta anos após a morte de Jesus, apresentando como motivos para essa tomada de posição, outros que não este. Caso o pensamento teológico sobre Jesus fosse considerado heterodoxo aos olhos dos sábios daquele tempo, certamente que a expulsão se teria produzido no imediato, o que não veio a suceder.

¹⁸⁶ Howell, *Finding Christ in the Old Testament*, 48.

¹⁸⁷ Macho, *Neofyti I*, 122.

Embora o conceito de «Logofania» seja sedutor, é necessário compreender se ele corresponderá, efetivamente, àquele que foi utilizado pelo redator do texto canónico joanino, ou se, por sua vez, se inspirou no λόγος de Filão de Alexandria.

4.2 – O «λόγος» em Filão de Alexandria

Importa, agora, aprofundar o estatuto do «Lógos» de Filão de Alexandria, tendo em vista a, posteriormente, estabelecer uma analogia com a «Memra» apresentada pelos textos Targúmicos.

Dado que este tema é bastante complexo e já foi amplamente debatido, importa, neste apartado, elencar tão somente as principais características do «Lógos» em Filão que permitam, posteriormente, estabelecer um termo de comparação com o conceito teológico de «Memra».

Filão era um Judeu helenista oriundo de Alexandria que foi coevo de Jesus e teve a particularidade de conseguir criar uma linha de pensamento filosófico próprio, estabelecendo várias analogias entre a *Torá* e a filosofia helénica. Neste monumental esforço de conciliar a “filosofia de Moisés” com o pensamento platónico, a sua especulação sobre o λόγος desempenha um papel central.

Entre outros postulados, Filão irá comparar o «Lógos» com a placa usada pelo Sumo-sacerdote do Templo: «Mas este selo é uma ‘Ideia de ideias’, segundo o qual, Deus formou o mundo, sendo uma ideia incorpórea, compreensível somente pelo intelecto»¹⁸⁸.

Contudo, o «Lógos» de Deus é criatura, pois ele vai afirmar: «...pois a Palavra de Deus está acima de todo o mundo, e é a mais anciã e a mais ampla de todas as coisas que foram criadas»¹⁸⁹.

O «Lógos» de Filão, apesar de criatura, assemelha-se a Deus, pois partilha a faculdade de criar. É através da mediação da Palavra, que Deus vai criar o mundo:

¹⁸⁸ Filão de Alexandria, *Sobre a migração de Abraão*, 103 trad. C. Yonge (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002), 263.

¹⁸⁹ Filão de Alexandria, *Alegorias da Lei*, III, 175, trad. C. Yonge (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002), 70.

«...considerai a maior casa ou cidade, nomeadamente, este mundo, pois descobrireis que Deus é a sua causa, pelo o qual foi feito. Que os materiais são os quatro elementos dos quais é composto. Que o instrumento é a palavra de Deus, por meio do qual foi feito...»¹⁹⁰.

Filão vai designar o «Lógos» como o Filho primogénito de Deus:

... mas se vós olhais para ele como que aplicado a esse ser incorpóreo, que não difere de nenhum modo da imagem divina, então, concordareis que o nome de ‘Oriente’ lhe foi dado com grande felicidade. Pois o Pai do universo fê-lo surgir como o filho mais velho, ao qual, noutra passagem, ele chama: ‘o primogénito’. E aquele que assim nasce, imitando os caminhos do seu pai, formou tal e tal espécie, olhando para os seus arquetípicos padrões¹⁹¹.

Na mesma linha de pensamento, mais adiante na mesma obra, Filão vai ainda acrescentar:

... e mesmo que não haja ainda alguém que seja digno de ser chamado filho de Deus, ainda assim, que trabalhe arduamente para ser adornado segundo a sua palavra primogénita, o mais ancião dos seus anjos, como grande arcanjo de muitos nomes. Pois ele é chamado ‘a autoridade’, ‘o nome de Deus’, ‘a Palavra’, ‘homem’ segundo a imagem de Deus, e, ‘aquele que vê Israel’¹⁹².

Filão identifica a «Sabedoria» com a «Palavra de Deus». Servindo-se da imagem do rio que sai do Éden, ele afirma: «Este rio é a bondade genérica. E ela sai do Éden da Sabedoria de Deus, e isso é a Palavra de Deus. Pois é segundo a Palavra de Deus que a virtude genérica foi criada»¹⁹³.

Resumindo, a «Palavra de Deus» em Filão, apesar de ser criatura, é a «Ideia de ideias» incorpórea e compreensível somente pelo intelecto, através da qual, Deus vai

¹⁹⁰ Filão de Alexandria, *Sobre os Querubins*, 127, trad. C. Yonge (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002), 93.

¹⁹¹ Filão de Alexandria, *Sobre a confusão das línguas*, 62-63, trad. C. Yonge (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002), 239-240.

¹⁹² Filão de Alexandria, *Sobre a confusão das línguas*, 146, trad. C. Yonge (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002), 247.

¹⁹³ Filão de Alexandria, *Alegorias da Lei*, I, 65, trad. C. Yonge (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002), 57.

formar o mundo. Embora não seja o próprio Deus, a «Palavra de Deus» está dotada da faculdade de poder criar, como instrumento organizador dos quatro elementos que compõem o mundo. Por fim, por causa da sua obra criadora, a «Palavra de Deus» é designada como «Filho Primogénito» de Deus, e também «Sabedoria de Deus», porque, através dela, emana a Virtude para o mundo visível.

4.3 – O «λόγος» de Filão e a «ממרא» do Targum *Neofiti 1*: semelhanças e dissimelhanças

Com base nas características do «λόγος» de Filão acima expostas, é necessário que, neste ponto, se comparem as suas semelhanças ou dissimelhanças com o que é manifesto no «Targum» *Neofiti 1* sobre a «Memra».

Assim, podemos enunciar como principais elementos convergentes entre o «Lógos» e a «Memra» os seguintes:

Primeiro, quer o «Lógos», quer a «Memra», têm origem divina. Deus é a origem deste agente criador que, através da sua mediação, dá visibilidade à obra criada.

Segundo, o «Lógos» e a «Memra» dependem da vontade de Deus para agir. Ambos somente agem na criação consoante aquilo que Deus tem em mente realizar.

Por outro lado, os principais pontos de dissimelhança, são os seguintes: enquanto o «Lógos» de Filão somente é compreendido pelo intelecto, a «Memra» é «Logofânica», isto é, manifesta-se através de sinais visíveis no mundo. A «Memra», como já foi testemunhado anteriormente, foi vista por Moisés no «mais espesso da nuvem», isto é, revela-se. Contudo, o «Lógos» permanece situado na dimensão do intelecto, sem que assuma essa conotação reveladora.

Embora «Lógos» e «Memra» sejam agentes criadores, o «Lógos», aparentemente, limita-se a organizar os quatro elementos pelos quais é constituída a criação; porém, a «Memra» faz surgir todas as coisas *ex nihilo*. Através da «Memra», todas as coisas assumem uma dimensão sensível e visível.

Enquanto o «Lógos» é considerado por Filão como «Filho Primogénito» e «Sabedoria» de Deus – porém, mantendo-se sempre num plano transcendente – a «Memra» é descrita tão somente como o agente de Deus na criação.

Pese o «Lógos» e a «Memra» terem ambos a sua origem em Deus, o «Lógos» é criado, mas a «Memra» é gerada em Deus, não possuindo, em nenhum momento, essa característica de criatura. Deus gerou a «Memra», e esta revela visivelmente a vontade de Deus no mundo.

Desta breve análise, pode-se concluir que: «o conceito metafísico grego do Logos e de Deus transcendente, estão em nítido contraste com o conceito de um Deus pessoal, descrito em termos antropomórficos, próprios do pensamento hebraico»¹⁹⁴. Como tal, é pouco provável que o «Lógos» e «Memra» sejam conceitos análogos.

Existe ainda outro argumento de peso que fundamenta esta possibilidade, dado que, quer os «Targumim», quer as obras de Filão, foram produzidas em geografias e em contextos diferentes. Pelo teor das suas obras, Filão deixa antever um ambiente marcadamente filosófico. Por outro lado, os «Targumim», nascem sob os auspícios de um ambiente sinagoga, e como fruto de uma profunda reflexão teológica.

4.4 – Evangelho segundo S. João: «Lógos» ou «Memra»?

Finalmente, procura-se responder, neste apartado, às questões que nos levaram a conduzir a investigação até este ponto: «Onde é que João se inspirara para afirmar: “E a Palavra Se fez carne, e habitou entre nós”?» E ainda que Palavra de Deus é Deus que Se faz carne?

O texto canónico de João diferencia-se dos Sinópticos pela singularidade e contexto da sua redação. A sua datação, situa-se, segundo alguns investigadores, entre os anos 90-

¹⁹⁴ Marian Hillar, *From Logos to Trinity - The Evolution of Religious Beliefs from Pythagoras to Tertullian*, (Cambridge: Cambridge university press, 2012), 39.

110 d.C.¹⁹⁵, ou, segundo outros, entre 90-125¹⁹⁶, e foi redigido em Éfeso. O facto de ter sido redigido na altura em que foi introduzida nas sinagogas judaicas a «Birkhat HaMinim» é significativo, pois irá justificar a constante tensão entre Jesus e os «Judeus» ao longo de toda a narrativa do Evangelho.

Quanto à língua da sua redação, o IV.º *Evangelho* foi redigido num grego «koiné» muito simples, pobre em vocabulário e com frases curtas, mas sintaticamente corretas¹⁹⁷. Isto poderá, provavelmente, indiciar que esta não era a língua materna do seu redator, pois existe uma discrepância entre a profundidade do seu pensamento teológico e a simplicidade do léxico empregue.

Além do mais, recorrentemente emprega o presente histórico e as perícopes são ligadas através da conjugação «κᾱι»¹⁹⁸, particularidade que poderá indiciar a origem semita do seu redator.

Aliás, ao longo de todo o texto do Evangelho, é possível encontrar vários elementos de carácter semita. Destacam-se:

O emprego de vocábulos hebraicos ou aramaicos, aos quais o redator faz questão de traduzir para os seus leitores que desconheciam a língua: «Rabbi» (1,38), «Ámen, ámen» (1, 51), «Messias» (1, 41; 4,25), «Bethesda» (5,2), «Maná» (6,31.49), «Siloé» (9,7), «Tomé» (11,6; 21,2), «Hossana» (12,13), «Gabbatá» (19,13), «Gólgota» (19,17), «Rabuni» (20,16)¹⁹⁹.

Expressões que são semitas quer pela língua quer pelo pensamento: «fazer a verdade» (3,21); «entregar a sua alma» (10,11.15.17); «Que existe entre tu e eu, mulher» (2,4); «filhos da luz» (12,16); «Em verdade, em verdade» (25 vezes)²⁰⁰.

Daqui se pode concluir, que o redator deste texto canónico era uma pessoa que pensava com mentalidade semita, mas escrevia ou ditava em grego²⁰¹.

¹⁹⁵ Cf. Mário de Sousa, *Fazei o que Ele vos disser - Introdução ao Evangelho de João*, (Faro: Tipografia União Folha do Domingo Lda., 2008), 28-29.

¹⁹⁶ Cf. Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joánicos y cartas católicas*, (Estella: Editorial Verbo Divino, 1995), 154.

¹⁹⁷ Cf. Tuñi e Alegre, *Escritos joánicos*, 20.

¹⁹⁸ Cf. Tuñi e Alegre, *Escritos joánicos*, 20.

¹⁹⁹ Cf. Salvador Carrillo Alday, *El Evangelio Según San Juan – El Evangelio del Camino, de la verdad y de la vida*, (Estella: Editorial Verbo Divino, 2010), 44.

²⁰⁰ Cf. Alday, *El Evangelio Según San Juan*, 44.

²⁰¹ Cf. Alday, *El Evangelio Según San Juan*, 44.

Ainda sobre a temática da língua, afirma Alday que:

... nas primeiras décadas do século XX, alguns comentaristas lançaram a hipótese de que o *Evangelho de João*, originalmente, foi escrito em aramaico. As investigações sobre esta questão continuaram, mas as provas para acentuar a convicção de um original aramaico não foram suficientemente fortes. Prevalece, pois, a opinião de que o Evangelho foi escrito directamente em grego.²⁰²

É indubitável que o redator do *Evangelho de S. João* escreveu o seu texto em grego; contudo, algumas evidências já apontadas poderiam indiciar como fonte um original semita. A considerar-se verossímil a hipótese da «Q» em hebraico, da qual o redator teria bebido, estaria não somente a justificar os diversos semitismos empregues ao longo do Evangelho, mas também as limitações lexicais à hora de produzir o seu documento em grego, uma vez que esta não era a sua língua materna.

Além disso, o redator do texto canónico, um Judeu helenista, conheceria bem o género targúmico que circulava nas sinagogas em finais do século I. Deste modo, tendo associado algumas características do «Lógos» de Filão aos seus conhecimentos teológicos sobre a «Memra», poderia perfeitamente redigir o seu texto em grego servindo-se da «Q» hebraica. Deste modo, o *Evangelho de João* é, provavelmente, fruto de uma tentativa de simbiose entre a teologia judaica e o pensamento helenista.

Por fim, como resposta às questões colocadas no início deste apartado, pode-se afirmar que João, para escrever sobre a Encarnação do «Lógos», inspirou-se nos «Targumim» que ele conhecia dos círculos sinagogais e no «Lógos» de Filão. Como já se viu, uma vez que o «Lógos» de Filão apenas existia na dimensão do Intelecto como «Ideia das ideias» sem, porém, entrar no plano visível, o redator do Evangelho canónico vai centrar-se na «Logofania» dos «Targumim» para justificar a manifestação da «Memra» em carne. Desta feita, pode-se considerar o *Evangelho de João*, como uma extensa perícope que começa com novidade da Encarnação da «Memra», e que culmina com o regresso da mesma ao seio do Pai, recordando as palavras de Isaías 55,10-11:

²⁰² Alday, *El Evangelio Según San Juan*, 43-44.

Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a Palavra que sai da Minha boca: ela não regressa a Mim sem fruto; antes, ela cumpre a Minha vontade e assegura o êxito da missão para a qual a enviei.

Quem olhe para o primeiro capítulo do Ms.2498, não deixará de sentir certa perplexidade pelo facto da teologia do «Lógos», aparentemente, se encontrar ausente. Este facto, no entanto, poderá indiciar outra evidência abonatória de que este manuscrito corresponderá à tradução de um «Targum» Judeocristão, como se pode constatar com base no que afirma Sáiz, ao falar sobre os objetivos da interpretação targúmica:

A interpretação Targúmica da Bíblia se apresenta com um duplo objetivo: tornar o texto massorético claro e compreensível, e dar-lhe um significado vivo e atual para os leitores e ouvintes da Bíblia. Com a finalidade de conseguir tais objetivos exegéticos, o Targum faz-se valer de uma série de recursos gramaticais, estilísticos, semânticos, lexicais que, certamente correspondem à hermenêutica judaica do chamado método darash. [...] As palavras ou passagens obscuras do texto massorético clarificam-se ou se simplificam, as metáforas ou alegorias tornam-se “realistas”, as lacunas completam-se [...].²⁰³

À luz deste esclarecimento, compare-se agora com o texto do Ms.2498, c.1:

O nosso doce Senhor Jesus Cristo, na Sua Divindade, existiu antes de todas as criaturas, pois fez todas as coisas a partir do Seu doce Poder, pois é forte e poderoso através de Deus, o Pai. E apesar de inalterável na sua divindade, verdadeiramente tornou-se homem, e deu vida, luz e graça a toda a Humanidade para conhecer a Deus. Pois, através da Lei e da Profecia, foi prometido ao Povo, para que acreditassem em Deus, o Pai. Mas quando veio a este mundo, houve muitos que não o receberam. Não obstante, àqueles que o receberam, deu-lhes a graça de serem filhos de Deus. Pois todos aqueles que haveriam de receber a plenitude da Sua graça, são os que n’Ele acreditam corretamente. Nunca houve um homem que tenha visto Deus corporalmente. Por isso, o Filho de Deus tornou-se num homem, para ensinar a toda a humanidade como poderia espiritualmente ver a Deus. E veio como um homem da linhagem de David e Abraão. Pois tinha sido prometido especialmente a eles.

²⁰³ Sáiz, *Traducciones Arameas de la Biblia*, 7.

Semelhantemente a qualquer outro «Targum», o Ms.2498 simplifica e clarifica determinadas passagens que o redator deste hipotético texto Judeocristão teria encontrado na «Q» hebraica. Contudo, isto não significa que, no texto original, a presença da «Memra» não se constate, uma vez que, tal e como no texto análogo de João 1,3, é Jesus – e não o Pai – que age no processo criativo de todas as coisas: «O nosso doce Senhor Jesus Cristo, na Sua Divindade, existiu antes de todas as criaturas, pois fez todas as coisas a partir do Seu doce Poder.» Daí se poderá depreender que, aquilo que o redator do «Targum» Judeocristão terá encontrado na «Q» hebraica, foi, efetivamente, a «Memra».

Conclui-se deste extenso apartado, motivado pela complexidade do tema abordado, que os Judeocristãos, com base na introdução do conceito teológico de «Memra» das traduções aramaicas da *Torá*, consideravam Jesus como a manifestação da Palavra de Deus em carne. Deste modo, ficava salvaguardada não somente a Unidade e a Indivisibilidade de Deus, mas permitia que este movimento religioso se conservasse dentro dos cânones de ortodoxia teológica judaica.

Por sua vez, o redator Judeo-helénico do *Evangelho de João*, conhecedor deste princípio teológico judeocristão, irá, com base neste postulado, redigir em grego o seu texto associando-lhe elementos da doutrina do «Lógos» de Filão, doutrina essa bem conhecida pelos seus ouvintes, mas servindo-se da *Quelle* em hebraico.

Terminado este primeiro ponto onde se identifica um dos elementos-chave do pensamento teológico Judeocristão, dar-se-á continuidade à investigação, sustentada por alguns testemunhos presentes nos três documentos sob análise.

4.5 – O papel de Maria na ótica Judeocristã

Neste ponto abordar-se-ão alguns aspetos sobre o papel da Virgem Maria vistos a partir da ótica Judeocristã, destacando-se o nascimento virginal de Jesus e o modo da encarnação do Verbo.

Desde cedo, um dos temas fraturantes no diálogo com o «Judaísmo Rabínico», foi a interpretação de Isaías 7,14, onde, em hebraico, se encontra:

לָכוֹן יִתֵּן אֲדֹנָי הוּא, לָכֶם אוֹת: הַגֵּנָה הָעֵלְמָה, הָרָה וַיִּלְדֶּת בֶּן, וְקָרְאתָ שְׁמוֹ, עִמָּנוּ אֵל

(Por isso, sabeis que o próprio Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem concebeu e dará à luz um filho, e chamá-lo-á Emanuel).

A raiz do problema radica na tradução do substantivo עֵלְמָה (Almah) para o grego da *Septuaginta*, pois o rabinismo defende que, se Isaías quisesse mencionar uma «virgem», então, o substantivo a ser empregue, deveria ser בְּתוּלָה e não עֵלְמָה, dado que, enquanto o substantivo בְּתוּלָה (Betulah), significa: «donzela», «virgem», «solteira»²⁰⁴, עֵלְמָה pode significar: «menina», «jovem», «moça», «donzela»²⁰⁵.

Quando se toma o mesmo versículo de Isaías, a partir da *Septuaginta*, encontra-se:

διὰ τοῦτο δώσει κύριος αὐτὸς ὑμῖν σημεῖον· ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱόν, καὶ καλέσεις τὸ ὄνομα αὐτοῦ Εμμανουήλ.

A problemática presente nesta questão, tem especial relevância, por causa da sua influência em Mateus 1,23, no qual, o redator deste Evangelho, vai tomar a profecia de Isaías 7,14 como uma profecia messiânica.

Para a resolução deste problema, é importante mencionar que o substantivo עֵלְמָה ocorre sete vezes no Antigo Testamento (Gn. 24,43; Ex. 2,8; Slm. 68,25; Pr. 30,20-2; Ct. 1,3; 6,8; Is. 7,14). Em duas, têm equivalente grego de παρθένος (Gn. 24,43; Is. 7,14)²⁰⁶. Contudo, das sete em hebraico, quase todas elas se podem traduzir como «donzela».

Se igualmente se utilizar o «Targum de Isaías», constatar-se-á que a profecia de Isaías não teria forte tradição messiânica porque, ao contrário de outras profecias, esta aparece, praticamente, como é apresentada no texto hebraico: «Por isso, o próprio Senhor te dará

²⁰⁴ Cf. Luis Alonso Schökel, «בְּתוּלָה», em *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*, (São Paulo: Paulus, 2014), 123.

²⁰⁵ Cf. Luis Alonso Schökel, «עֵלְמָה», 500.

²⁰⁶ Cf. James Strong, παρθένος, em *The new Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*, (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997), 68. G3933.

um sinal. Eis que a jovem mulher está grávida, e transportará um filho, e chamá-lo-á Imanuel»²⁰⁷.

Então, por que motivo Mateus vai atribuir a esta profecia um carácter messiânico? Somente se poderá compreender, a partir do contexto do próprio Evangelho canónico. Maria estava prometida em casamento com José (Mt. 1,18). Na Palestina do século I, a idade comum para os noivados era entre os 12 e os 12 anos e meio²⁰⁸ e, durante o processo de noivado, a noiva passaria a ser designada como «esposa», poderia ficar viúva, ser repudiada por um libelo de divórcio, e ser morta em caso de adultério²⁰⁹.

Por conseguinte, Maria era uma jovem, e, necessariamente, se estava noiva de José, teria de ser virgem, uma vez que a *Torá* era bastante clara sobre esse assunto: após o matrimónio, se uma jovem não fosse encontrada virgem, poderia ser lapidada até à morte (Dt. 22,13-21) e, caso ela estivesse comprometida em casamento e tivesse tido contato íntimo consentido com outro homem que não aquele com quem estava desposada, ambos – homem e mulher – seriam mortos (Dt. 22, 23-24).

Daqui se pode deduzir o motivo pelo qual a mãe de Jesus é vista pelo redator de Mateus como a donzela «virgem» que cumpriria a profecia de Isaías.

Também nos textos sob análise são vistos alguns testemunhos que asseveram a interpretação teológica deste versículo de Isaías segundo esta ótica. Estas duas perícopes, presentes em VB, provavelmente dependem do *Evangelho dos Hebreus* que, como se viu, partilha de várias características comuns aos relatos de teor «midrashico» encontrados na produção literária Rabínica.

Na primeira perícopa, enquanto José, esposo de Maria, canta louvores a Deus pelo nascimento do Messias, diz: «Este, proveniente de Jacob, é a estrela, que nasceu da donzela Virgem para salvar o mundo»²¹⁰.

No segundo testemunho, ao descrever os sinais que ocorreram na noite do nascimento de Jesus, o redator afirma: «Logo que Jesus nasceu da jovem Virgem, apareceu no ar uma nova estrela...»²¹¹.

²⁰⁷ Bruce D. Chilton, *The Aramaic Bible - The Isaiah Targum*, - 11, (Wilmington: Michael Glazier Inc., 1987),17.

²⁰⁸ Cf. Jeremias, *Jerusalém no tempo de Jesus*, 480.

²⁰⁹ Cf. Jeremias, *Jerusalém no tempo de Jesus*, 483.

²¹⁰ Vögtlin, *Vita Beate Virginis Marie*, n.1859.

²¹¹ Vögtlin, *Vita Beate Virginis Marie*, n.1865.

Com base nestes dois testemunhos, pode-se afirmar que a ótica Judeocristã sobre a profecia de Isaías, é muito semelhante àquela defendida no círculo Cristão. Também eles viam na mãe de Jesus, a pessoa pela qual se cumprira a profecia messiânica. Segundo os Judeocristãos, Maria, era uma jovem donzela, legalmente virgem, que estava comprometida em matrimónio com José, seu esposo.

Outro elemento que merece especial destaque, igualmente associado a Maria, é o modo como ocorre a concepção de Jesus. Dois testemunhos, presentes no Ms.2498 e na VB, respetivamente, devem ser evidenciados com essa finalidade.

No primeiro, retirado do MS.2498, c.2, é narrado o seguinte: «E então, verdadeiramente ela concebeu o Filho de Deus, homem perfeito em corpo e alma, e, contudo, verdadeiro Deus».

O segundo testemunho, presente na VB, descreve: «A esta palavra logo o Verbo faz-se carne. O Filho de Deus entrou nela pelo ouvido, permanecendo Deus verdadeiro e faz-se homem perfeito, levando-o durante nove meses no seu útero»²¹².

A primeira conclusão a que se chega é que ambas perícopes não se encontram nos Evangelhos canónicos; contudo, como também se pode constatar, dependem claramente de uma fonte comum.

Porém, a segunda conclusão que se retira é de carácter teológico, pois, ao ficar Maria fecunda pelo ouvido, constata-se que aquilo que ela encarnou no seu ventre foi a própria Palavra de Deus.

4.6 – Como é que a «Memra» encarnou no seio da Virgem?

Em cada Domingo, é professado no Credo Niceno-Constantinopolitano: «...encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria e se fez homem...». Este elenco da Fé Cristã, é fruto de um intenso e complexo debate teológico decorrido ao longo

²¹² Vöglin, *Vita Beate Virginis Marie*, n.1564-1583.

de séculos, originado na discussão de ideias divergentes sobre, entre outros pontos, a natureza de Deus e de Jesus.

No artigo de Fé supramencionado, é descrita a encarnação de Jesus no seio da Virgem Maria. Na Sagrada Escritura, um dos poucos testemunhos de que se dispõe sobre o modo como se deu a encarnação de Jesus, reside no *Evangelho de Lucas*, e é fruto da pergunta colocada por Maria ao anjo: «Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?» (Lc. 1,34), ao que o anjo irá responder: «O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é santo, e será chamado Filho de Deus» (Lc. 1,35).

Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus dá-Se a revelar através dos Seus atributos, ou «nomes». Os nomes de Deus não personificam a Pessoa divina, mas «representam todos os atributos que Ele possui [...] e que são revelados através da Sua atividade»²¹³. Por conseguinte, ao contrário do que sucede na natureza humana, é impossível descrever totalmente Deus através de um único Nome ou atributo da Sua natureza.

O único nome de Deus considerado como nome próprio é YHWH²¹⁴. Contudo, Deus é conhecido através de outros atributos: «Elohim», «El», «Shadday», «Elyion», «Adonai», «Tzeva'ot».

Como se viu no versículo supracitado, no *Evangelho de Lucas* são mencionados os dois principais intervenientes no processo da Encarnação: «o Altíssimo», e o «Espírito Santo». Uma vez que são importantes para compreender o mistério da Encarnação a partir da ótica Judeocristã, particularizar-se-á cada um dos seus intervenientes.

O primeiro interveniente é עֲלִיּוֹן (Elyion), isto é, o «Altíssimo»²¹⁵. Este atributo de Deus ocorre algumas vezes nas Escrituras veterotestamentárias (Nm. 24,16; Dt. 32,8; 2Sm. 22,14; Slm. 9,2; 18,13; 21,7; 46,4; 50,14; 73,11; 83,18; 87,5; 91,1,9; 92,1; 107,11; Is. 14,14; Lm. 3,35,38). Este nome divino manifesta a soberania e a grandeza de Deus, Aquele que está acima de todas as coisas.

²¹³ J.D. Eisenstein, «Names of God», em *Jewish Encyclopedia*, ed. Isidore Singer, 1ªed., vol.9 (New York and London: Funk and Wagnals Company, 1905),160-165.

²¹⁴ Cf. J.D. Eisenstein, «Names of God», 160.

²¹⁵ Cf. Frederick W. Schmidt, «Most High», em *The Anchor Bible Dictionary*, ed. David Noel Freedman, 1ªed., vol.4 (New York: Doubleday,1992), 922.

O segundo interveniente é designado como רוח הקודש (Ruach HaKodesh), ou seja, «Espírito Santo», o qual é mencionado ao longo de todas as Escrituras. Porém, devem-se especificar alguns aspetos sobre este integrante no mistério da encarnação divina.

Na teologia Cristã, o «Espírito Santo» é visto como uma figura abstrata, que se manifesta tão somente através de alguns dos Seus atributos, destacando-se entre eles o «fogo», o «vento», a «pomba». No entanto, a mesma teologia, descreve-Lo como uma «Pessoa» da Trindade.

Contudo, na pneumatologia Judeocristã, a perspetiva sobre o «Espírito Santo» é diferente, pois para o Judeocristão o «Espírito Santo» tem um carácter eminentemente feminino. Testemunho disso, são duas citações realizadas por Jerónimo e Orígenes ao mencionar o *Evangelho dos Hebreus*.

Na primeira, Jerónimo afirma:

... Mas quem leia o Cântico dos Cânticos e compreenda que o Verbo de Deus é o esposo da alma e dê credibilidade ao Evangelho publicado *segundo os Hebreus*, que não há muito traduzimos, no qual se coloca na boca do Salvador esta expressão: «Ainda há pouco, a minha mãe, o Espírito Santo, me tomou por um dos meus cabelos», não duvidará em afirmar que o Verbo de Deus nasceu por obra do Espírito e, portanto, que a alma, como esposa do Verbo que é, tem por sogra o Espírito Santo, que em hebraico é um nome do género feminino: Ruach.²¹⁶

Por sua vez, Orígenes menciona:

Se alguém aceita o *Evangelho segundo os Hebreus*, onde o próprio Salvador diz: «Ainda há pouco a minha mãe, o Espírito Santo, me tomou por um dos meus cabelos e me conduziu ao grande Monte Tabor» perguntar-se-á, perplexo, como é que o Espírito Santo pode ser a mãe de Cristo, o qual foi gerado através do Verbo. Mas tão pouco isto ser-lhe-á demasiadamente difícil de interpretar²¹⁷.

Pelos testemunhos da Patrística, se pode constatar que o Judeo-Cristianismo via no «Espírito Santo» essa dimensão feminina e materna de Deus. Efetivamente, a רוח

²¹⁶ Jerónimo, *Comentário a Miqueias*, 6, 1221-1222, PL 25, 520D.

²¹⁷ Orígenes, *Comentário a João*, 4, 131-134, PG 14, 63C-64A.

(Ruach), ocorre, no Antigo Testamento, umas vezes associada a um caráter masculino de Deus, noutras, feminino²¹⁸, contudo, nos escritos Sapienciais, a «Sabedoria» está perfeitamente identificada com o Espírito (Sb. 9,17) como uma realidade feminina²¹⁹.

Nas *Odes de Salomão*, outro documento Judeocristão originário da Síria, concretamente, na *Ode 28*, o «Espírito Santo» é representado como uma pomba e como uma mãe²²⁰.

Na mesma linha de pensamento deste documento, o Cristianismo Siríaco anterior ao ano 400, testemunha que o «Espírito Santo» era recorrentemente entendido como sendo de género feminino²²¹. Nesse sentido, evidenciam-se alguns testemunhos de Afraates, Efrém o Sírio, e de Macário, que atestam esse facto.

Afraates, na sua décima oitava *Demonstração*, afirma: «Quem é aquele que deixa pai e mãe para tomar uma esposa? O sentido é este: enquanto o homem não toma uma esposa, ele ama e reverencia a Deus, seu Pai, e ao Espírito Santo, a sua Mãe, e não tem outro amor»²²².

Por sua vez, Efrém diz: «Não é dito de Eva que era irmã de Adão ou sua filha, mas que ela veio dele; do mesmo modo, não é dito que o Espírito é filha ou irmã, mas que (Ela) vem de Deus, e que é consubstancial com Ele»²²³.

Por fim, Macário afirma: «Desde este tempo (de Adão) até ao último Adão, o Senhor, o homem não vê o verdadeiro Pai Celeste e a boa e gentil Mãe, a graça do Espírito...»²²⁴.

Resquícios deste olhar sobre o «Espírito Santo» como Mãe, poderão ainda ser encontrados em algumas antigas *Profissões de Fé* Cristã, onde está escrito que Jesus nasceu «do Espírito Santo e da Virgem Maria» (Den.Hün., 11).

²¹⁸ Cf. Frédéric Manns, *Le Judéo-Christianisme, Mémoire ou Prophetie?* (Paris: Beauchesne Éditeur, 2000), 217.

²¹⁹ Cf. Manns, *Le Judéo-Christianisme*, 217.

²²⁰ Cf. Manns, *Le Judéo-Christianisme*, 221.

²²¹ Cf. Susan Ashbrook Harvey, «Feminine Imagery for Divine: The holy Spirit, the Odes of Solomon, and Early Syriac Tradition», *St. Vladimir's theological quarterly*, 37, 2/3, (1993): 111.

²²² Afraates, *Demonstrations II*, trad. Kuriakose Valavanolickal (Kerala: St. Efrén Ecumenical Research Institute, 2005), 162.

²²³ Efrém, o Sírio, *Commentaire de L'Évangile concordant ou Diatessaron*, trad. Louis Leloir (Paris, Les Éditions du Cerf, 1966), 340.

²²⁴ Macário, o Egípcio, *Fifty homilies of St. Macarius the Egyptian*, trad. A. J. Mason (New York: The Macmillan Company, 1921), 216.

Pode-se depreender dos testemunhos supramencionados, que o Judeocristianismo via o «Espírito Santo» como o rosto materno e feminino de Deus. Uma vez asseverado esse aspeto, pode-se depreender, com alguma certeza, que na ótica teológica deste grupo de crentes oriundos da circuncisão, Deus era considerado como a «Família-Tipo» da qual a primeira família humana fora criada à Sua imagem e semelhança (Gn. 1,26). Por isso, Jesus, o «último Adão» (1Cor. 15,45), teria de nascer totalmente de Deus, como Filho de Deus.

A partir destes dados, pode-se interpretar o modo como os Judeocristãos entendiam a Encarnação do Verbo: sobre Maria, a donzela Virgem, teria descido a dimensão feminina de Deus, isto é, o «Espírito Santo». O Pai²²⁵, identificado sob o atributo de «Altíssimo», manifestaria sobre a Virgem, a Sua Força e Presença, e, desta união espiritual, nasceria Jesus, o «Filho de Deus».

Com a introdução da heterodoxia gnóstica nos círculos Cristãos e Judeocristãos, este conceito de «Espírito Santo» viria a ser assimilado, transformando-se em «Sofia (Sabedoria)», parte integrante na conceção da economia da salvação gnóstica como substrato do «Soma»²²⁶ do Cristo gnóstico.

Da linha teológica gnóstica, destacam-se dois grupos cuja produção literária dissertou sobre o assunto: os Naasenos e os Ofitas.

O primeiro grupo defende que a encarnação do Verbo se deu a partir da «Ennoia como forma, e do Espírito, como água divina que a reflete, e se unem para fazer algo subsistente, o primeiro Anthropos»²²⁷. Por conseguinte: «A Virgem [...] que concebe e gera o bem-aventurado Eon de eões, não é outra que o Espírito de Deus unido a Ennoia: Deus livre e manifestado virginalmente no Anthropos, seu Filho»²²⁸.

Os Ofitas, por sua vez, designam o «Espírito Santo» como a «Prima Femina»²²⁹. Segundo a complexa doutrina deste grupo «o Pai é um Bythos que adopta a Ennoia por esposa mística, e, na sua virtude, concebe o Filho, imprimindo na própria substância a

²²⁵ Cf. Joachim Jeremias, *Abba, el mensaje central del Nuevo Testamento*, trad. Alfonso Ortíz et al. (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005), 19.

²²⁶ Cf. Antonio Orbe, *Cristología Gnostica*, 1, (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976), 351.

²²⁷ Antonio Orbe, *La Teología del Espíritu Santo*, 4, (Roma: Libreria Editrice del L'Università Gregoriana, 1966), 75.

²²⁸ Orbe, *La Teología del Espíritu Santo*, 75.

²²⁹ Cf. Orbe, *La Teología del Espíritu Santo*, 77.

Forma do seu Pensamento»²³⁰. Sobre a «Prima Femina», é dito igualmente: «A ‘Primeira Mulher’ – aqui está o básico da pneumatologia ofita – não é simplesmente o substrato do Bythos, nem tão pouco da Ennoia, mas o substrato do Pai, a essência divina circunscrita por Ennoia»²³¹.

Conclui-se este ponto, afirmando que a pneumatologia gnóstica manteria esta visão do «Espírito Santo» como dimensão feminina de Deus, ainda que sob diferentes nomes, e conservaria essa função maternal associada ao Cristo do gnosticismo.

4.7 – Jesus, o Messias filho de David

O «Judaísmo Rabínico» hodierno proclama a vinda de dois Messias: o «Messias, filho de José» e o «Messias, filho de David».

O «Messias, filho de José», conhecido igualmente como «Messias, filho de Efraim» é o protótipo do Messias guerreiro, o comandante do exército de Israel nas guerras messiânicas. Após conseguir várias vitórias, será morto por Gog e Magog. O seu corpo permanecerá insepulto durante quarenta dias nas ruas de Jerusalém, mas nada nem ninguém tocará no seu corpo. Então, virá o Messias de David, e, o seu primeiro ato será ressuscitar o seu antecessor²³².

Os investigadores têm refletido sobre a origem do «Messias, filho de José» e chegaram à conclusão que a imagem única do Messias foi dividida em duas²³³, durante o período talmúdico²³⁴, e que resolveria, igualmente, a problemática em torno do «Messias morto» presente em Daniel 9,24-26.

Porém, a imagem do «Messias sofredor» está associada à concepção do «Messias, filho de Deus». Isto pode ser depreendido a partir de *4 Esdras*, texto que remonta à segunda metade do século I, e se enquadra no género apocalíptico veterotestamentário.

²³⁰ Orbe, *La Teologia del Espíritu Santo*, 79.

²³¹ Orbe, *La Teologia del Espíritu Santo*, 79-80.

²³² Cf. Raphael Patai, *The Messiah texts*, (Detroit: Wayne State University Press, 1979), 165-166.

²³³ Cf. Patai, *The Messiah texts*, 166.

²³⁴ Cf. Patai, *The Messiah texts*, 166.

Nele, é possível encontrar: «Pois o Meu filho, o Messias, será revelado juntamente com aqueles que estão com ele, e aqueles que permanecem, alegrar-se-ão quatrocentos anos. E após esses anos, o meu filho, o Messias, morrerá, bem como todos os que têm alento humano...»²³⁵.

Esta imagem do Messias enquanto filho de Deus, pode igualmente ser encontrada em Lucas 3,38, onde Jesus, é apresentado genealógicamente, como o «Filho de Deus».

Uma vez concluídos estes prolegómenos, retenham-se os seguintes elementos concernentes à ideia de messianismo do século I:

Primeiro, quer o «Messias, filho de David», quer o «Messias, filho de José» corresponderiam a uma única pessoa, uma vez que «Messias, filho de José», seria, muito provavelmente, fruto de uma criação literária tardia. Por conseguinte, doravante, quando se falar em «Messias», se estará a aludir, unicamente, ao «filho de David».

Segundo, com base em Daniel 9, 24-26, o Messias teria de sofrer e ser morto.

Terceiro, com base em *4 Esdras*, o Messias morto, é «filho de Deus».

Posto isto, ir-se-á agora aprofundar melhor a visão Judeocristã acerca de Jesus, enquanto o Messias aguardado.

A esperança messiânica era um dos elementos-chave do Judaísmo do século I, sobretudo dos fariseus e essênios. Se os primeiros preconizavam a vinda de um rei, descendente de David, que restaurasse a época dourada vivida durante os tempos desse monarca, os segundos aguardavam o «Mestre de Justiça» que restituiria o culto lícito ao Templo, uma vez que, segundo eles, este se encontrava sob o domínio de usurpadores – a classe sacerdotal dos Saduceus – totalmente dependente dos dominadores romanos. Em ambos os casos, o assunto estava vinculado a um crescente sentimento nacionalista, consequência do domínio estrangeiro sobre Israel.

Na visão Judeocristã, Jesus é considerado como o Messias escatológico por excelência, constatado a partir da aplicação «deráshica» nos escritos neotestamentários,

²³⁵ *4 Esdras* 7, 26-30, trad. Bruce Metzger (New York: Doubleday, 1983), 537.

de um grupo variado de tradições veterotestamentárias, que tinham desenvolvido a esperança de um Rei-Messias ideal, da dinastia de David²³⁶.

Contudo, o conceito de «Messias, filho de David» não está confinado somente à literatura canónica do Antigo Testamento, uma vez que vários apócrifos veterotestamentários evidenciam igualmente essa conceção do Messias enquanto descendente de David²³⁷.

As fontes cristãs primitivas apresentam posturas diversas em relação ao messianismo davídico de Jesus. Nas tradições mais antigas, é quase unânime que Jesus era descendente de David e tal constituiria uma das provas mais cabais para ser considerado o autêntico Messias²³⁸. Além do mais, a tradição de Jesus como «filho de David» remonta à Comunidade Palestiniana primitiva, onde as genealogias desempenhariam um papel importante na tentativa de demonstrar este elemento²³⁹.

Ecos desta tradição, podem ser encontrados numa das fontes sob análise, uma vez que, no encaço dos *Atos dos Apóstolos* 1, 6-8, o Ms.2498, c.211, vai narrar:

Então apareceu Jesus e mostrou-se a eles. Depois, perguntaram-lhe se iria restaurar o Reino de Israel, expulsar o rei estrangeiro e Pilatos, administrador de César, reinar Ele próprio ou ainda, estabelecer a casa de David. E Jesus respondeu dizendo que não lhes competia saber o tempo que o seu Pai havia ordenado, segundo a Sua vontade. «Mas vós deveis» – disse Ele – «receber a virtude do Espírito Santo, que descera sobre vós. E deveis, antes que chegue esse tempo, ser testemunhas das minhas palavras, das minhas obras, e da minha ressurreição, em Jerusalém, na Judeia e na Samaria, até aos confins do mundo.»

Com a finalidade de se ilustrar um pouco melhor a perspectiva Judeocristã acerca de Jesus enquanto Messias, serão apresentados, posteriormente, alguns aspetos de um episódio onde isso é manifesto.

Ao longo dos quatro Evangelhos canónicos é possível constatar a existência de uma clara conexão entre as festas litúrgicas judaicas e a vida pública de Jesus, dado que

²³⁶ Cf. Agustín de Agua Pérez, *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*, (Estella: Editorial Verbo Divino, 2019), 146.

²³⁷ Cf. Pérez, *El método midrásico*, 146-147.

²³⁸ Cf. Ana Rodríguez Láiz, *El Mesías hijo de David – El mesianismo dinástico en los comienzos del cristianismo*, (Estella: Editorial Verbo Divino, 2016), 233.

²³⁹ Cf. Láiz, *El Mesías hijo de David*, 238.

existem vários pontos comuns entre elas e as categorias linguísticas e teológicas que lhes servem de contexto²⁴⁰.

Se é certo que tal é perceptível no *Evangelho de João*²⁴¹, nos Sinópticos também o é; contudo, não de forma tão evidente, uma vez que os seus redatores recorrem com regularidade ao estilo midráshico para redigir os seus textos, e o teor teológico das festas, transita para um segundo plano.

No texto canónico de João, merece especial destaque o episódio das «Bodas de Caná» (Jo. 2,1-12). Esta perícopa, limitada nos textos canónicos ao *Evangelho de S. João*, narra a manifestação de Jesus e como o primeiro sinal por Ele realizado foi a transformação da água em vinho.

Embora dentre os Evangelhos canónicos somente João mencione este episódio, nas três fontes sob estudo este relato faz-se presente em todas. Assim, de modo a melhor se poder constatar as variações textuais nos quatro textos que referem esta perícopa, em epígrafe se apresenta um «Quadro Sinóptico» com as respectivas secções equivalentes.

Ev. João 2,1	Ms.2498, c.18	EvB, c.15	VB, n. 3800-3803
«No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá.»	«No terceiro dia, Jesus veio para a Galileia, conduzido a uma festa com os seus Discípulos, onde estava a sua mãe.»	«Quando se encontrava próxima a Festa dos Tabernáculos, certo homem rico, convidou Jesus com os seus Discípulos e a sua mãe, a um casamento.»	«Alguém celebrou umas núpcias na Galileia, e convidou Jesus e a sua Mãe, Maria e os seus discípulos.»

Tabela 3 – Quadro Sinóptico

O primeiro dado digno de menção é a nota cronológica apresentada em João e no Ms.2498, na qual se precisa o dia em que se deu este episódio: «No terceiro dia...». Contudo, esta não é a única referência cronológica manifesta no texto pois, mais adiante, em João 2,12 e, analogamente, no Ms.2498, c.19, se afirma que Jesus permaneceu em Cafarnaum alguns dias e que, depois, subiu para a Festa da Páscoa.

²⁴⁰ Cf. Lourenço, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu*, 165.

²⁴¹ Cf. Lourenço, *O Mundo Judaico em que Jesus viveu*, 165.

Porém, quanto ao evento no qual Jesus, a Sua mãe e os seus Discípulos participaram, existem variantes, pois o *Evangelho de João* e VB mencionam que foi um casamento, EvB menciona que foi um casamento celebrado no contexto da Festa dos Tabernáculos, e o Ms.2498 refere somente que foi uma festa. No entanto, recorde-se o que foi supramencionado sobre as precauções a tomar à hora de usar o EvB como fonte textual, uma vez que o seu redator alterou alguns elementos do documento primitivo como forma de criar uma nova unidade literária.

Tendo em conta o facto de existirem dois testemunhos que mencionam que este casamento ocorreu no contexto de uma festa litúrgica, e que essa mesma festa se celebrou antes da Festa da Páscoa, a pergunta a colocar será: *Que festa litúrgica será essa?*

É provável que o ponto de partida para a resposta, se encontre nas *Antiguidades do Judeus* do historiador Josefo:

... e quando Ester veio ter com ele (o rei), ficou agradado com ela, apaixonou-se pela donzela, e casou com ela, tornando-a sua legítima mulher, e realizou uma festa de casamento para ela no décimo segundo mês do sétimo ano do seu reinado, que era chamado Adao (Adar)²⁴².

Efetivamente, o mês que, no calendário hebraico, antecede Nisan, o mês em que se celebra a Festa da Páscoa, é o mês de Adar. No mês de Adar, o Judaísmo celebra a Festa do Purim ou «Sortes» e é lido nas sinagogas o *Livro de Ester*.

É notória a analogia do relato deste texto veterotestamentário com o das «Bodas de Caná». Para se poder evidenciar isso, é necessário estabelecer alguns paralelismos entre os textos:

No *Livro de Ester* destaca-se a judia rainha Ester, no texto neotestamentário, é a mãe de Jesus, igualmente uma judia, descendente de David.

No *Livro de Ester* 5,1, «ao terceiro dia», Ester se dirige ao rei, propondo um banquete; no texto canónico, «ao terceiro dia» (Jo.2,1), Jesus se dirige a umas bodas em Caná da Galileia, com a sua mãe e os seus discípulos.

²⁴² Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 11, 6, 202, trad. William Whiston (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987), 299.

Assim como no *Livro de Ester* 8,5-7, a rainha intercede junto do rei com a finalidade de revogar o decreto de morte que recaía sobre o povo judeu, também nas «bodas de Caná» (Jo.2,3-5) Maria intercede junto de Jesus porque o vinho acabara e ordena que se cumpra tudo o que Ele disser.

É bastante evidente que no relato das «bodas de Caná» se pretende evidenciar que Maria é a «rainha» e Jesus «o Rei». Tal como no tempo da rainha Ester, também no tempo de Maria recaía sobre o povo Judeu um decreto de morte e ela, ao fazer com que o Messias se manifestasse, revogara esse decreto.

Até então, assim como as jarras continham água apenas para uma lavagem ritual das mãos (Jo.2,6), de igual modo o cumprimento da *Torá* era apenas externo e sem vigor. Porém, com a manifestação do Messias, o cumprimento da *Torá* ganhara novo sentido, cor e vigor, transformando-se no «vinho bom» servido somente no fim (Jo.2, 10), que preenchia e alegrava interiormente quem a cumpria.

Dentre as tradições ligadas à «Festa do Purim», destaca-se o facto de que, nesses dias de festa, é costume, beber muito, até ao ponto de não distinguir entre o Bem-Aventurado Mardoqueu e o Amaldiçoado Amã²⁴³.

À guisa de conclusão deste apartado, devem-se rememorar as seguintes características da ótica Judeocristã sobre o messianismo de Jesus:

Primeiro, para o Judeocristianismo, Jesus era efetivamente o Messias esperado, uma vez que continha em si todos os atributos necessários que permitiam identificá-lo como o «filho de David».

Em segundo lugar, para o grupo dos crentes oriundos da circuncisão, o Messias teria primeiro de passar por um processo de sofrimento e de morte, cumprindo assim a profecia de Daniel 9, 24-26.

Uma vez que as esperanças messiânicas de carácter político ainda não se tinham concretizado, nem o trono real de David fora visivelmente restaurado, os Judeocristãos irão considerar que tal somente ocorrerá aquando do regresso do «Messias triunfante», nos tempos escatológicos.

²⁴³ Cf. Philip Birnbaum, «Purim», 505.

Por fim, o relato das «bodas de Caná» (Jo.2,1-12), visto a partir da ótica Judeocristã, e colocado em paralelo com as três fontes sob investigação, vai evidenciar a «Festa do Purim» enquanto festa da manifestação de Jesus como o Messias aguardado por Israel.

4.8 – A questão da circuncisão

Um outro aspeto idiossincrático do Judeocristianismo dos primeiros séculos é a valorização da circuncisão enquanto sinal da Aliança que o povo de Israel realizou com Deus. Neste apartado será aprofundada a ótica Judeocristã sobre a circuncisão, a partir de uma perícopie presente no EvB, que, provavelmente, terá a sua origem no *Evangelho dos Nazarenos*.

Os Evangelhos canónicos não abordam com clareza este assunto, mas, no entanto, nos *Atos dos Apóstolos* 15,1-29, este tema torna-se o *leitmotiv* para a celebração do «Concílio de Jerusalém», pois alguns da seita dos fariseus afirmavam que, se os gentios não se circuncidassem, não se poderiam salvar (At.15,1).

Este tópico era fruto de intenso debate na época do segundo Templo, sobretudo entre as duas fações que compunham o farisaísmo. Enquanto que a «Beit Hillel», encabeçada por R. Yehoshua, considerava que a imersão tornava a pessoa um total prosélito, sem necessidade de circuncisão, uma vez que, outrora, quando Israel recebeu a *Torá*, nada mais lhe fora sido exigido senão a imersão de purificação²⁴⁴, a «Beit Shammai» defendia ser necessário, para que a pessoa se tornasse um prosélito, derramar uma gota de sangue da aliança²⁴⁵.

Na linha de pensamento da «Beit Hillel», Paulo vai considerar, embora útil, desnecessária a circuncisão para aqueles que chegaram à fé através de Jesus, uma vez que a autêntica circuncisão era aquela que era realizada no coração:

²⁴⁴ Cf. Talmude da Babilónia, t.*Yeb.*,46a, trad. Abraham J. Weiss (Buenos Aires: Acervo Cultural/ Editores, 1979), 182.

²⁴⁵ Cf. Talmude da Babilónia, t.*Shab.*,137a, trad. Abraham J. Weiss (Buenos Aires: Acervo Cultural/ Editores, 1971), 553.

Certamente a circuncisão é útil, se observas a Lei, mas se és um transgressor da Lei, a tua circuncisão torna-se incircuncisão. Se, portanto, o incircunciso guardar os preceitos da Lei, porventura a sua incircuncisão não será considerada circuncisão? E o fisicamente incircunciso, cumpridor da Lei, julgar-te-á a ti que, apesar da letra e da circuncisão, és transgressor da Lei. Pois o verdadeiramente judeu não é aquele que o aparenta externamente, nem é verdadeira circuncisão a que é visível na carne: mas é judeu aquele que o é no interior, e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra: aí está quem recebe louvor, não dos homens, mas de Deus. Que vantagem há então em ser judeu? E qual a utilidade da circuncisão? Muita, e sob todos os pontos de vista (Rm.2, 25-3,1).

Porém, a visão Judeocristã sobre a circuncisão, era ligeiramente diferente da interpretação Paulina porque, embora não sendo necessária para a salvação (At. 15,1), a circuncisão do prepúcio era uma «mitzvah», isto é, um mandamento da *Torá* e, como tal, deveria ser cumprida. Tal se pode depreender a partir da interpretação Judeocristã do episódio da mulher Cananeia (Mt. 15,21-28; Mc. 7,24-30) presente no EvB cs.21-22, texto provavelmente dependente do *Evangelho dos Nazarenos*:

... e eis que uma mulher de Canaã com os seus dois filhos, que havia saído do seu próprio país para conhecer Jesus, ao vê-lo chegar, gritou, com os seus filhos: «Jesus, filho de David, tem piedade da minha filha que é atormentada pelo demónio!» Jesus não lhe respondeu uma palavra já que ela pertencia ao povo incircunciso. Os Discípulos encheram-se de compaixão e disseram: «Ó Mestre, tem piedade deles! Olha como gritam e choram!» Jesus respondeu: «Eu só fui enviado ao Povo de Israel.» Então, a mulher com os seus filhos, foi diante de Jesus a chorar e disse: «Ó filho de David, tem piedade de mim!» Jesus respondeu: «Não está bem tirar o pão da mão dos filhos e dá-lo aos cães.» A mulher respondeu: «Ó Senhor, os cães comem as migalhas que caem da mesa dos seus donos.» Então Jesus admirou-se com as palavras da mulher e disse: «Ó mulher, é grande a tua fé! A tua filha está livre, vai em paz.» A mulher partiu e, ao chegar à sua casa, encontrou a sua filha, a qual estava a louvar a Deus. Então a mulher disse: «Verdadeiramente não existe mais deus do que o Deus de Israel.» Então ela, e toda a sua parentela converteram-se à Lei, segundo está escrita no Livro de Moisés. [...] Os Discípulos perguntaram a Jesus nesse dia: «Diz-nos, ó Mestre, por que razão deve o homem ser circuncidado?» Jesus respondeu: «Que seja suficiente para vós o facto de que Deus o ordenasse a Abraão, dizendo: “Abraão, circuncida o teu prepúcio, e o de todos os da tua casa, pois esta é uma Aliança entre tu e Eu para sempre”»²⁴⁶.

No texto de EvB, Jesus refere-se à circuncisão apenas como sinal da aliança selada com Abraão, e não como um sinal salvífico. Esta era, provavelmente, a linha teológica

²⁴⁶ *The Gospel of Barnabas*, 43;45; 47.

defendida pelos Judeocristãos. Pese a salvação vir através do Messias, e não através da circuncisão, esta prática deveria ser mantida como sinal da aliança entre Deus e «Abraão nosso pai», aquele que, por ter acreditado, se tornaria o genitor de uma descendência mais numerosa do que as estrelas do céu (Gn. 26,4).

4.9 – As leis dietéticas bíblicas

Outro dos elementos identitários do Judaísmo é o cumprimento das normas dietéticas expostas na *Torá*, particularmente em Levítico 11, 1-47, e Deuteronómio 14, 3-21. Estas normas definem o tipo de animais de que cuja carne se pode consumir, porque é considerada «pura», e aqueles que, por causa de determinadas especificidades, são considerados impuros para a consumpção.

O presente tópico irá abordar este assunto a partir do prisma Judeocristão, sobretudo respondendo ao quesito de que se estes crentes, oriundos da circuncisão, observariam ou não estas normas.

Os Evangelhos canónicos não dão, à primeira vista, muita informação sobre este assunto, embora uma leitura midráshica do episódio da expulsão dos demónios (Mt. 8,28-34; Mc. 5,1-20; Lc. 8,26-39) permita indiciar que o Messias-Jesus manteve para os seus discípulos a praxis comum ao Judaísmo do seu tempo. De facto, os demónios – seres espirituais impuros – são expulsos para os porcos – seres materiais, legalmente impuros – e estes, lançam-se no abismo do mar, provocando um grande prejuízo aos seus guardadores não-judeus.

Além deste episódio, este tema somente volta a ser abordado na contenda entre Jesus e alguns fariseus sobre o «puro» e o «impuro» (Mt. 15,1-11; Mc. 7,1-13; Lc. 11,37-54). Contudo, deve-se ter em conta que a temática central desta perícopes não se centra tanto na observância ou não observância das leis dietéticas, mas sim na pureza ou impureza que possa residir no coração humano.

Fazendo eco deste episódio, o EvB c.32, vai acrescentar ao já conhecido relato a seguinte perícopes:

... comer pão com as mãos sujas não contamina a um homem, já que aquilo que entra no homem não contamina ao homem, mas o que sai do homem, contamina o homem». Então disse um dos escribas: «Se comemos porco ou outros alimentos proibidos, não contaminarão eles?». Jesus respondeu: «A desobediência não entrará no homem, mas sairá dele, do seu coração. E, portanto, ele será contaminado quando coma alimentos proibidos»²⁴⁷.

A partir deste parágrafo pode-se compreender qual o ponto de vista defendido pelos Judeocristãos dos primeiros séculos acerca deste tema. Para eles era necessário manter-se as normas dietéticas da *Torá* como uma demonstração de amor para com Deus, conservando, no entanto, o postulado de que os sentimentos contrários à *Torá* é que poderão tornar o homem impuro e não as coisas em si mesmas. Por isso, a perícopé supramencionada vai clarificar que aquele que conhece a *Torá* e lhe desobedece, pela sua desobediência torna-se espiritual e legalmente «impuro».

4.10 – A transmissão da «Semikha» (autoridade)

Um tema que merece especial destaque dentro da teologia Judeocristã corresponde à transmissão da autoridade conferida com a finalidade de governar, ensinar a *Torá*, e transmitir a novidade de Jesus, o Messias.

Para se compreender com clareza um tema tão complexo deve-se recuar ao período veterotestamentário a fim de encontrar a sua origem.

A «autoridade» estava, acima de tudo, vinculada à própria *Torá*, cujo cuidado estava encarregue, em primeiro lugar, aos sacerdotes e levitas. Eram eles, que formavam o tribunal supremo de justiça que decidia sobre matérias mais graves (Dt. 17,9.18; 31,9;33,10). No tempo de Josafat foram estabelecidas reformas judiciais significativas, nas quais os sacerdotes e levitas assumiram um papel de relevo:

²⁴⁷ *The Gospel of Barnabas*, 73.

Além disso, Josafat estabeleceu em Jerusalém, sacerdotes, levitas e chefes de família israelitas, para promulgar as sentenças de Iahweh e julgar os processos. Moravam em Jerusalém, e Josafat lhes deu assim as suas prescrições: “Desempenhareis tais funções no temor de Iahweh, na fidelidade e integridade de coração. Seja qual for o processo que introduzirem diante de vós os vossos irmãos residentes nas suas cidades: questões de assassinio, de contestação sobre a Lei, sobre um mandamento, sobre estatutos ou normas, vós as resolvereis, para que eles não se tornem culpados diante de Iahweh, e a Sua ira não se inflame contra vós, e contra os vossos irmãos, agindo assim, não sereis culpados. (II Cr. 19, 8-10).

Situação semelhante ocorreu durante o período dos Profetas (Jr. 18,18; Ml. 2,7), uma vez que eram os sacerdotes que continuavam a interpretar a *Torá*.

Na época do segundo Templo coube aos «Sábios», igualmente conhecidos como «Escribas», interpretar a *Torá*. Eles diziam ter recebido diretamente de Moisés, dos Profetas e dos homens da Grande Assembleia²⁴⁸ a autêntica interpretação da *Torá*, designada por eles como «Tradição dos Anciãos». Sobre este conjunto de tradições é importante destacar os testemunhos de Josefo:

...O que eu iria agora explicar é o seguinte: que os Fariseus entregaram ao povo muitíssimas observâncias por sucessão dos seus pais, as quais, não estão escritas na Lei de Moisés, e, por esse motivo, os Saduceus as rejeitam, e dizem que devemos considerar obrigatórias aquelas observâncias que estão na palavra escrita, mas não se deve observar aquilo que deriva da tradição dos nossos antepassados...²⁴⁹.

Foi com o «peso» destas tradições dos anciãos que Jesus polemizou durante o seu ministério e, dentre todos os episódios onde isso sucede, destaca-se parte da perícopé sobre as abluções rituais:

Nesse tempo, aproximaram-se de Jesus, fariseus e escribas vindos de Jerusalém e disseram-lhe: «Por que é que os teus discípulos violam as tradições dos antigos? Pois não lavam as mãos quando comem.» Ele respondeu-lhes: «E vós, porque violais o mandamento de Deus por causa da vossa tradição?» (Mt. 15,1-3).

²⁴⁸ *Mishna*, t.*Avot* c.1,1, trad. Carlos del Valle (Salamanca: Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011), 627.

²⁴⁹ Josefo, *Antiguidades Judaicas*, 13, 10, 297, trad. William Whiston (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987), 355.

Os escribas integravam-se dentro do grupo dos fariseus que que integravam o Grande Sinédrio, que «no período intertestamentário era composto por 70 membros, 35 fariseus e 35 saduceus, mais o presidente, o sumo-sacerdote»²⁵⁰.

Entre outras funções, a transmissão da autoridade conferia-lhes o poder de «ligar» e «desligar», isto é, proibir ou permitir algo. Esta expressão acarreta todo o peso da autoridade rabínica, como é testemunhado por Josefo: «Mas estes Fariseus, astuciosamente, se insinuavam no favor dela (da rainha), pouco a pouco, e se tornaram os verdadeiros administradores dos assuntos públicos. Eles baniram e reduziram a quem lhes aprouve, ligaram e desligaram a seu bel-prazer...»²⁵¹.

Mais tardiamente, esta expressão é igualmente conhecida no *Talmude*, sendo associada ao contexto de fazer «Halakhah», isto é, produzir legislação em torno do cumprimento da *Torá*:

Existem, muitas vezes, debates entre esses grupos, pois alguns desses Sábios, tornam um objeto ou pessoa impuro ritualmente, e estes o tornam puro; estes proíbem determinada ação, e estes a permitem; estes consideram inválido um item, e outros o consideram válido²⁵².

Mas, de todos os testemunhos, aquele que é mais conhecido, é fornecido pelos textos canónicos, no momento em que Jesus concede a Pedro, e, posteriormente aos outros onze discípulos, a autoridade de «ligar» e de «desligar»: «Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra, será ligado nos céus, e o que desligares na terra, será desligado nos céus» (Mt. 16,19; 18,18).

A transmissão da autoridade, ou סמיכה (Semikha), era realizada através da imposição da mão e ecos desse gesto podem ser encontrados na *Torá* (Nm.27,18), no momento em que se torna necessário escolher um homem munido de autoridade, com a finalidade de

²⁵⁰ Lourenço, *O tempo de Jesus: O mundo e as instituições judaicas*, 120.

²⁵¹ Josefo, *A Guerra dos Judeus*, 1, 5, 111. trad. William Whiston (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987), 551-552.

²⁵² *Talmude da Babilónia*, t.Chag.,3b, trad. A.W. Streane (Cambridge: At the University Press, 1891), 9.

comandar o Povo de Deus. Deus escolhe Josué e Moisés comunica-lhe parte da sua autoridade (Nm. 27,19).

Quanto ao modo de transmissão da autoridade, como está narrado no texto veterotestamentário, sucedeu que Moisés tomou Josué, colocou-o diante do Sacerdote Eleazar e de toda a comunidade, impôs-lhe as mãos e transmitiu-lhes as suas ordens (Nm. 27,22-23). Através da imposição das mãos de Moisés, Josué ficou cheio do espírito de sabedoria (Dt. 34,9) para governar o povo.

Analogamente, Jesus vai escolher doze discípulos, dando-lhes autoridade para expulsar os espíritos impuros e curar toda a sorte de doenças (Mt. 10,1). O facto de Jesus lhes ter outorgado «autoridade» é significativo, uma vez que no texto canónico subjaz o gesto da «Semikha», isto é, da imposição das mãos.

Também no EvB c.126, encontramos menção a este gesto, clarificando o que fora dito na versão de Mateus 10,1: «Então, inclinaram-se, e ele impôs as suas mãos sobre as cabeças, dizendo: “Em nome de Deus, dai saúde aos enfermos, expulsai os demónios” ...».

Esta prática, pela qual os antigos sábios judeus conferiam aos seus discípulos o título de «Rav» (Mestre) ou «Rabi» (meu Mestre), permitindo-lhes tomar decisões e conservar a autoridade em matéria civil e religiosa, era praticada do seguinte modo: os mestres, na presença de outros dois rabis, transferiam a sua autoridade através da imposição das mãos sobre a cabeça do seu discípulo que seria futuro rabi²⁵³.

Contudo, Moisés também escolheu setenta anciãos para colaborarem com ele:

Iahweh disse a Moisés: “Reúne setenta anciãos de Israel, que tu sabes serem anciãos e escribas do povo. Tu os levarás à Tenda da Reunião, onde permanecerão contigo. Eu descerei para falar contigo, tomarei do Espírito que está em ti, e o porei neles. Assim, levarão contigo a carga deste povo, e tu não mais a levarás sozinho. (Nm. 11, 16-17).

Estes setenta anciãos, receberam uma porção do Espírito que repousava sobre Moisés:

²⁵³ Cf. Philip Birnbaum, «Ordination», 440.

Moisés saiu, e disse ao povo as palavras de Iahweh. Em seguida, reuniu setenta anciãos dentre o povo e os colocou ao redor da Tenda. Iahweh desceu da Nuvem. Falou-lhes, tomou do Espírito que repousava sobre ele, e colocou-o nos setenta anciãos (Nm.11, 24-25).

Comparativamente, o *Evangelho de Lucas* 10,1 é a única obra que menciona o envio dos setenta discípulos – ou setenta e dois, consoante a tradição redaccional que se siga – dois a dois, à frente de Jesus, a todos os lugares onde Ele haveria de ir. Note-se que, enquanto aos Apóstolos, Jesus confere «autoridade», a estes setenta, apenas os «designa».

Similarmente aos setenta anciãos escolhidos por Moisés, na situação dos setenta discípulos enviados por Jesus não existe clara menção à transmissão da «Semikha», o que não implica que tal gesto não tenha sido efetuado, uma vez que Moisés conferiu aos setenta uma porção do mesmo espírito de Sabedoria que Josué tinha recebido através da imposição das mãos (Dt. 34,9).

Deduz-se daqui que aos setenta discípulos enviados por Jesus lhes tenha sido outorgado o mesmo título que tinham recebido os setenta escolhidos por Moisés, dado que, durante a época do segundo Templo, os homens que recebiam a imposição das mãos eram designados de «zaken» (ancião), tal como no tempo de Moisés²⁵⁴.

A transmissão de autoridade era necessária não somente no «Grande Sinédrio», mas igualmente nos pequenos, e ainda nos colégios de juízes, empossados para julgar os casos legais²⁵⁵. Similarmente, podem-se encontrar os anciãos reunidos com os apóstolos (At. 15,6) em Jerusalém, dirigidos por Pedro e Tiago, para discutir a questão levantada pelos fariseus sobre a circuncisão dos gentios.

Contudo, a «Semikha», no contexto neotestamentário, não era somente empregue em situações vinculadas a questões legais ou até mesmo do anúncio da Palavra, uma vez que os Apóstolos irão impor as mãos a homens cheios do Espírito e de sabedoria – Espírito esse, recebido no batismo – para o serviço às viúvas (At. 6,6).

²⁵⁴ Cf. J. Z. Lauterbach, «Ordination», em *Jewish Encyclopedia*, ed. Isidore Singer, 1ªed., vol.9 (New York and London: Funk and Wagnals Company, 1905), 428.

²⁵⁵ Cf. J. Z. Lauterbach, «Ordination», 428.

É, provavelmente, no contexto da transmissão da «Semikha», que se devem interpretar as palavras da *Didaché* ao empregar o imperativo aoristo Χειροτονησατε²⁵⁶ do verbo Χειροτονειν, que se traduz, literalmente, por: «estender as mãos para fazer algo». Como se sabe, a *Didaché* é redigida no contexto Judeocristão dos primeiros séculos, o que vem a tornar ainda mais significativa esta menção.

Este processo de eleição/transmissão de autoridade especificamente judaico vai ser assumido pelas comunidades Judeocristãs dos primeiros séculos, evocando aquilo que o próprio Messias fizera ao eleger os Seus Apóstolos e discípulos. Pelo batismo, os crentes ficavam cheios do Espírito; depois, consoante aquilo que o Espírito lhes indicasse ou segundo as necessidades da comunidade, eram apresentados diante dos Apóstolos, os quais lhes transmitiam a «Semikha», mediante a imposição das mãos, rememorando, ao mesmo tempo, o que fizera Moisés para liderar o Povo de Deus e a boa-nova trazida pelo Messias, o «Novo Moisés».

Semelhantemente, bebendo da mais genuína tradição apostólica, o Cristianismo procedente da gentilidade, irá embelezar e dar novo sentido a este gesto, não já somente utilizado para a interpretação das Escrituras ou para questões puramente legais, mas para uma missão ontologicamente verdadeiramente transformadora, através daquilo que, mais tarde, seria designado como «Sacramento da Ordem».

4.11 – O «Shabbat» visto pelo Judeocristianismo

A observância do Sábado é, indiscutivelmente, um dos elementos mais caros ao Judaísmo desde os seus primórdios, dado que nele se concedia a toda a criatura, mais do que um dia de descanso, um tempo de encontro com o seu Criador. De igual modo, este foi um dos elementos que «imunizou os Judeus contra a assimilação»²⁵⁷ enquanto marca religiosa distintiva de outras religiões²⁵⁸.

²⁵⁶ *Didaché*, 15,1, *SCh* 248, 192.

²⁵⁷ Abraham P. Bloch, *The biblical and historical background of Jewish customs and ceremonies*, (New York: Ktav Publishing house, Inc., 1980), 107.

²⁵⁸ Cf. Jean Halpérin-Geroges Levitte, *Le Shabbat dans la conscience Juive. Donnés et textes*, Paris: Presses Universitaires de France), 13-18.

O Sábado é apresentado no Génesis 2,2-3 «como a coroa da criação, coroa esta, que é dada ao homem, mas da qual Deus participa»²⁵⁹.

Ao procurar-se uma resposta sobre as origens do Sábado, é exatamente em Gn.2,1-3 que se pode encontrá-la, pois no sétimo dia Deus descansa da Sua obra de criação, derrama sobre ele a Sua bênção, e declara-o «santo», isto é, «separado».

A observância do Sábado é uma das pedras basilares da Fé Judaica, uma vez que, ao longo de vários momentos da *Torá*, é repetidamente lembrado o dever de se observar este dia (Ex. 20,8-11; 23,12; 31,12-17; Lv.23,3; Dt. 5,12-15), sendo necessário, para tal, abster-se de realizar determinado tipo de tarefas. Dentre elas, destacam-se a recolha de alimentos, arar a terra e recolher os seus frutos, acender fogueiras, ou cortar e recolher lenha (Ex. 16,29-30; 34,21; 35,3; Nm. 15,32-36).

Deve-se evidenciar, igualmente, que o descanso sabático não ficava restrito apenas ao ciclo íntimo da casa, mas este dia festivo deveria ser observado igualmente pelos servos e servas e até mesmo pelos animais (Ex. 20,10; 23,12; Dt. 5,14).

Os Profetas criticaram duramente a violação do Sábado. Amós 8,5 vai criticar o modo de pensar daqueles ansiavam pelo fim do sétimo dia para poder continuar a negociar enganosamente os seus produtos. Por sua vez, em Jeremias 17,19-27, pode-se ver o profeta atacar duramente aqueles que carregavam os seus pesos das suas casas pelos portões de Jerusalém (Jr.17,19-27). Nesse sentido, por causa da dessacralização do dia de Sábado mediante o comércio, Neemias mandará encerrar os portões de Jerusalém (Ne. 13,15-22).

Isaías 56,2 chama de «bem-aventurado» o homem que não profana o Sábado e, mais adiante, em 58,13-14 estabelece promessas para quem observar este dia sagrado. Por sua vez, Ezequiel exortará o Povo a seguir o caminho da observância dos mandamentos de Deus e à não profanação do Sábado (Ez. 20,20).

Podem-se apontar como os dois principais motivos que levavam à observância do Sábado, primeiro, o facto de ser um dia memorial do descanso de Deus da Sua obra de criação (Gn. 2,1-3; Ex. 20,11; 31,12-16); e, em segundo lugar, por ser um «sinal

²⁵⁹ Lourenço, *O tempo de Jesus: O mundo e as instituições judaicas*, 231.

perpétuo» entre Deus e Israel (Ex. 31,17). Por isso, o Sábado, deveria ser considerado um dia de «alegria» (Os. 2,13).

O Sábado é, igualmente, memorial da saída do Egito e do tempo em que o Povo de Israel esteve submetido ao jugo da escravidão enquanto se encontrou no meio desse povo opressor. Evidência disso se encontra nas palavras de Deus que, após especificar o descanso sabático para todos – inclusive escravo ou escrava – vai pronunciar: «Recorda que foste escravo na terra do Egito, e que Iahweh teu Deus te fez sair de lá, com mão forte e braço estendido. É por isso que Iahweh teu Deus te ordenou guardar o dia de Sábado» (Dt. 5, 15)²⁶⁰.

No período neotestamentário, é sabido que as diferentes seitas que constituíam o Judaísmo observavam o Sábado. Dentre todas importa destacar a seita dos fariseus, dado que Jesus, por diversos momentos, vai antagonizar-se com alguns membros deste grupo religioso por causa das curas que realizava no Sábado, dado que eram consideradas como transgressão ao repouso sabático (Mc. 1,21-28; 1,29-31; 3,1-6; Lc. 13,10-17; 14,1-6; Jo. 5, 1-18; 9, 1-16). Porém, Jesus demonstra-lhes que é exatamente o oposto, pois a cura de enfermos nesse dia enobrecia ainda mais a sua grandeza, levando a que aqueles que fossem curados louvassem a Deus pela graça recebida (Lc. 13,13). Além do mais, partindo da regra hermenêutica de Hillel, «Qal vahomer» (Leve e pesado), Jesus vai demonstrar-lhes que se eles, no Sábado, são capazes de salvar animais que possam cair em fossas, quanto mais a vida humana – que é imagem e semelhança com Deus – deve ser salva nesse dia, e que tal facto não constitui uma transgressão da *Torá*.

Merece especial destaque o episódio da colheita das espigas em dia de sábado (Mt. 12,1-8; Mc. 2,23-28; Lc. 6,1-5), dado que, aparentemente, esta perícopes pode ser considerada como a prova cabal de que Jesus permitia a transgressão do dia santo (Ex.20,8-10), quando, na verdade, apenas quis demonstrar que a salvaguarda da vida humana permite a suspensão das normas sabáticas. Este princípio rabínico, designado de פיקוח נפש (Pikuach Nefesh), isto é, «vigiar sobre a alma / vida», advoga que a preservação da vida humana se sobrepõe a qualquer outra regra, inclusive às regras do Sábado. A base desta interpretação rabínica, encontra-se em Levítico 18,5: «Eu sou Iahweh vosso Deus. Guardareis os meus estatutos e as minhas normas: quem os cumprir, encontrará neles a

²⁶⁰ Cf. Jean Halpérin-Geroges Levitte, *Le Shabbat dans la conscience Juive*, 37-38.

vida»; por conseguinte, a mesma lógica rabínica advogava que os mandamentos devem ser cumpridos para que, através deles, se possa viver e não morrer²⁶¹.

Na supramencionada perícopie do Evangelho, os discípulos de Jesus «que estavam com fome, puseram-se a arrancar as espigas e a comê-las» (Mt. 12,1). O facto de eles estarem com fome justificava a suspensão das normas sabáticas, porque «violiar um Sábado para salvar a vida de uma pessoa, prevalece mais, porque permite observar muitos outros no futuro»²⁶². Por isso, Jesus vai dizer: «O Sábado foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado» (Mc. 2,27).

Mas esta perícopie merece ainda especial atenção, porque poderá indiciar qual a ótica do Judeocristianismo em relação ao Sábado, dado que na *Didaché* – documento Judeocristão já citado – é possível ler o seguinte: κατα κυριακην δε κυριου συναχθεντες (No dia do Senhor do Senhor reuni-vos...) ²⁶³.

A aparente redundância presente no texto, provavelmente, estará a evocar ou a citada perícopie de Mateus, ou produção literária Judeocristã semelhante a ela, dado que esta expressão supõe, da parte do redator, que o seu público-alvo conhecerá um texto onde Jesus seja apresentado como «Senhor». A única que perpassou para os Sinópticos com certa notoriedade foi: «Pois o Filho do Homem é senhor do Sábado» (Mt. 12,8; Mc. 2,28; Lc. 6,5). Por isso, se Jesus «é Senhor do Sábado», e o Pai é igualmente o Senhor do Sábado (Ex. 20,10), então, segundo a ótica Judeocristã, o «dia do Senhor do Senhor» é o Sábado.

A finalizar este apartado, não deixará de ser relevante apresentar uma nota sobre como o dia da ressurreição de Jesus era visto pelas comunidades Judeocristãs.

Em Lucas 23,56 está escrito: «... e, no Sábado, observaram o repouso prescrito». Por sua vez, Mateus 28,1 menciona que «Passado o Sábado, ao raiar do primeiro dia da semana», Maria de Magdala e a outra Maria se dirigem ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus. Tenha-se em conta que, segundo o cômputo judaico, o dia de Sábado começava ao entardecer de sexta-feira e terminava com o final da tarde de sábado²⁶⁴, por isso, o «raiar

²⁶¹ Cf. Ronald L. Eisenberg, *What the Rabbis said – 250 topics from the Talmud*, (California: Ed. ABC-CLIO, LLC, 2010), 75-76.

²⁶² Talmude da Babilónia, t. *Yoma*, 85b, trad. Michael L. Rodkinson (Boston: The Talmud Society, 1918), 132.

²⁶³ *Didaché*, 14,1, *SCh* 248, 192.

²⁶⁴ Cf. Lourenço, *O tempo de Jesus: O mundo e as instituições judaicas*, 233.

do primeiro dia da semana» corresponderia ao fim do sábado semanal. Se está testemunhado que as mulheres se depararam com o sepulcro de Jesus vazio ainda nesse dia (Mt. 28,1-8; Mc. 16,1-6; Lc. 24,1-8; Jo. 20,1-2), é verosímil pensar-se que o Seu Mestre tenha ressuscitado antes do final do «Shabbat».

Como conclusão deste item, pode-se considerar que os Judeocristãos observavam o sábado, tal e como os outros grupos religiosos judaicos existentes, e pese a sua conceção teológica sobre este dia permitir as curas como expressão de louvor a Deus – conceção essa trazida pelo seu Messias – provavelmente era para eles um dia de júbilo porque, ao despontar do primeiro dia da semana, o sepulcro de Jesus já se encontrava vazio e, por conseguinte, o «Filho do Homem é Senhor do Sábado».

4.12 – A descida do Messias ao «Sheol» e a derrota de Leviatã

Como já se evidenciou anteriormente, a narrativa de um Messias, filho de David, sofredor e morto, encontra-se presente na literatura veterotestamentária e, pelo menos, num apócrifo do Antigo Testamento. Porém, a produção literária messiânica vai aprofundar ainda mais este assunto, interligando este postulado com a descida do Messias ao «Sheol», a derrota de Leviatã e a ressurreição de entre os mortos.

Sobre a descida de Jesus ao *Sheol*, é fundamental o testemunho da *Primeira carta de Pedro* 3,19-20, segundo o qual, Cristo «foi também pregar aos espíritos em prisão, a saber, aos que foram incrédulos outrora, nos dias de Noé, quando Deus, na Sua longanimidade, contemporizava com eles, enquanto Noé construía a arca, na qual poucas pessoas, isto é, oito, foram salvas por meio da água».

Esta tradição da descida de Jesus à mansão dos mortos, vai ser desenvolvida posteriormente nos apócrifos cristãos, destacando-se, por exemplo, os *Actos de Pilatos* e o *Evangelho de Bartolomeu*²⁶⁵.

²⁶⁵ Cf. Moraldi, *Evangelhos Apócrifos*, 372; Rémi Gounelle, *La descente du Christ aux Enfers. Institutionnalisation d'une croyance*, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2000) 35-37.

Na VB n.3450-3620, no contexto de um diálogo de Jesus com a Sua mãe, este assunto é igualmente mencionado, ainda que de modo superficial:

«M[aria]: “Que necessidade que te levou a incarnares?”» «J[esus]: “Por causa das fraudes do diabo, agora está cativo o homem e está também sujeito ao pecado. Portanto, eu vim ao mundo para prender o demónio e libertar o homem dos pecados”.» «M. “Como é que vais libertar o homem e como é que vais prender Leviatã?”» «J. “Pela morte que hei-de sofrer, totalmente inocente, e que Leviatã fraudulentamente me há-de causar. Ele seduzirá impiamente o povo judeu, para me darem a morte”.» «M. “Acaso serás morto ou sofrerás uma morte provocada por alguém?”» «J. “O que eu disse, não vos dê tristeza, pois em mim se cumprirá toda a profecia. Fui enviado para isto, para que em mim se cumpra a Escritura que atesta que o mundo há-de ser salvo por mim. Não recordais as palavras de Simeão, quando vós me apresentáveis no templo, o qual disse que a minha espada havia de trespassar a vossa alma, quando me virdes morrer?”».

É importante mencionar que esta perícopé encontra eco no EvB c.10, onde, também, num diálogo com a Sua mãe, Jesus parte para cumprir a Sua missão profética:

Tendo Jesus recebido essa visão, e sabendo que ele era um profeta enviado à casa de Israel, deu a conhecer tudo isso a Maria, sua mãe, dizendo-lhe que era necessário que ele sofresse grande perseguição por causa de Deus e que já não podia continuar a viver com ela servindo-a. Então, tendo ouvido isto, Maria respondeu: “Filho, quando nasceste tudo isso foi-me anunciado, assim que bendito seja o Santo nome de Deus”. Jesus partiu, portanto, esse dia, deixando a sua mãe para atender à sua missão profética.

Na VB é mencionado Leviatã, uma personagem de certo sobejamente conhecida dentro dos círculos Judeocristãos; no entanto, quem é Leviatã? Segundo a mitologia judaica, Leviatã é o nome dado uma criatura em forma de serpente do mar²⁶⁶. O seu nome ocorre seis vezes (Jb 3,8; 40,15-41,26; Slm.74,14; 104,26; Is.27,1) ao longo das Escrituras veterotestamentárias e, segundo o *Talmude da Babilónia*, este ser estaria vinculado aos tempos messiânicos:

²⁶⁶ Cf. C. Uchlinger, «Leviathan», em *Dictionary of the Deities and Demons in the Bible*, ed. Karel Van der Toorn, 2ª ed. (Michigan/ Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999), 511.

Rabbah disse em nome de R. Johanan: «O Santo, bendito seja Ele! No tempo que virá, fará um banquete para os Justos da carne de Leviatã, pois é dito: “Os companheiros farão dele um banquete.” Pois é dito: “E ele preparou-lhes um grande banquete e eles comeram e beberam”»²⁶⁷.

Segundo a tradição oral rabínica, se a derrota da Leviatã estava vinculada à inauguração dos tempos messiânicos, não deixará igualmente de ser relevante que a literatura veterotestamentária de género apocalíptico também associe este acontecimento à ressurreição dos mortos. Tal se pode depreender de *2 Baruch*, obra apócrifa do século II d.C. onde está escrito:

E ele respondeu-me dizendo-me: “Isso, que sucederá nesse tempo, afetará toda a terra. Por isso, todos os que viverem, irão aperceber-se. Pois nesse tempo, Eu somente protegerei aqueles que se encontrarem nesta terra, nessa altura. E sucederá que, quando tudo o que deveria acontecer nestas partes for cumprido, o Ungido começará a ser revelado. Behemoth se revelará do seu lugar, e Leviatã virá do mar, os dois grandes monstros que criei no quinto dia da criação, e que terei mantido até aquele momento. Então, eles servirão de alimento para todos os que restarem.» (...) «E sucederá depois dessas coisas, quando for cumprido o tempo do aparecimento do Ungido e ele regressar com glória, que então, todos os que dormem na esperança dele, se erguerão. E sucederá naquele tempo que, aqueles tesouros serão abertos, nos quais o número das almas dos justos foi mantido, e eles sairão, as multidões das almas aparecerão numa reunião, numa mesma mente...²⁶⁸.

É, pois, notória a correlação entre o testemunho da VB e a tradição apocalíptica judaica, uma vez que após a descida ao «Sheol» e a derrota de Leviatã será inaugurado o tempo messiânico. Mas este tempo somente se completará plenamente «quando ele regressar com glória», pois nesse tempo, «todos os que dormem na esperança dele, se erguerão».

Provavelmente, será da tradição bem enraizada no Judeocristianismo da descida de Jesus ao «Sheol» que nasceu o postulado presente no *Credo dos Apóstolos*: «Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia».

²⁶⁷ *Talmude da Babilónia, t.Baba Bathra 75a*, trad. Abraham J. Weiss (Buenos Aires: Acervo Cultural, 1966), 297.

²⁶⁸ *2 Baruch 29, 1-5; 30, 1-2*, trad. A.F.J. Klijn (New York: Doubleday, 1983), 630-631.

Conclui-se, pois, deste apartado, que a morte de Jesus e a sua subsequente descida ao «Sheol» não era visto pelos Judeocristãos como um momento de derrota, mas sim de gradual triunfo. Jesus, o Messias morto na cruz, libertara das garras de Leviatã, derrotando-o, todos os que se encontravam cativos, e posteriormente, ressuscitara. Com isso, inaugurara um «tempo novo», o tempo messiânico, que somente atingirá a sua plenitude aquando do Seu regresso triunfante, altura em que todos os que tiverem morrido na esperança d'Ele hão-de ressuscitar.

Conclusão

É sempre difícil elaborar a «conclusão» de um trabalho e assunto que levaram mais de uma década a chegar até este termo. Se é verdade que muito ficou mais claro e escrito, muito mais ficou por esclarecer e desenvolver.

Ainda assim, chegados aqui, podemos tentar a síntese possível, em jeito de corolário que ajude o leitor a compreender o nosso itinerário.

O nosso assunto e hipótese de trabalho partiram de fontes concretas que acabaram por ser a base do nosso estudo. O primeiro aspeto que deve ser tido em conta é a interconexão entre as três fontes apresentadas dado que, embora tendo sido redigidas em períodos cronológicos tão diferentes e em locais tão díspares, indiciam a utilização de uma fonte primitiva comum.

Esta fonte, como se pôde mostrar, provavelmente, será a *Quelle*, não redigida em grego, mas sim em hebraico. Acresce aos indícios que fundamentam esta hipótese o testemunho do Ms.2498 que, como se constatou, terá como original um «Targum» Judeocristão escrito em aramaico, documento esse que partilha de diversas características comuns com este modelo de produção literária judaica, situada cronologicamente algures entre o I século a.C. e o II século d.C..

Por sua vez, quer a fonte primitiva da VB, quer do EvB, terão a sua origem numa versão *brevior* da «Q», o que justificaria o facto destes dois documentos, em conjunto com o Ms.2498, terem, entre outras características comuns, a particularidade de serem harmonias evangélicas, com especificidades textuais presentes entre si, mas inexistentes nos Evangelhos canónicos.

Como segundo âmbito de demonstração da nossa investigação, encontram-se os diversos aspetos históricos que levaram o Judeocristianismo a um gradual isolamento, quer em relação ao Judaísmo Rabínico, quer em relação ao Cristianismo.

Se, por um lado, a introdução da «Birkhat HaMinim», com a clara menção aos «Nazarenos», significou o fim da presença nas sinagogas dos crentes em Jesus oriundos da circuncisão, por outro, a presença de um Cristianismo cada vez mais autónomo das suas raízes judaicas levaria à separação definitiva entre estes dois movimentos religiosos crentes em Jesus.

Aliados aos fatores supramencionados, os Judeocristãos foram ainda submetidos a duras provas, dentre as quais se destacaram as guerras pela independência, a destruição do Templo, as pressões e perseguições do lado rabínico e do lado Cristão, o crescente isolamento, e, por fim, a assimilação por igrejas Cristãs ou pelo Islamismo.

Dentre os grupos Judeocristãos estudados não se podem deixar de realçar os «Nazarenos» que, muito provavelmente, corresponderiam aos mesmos que são mencionados nos *Atos dos Apóstolos* 24,5 e, por conseguinte, tiveram ainda a possibilidade de ouvir a pregação do Mestre Jesus e dos Seus Apóstolos. Alguns Padres da Igreja, como Orígenes e Jerónimo, ainda concederam alguma precedência aos seus escritos, possibilitando chegar até ao presente a sua memória, testemunhos de documentos que as vicissitudes dos tempos ou, até mesmo, a incúria ou a intolerância não souberam ou não quiseram preservar.

Concluiu-se o presente estudo com o destaque de alguns elementos teológicos mais relevantes, vistos a partir da ótica Judeocristã, e com base quer em textos já conhecidos, produzidos por crentes oriundos da circuncisão, quer pelos documentos colocados sob investigação.

Quanto à Cristologia Judeocristã, pode-se afirmar que ela acredita que Jesus era verdadeiramente o Messias, descendente de David, nascido do Pai e do Espírito Santo. Pese a Sua origem divina, para os Judeocristãos, Jesus não é Deus encarnado, pois quem Se manifestara na carne, tomada de uma donzela virgem, era a «Memra» de YHWH, a mesma sobre a qual tantas vezes ouviram falar nas sinagogas em cada Sábado.

Além de ser o Messias, para eles, Jesus era o Filho de Deus, pois segundo o Judeocristianismo, Deus é Família da qual a primeira família humana é «imagem e semelhança» (Gn. 1,26). Longe de postular um conceito trinitário de Deus, a teologia Judeocristã defende a Unidade e a singularidade de Deus que, unido à Sua dimensão maternal, a «Ruach HaKodesh», gera o Filho unigénito de Deus.

Para assumir a natureza humana, a «Memra» vai nascer no seio de uma descendente de David, desposada por José, igualmente membro da tribo real. A mãe de Jesus, trono do Espírito, vai conceber o Filho de Deus pelo ouvido, órgão por onde entra a Palavra de Deus que fecunda e gera Vida. Também segundo este grupo religioso judaico, Maria, a «nova rainha Ester», instiga o Rei-Messias para que se manifeste, antes da sua hora, numas bodas – símbolo da época messiânica – pela transformação da água das abluções

rituais, que simbolizavam a interpretação ritual e vazia da *Torá*, no «vinho bom» deixado para o fim do banquete, como imagem da nova e plena interpretação da Lei de Deus.

Ainda segundo a cristologia Judeocristã, o Messias sofre e morre, existindo, pois, lugar proeminente na vida destes judeus, para o «escândalo da cruz» (Gl. 5,11), onde se gloriam no seu Messias crucificado e morto. Mas a morte é apenas gérmen da vida que está a despontar, pois o Messias, tendo descido ao «Sheol» e derrotado o monstro Leviatã, liberta os que se encontravam sob o jugo desta serpente que habitava no abismo das águas.

No Sábado semanal, ao entardecer, quando despontavam as três primeiras estrelas no céu, duas mulheres trajando luto, dirigiam-se apressadamente ao sepulcro para ungir o seu Messias; contudo, esse luto, que contrastava com o brilho refulgente das vestes dos anjos, cedo se dissipou, pois o «Senhor do Sábado» ressuscitara gloriosamente.

Como se poderá, então, caracterizar o Judeocristianismo dos primeiros séculos? Segundo foi possível apurar, os Judeocristãos conservaram a fé dos seus pais, assimilando a novidade trazida por Jesus. Por conseguinte, eles nunca se consideraram uma realidade nova ou diferente daquele Judaísmo que sempre conheceram, pois o Messias que os seus pais esperaram era um Messias judeu, descendente de David.

Só podemos considerar como «tardio» o supramencionado testemunho de S. Jerónimo sobre os Nazarenos, segundo o qual «ao desejarem ser, quer Judeus quer Cristãos, não são nem uma coisa nem outra»²⁶⁹, dado que, quando isto é dito, já há muito a Igreja gentílica se demarcara do Judeocristianismo. Porém, este não deixa de ser um testemunho claro da constante tensão em que viveram os crentes oriundos da circuncisão, ao não quererem ser assimilados nem pelo novo Judaísmo, postulado pelo rabinismo, nem pelo Cristianismo gentílico.

Por conseguinte, pode-se afirmar que o Judeocristianismo viveu preso entre dois mundos, de tal modo próximos e irmãos, que levaram, posteriormente, a relações fraticidas. Efetivamente, a progressiva necessidade de afirmarem as respetivas identidades fortes levou, desde muito cedo, a um “conflito de interesses” que não interessou a nenhuma das partes. Do lado Cristão, a ideia de um povo deicida serviu de explicação fácil para a rejeição e “substituição” do Velho Israel pelo Novo Israel com a conseqüente negação da herança inestimável que o próprio Jesus assumiu da Antiga

²⁶⁹ Jerónimo, *Carta a Agostinho*, 1, 924 PL 22, 747.

Aliança. Da parte dos judeus que inicialmente aderiram, ainda que com entusiasmos diversos, a Jesus, a crescente pressão e a rejeição rabínica do «Judeu» Jesus, plasmada em textos como as *Toledot Yeshu*, também empobreceu notoriamente a Fé Judaica que, teimando em rejeitar o «vinho bom», optou por permanecer vinculado somente às «águas das abluções rituais».

Acreditaria que, futuramente, um olhar histórico mais aprofundado sobre o que foi o Judeocristianismo, aliado ao já crescente interesse sobre o «Judaísmo de Jesus», poderá desembocar num diálogo inter-religioso mais frutuoso e franco, onde, quer o «irmão mais velho», quer o «irmão mais novo» (Lc. 15,11-32), se possam finalmente abraçar, e o Pai possa fazer uma festa com todos os Seus filhos.

O nosso trabalho insere-se neste contexto e horizonte de esperança e, por isso, é apenas mais um ponto de partida.

Bibliografia

Fontes judaico-cristãs

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- The Gospel of Barnabas*. Traduzido para Inglês e editado por Lonsdale and Laura Ragg. Oxford: Clarendon Press, 1907.
- The Papyrusian Gospel Harmony*. Transcrição e edição de Margery Goates. London: Oxford University Press, 1922.
- Vita Beate Virginis Marie et Salvatoris rhythmica*. Transcrição de Adolf Vögtlin. Tübingen: Gedruckt für den litterarischen verein in Stuttgart, 1888.
- Didaché*. Manuel Luís Marques-Isidro P. Lamelas. Lisboa: Ed. Livraria Alcalá, 2004.
- _____. *SCh.284*. Traduzido por Willy Rordorf e André Tuilier. Paris: Les Éditions du Cerf, 1978.
- Filão de Alexandria. *The works of Philo*. Traduzido por C.D. Yonge. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002.
- Filão de Alexandria. *Sobre a migração de Abraão*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002.
- _____. *Alegorias da Lei*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002.
- _____. *Sobre os Querubins*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002.
- _____. *Sobre a confusão das línguas*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002.
- Flavio Josefo. *The works of Josephus complete and unabridged*. Traduzido por William Whiston. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987.
- Flávio Josefo. *Antiguidade dos Judeus*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1987.
- Judas, o Príncipe. *La Misná*. Salamanca: Ediciones Sígueme, Salamanca, 2011.
- Luigi Moraldi, Luigi. *Evangelhos Apócrifos*. São Paulo: Editora Paulus, 2016.
- Otero, Aurelio Santos. *Los Evangelios Apocrifos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984.
- Schneemeicher, Wilhelm (ed.). *New Testament Apochrypha – Volume one*. Louisville/London: James Clarke & Co, Westminster John Knox Press, 1991.

Talmude da Babilônia. t.berakhot. Traduzido por Abraham Cohen. Cambridge: At the University Press, 1921.

_____. *t.Baba Bathra.* Traduzido por Abraham J. Weiss. Buenos Aires: Acervo Cultural/Editores, 1966.

_____. *t.Chagigah.* Traduzido por Annesley William Streane. Cambridge: At the University Press, 1891.

_____. *t.Shabat.* Traduzido por Abraham J. Weiss. Buenos Aires: Acervo Cultural/Editores, 1971.

_____. *t.Yebamot.* Traduzido por Abraham J. Weiss. Buenos Aires: Acervo Cultural/Editores, 1979.

_____. *t.Yoma.* Traduzido por Michael Levi Rodkinson. Boston: The Talmud Society, 1918.

Fontes patrísticas:

Agostinho de Hipona. *Cartas a Jerónimo.* PL 33,2.

Constituciones Apostolicas. SCh.329. Traduzido por Marcel Metzger. Paris: Les Éditions du Cerf, 1986.

Epifânio de Salamina. *Contra os Hereges.* PG 41, 117A-138B.

_____. *Sobre os pesos e as medidas.* PG 43, 171B.

Eusébio de Cesareia. *Historia Eclesiástica. SCh. 31.* Traduzido por Gustave Bardy. Paris: Les Éditions du Cerf, 1952.

Eusébio de Cesareia. *Historia Eclesiástica. SCh. 41.* Traduzido por Gustave Bardy. Paris: Les Éditions du Cerf, 1955.

Inácio de Antioquia. *Epistola aos Filadelfenses. SCh.10b.* Traduzido por Th. Camelot. Paris: Les Éditions du Cerf, 1950.

_____. *Epístola aos Magnésios. SCh.10b.* Traduzido por Th. Camelot. Paris: Les Éditions du Cerf, 1950.

Ireneu de Lião. *Contra os Hereges. SCh. 264.* Traduzido por Adelin Rousseau e Louis Doutreleau. Paris: Les Éditions du Cerf, 1979.

Jerónimo. *Comentário a Isaías. 4, PL 24, 81C-128CD.*

_____. *Comentário a Mateus. 7, PL26, 77AB-228B.*

_____. *Crónica de Eusébio*. 8, PL 27.

_____. *Diálogo contra os Pelagianos*. 2-3, PL 23, 782B.

_____. *Carta a Agostinho*. PL 22,1,746 – 747.

_____. *Comentário a Miqueias*. PL 25, 1221D-1222A.

Justino. *Diálogo com Trifão*. PG 6, 117A.

_____. *Apologia pelos Cristãos*. SCh.507. Traduzido por Charles Munier. Paris: Les Éditions du Cerf, 2006.

Orígenes. *Contra Celso*. SCh.147. Traduzido por Marcel Borret. Paris: Les Éditions du Cerf, 1969.

_____. *Comentário a João*. PG 14, 63C-64A.

Afraates. *Demonstrations*. II. Traduzido para Inglês por Kuriakose Valavanolickal. Kerala: St. Efreñ Ecumenical Research Institute, 2005.

Efrém, o Sírio. *Commentaire de L'Évangile concordant ou Diatessaron*. Traduzido para Inglês por Louis Leloir. Paris: Les Éditions du Cerf.

Macário, o Egípcio. *Fifty homilies of St. Macarius the Egyptian*. Traduzido para Inglês por: A. J. Mason. New York: The Macmillan Company, 1921.

Estudos

Alday, Salvador Carrillo. *El Evangelio Según San Juan – El Evangelio del Camino, de la verdad y de la vida*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2010.

Barbaglio, Giuseppe. *Jesús, Hebreo de Galilea – Investigación histórica* – Salamanca: Ediciones Secretariado Trinitario, 2003.

Birdsall, J. N. «The New Testament text». Em *The Cambridge History of the Bible – From beginnings to Jerome*. Editado por P.R. Ackroyd e C.F. Evans, 308-377. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Bloch, Abraham P. *The biblical and historical background of Jewish customs and ceremonies*. New York: Ktav Publishing house, Inc., 1980.

Bright, John. *La Historia de Israel*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2003.

- Bruce, F. F. *New Testament History*. New York: Anchor Books, Doubleday & Company, Inc., 1972.
- Carmignac, Jean. *Las fuentes de Mateo, Marcos y Lucas: hebreas, arameas o griegas?*. Traduzido por Joanna Jakubowska Elías e Felipe Sem. Madrid: Editorial: Vision Libros, 2012.
- Castel, François. *Historia de Israel y de Judá*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2005.
- Chilton, Bruce D. *The Aramaic Bible – The Isaiah Targum* 11. Wilmington: Michael Glazier Inc., 1987.
- Cirillo, Luigi, e Michel Fremaux. *Évangile de Barnabé*. Paris: Éditions Beauchesne, 1977.
- Craveri, Marcello. *The Life of Jesus*. London: Fletcher & Son Ltd., 1967.
- Daniélou, Jean. *The Theology of Jewish Christianity*. London: Darton, Longman & Todd, 1964.
- De Sousa, Mário. *Fazei o que Ele vos disser – Introdução ao Evangelho de João*. Faro: Tipografia União Folha do Domingo Lda., 2008.
- Echegaray, Joaquín González. *Jesús en Galilea – Aproximación desde la arqueología*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2001.
- Eisenberg, Ronald L. *What the Rabbis said – 250 topics from the Talmud*. California: Ed. ABC-CLIO, LLC, 2010.
- Evans, Craig A. *Guide to the Dead Sea scrolls*. Tennessee: Holman Reference, 2010.
- Gerd Theissen, Gerd. *La religión de los primeros cristianos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.
- Gnilka, Joachim. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- Hayward, Charles Thomas Robert. *The Holy Name of the God of Moses and the Prologue of St. John's Gospel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- Hillar, Marian. *From Logos to Trinity – The Evolution of Religious Beliefs from Pythagoras to Tertullian*. Cambridge: Cambridge university press, 2012.

Hugh Schonfield, Hugh. *The History of Jewish Christianity – from the first to the Twentieth century*. London: Duckworth.

Jeremias, Joachim. *Abba, el mensaje central del Nuevo Testamento*. Traduzido por Alfonso Ortiz et al. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2005.

Jeremias, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus – Pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. Traduzido por M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

Jocz, Jacob. *The Jewish people and Jesus Christ – A study in the controversy between the Church and the Synagogue*. London: S.P.C.K., 1954.

Klijn, Albertus Frederik Johannes. *Jewish Christian Gospel Tradition*. Leiden: E.J. Brill, 1992.

_____. «2 Baruch». Em *The Old Testament Pseudepigrapha – Apocalyptic Literature & Testaments*. Editado por James H. Charlesworth, 621-652. New York: Doubleday, 1983.

Láiz, Ana Rodríguez. *El Mesías hijo de David – El mesianismo dinástico en los comienzos del cristianismo*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2016.

Leon, Domingos Muñoz. *Dios-Palabra: Memra en los Targumim del Pentateuco*. Granada: Editorial-Imprenta Santa Rita, 1974.

Lourenço, João Duarte. *O Mundo Judaico em que Jesus viveu*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.

_____. *O tempo de Jesus: o mundo e as instituições Judaicas*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2020.

Luomanen, Petri. *Recovering Jewish-Christian sects and gospels*. Leiden/Boston: Brill, 2011.

Macho, Alejandro Díez. *Neophyti I – Targum Palestiniense Ms de la Biblioteca Vaticana “Genesis”*. Madrid/Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1968.

Manns, Frédéric. *Le Judéo-Christianisme, Mémoire ou Prophetie?*. Paris: Beauchesne Éditeur, 2000.

Mcnamara, Martin (Dir.). *The Aramaic Bible – The Targums –I*. Minnesota: The Liturgical Press, 1992.

Metzger, B. M. «4 Esdras». Em *The Old Testament Pseudepigrapha – Apocalyptic Literature & Testaments*. Editado por James H. Charlesworth, 524-559. New York: Doubleday, 1983.

Orbe, Antonio. *Cristología Gnostica, I*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1976.

_____. *La Teología del Espíritu Santo, 4*. Roma: Libreria Editrice del L'Università Gregoriana, 1966.

Paget, James Carleton, «The Definition of the Terms Jewish Christian and Jewish Christianity in the History of Research». Em *Jewish Believers in Jesus*, editado por Oskar Skarsaune/ Reidak Hvalik, Massachusetts, Hendrickson Publishers, 2007.

Pagola, José António. *Jesus – uma abordagem histórica* – Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2008.

Patai, Raphael. *The Messiah texts*. Detroit: Wayne State University Press, 1979.

Pepys, Samuel. *The Diary of Samuel Pepys: 1660-1661*. London, Paris, New York & Melbourne: Cassell & Company, Limited, 1886.

Pérez, Agustín de Agua. *El método midrásico y la exégesis del Nuevo Testamento*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2019.

Petersen, William L. *Tatian's Diatessaron – Its creation, Dissemination, Significance, and History in Scholarship*. Leiden/New York/Koln: E. J. Brill, 1994.

Pitts, Brent A. *The Anglo-Norman Gospel Harmony – A translation of the Estoire de l'Evangile*, Dublin, Christ Church Cathedral C6.1.1., liber niger. Tempe-Arizona: Medieval and Renaissance Texts and Studies, 2014.

Pritz, Ray A. *Nazarene Jewish Christianity – From the End of the New Testament period until its disappearance in the Fourth Century*. Jerusalem-Leiden: The Magnes Press, The Hebrew University, E.J.Brill, 1988.

Puig, Armand. *Los Evangelios Apócrifos I*. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2008.

Quasten, Johannes. *Patrología I- Hasta el Concilio de Nicea*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1978.

Ricciotti, Giuseppe. *Historia de Israel: Desde la cautividad hasta el año 135 después de Jesucristo*. Barcelona: Luis Miracle Editor, 1947.

Robinson, James M., Paul Hoffmann, John S. Kloppenborg. *El documento Q en griego y en Español*. Traduzido por Esther Miquel. Leuven/ Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.

Sáiz, Teresa Martínez. *Traducciones Arameas de la Biblia: Los Targumim del Pentateuco I. Génesis*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2004.

Schonfield, Hugh J. *An old Hebrew text of St. Matthew's Gospel*. Edinburg: T.&T. Clark, 1927.

Tuñi, Josep-Oriol e Xavier Alegre. *Escritos joánicos y cartas católicas*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1995.

Varo, Francisco. *Rabí Jesús de Nazaret*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007.

Periódicos:

Christiane Saulnier e Bernard Rolland. «A Palestina no tempo de Jesus». *Difusora Bíblica*, 41 (1993): 59.

Harvey, Susan Ashbrook. «Feminine Imagery for Divine: The holy Spirit, the Odes of Salomon, and Early Syriac Tradition». *St. Vladimir's theological quarterly*, 37, n. 2/3, (1993): 111-139.

Instone-Brewer, David. «The Eighteen Benedictions and the Minim before 70 CE». *The Journal of Theological Studies*, 54, n.1, (abril de 2003), 25–44.

Joosten, Jan. «The “Gospel of Barnabas” and the Diatessaron». *The Harvard Theological Review* 95, n.1 (2002), 73-86.

Koester, Helmut. «From the Kerygma-Gospel to Written Gospels». *New Testament Studies*, 35, n.º 3 (julho 1989): 361-381. <https://doi:10.1017/S0028688500016830>

Lémonon, Jean-Pierre, «Os Judeo-Cristãos: Testemunhas esquecidas». *Difusora Bíblica*, 101 (2009).

Macnamara, Martin. «Logos of the Fourth Gospel and Memra of the Palestinian Targum (Ex 12,42)». *The Expository Times*, n.4, 79, (1968): 115- 117, <https://doi:10.1177/001452466807900405>.

Pesce, Mauro, «Sul il concetto de giudeo-cristianesimo», acedido a 13 de fevereiro de 2022, <https://www.researchgate.net/publication/235911686>.

Pines, Shlomo. «The Jewish Christians of the Early Centuries of Christianity According to a New Source». *The Israel Academy of Sciences and Humanities proceedings*, 2, n.º 13, (1966):14-19.

Wróbel, Mirosław S. «The Gospel According to St. John in the Light of Targum Neofiti 1 to the Book of Genesis». *Biblica et Patristica Thoruniensia* 9, (2016):116-117.

Dicionários e Enciclopédias:

Birnbaum, Philip. «Shemoneh Esreh». Em *Encyclopedia of Jewish concepts*. Ed. Philip Birnbaum. New York: Hebrew Publishing company, 1991.

Eisenstein, J.D. «Names of God», em *Jewish Encyclopedia*. Edição de Isidore Singer, 1ªed., vol.9: 160-165. New York and London: Funk and Wagnals Company, 1905.

Emil G. Hirsch, Emil G. «Shemoneh Esre». Em *Jewish Encyclopedia*. Edição de Isidore Singer, 1ªed., vol.11: 270-282. New York and London: Funk and Wagnals Company, 1905.

Kohler, Kaufmann. «Memra». Em *Jewish Enciclopedia*. Edição de Isidore Singer. 1ª ed., vol.8: 464-465. New York and London: Funk and Wagnalls Company, 1904.

Lauterbach, J. Z. «Ordination». Em *Jewish Encyclopedia*. Edição de Isidore Singer. 1ªed., vol.9: 428-430. New York and London: Funk and Wagnals Company, 1905.

Rosseau, John J./Arav, Rami, «Nazareth». Em *Jesus and his world – An archeological and cultural Dictionary*. Ed. Fortress Press, 1ªed., :214-216, Minneapolis, 1995.

Schmidt, Frederick W. «Most High». Em *The Anchor Bible Dictionary*. Edição de David Noel Freedman. 1ªed., vol.4: New York: Doubleday,1992.

Schökel, Luis Alonso. «עֲלִמָּה» e «בְּתוּלָה». Em *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. 6ª reimpressão:123; 500. São Paulo: Paulus, 2014.

Strong, James. παρθένος. Em *The new Strong's Exhaustive Concordance of the Bible*. 68. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

Uchlinger, C. «Leviathan». Em *Dictionary of the Deities and Demons in the Bible*. Edição de Karel Van der Toorn, 2ª ed.:511-515. Michigan/ Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company,1999.

Dissertações consultadas:

Howell, Adam Joseph. Finding Christ in the Old Testament Through the Aramaic «Memra», «Shekinah», and «Yeqara» of the Targums. Louisville: Ed. Southern Baptist Theological Seminary, 2015.

Artigos da Internet:

Wikipedia. «Anna Paues». Acedido a 30 de agosto de 2020. https://en.wikipedia.org/wiki/Anna_Paues.

Jarus, Owen. «Biblical Story of Jesus explained by excavations in his hometown of Nazareth». Acedido a 20 de setembro de 2020. <https://www.livescience.com/jesus-home-nazareth-discoveries.html>.

Índice Geral

Dedicatória	2
Resumo.....	4
Abstract	4
Siglas e abreviaturas.....	5
Capítulo I – O Judeocristianismo	10
1.1 – Origem do termo	10
1.2 – «Entre dois mundos»: momentos de um distanciamento entre irmãos	15
1.2.1 – O período de harmonia.....	16
1.2.2 – A primeira guerra Judaica e a fuga para Pela	17
1.2.3 -Separação entre Judaísmo «Rabínico» e Judeocristianismo: a Tefillah.....	19
1.2.4 – A separação entre o Judeocristianismo e os «Cristãos»	22
1.2.5 – A proclamação de «Bar Kocheba» como Messias	24
1.2.6 – A separação entre irmãos vista na ótica Judeocristã	26
1.2.7 – «Judaísmo Rabínico» e «Judaísmo Nazareno»: as linhas teológicas divergentes... ..	29
1.2.8 – A infiltração do gnosticismo nas correntes Judeocristãs.....	32
1.2.9 – O isolamento crescente do Judeocristianismo e o seu desaparecimento	33
1.2.10 – Algumas particularidades do Judeocristianismo: os testemunhos de Epifânio e de Jerónimo.....	34
1.2.11 – Conclusão	38
Capítulo II – O <i>Evangelho Segundo os Nazarenos</i> : Quid novum?	41
2.1– <i>Status quaestionis</i>	41
2.1.1 – Luzes ao fundo do túnel	43
2.1.2 – O Manuscrito Medieval n.º 2498 da «Magdalene’s Library»	44
2.1.3– Limitações do texto	47
2.1.4. – A <i>Vita beate virginis Marie et Salvatoris rhythmica</i>	48
2.1.5 – As limitações do texto	49
2.1.6 – O Evangelho de Barnabé.....	50
2.1.7 – As limitações do texto	52
2.1.8 – Sinopse das principais evidências de convergência textual	53
2.1.9 – O emergir de duas fontes comuns: o Evangelho dos Nazarenos e o Evangelho de Sião.....	61
Capítulo III – Ms.2498: um «Targum» de um Evangelho semita?	68
3.1 – Na senda das raízes semitas do Ms.2498	68
3.2 – <i>Quelle</i> em grego, aramaico ou em hebraico? Evidências que sugerem uma nova hipótese	71

3.2.1 – A Quelle em hebraico? Fundamentos para uma nova hipótese.....	73
3.3 – Pedro e Tiago, Paulo e Barnabé: os dois caminhos da <i>Quelle</i>	84
Capítulo IV – Jesus visto pelos Judeocristãos: uma abordagem teológica	91
4.1. – O <i>Shemá</i> e Jesus, ou, o <i>Shemá versus</i> Jesus?	91
4.2 – O «λόγος» em Filão de Alexandria	96
4.3 – O «λόγος» de Filão e a «מֵמְרָא» do Targum <i>Neofiti I</i> : semelhanças e dissimelhanças ...	98
4.4 – <i>Evangelho segundo S. João</i> : «Lógos» ou «Memra»?	99
4.5 – O papel de Maria na ótica Judeocristã.....	103
4.6 – Como é que a «Memra» encarnou no seio da Virgem?	106
4.7 – Jesus, o Messias filho de David	111
4.8 – A questão da circuncisão.....	117
4.9 – As leis dietéticas bíblicas	119
4.10 – A transmissão da «Semikha» (autoridade).....	120
4.11 – O «Shabbat» visto pelo Judeocristianismo.....	125
4.12 – A descida do Messias ao «Sheol» e a derrota de Leviatã.....	129
Conclusão.....	133
Bibliografia	137
Índice Geral.....	146
Índice de Tabelas.....	148
Anexo	149

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Quadro esquemático de correlação intertextual	60
Tabela 2 – Quadro esquemático da provável formação de alguns textos a partir da «Q».....	88
Tabela 3 – Quadro Sinóptico.....	114

Anexo

«Targum» Judeocristão

**Tradução para Português, a partir
do Inglês de parte do Manuscrito
da *Magdalene's Library*, na Universidade
de Oxford, conhecido como «Ms. Pepys 2498»**

por: Miguel Ângelo Falcão Pereira

PRÓLOGO

1. O nosso doce Senhor Jesus Cristo, na Sua divindade, existiu antes de todas as criaturas, e criou todas as coisas a partir do Seu doce Poder, 2. pois Ele é forte e poderoso através de Deus, o Pai. 3. E, apesar de inalterável na sua divindade, tornou-se verdadeiramente homem, e deu vida, luz, e graça a toda a Humanidade, para que conhecesse a Deus. 4. Através da Lei e da Profecia, Ele foi prometido ao Povo, para que acreditasse em Deus, o Pai. Mas quando veio a este mundo, houve muitos que não O receberam. 5. Não obstante, àqueles que O receberam, deu-lhes a graça de serem filhos de Deus. Pois todos aqueles que haveriam de receber a plenitude da Sua graça, são os que n'Ele acreditam corretamente. 6. Nunca houve homem algum que tenha visto Deus corporalmente. Por isso, o Filho de Deus tornou-se num homem, para ensinar a toda a humanidade, como poderia espiritualmente ver Deus. 7. E veio como um homem da linhagem de David e de Abraão, pois havia sido prometido especialmente a eles.

I – ANÚNCIO A ZACARIAS

1. No tempo do Rei Herodes, o qual era um pagão, mantinha o Povo de Deus na servidão, e reinava em Jerusalém, houve um homem bom, cujo nome era Zacarias e a sua esposa chamada Isabel, da parentela de Aarão. 2. Ela era estéril e de idade avançada, e ele era ancião e, por isso, não geraram filhos. 3. Então, sucedeu numa grande Festa, que Zacarias ofereceu incenso no grande altar, no Templo. E todo o Povo estava fora, [no átrio], em oração, e somente ele se encontrava no Templo, implorando a Deus pela salvação do Povo. 4. E um anjo resplandeceu, permanecendo de pé, no canto direito do altar, e Zacarias ficou com medo e teve grande pavor. 5. O anjo consolou-o, e disse-lhe que a oração que tinha oferecido em favor do Povo, fora ouvida por Deus, e que a sua mulher iria conceber e ter um filho, que seria chamado João, por cujo nascimento ele e todo o povo teriam grande alegria. 6. E disse-lhe que viria antes d'Aquele que iria salvar o povo no Espírito Santo e, assim, agir pela virtude de Elias, o profeta. 7. Pois estaria cheio do Espírito Santo, mesmo no ventre materno, e isto iria mantê-lo afastado das afeições deste mundo. Que faria regressar uma grande parte do Povo para Deus, e para as crenças certas dos Patriarcas e dos Profetas, preparando um Povo conforme para Deus. 8. Então Zacarias perguntou como é que isso poderia suceder, já que ele era velho e a sua mulher também era velha e estéril. O anjo respondeu-lhe dizendo que era o anjo que estava diante de Deus, que tinha vindo para saudá-lo e para trazer as novas da parte de Deus, e disse-lhe que iria ficar mudo até que assim sucedesse, e também calado, pois não tinha acreditado como deveria ter feito. 9. Todo o povo aguardava Zacarias fora, e maravilhava-se grandemente por que é que permanecia tanto tempo. Ele saiu para fora, mudo, e incapaz de lhes falar, mas sabiam muito bem que tinha visto algum género de coisa no Templo. 10. Ele fez-lhes gestos e sinais, e regressou para a sua casa. Após

isto, Isabel concebeu e escondeu-se cinco meses, até que tivesse a certeza de que estava grávida, e de que Deus lhe havia feito esta honra.

II – ANÚNCIO A MARIA

1. No sexto mês após ela ter concebido João, o anjo Gabriel foi enviado até à cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem que estava prometida a um homem cujo nome era José. E o nome da virgem era Maria. **2.** O anjo veio ter com ela, saudando-a, e disse-lhe que estava cheia de graça, que Deus estava com ela, e que era mais abençoada do que qualquer outra mulher. **3.** Quando ela ouviu a palavra do anjo, ficou com medo e refletiu como é que tal saudação chegara até ela. E o anjo confortou-a e disse que ela tinha encontrado graça diante de Deus, que iria conceber e gerar um filho que iria ser chamado Jesus, o qual iria ser chamado Filho de Deus, e que Ele reinaria no reino de Israel para sempre. **4.** Então Maria respondeu e disse: «Como será isto sendo que eu nunca coabitei segundo a carne com homem algum?» E o anjo respondeu dizendo que «o Espírito Santo irá resplandecer dentro de ti, e o próprio Deus te cobrirá com a Sua sombra. E por isso, aquele que irá nascer de ti será chamado Filho de Deus. E fica a saber que a tua prima Isabel concebeu um filho na sua idade avançada – pois já passaram seis meses desde então. – Acredita, então, que Deus pode fazer o que desejar.» Então, Maria respondeu e disse: «Eis-me aqui, a serva de Deus. Que aconteça em mim como tu disseste.» E então, verdadeiramente ela concebeu o Filho de Deus, homem perfeito em corpo e alma, e, contudo, verdadeiro Deus. E o anjo partiu de junto dela.

III – MARIA E ISABEL

1. Também Maria saiu da Galileia para Judá, entrou na casa de Zacarias, e saudou Isabel. E assim que Isabel ouviu a voz dela, também, sem demora, o menino teve grande alegria no seu ventre. Ela estava cheia do Espírito Santo, e começou a exclamar e a venerar Maria sobre todas as outras mulheres, e à sua criança, dizendo a Maria quais eram estas novas. **2.** Então, Maria respondeu agradecendo a Deus, e pronunciou o salmo «Magnificat» completo, após o qual, Maria alojou-se com Isabel três meses. Depois disso, foi outra vez para Nazaré.

IV – AS DÚVIDAS DE JOSÉ

1. Após ter regressado novamente, antes de José a ter desposado, ele apercebeu-se que ela estava grávida, e pensou deixá-la ir embora em privado, porque era justo e não queria tomar parte num pecado. **2.** E tão rápido quanto havia tido esse pensamento, assim apareceu-lhe o anjo de Deus numa visão, dizendo-lhe que não deveria temer, pois ela tinha concebido pelo Espírito Santo, e que iria ter um filho que seria chamado Jesus, pois iria salvar o Seu povo do pecado. José acordou, e fez como o anjo lhe ordenara.

V – O NASCIMENTO DE JOÃO BAPTISTA

1. Quando chegou o tempo para Isabel dar à luz, ela teve o filho. E tendo ouvido todos que isto sucedera, sentiram grande alegria. 2. Ao oitavo dia, vieram então os Judeus, para circuncidar a criança, e teriam chamado à criança Zacarias, como o seu pai. E a mãe respondeu dizendo que chamar-se-ia João. Eles responderam e disseram que não havia ninguém na sua parentela que fora chamado por esse nome. 3. Então, fez sinal ao seu pai, Zacarias, para que dissesse qual o nome que a criança iria ter. Entregaram-lhe uma folha de uma tábua de escrever, e nela escreveu que o seu nome seria João. Todos eles se maravilharam muito, 4. e imediatamente foi-lhe dado esse nome. Zacarias ficou cheio do Espírito Santo, e começou a agradecer a Deus Todo-Poderoso dizendo: «Bendito o Senhor Deus de Israel.» 5. Todos os que ouviram e viram esse milagre através da Judeia, pensaram que a criança seria maravilhosa e poderosa diante de Deus, quando chegasse a idade. 6. E a criança cresceu, desenvolveu-se, e era confortada pelo Espírito Santo. 7. Assim que atingiu a idade, foi para o deserto, e permaneceu lá até que o Espírito Santo lhe ordenasse ir anunciar a vinda de Cristo.

VI – O NASCIMENTO DE JESUS EM BELÉM

1. Nesse tempo, César Augusto, Imperador de Roma, ordenou que todos e quaisquer homens trouxessem dinheiro ao administrador da Província, e que reconhecessem que estavam sujeitos ao Imperador de Roma. 2. E por isso, José, e a sua esposa Maria, a qual estava para dar à luz em Nazaré, foram para Belém, para assim comparecer na sua cidade de origem, uma vez que ele e a sua mulher eram parentes do rei David. 3. E enquanto residiam lá, chegou o momento para ela ter o seu filho. E ela deu à luz a sua primeira criança, um filho. 4. Ela própria envolveu-o em panos e deitou-o num berço, onde um boi e um burro permaneciam de pé: pois em toda a casa não havia outro lugar tão adequado para o deitar como esse.

VII – A APARIÇÃO DO ANJO AOS PASTORES

1. E, vigilantes, no campo, estavam uns pastores a guardar os seus animais, e veio um anjo do céu e colocou-se de pé, perto deles. 2. Ficaram tão intensamente assustados, que ficaram atónitos. E o anjo confortou-os dizendo que lhes convinha testemunhar que Cristo, que iria salvar o seu povo, tinha nascido em Belém, através do qual eles e todo o povo teriam grande alegria. 3. E disse-lhes que sinal deveriam encontrar, isto é, a saber: uma pequena criança, com panos, deitada numa manjedoura de um asno. 4. E com isto, vieram tão gloriosos os anjos do Céu, e mostraram-se aos pastores, louvaram a Deus e disseram: «Glória a Deus nas alturas». 5. E assim que os anjos novamente subiram aos céus, após se terem mostrado aos pastores, os pastores aconselharam-se entre si, e partiram imediatamente para Belém, onde encontraram Maria e José, e a criança deitada numa manjedoura, e eles bem viram que era dele que os anjos lhes tinham falado. 6. E contaram ao resto do povo acerca dos acontecimentos surpreendentes que haviam visto e ouvido nessa noite,

agradeceram a Deus, porque Ele lhes havia mostrado este grande milagre. E Maria guardou todas estas coisas no seu coração.

VIII – CIRCUNCISÃO DE JESUS

1. Ao oitavo dia a criança foi circuncidada, e o seu nome foi Jesus, como o anjo dissera antes de que fosse concebido.

IX – A VISITA DOS MAGOS

1. Depois, após o décimo segundo dia, vieram os reis do Oriente a Jerusalém, e perguntaram onde é que estava o rei dos Judeus que tinha nascido, cuja estrela tinham visto no Oriente. E disseram que tinham vindo honrá-lo. **2.** Então, quando o rei Herodes ouviu isto, alarmou-se e todos os que estavam na cidade. **3.** Todos os sumo-sacerdotes e doutores da Lei foram reunidos apressadamente, e foi-lhes perguntado onde é que deveria nascer o Cristo. E eles responderam: «Em Belém da Judeia», onde Deus assim prometera através dos Profetas. **4.** Depois, Herodes chamou em privado os três reis, e perguntou-lhes quando é que tinham visto pela primeira vez a estrela, e mandou-os para Belém. **5.** Disse-lhes que deveriam informar-se atentamente sobre a criança e, ao encontrá-la, deveriam enviar-lhe informação, para que ele fosse prestar-lhe honra. **6.** E depois de terem ouvido o rei falar, dirigiram-se para Belém. E, novamente, a estrela que tinham visto no Oriente mostrou-se a eles e guiou-os, até que chegaram ao local onde a criança nascera, permanecendo sobre esse lugar. **7.** Então, aqueles que tinham sido conduzidos pela estrela, sentiram grande alegria, entraram na casa, encontraram a criança e a sua mãe, caíram por terra, honraram a criança, e, abrindo o seu tesouro, ofereceram-lhe ouro, incenso e mirra. **8.** E, como os seus pensamentos novamente se dirigiram para Herodes, então, veio até eles, de noite, o anjo numa visão, e disse que não deveriam passar por ele no seu caminho de regresso. **9.** E eles regressaram ao seu país por outro caminho.

X – JESUS NO TEMPLO

1. Enquanto Herodes procurava compreender a vinda dos reis, chegou então, o dia em que Maria deveria purificar-se no Templo, segundo a Lei de Moisés, e oferecer a sua criança a Deus, trazendo-o novamente aos sacerdotes. **2.** Então, Maria, com José, vieram para Jerusalém e trouxeram o filho dela, oferecendo tudo o que os pobres deveriam. **3.** Encontrava-se em Jerusalém um homem que era justo e manso, cujo nome era Simeão, e desejava a vinda de Cristo no seu tempo. E o Espírito Santo, que estava dentro dele, prometeu-lhe que não morreria antes de ter visto a vinda de Cristo. **4.** E, nesta altura, o Espírito Santo veio ao Templo, e também vieram José e Maria para oferecer no Templo. Então, Simeão veio, tomou-o entre os braços e agradeceu a Deus dizendo: «Nunc dimittis, domine, seruum tuum in pace» [isto é] «Agora, Senhor, deixareis partir em paz o vosso servo, segundo a vossa Palavra». **5.** Então, estava lá outra [pessoa], uma

viúva anciã cujo nome era Ana, que não passava uma hora fora do Templo, mas servia Deus com jejuns e súplicas, noite e dia. **6.** Eles sabiam que ele era o Cristo, e, abertamente, agradeceram a Deus. **7.** Ora, José e Maria, maravilharam-se grandemente com as coisas que os homens diziam acerca da sua criança. **8.** Simeão abençoou-o e disse a Maria: “Vê tu, senhora, esta criança veio para revelar a vontade de muitos dentre o nosso povo: muitos cairão pela da sua rejeição, e muitos se erguerão através dele, pelo seu estandarte, contra o qual os homens se oporão. E a vida dele, à qual tu amaste como à tua própria, sofrerá morte e paixão.” **9.** E quando José fez tudo o que lhe cabia fazer no Templo, regressaram novamente para Nazaré.

XI – FUGA PARA O EGIPTO

1. Depois, o anjo veio, e apareceu a José numa visão. Disse-lhe que deveria tomar o menino e a mãe, e disse-lhe para esperar no Egito até que recebesse dele palavra, porque Herodes iria procurar o menino para o matar. **2.** E ele levantou-se rapidamente pela noite, tomou a criança e a mãe, e foi para o Egito, e permaneceu lá até que Herodes morreu. **3.** Quando Herodes se apercebeu de que os reis haviam regressado ao seu país, e que agindo assim o haviam enganado, então, encolerizou-se muito, e enviou todos os seus homens, matando todas as crianças em Belém e em toda a região circundante, aqueles [meninos] que tivessem menos de dois anos de idade, segundo o tempo que havia sido interrogado pelos reis que haviam visto a estrela. **4.** Mas tão cedo [quanto] Herodes morrera, assim veio o anjo até José, no Egito, disse-lhe para regressar novamente a Belém, e que estavam mortos os que procuravam matar o menino. **5.** E José temeu grandemente o seu regresso a Belém, pois era o filho de Herodes que agora reinava na Judeia. **6.** Quanto ao pai [José], como resposta à advertência do anjo, conduziu a criança e a sua mãe para a Galileia, e viveu em Nazaré. **7.** E a criança crescia e progredia e estava cheio da graça de Deus Todo-Poderoso.

XII – JESUS PERDE-SE NO TEMPLO

1. E quando Jesus Cristo tinha doze anos, assim ocorreu na Festa da Páscoa, que José e Maria subiram para Jerusalém, como costumavam fazer em cada ano, e Jesus foi com eles. **2.** Quando deveriam regressar da Festa novamente para Nazaré, a criança foi deixada para trás, na cidade. – Mas eles não sabiam disto, pois supunham que a criança se encontrava na jornada, entre os seus conhecidos, e assim, fizeram um dia de viagem. – **3.** Então, não o encontrando, regressaram novamente a Jerusalém para procurar a criança. **4.** E ao terceiro dia, eles encontraram-no entre os doutores da Lei, ouvindo e perguntando. **5.** Todos os que o viram e ouviram, estavam atemorizados com a sua inteligência e a das suas respostas. Então, a sua mãe lhe falou, dizendo: «Filho, porque agiste connosco deste modo? Nós procurámos-te com muita aflicção.» **6.** E Jesus

respondeu: «Porque me procuráveis? Ainda não sabeis bem que eu tenho de estar para as necessidades do meu Pai?» **7.** Eles não compreenderam o que dissera, pois falava do seu Pai no céu. Ele desceu do Templo, e foi com eles para Nazaré. **8.** A sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. **9.** Desse tempo em diante, Jesus mostrou a sua sabedoria e delicadeza, dia a dia, o que o fez ser amado por Deus e pelo povo.

XIII – A PREGAÇÃO DE JOÃO BAPTISTA

1. Quando o próprio João foi batizado, foi para o deserto até que completou trinta anos. **2.** E o reino de Jerusalém foi então dividido pelos romanos em quatro partes. **3.** E veio o Espírito Santo ordenando-lhe ir pregar ao povo, para que se preparasse para receber o Cristo, pois estava próximo. **4.** João foi por toda a região do rio Jordão, e pregou que ao povo que deveriam reconhecer os seus pecados, sendo batizados no nome daquele que viria após ele. **5.** O alimento de João não era outro senão alho selvagem e bríonia, e a sua roupa era de pele de camelo, com uma tira de couro na sua cintura. **6.** Então, veio o povo religioso chamado fariseus para ser batizado por ele. E João disse-lhes que deveriam procurar o arrependimento, e que não deveriam colocar a sua confiança na relação de parentesco com aqueles que, algures no passado, agradaram a Deus: pois Deus também poderia fazer homens bons daqueles que, para eles, não tinham tal esperança. **7.** E que Deus não se atrasaria em dar a cada um segundo o seu merecimento. **8.** E então este povo perguntou o que deveriam fazer, e como poderiam eles ser salvos. E João respondeu-lhes que deveriam dar esmolas aos pobres por amor a Deus. Os publicanos também lhe perguntaram que deveriam fazer. **9.** Ele respondeu-lhes e disse que não deveriam causar dano a homem algum, nem encontrar injustamente ocasião para enganar qualquer homem, mas reter de cada um apenas aquilo que é devido. **10.** E então, todo o povo começou a pensar se João seria o Cristo, e enviaram Judeus de Jerusalém, os fariseus, os sacerdotes e os [Levitas]²⁷⁰ até ele para assim lhe perguntarem quem era ele. **11.** Ele respondeu-lhes que não era Cristo, nem Elias, nem um profeta. E suplicaram-lhe que lhes desse uma resposta para que pudessem transmitir àqueles que os haviam enviado. **12.** E a todos, ele disse que era aquele de quem Isaías, o profeta, falara que viria antes do Cristo para preparar o caminho. **13.** E perguntaram-lhe por que é que batizava o povo se ele não era nem o Cristo, nem Elias, nem um profeta. **14.** Respondeu-lhes: «Eu – disse ele – «lavo-vos com as águas do arrependimento. Mas está na Terra outro, entre vós, que vós não conheceis, aquele que não tem igual, e que é maior e mais digno do que eu sou, que vos batizará no Espírito Santo. **15.** Mas ele julgará todos os homens como os encontrar e lhes dará aquilo que eles merecem.»

²⁷⁰ - O Ms.2498 coloca: “*Diaconos*”.

XIV – O BAPTISMO DE JESUS

1. E, nesse tempo, veio Jesus, de Nazaré ao rio Jordão, para assim ser batizado por João, o Baptista. **2.** Mas João, deferindo-o, disse que seria melhor suceder-lhe ser batizado por Ele, do que Jesus por ele. **3.** E Jesus respondeu e ordenou fazê-lo, pois era apropriado fazer assim pelo bem de dar a outros um exemplo digno, em toda a sorte de coisas, e, nomeadamente, na humildade. **4.** Então João batizou Jesus. E quando foi batizado, e se encontrava em oração por aqueles que iriam receber o batismo em Seu nome, veio então do céu um resplendor, e o Espírito Santo desceu e pousou nele. **5.** E a voz veio do céu, de Deus seu Pai, e disse-lhe: «Tu és o Meu Filho amado, no qual estou bem agradado.» **6.** E Jesus entrou no seu trigésimo ano de idade, contudo, os homens pensavam que ele era filho de José.

XV – JESUS É TENTADO POR SATANÁS

1. Tão cedo quanto Jesus deu testemunho no seu batismo, assim o Espírito Santo o conduziu, e Ele se afastou do povo, para o deserto, para ser tentado pelo diabo. **2.** E enquanto se encontrava entre os animais selvagens, jejuando quarenta dias e quarenta noites, então, começou a sentir fome. **3.** Então, veio até Ele o diabo e disse: «Se tu és o Filho de Deus, então, faz das pedras pão através da tua palavra.» **4.** E Jesus respondeu-lhe e disse que o homem não vive pelo pão da substância física, mas Deus, através dos Seus Mandamentos, pode sustentar totalmente o homem. **5.** Após isto, o diabo tomou-o, e conduziu-o a uma alta montanha, mostrando-lhe bosques e campos, cidades e todas as coisas vãs deste mundo, e prometeu-lhe que lhe daria tudo isso, se Ele se prostrasse e o honrasse. **6.** Então Jesus respondeu e disse: «Vai-te Satanás, pois está escrito que o homem deverá honrar e servir somente a Deus.» **7.** Então diabo tomou-o, e trouxe-o a Jerusalém e aí, colocou-o sobre um pilar no alto, no Templo, e disse-lhe que se Ele fosse Filho de Deus, que saltasse dali para baixo, pois o próprio Deus havia prometido através de David o profeta, que o Seu anjo haveria de transportá-lo para cima, acima de tudo, para que ele não pudesse ser magoado. **8.** E Jesus respondeu e disse: «Deus impeça que o homem O tente, pedindo ajuda para ser salvo, mas não se ajude a si mesmo.»

XVI – O TESTEMUNHO DE JOÃO BAPTISTA

1. Então, tendo estado no deserto, Jesus veio novamente até João, o Baptista, e João, assim que o viu disse-lhe: «Eis aqui o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Este é Aquele de quem eu dizia, que um homem que existia antes de mim, viria após mim. **2.** Com o propósito de dar testemunho dele, então, eu vim para o batizar, e, como o povo e eu vimos o Espírito Santo descer dentro dele na semelhança de uma pomba, isto foi um sinal para conhecer o Cristo. **3.** A mim, ele deu o Espírito Santo quando me enviou a batizar. E, por isso, eu digo que este é o Filho de Deus.»

XVII – OS PRIMEIROS DISCÍPULOS

1. Noutra altura, quando João e dois dos seus Discípulos estavam reunidos, ele disse: «Eis o cordeiro de Deus!» 2. Os Discípulos foram ter com Jesus, e perguntaram-lhe para onde é que ele se estava a dirigir. 3. E Jesus conduziu-os para a sua residência e acolheu-os uma noite, pois passava da terceira hora da tarde. 4. Um desses dois era André, irmão de Simão. Ele foi, e encontrou Simão, o seu irmão, e disse-lhe que havia encontrado o Cristo e trouxe-o até Jesus. 5. E assim que ele o viu, disse-lhe que era Simão, filho de João, e que seria chamado Pedro. 6. No dia seguinte, Jesus chamou Filipe, que era primo deles, de Betsaida, e após o qual, Filipe encontrou Natanael e disse-lhe que havia encontrado Cristo, e conduziu-o a Jesus. 7. E quando Jesus o viu, disse: «Tu és um Judeu justo no qual não existe engano.» 8. Então, Natanael falou e perguntou a Jesus como é que o conhecia. E Jesus disse como é que o tinha visto debaixo da figueira, antes que Filipe o tivesse chamado. 9. E então, Natanael disse: «Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és Rei de Israel.» 10. E Jesus respondeu-lhe e disse: «Tu acreditaste porque eu disse: “Eu vi-te debaixo da figueira”? Pois verás coisas maiores do que esta, os céus se abrirem e os anjos de Deus subindo e descendo sobre Mim.»

XVIII – AS BODAS DE CANÁ NA FESTA DE PURIM

1. No terceiro dia, Jesus veio para a Galileia, e foi conduzido a uma Festa com os seus Discípulos, onde estava a sua mãe. 2. E sucedeu que faltou o vinho. A sua mãe disse-lhe que eles não tinham vinho. 3. E Jesus disse que a hora em que deveria mostrar o seu poder ainda não chegara. 4. E então, a sua mãe disse aos servos que fizessem tudo o que Ele lhes dissesse para fazer. 5. Ora, estavam ali seis talhas das quais os homens bons e todos os homens se lavavam, cada uma medindo três galões. 6. E Jesus disse para levantá-las e trazê-las até Ele. E assim que o homem bom bebeu dali, chamou o mordomo até si e disse: «Todo o homem sábio serve primeiro o melhor vinho e, quando os homens estão ébrios, serve aquele que é menos digno. 7. E tu guardaste o melhor vinho até agora.» Este foi o primeiro milagre que Jesus realizou. E por causa disso os Discípulos acreditaram nele.

XIX – JESUS VAI A JERUSALÉM PELA PÁSCOA

1. Após isto, Jesus foi com a sua mãe e com os seus Discípulos para Cafarnaum e aí permaneceu durante algum tempo. 2. Para participar na Festa da Páscoa, prontamente também Ele saiu para Jerusalém, veio até ao Templo, e encontrou aí homens a vender bois, ovelhas e pombos para a oferta. 3. E, nesse local, viu, sentados, cambistas para fazer o câmbio. 4. Jesus fez chicotes de cordas, e conduziu-os para fora dali, com as suas bestas, derramou o seu dinheiro, e lançou sobre as mesas deles. 5. Quanto àqueles que vendiam pombos, ele disse-lhes para se irem embora, e que não fizessem da Casa do seu Pai uma casa de comércio. 6. E os seus Discípulos recordaram-se de que estava escrito que o zelo que Ele tinha pela sua Casa, haveria de consumir a carne de Cristo. 7. E os Judeus viram como haveriam de lhe dar resposta, e então, perguntaram-lhe que sinal lhes

poderia dar e onde é que ele aprendera que tinha o poder para agir como agira. **8.** Jesus respondeu-lhes e disse que, se destruíssem o Templo, Ele o reconstruiria em novamente ao terceiro dia. **9.** E os Judeus responderam-lhe novamente e disseram que o Templo estava a ser construído havia quarenta e seis anos, e que não conseguiriam acreditar que Ele o conseguisse fazer, muito menos reconstruí-lo rapidamente. **10.** Mas eles entenderam-no como se estivesse a referir-se ao Templo feito de pedra enquanto Ele falava a respeito do Templo do seu próprio corpo. **11.** E enquanto se encontrava lá, na Festa da Páscoa, muitos acreditaram nele por causa dos feitos maravilhosos que realizara. **12.** Mas não punha neles a sua confiança, pois bem conhecia os seus corações e os seus pensamentos.

XX – ENCONTRO COM NICODEMOS

1. Ora, havia um principal dos Judeus, um fariseu, um homem com o nome de Nicodemos. **2.** E veio de noite, até Jesus, e disse-lhe que ficara a saber que Ele viera de Deus, pois nenhum homem pode fazer os milagres que Ele fez se Deus não estiver com ele. **3.** E Jesus disse-lhe que deveria acreditar mais do que isto, pois nenhum homem ganhará entrada no Reino dos céus a não ser pelo batismo na água, e exceto através do Espírito Santo, nascendo outra vez. **4.** E assim como Moisés, no deserto, ergueu uma serpente para salvar o povo, assim tem de suceder que Ele seja erguido numa cruz, para que todo aquele que acredita, possa ser salvo. **5.** Pois – diz Ele – Deus amou tanto o mundo que enviou ao mundo o seu Filho, para que todo aquele nele acredita tenha vida sem fim. A razão pela qual Deus enviou o seu Filho ao mundo não foi para condená-lo, mas enviou-o a fim de salvá-lo, para que todo aquele que acredita nele nunca seja condenado. E todo aquele que não acredita nele será condenado bastante em breve, na medida em que não acreditou no Filho de Deus. **6.** Esta é a causa para o julgamento: que Deus o enviou como luz para o mundo, e o povo amou mais as trevas do que a luz, pois os seus atos eram malvados. **7.** Todo aquele que faz o mal, favorece mais as trevas do que a luz, porque eles não perceberam. E todo aquele que faz o bem, vem audaciosamente para a luz. E todo aquele que assim faz, parece bem que tal esteja com Deus.

XXI – DISCUSSÃO SOBRE O BAPTISMO DE JESUS E O DE JOÃO

1. Após isto, Jesus veio para a Judeia com os Seus Discípulos e batizou aí o povo. E João, noutro lugar, e também batizava o povo. **2.** Então, os Discípulos vieram até aos Discípulos de João, e disseram que o batismo de Jesus era melhor do que o deles. Eles foram até João, e disseram-lhe que aquele que ele batizara no rio Jordão, batizava na Judeia, e que todo o Povo estava a deixar o seu batismo para ir para o dele. **3.** João respondeu-lhes e disse que lhes havia dito frequentemente com suficiente antecipação, que ele não era o Cristo, mas que havia sido enviado à sua frente, e que Jesus era como o esposo e ele viera como seu amigo, que tinha grande alegria porque Jesus era mais exaltado do que ele. Pois era conveniente que Jesus crescesse e ele diminuísse. **4.** Pois tanto quanto existe entre o céu e a Terra assim era a diferença entre eles. Pois Deus, seu Pai, lhe

deu o Espírito Santo sem medida e Ele tinha todas as coisas em seu poder. **5.** Por isso, todo aquele que nele acreditou, terá vida sem fim. E todo aquele que nele não acreditou, não verá o Reino que dura para sempre, mas Deus irar-se-á com ele para sempre.

XXII – A PRISÃO DE JOÃO E A SAÍDA DE JESUS DA JUDEIA

1. Depois, veio João, o Baptista, e reprovou Herodes, o rei, por todas as más ações praticadas, e, nomeadamente, porque ele deixara o seu irmão Filipe abandonado pela mulher, e ele mesmo a desposara. **2.** Herodes o mencionara numa acusação, e o mandara prender e lançá-lo na prisão. **3.** E todos os da sua corte, eram muito adversos a João, o Baptista, e tê-lo-iam morto depressa, mas temiam muito o povo. **4.** Especialmente a mulher de Herodes, estava sempre à espera de oportunidade para o matar, mas não podia aproximar-se dele, visto que Herodes o guardava sempre, porque ele temia-o muito – pois ele sabia bem que ele era um homem bom, santo e verdadeiramente um profeta. **5.** E assim que Jesus ouviu dizer que João havia sido preso, e que os fariseus estavam a murmurar porque ele estava a batizar tanto povo, então, Jesus saiu da Judeia, e foi para a Galileia.

XXIII – JESUS PASSA PELA SAMARIA

1. Ora, convinha-lhe passar através de um género de povo que era chamado de “Samaritanos”, os quais eram metade Judeus, e outra metade pagãos. **2.** Então, aproximou-se de uma cidade chamada Sychar, sentou-se junto a um poço, e os Seus Discípulos saíram para comprar a sua comida – pois era próximo do meio-dia –. Chegou, então, uma mulher dos Samaritanos para ir buscar água, e Jesus pediu-lhe para que ela lhe desse de beber. **3.** Ela respondeu-lhe e disse, como poderia dar-lhe de beber tendo em conta que Ele era um Judeu, e ela uma Samaritana? – Pois os Judeus não comem nem bebem com eles. **4.** E Jesus respondeu-lhe e disse que, se ela soubesse quem Ele era, lhe suplicaria para que lhe desse a água viva. **5.** A mulher respondeu-lhe que o poço era profundo e que Ele não tinha com que tirar a água. E ela perguntou-lhe como consegue Ele a água viva, seria Ele mais digno do que Jacob, o Patriarca, que fizera aquele poço, que podia fazer com aquela água o que ele fazia, e deixava os seus animais beber. **6.** Jesus respondeu-lhe e disse que todo aquele que bebe daquela água, sentirá novamente sede noutra altura. Mas todo aquele que beber da água que Ele haveria de dar, esse nunca mais terá sede. **7.** E a mulher respondeu-lhe com escárnio dizendo: «Senhor, dá-me dessa água.» Então, Jesus lhe disse que ela deveria ir buscar o seu marido e voltar novamente. **8.** Ela disse que não tinha marido, e Jesus respondeu-lhe e disse que havia falado com verdade, pois ela havia tido cinco maridos, e aquele que ela tinha agora, não era marido dela. **9.** Rapidamente ela mudou de assunto e disse: «Eu bem vejo que tu és um Profeta. Agora diz-me se é melhor adorar-se aqui, sobre o Monte Garizim, como fizeram os nossos antepassados, ou adorar-se em Jerusalém?» **10.** E Jesus disse-lhe que estava a chegar o tempo em que o homem não necessitaria de dar maior importância a um, ou a outro, mas que os

homens deveriam honrar a Deus e ao Espírito Santo em todos os lugares. **11.** Então a mulher respondeu e disse que sabia que o Cristo viria em breve, e Ele daria sabedoria, e ensinaria tudo o que eles deveriam fazer. **12.** Jesus disse que esse era Ele próprio. Com isso, os Discípulos chegaram da cidade, e [ficaram] com grande espanto, porque Ele falava com a Samaritana. Mas nenhum deles perguntou o que é que Ele queria dela. **13.** Ela deixou lá o seu balde, foi à cidade, e disse ao povo desse local que ela encontrara um homem que lhe dissera tudo o que ela fizera em privado, e pediu-lhes para que eles fossem por eles mesmos para discernir se Ele seria ou não o Cristo. **14.** Entretanto, os Discípulos suplicaram-lhe para que comesse algo. Ele respondeu-lhes que tinha um alimento para comer que eles não conheciam. E então, Ele disse-lhes que esse alimento era cumprir totalmente a vontade de Deus que O havia enviado à Terra. **15.** Então, vieram até Ele os Samaritanos, muitos acreditaram n'Ele através do testemunho da mulher, e suplicaram-Lhe para entrar na cidade deles. **16.** Ele entrou, e permaneceu com eles dois dias. Muitos acreditaram n'Ele por causa da sua mensagem, e disseram à mulher: «Agora, nós acreditamos, não por causa da tua palavra, pois nós vimos e ouvimos por nós mesmos, que Ele é verdadeiramente um Profeta e Salvador do mundo.» **17.** Ao terceiro dia, Jesus saiu da cidade, veio para a Galileia, e disse que todo o Profeta é menos reconhecido no seu próprio país, do que em países estrangeiros. E por causa dos milagres que eles o haviam visto fazer lá, e na Festa em Jerusalém, foi recebido pelo povo da região.

XXIV – CURA EM CANÁ DA GALILEIA

1. Mais tarde, Jesus veio para Caná, na Galileia, o lugar onde Ele havia feito vinho da água. E o filho do alto funcionário, encontrava-se enfermo em Cafarnaum. **2.** Quando este alto funcionário ouviu dizer que Jesus vinha para a Judeia, veio até Jesus e implorou-lhe para ir a Cafarnaum, para curar o seu filho. **3.** E Jesus reprovou-o e disse que eles não vão acreditar nele exceto se o virem fazer milagres. O alto funcionário suplicou-lhe para que se apressasse rapidamente a ir com ele, antes que o seu filho morresse. **4.** Jesus respondeu-lhe e disse que o filho estava são e forte. E acreditando no que Jesus lhe dissera, seguiu o seu caminho. **5.** Enquanto ele se aproximava de Cafarnaum, os seus subordinados vieram ao seu encontro, e disseram-lhe que o seu filho estava são e saudável. E ele perguntou que dia fora esse em que o seu filho fora curado. **6.** Eles responderam-lhe que havia sido à hora do meio-dia. Então, compreendeu muito bem, que fora à mesma hora quando Jesus dissera que ele estava curado. **7.** E desde esse tempo em diante, ele acreditou em Jesus e toda a sua casa.

XXV – JESUS PREGA NA BARCA DE PEDRO

1. Então, Jesus veio para o Mar de Tiberíades e apareceu uma grande multidão para ouvir a sua pregação. Encontravam-se aí dois barcos ancorados, um ao lado do outro, na água, e os pescadores haviam saído deles para lavar as suas redes. **2.** Jesus entrou num dos barcos, o qual era do pai de

Simão, e lhe pediu para que afastasse o barco um pouco da terra. E então, Ele sentou-se no barco, e pregou ao povo. **3.** E quando Ele terminou a sua pregação, ordenou-lhes para que conduzissem o barco para águas mais profundas, e que lançassem as redes. **4.** Simão respondeu-lhe e disse que eles tinham trabalhado arduamente toda a noite e não haviam conseguido nada, mas, por causa da sua palavra, eles lançariam as suas redes. **5.** E assim que lançou para dentro a sua rede, ele apanhou tanto peixe, que a sua rede quase se rompia. E chamou Tiago e João, que eram filhos de Zebedeu, e eram companheiros de trabalho de Simão. **6.** Eles vieram para o ajudar, e encheram tanto os barcos, que quase se afundavam. Quando Simão viu isto, caiu de joelhos ante Jesus, e lhe pediu para que lhe fosse permitido sair do barco, já que ele era pecador. E todos eles estavam atemorizados com a pescaria. **7.** Jesus respondeu e disse a Simão: «Não tenhas medo.», pois deveria pescar homens dessa altura em diante. **8.** Eles também trouxeram rapidamente os seus barcos para terra, deixaram tudo o que tinham, e seguiram Jesus algum tempo. **9.** Então, depois, eles regressaram novamente ao seu ofício, até que Jesus os chamasse mesmo noutra altura.

XXVI – JESUS VEM A NAZARÉ

1. Então, Jesus veio para Nazaré, onde Ele havia sido criado. E, num Shabbat, ergueu-se na sinagoga, e leu uma lição de Isaías, o Profeta, concernente à piedade de Cristo. **2.** E lhes disse que era d’Ele mesmo de quem os profetas tinham frequentemente falado. Eles admitiram isto bem, e deram bom testemunho d’Ele, viram, na verdade, o seu justo comportamento, e tiveram grande maravilha com as suas doces palavras, contudo, disseram entre eles mesmos: “O quê?! Não é este o filho de José?” **3.** E Jesus respondeu-lhes e disse que eles poderiam, então, insinuar que fizesse na cidade a arte do próprio diabo, como fizera noutros lugares, mas Ele disse que não podia fazer isto: pois na verdade, nenhum profeta é tão reconhecido na sua própria nação, como o é em nações estrangeiras. Pois Elias, o Profeta, não foi enviado a nenhuma viúva de Israel quando a carestia durou mais de três anos e meio, senão a uma viúva que vivia entre os pagãos, na terra de Sychar, para que, através dele, ela pudesse conseguir alívio. Nem Eliseu, o Profeta, curou algum leproso em Israel, exceto Naamã que era um pagão e um Sírio. **4.** E quando ouviram isto, eles cresceram em ira, levantaram-se, expulsaram-no da cidade, e conduziram-no a uma encosta íngreme de um monte, e queriam lança-lo dele abaixo. E Jesus, passou por entre eles, e seguiu o seu caminho [afastando-se] de eles.

XVII – JESUS CHAMA OS APÓSTOLOS

1. Então, Jesus deixou Nazaré, e foi para Cafarnaum, começou a pregar abertamente, e a ensinar aos homens a arrependem-se dos seus pecados, e disse que o reino de Deus estava próximo deles, para que pudessem firmemente acreditar na vinda do Cristo. **2.** E então, veio Jesus a

caminhar pelo mar de Tiberíades, e viu o pai de Simão²⁷¹ e o seu irmão, André, a pescar no mar. Jesus chamou-os até Ele, e disse-lhes para vir e seguirem-no, e Ele fá-los-ia pescadores²⁷² de homens. **3.** Imediatamente eles também o seguiram, e deixaram os seus barcos e as suas redes. **4.** E quando Jesus foi um pouco adiante, viu Tiago, e seu irmão, João, com Zebedeu, pai deles, a consertar as suas redes, e chamou-os. **5.** Também eles, imediatamente deixaram as suas redes e o seu pai com os seus servos, e seguiram Jesus.

XVIII – JESUS CURA UM ENDEMONIADO NA SINAGOGA

1. Após isso, Jesus entrou com eles em Cafarnaum, e veio ao Templo num Shabbat. E Ele começou a pregar de tal modo, que todo o povo dali se maravilhou grandemente. **2.** Ora, havia entre eles um homem que tinha um demónio dentro dele. O demónio começou a gritar, e perguntou a Jesus se Ele havia vindo para expulsá-lo e a outros demónios para fora da terra antes de que chegue o tempo, e disse que sabia que Ele era o Cristo. **3.** E Jesus ordenou-lhe que ficasse quieto. O demónio abandonou o homem, e todos os que viram isto ficaram atónitos. E notícias disto se espalharam por toda a região.

XIX – CURA DA SOGRA DE PEDRO

1. E então, Jesus saiu da sinagoga, e veio para a casa de Pedro, com Tiago e João. A mãe da mulher de Pedro encontrava-se aí, com uma forte febre, e todos eles pediram ajuda por ela. **2.** E Jesus segurou-a pela mão, curou-a, ela levantou-se imediatamente, e começou a servi-los.

XXX – JESUS OPERA MAIS CURAS

1. E assim que o sol se pôs, todos os enfermos, mudos, cegos, e os afligidos que abundavam nessa cidade, vieram até Jesus. Ele tocou-os, e ficaram totalmente sãos. **2.** E os demónios que Jesus tinha expulsado diante de si, então gritaram e disseram que Ele era certamente o Filho de Deus. **3.** Jesus ordenou-lhes que se calassem, e que deixassem de gritar, para que eles não tornassem isto conhecido.

XXXI – JESUS RETIRA-SE PARA O DESERTO

1. E de manhã, Jesus foi em privado para o deserto, para adorar e orar. Pedro foi à procura dele com os Discípulos, seus companheiros, e disse que todo o povo estava à espera d’Ele. **2.** Então, Jesus voltou novamente para junto do povo. E quando o povo o encontrou, tê-lo-ia segurado com força, para que não pudesse fugir deles. **3.** Jesus disse-lhes que lhe convinha ir pregar noutras

²⁷¹ - «...pai de Simão...» é, notoriamente, um erro de copista. Com a finalidade de conservar uma maior pureza ao texto, deixamo-lo presente no mesmo.

²⁷² - Lit. «... pescadores para pescar homens...». Trata-se de um semitismo evidente presente no texto.

idades do mesmo modo como ali. E Ele partiu, pregando e expulsando os demónios à sua frente, por toda a Galileia.

XXXII – OS TRÊS ESCRIBAS

1. Quando Jesus viu que tão grande multidão de povo o seguia, ordenou aos seus Discípulos para que partissem, e atravessassem o mar de Tiberíades em direção à região da Galileia, em Gérasa. **2.** E enquanto Ele se dirigia para o barco, um escriba disse que o seguiria para onde quer que Ele fosse. Jesus respondeu-lhe e disse que não tinha um sítio seu para ir. «Pois» – disse Ele – «os pássaros têm os seus ninhos e as raposas têm as suas tocas, e Eu não tenho casa onde possa descansar a minha cabeça.» **3.** Então, a outro escriba, Jesus falou e lhe pediu para que o seguisse. E ele respondeu e pediu a Jesus para que primeiro pudesse ir sepultar o seu pai. **4.** Jesus respondeu-lhe e disse-lhe para que deixasse que os homens mortos sepultassem os corpos mortos, e para que ele partisse, e anunciasse o reino de Deus. Estava lá outro escriba, um que disse que iria servir Jesus, mas ele lhe pediu para que pudesse ir a casa, e organizasse as suas coisas e a sua casa. **5.** E Jesus respondeu-lhe e disse que nenhum homem deveria pôr a sua mão no arado e olhar para trás de si, pois isto não seria uma coisa conformável com o reino de Deus.

XXXIII – JESUS ACALMA A TEMPESTADE NO MAR

1. Quando Jesus chegou ao barco com os Seus Discípulos, era quase de noite. O barco de Jesus partiu com outros barcos sobre as águas, e imediatamente se levantou aí uma forte tempestade na água, que deixou quase todos os barcos cheios de água, ao ponto de se afundarem. **2.** Então Jesus então estava a dormir junto à popa. Os Seus Discípulos vieram ter com Ele, acordaram-no, e pediram-lhe para que os salvasse, pois eles estavam quase a perecer. E então Jesus perguntou-lhes, onde é que estava então a fé deles? **3.** E eles estavam com muito medo. Imediatamente Jesus ordenou ao vento e ao mar para que ficassem quietos e não soprasse mais, e logo parou. **4.** E todo o povo maravilhou-se grandemente de que o vento e o mar estivessem tão quietos e se submetessem deste modo à sua vontade.

XXXIV – A CURA DOS DOIS POSSESSOS

1. E assim que chegou a terra, eis que dentre os túmulos, vieram dois atormentados por demónios, arrogantes e muito fortes, de tal modo que, por causa deles, nenhum homem podia passar por ali, pois não havia nada que os conseguisse segurar. **2.** E estes dois endemoniados ficavam nas frestas das rochas, gritando, bradando e batendo a si próprios contra as duras rochas. **3.** Assim que viram Jesus, correram até Ele, prostraram-se e adoraram-no, e fizeram-no assegurar que, em nome de Deus, não os afugentasse para fora da região. Os demónios também lhe suplicaram para que não os expulsasse para o inferno – pois Ele ordenou-lhes que fossem -. E os demónios suplicaram-lhe para que não os atormentasse mais. **3.** Jesus perguntou-lhes quantos é que estavam ali. E os demónios responderam dizendo que eram uma Legião – Um número equivalente a seis mil e

seiscentos e sessenta e seis -. Eles imploraram-lhe para que os fizesse entrar nos porcos que estavam a pastar na montanha. **4.** Jesus assim permitiu. Entraram imediatamente nos porcos, saltaram, e correram para se afogarem no mar, bem acima de dois mil deles. **5.** E quando os pastores viram isto, fugiram para a cidade e para as cidades das redondezas, e contaram as notícias deste sucesso que ocorrera acerca dos demónios e dos porcos. **6.** Então, todo o povo veio a correr até Jesus, e encontraram um endemoniado sentado aos pés de Jesus, vestido, e completamente curado. **7.** E todos eles estavam maravilhados com isto, e lhe pediram para que seguisse o seu caminho para longe daquela região, de tal modo eles temiam-no. **8.** Jesus foi para o barco, e aqueles que tinham sido curados e estavam completamente sãos dos seus tormentos, lhe pediram para segui-lo. **9.** E Jesus fê-los permanecer, para dizer ao povo da região como tinham sido libertos da legião de demónios. **10.** E eles partiram por toda a região, e contaram como é que Jesus os tinha curado. Quando Jesus veio para a Galileia, todo o povo veio até Ele, pois haviam desejado ardentemente pela Sua vinda.

XXXV – JESUS CURA UM PARALÍTICO

1. Então Jesus veio para Cafarnaum, e pregou numa casa. Acorreu tanto povo, tantos escribas e tantos fariseus, e de tal modo o rodearam, que ninguém podia aproximar-se d’Ele. **2.** Entretanto, aproximaram-se quatro homens trazendo um enfermo, um homem paralítico, num leito, e queriam trazê-lo para dentro [da casa] e deitá-lo diante de Jesus. **3.** Quando viram que não podiam entrar por causa do povo, e pela pressão que aí havia, escalaram até ao telhado da casa, descobriram-no, fizeram uma grande abertura e, por entre as vigas da casa, desceram o paralítico diante de Jesus. **4.** E Jesus, quando viu a sua fé, disse ao paralítico que os seus pecados estavam perdoados. Os escribas disseram que Ele tinha cometido uma transgressão porque aquilo que fizera não competia senão a Deus fazer, isto é, perdoar os pecados. **5.** Imediatamente Jesus percebeu o que é que eles estavam a pensar, e perguntou-lhes por que é que pensavam mal. **6.** Portanto, que seria feito mais facilmente: perdoar-lhe os seus pecados ou curá-lo do seu mal? «E para que saibais» – disse Ele – «que tenho na Terra o poder para perdoar pecados, levanta-te» – disse Ele ao paralítico – «toma a tua esteira, e leva-a contigo para casa.» **7.** E imediatamente ele se levantou, e, ante todos, levou a esteira para casa. Ele e todo o povo agradeceram a Deus que havia dado tal poder a Jesus.

XXXVI – O CHAMAMENTO DE MATEUS LEVI

1. Então Jesus foi pela orla do mar, todo o povo o seguia, e então, começou a pregar-lhes. Enquanto Ele vinha novamente pela cidade, viu um homem a recolher impostos, cujo nome era Mateus Levi. **2.** Jesus mandou-lhe parar. Imediatamente deixou todas as coisas, foi com Jesus, e fez-lhe, na sua casa, um grande banquete com muitas pessoas.

XXXVII – JESUS VEIO CHAMAR OS PECADORES

1. E vieram muitos publicanos e outros homens pecadores, e comeram com Jesus e com os Seus Discípulos. Vieram os escribas e os fariseus, e perguntaram aos Discípulos de Jesus por que é que Ele comia com essa gente. **2.** E Jesus respondeu dizendo que viera para chamar os homens pecadores ao arrependimento, e não os homens que eram justos. **3.** Pois para quê curar o homem que não tem necessidade de médico? Ao invés, se deve procurar o homem com algo que importa, pois Deus prefere antes compaixão e misericórdia do que vingança.

XXXVIII – PRECEITO SOBRE O JEJUM

1. Vieram então os Discípulos de João, o Baptista, e os fariseus, que jejuavam, e perguntaram por que é que os Discípulos de Jesus não jejuavam como eles mesmos faziam. **2.** E Jesus respondeu dizendo que não convinha que os companheiros que estavam na festa nupcial, jejuassem enquanto durasse a festa, mas, chegaria o tempo em que a festa nupcial terminaria, e então, eles deveriam jejuar. **3.** E a outra parte daquilo que Ele lhes tinha para dizer, era que nenhum homem sábio deveria reparar roupas velhas com tecido novo, e o motivo disso, era porque que o tecido novo rasgaria o velho, o que então seria pior. **4.** Nenhum homem sábio mistura o vinho novo com as borras velhas, pois ambos se perderiam. Nenhum homem que tenha bom vinho velho deverá beber do vinho novo, pois eles gostam mais do velho.

XXXIX – A CURA DA FILHA DE JAIRO E DA HEMORROÍSA

1. E então, depois de Jesus ter dito isto, veio então um príncipe chamado Jairo, caiu aos pés de Jesus, honrou-o, e pediu-lhe que viesse e tocasse na sua filha que estava quase a morrer – e ele não tinha mais filhos senão aquela. **2.** E Jesus imediatamente se levantou e foi com Ele, e os Seus Discípulos o seguiram. Era grande a quantidade de povo que os comprimia, incluindo uma mulher que tinha um fluxo de sangue havia doze anos e, que, segundo a Lei, não deveria vir entre os homens para a cidade. **3.** Esta mulher tinha gasto tudo quanto possuía com médicos, e não se encontrava senão pior. **4.** Sucedeu, então, que esta mulher veio por entre o povo que se comprimia, e tocou nas vestes de Jesus, pois dizia para si mesma que se conseguisse tocar nas vestes de Jesus, poderia ser curada. **5.** E Jesus parou, e perguntou quem Lhe havia tocado. E ninguém dentre todos eles sabia quem fora. **6.** Pedro respondeu dizendo que era uma grande admiração que perguntasse quem lhe tocara, pois, todo o povo o comprimia e estava próximo d’Ele. **7.** E Jesus disse que sabia que alguém o tocara, porque uma força havia saído d’Ele para curar alguém. **8.** Jesus parou, e viu quem foi. E a mulher, quando viu que não podia escapar, tremeu, caiu aos pés de Jesus, gritou-lhe por misericórdia, e então, disse a todo o povo, informando-o do que sucedera. **9.** Jesus ordenou-lhe ir em paz, pois a sua fé verdadeira a tinha salvo. E quando Jesus assim falou, então, vieram os súbditos do príncipe, disseram-lhe que a filha dele tinha morrido, e que não deveria incomodar mais Jesus por causa dela. **10.** E Jesus, quando ouviu isto, pediu-lhe para que não tivesse medo, mas que acreditasse firmemente que Ele a poderia curar e que a iria salvar. **11.** E

quando Jesus entrou na casa do príncipe, então, encontrou a donzela morta, e o povo a chorar e a gemer por causa da sua morte. Jesus lhes disse que não deveriam chorar, porque ela não estava morta. **12.** E todos dentre eles o escarneceram. Então, Jesus os conduziu a todos para fora da casa, tomou o pai e a mãe da donzela, e Pedro, Tiago e o irmão deste, e foi para onde ela estava deitada. Tomando-a pela mão, disse em voz alta: «Donzela, levanta-te!» **13.** Em seguida, logo ela se levantou e andou. Então, Jesus ordenou-lhes que lhe dessem algo de comer, pois ela tinha doze anos. **14.** E Jesus ordenou-lhes estritamente para não dizerem a ninguém. Mas para nada, pois a mulher foi, e falou em toda a região sobre o que tinha sucedido com ela.

XL – JESUS CURA DOIS CEGOS

1. Enquanto Jesus seguia adiante, Ele aproximou-se e encontrou dois homens cegos. Eles clamaram pela misericórdia do Cristo. **2.** E enquanto Jesus vinha para a sua casa, eles vinham à frente d’Ele. Jesus perguntou-lhes se acreditavam que Ele os podia curar. E eles responderam: «Sim.» **3.** Jesus respondeu-lhes dizendo que verdadeiramente sucedesse segundo a fé deles. E imediatamente eles começaram a ver. **4.** Jesus ordenou-lhes severamente que partissem, e não dissessem a ninguém. Mas eles, seguiram o seu caminho e falaram disto por toda a região. **5.** Assim que se foram embora, foi-lhe, então, apresentado um homem mudo, que tinha um demônio dentro dele. **6.** Em consequência de Ele ter realizado uma cura, o povo admirou-se grandemente, e disse que nunca fora visto nada assim em Israel. **7.** Mas os fariseus, disseram que Ele expulsava os demônios pelo poder de Beelzebub, o príncipe deles.

XLI – JESUS É NOVAMENTE REJEITADO EM NAZARÉ

1. Então, Jesus partiu para a sua própria região, para Nazaré, com os Seus Discípulos, e pregou nas cidades das imediações. **2.** O povo maravilhou-se grandemente por causa da sua sagacidade e por causa das suas obras, e, começando a falar entre si, disseram: “O quê?! Não é este o filho de José, o carpinteiro, e de Maria? E os homens e mulheres da sua parentela, não estão todos eles aqui sentados, entre nós?” **3.** E deste modo falaram e o escarneceram entre eles. Jesus respondeu-lhes dizendo que os profetas não eram desprezados senão na própria terra, e, concretamente, por aqueles que deveriam ter sido os seus amigos e os seus conhecidos. **4.** Então, eles estavam tão descrentes, que não pôde curar ali mais do que uns poucos, e isto através do toque das mãos. **5.** E todos se maravilharam com o que Jesus teve para lhes mostrar.

XLII – JESUS ESCOLHE OS DOZE NO MONTE TABOR

1. Depois disto, Jesus foi pregando por toda a região da Galileia. E era tanto o povo que o seguia de todas as terras ao redor, e tantos os enfermos que eram trazidos até Ele, que nem todos se conseguiam aproximar d’Ele. **2.** Então, Jesus subiu ao Monte Tabor para orar, e aí permaneceu

toda a noite em devoção. **3.** E, no dia seguinte, Ele chamou até si os Seus Discípulos, e escolheu aí os Doze Apóstolos. **4.** A Tiago e João, Ele chamou-os «Boanerges», que é o mesmo que dizer: «filhos do trovão». **5.** E após Ele ter escolhido os Doze Apóstolos e lhes ter dado o nome, entregou-lhes os dez mandamentos da Lei e disse: **6.** «Bem-aventurados sejais vós, pobres de espírito, pois dos que são como estes é o reino dos céus. **7.** Bem-aventurados os mansos, pois possuirão a Terra. **8.** Bem-aventurados sejais vós, que chorais, pois sereis confortados. **9.** Bem-aventurados sejais vós, que, como à comida e à bebida desejais a justiça, pois sereis saciados. **10.** Bem-aventurados sejais vós, que tendes sido misericordiosos, pois terão misericórdia. **11.** Bem-aventurados sejais vós, que tendes corações limpos, pois verão a Deus. **12.** Bem-aventurados sejais vós, que amais a paz, pois sereis chamados filhos de Deus. **13.** Bem-aventurados sejais vós, que sois humilhados e molestados por causa da justiça, porque para vós é o reino dos céus.» **14.** E após Ele ter falado deste modo, dirigiu-se diretamente aos Apóstolos, começou a ensiná-los, e disse-lhes o que deveriam ser: disse que deveriam ser mais frutuosos e habilidosos do que qualquer dos escribas e fariseus da Lei, pelo facto de serem a luz do mundo, que deveria ensinar a todos os outros a serem autónomos e sábios. **15.** E após Jesus lhes ensinar sobre as obras que são rentáveis – o que eles deveriam fazer, o entendimento que deveriam ter no seu modo de acreditar, e como deveriam evitar os falsos profetas que os iriam subjugar – então, Jesus desceu com eles para o povo que os aguardava numa planície.

XLIII – JESUS REALIZA MAIS CURAS NA PLANÍCIE

1. Quando Jesus desceu entre eles para a planície, o povo o rodeou, tudo para conseguir ouvi-lo falar, e para ser curado e limpo por Ele. **2.** Então, Jesus começou a repetir os dez mandamentos, e a pregação que tinha efetuado²⁷³ pouco antes aos Seus Apóstolos, e disse-lhes que deveriam ter uma fé maior do que a dos da Lei, que têm de amar os seus inimigos, ter bom semblante, ser pacientes em todas as coisas, e fazer a cada homem como eles queriam que os homens lhes fizessem a eles. **3.** Disse que, em todas as coisas, eles teriam de ser de tal modo, que o povo descrente não tirasse deles um mau exemplo, e que mostrassem a sua fé através de atos, e não somente através de palavras. **4.** E, no fim, disse que deveriam agir de acordo com aquilo que ouviram, [o qual] nunca seria superado, não mais do que uma casa que tem uma boa fundação deveria cair por causa do vento ou da enchente. Mas aquela que tem uma fundação falha, não resistirá à tempestade, mas afundará, e ruirá totalmente.

XLIV – JESUS CURA UM LEPROSO

²⁷³ - Lit: «... a pregação que havia pregado...». Destaca-se este novo semitismo presente no manuscrito.

1. Quando Jesus terminou a sua pregação, desceu, e juntou-se ao povo em direção a Cafarnaum. Então, aproximou-se um leproso, prestou-lhe homenagem e caiu de joelhos diante d'Ele e disse: «Senhor, se quiseres podes purificar-me.» 2. Jesus tocou-lhe e disse: «Eu quero. Agora, sê limpo.» E Jesus ordenou-lhe que não dissesse a ninguém que o havia curado, mas que fosse efetuar²⁷⁴ a oferta que está ordenada que se oferecesse, por terem ficado limpos aqueles que foram curados. 3. Ele partiu, e contou por toda a região como Jesus o havia curado, e isto fez com que tanto povo viesse ter com Jesus, que já não podia mais entrar na cidade, por causa da grande quantidade de povo, mas tinha de ficar fora, em sítios desertos. 4. E, no entanto, chegou mais e mais povo até Ele de todos os lados, mas muitas vezes, saía de perto deles e ia para o deserto, para adorar o Seu Pai no Céu.

XLV – JESUS CURA O SERVO DO CENTURIÃO

1. Certa vez, quando Jesus entrou em Cafarnaum, chegou um grande oficial de cem oficiais pagãos, que tinha um subalterno acometido com paralisia, e o oficial rogou aos mais honráveis Judeus da cidade que pedissem a Jesus para ajudar o seu servo, pois ele era bem-amado e querido. 2. Então, eles foram até Jesus e, atenciosamente, lhe rogaram para que curasse o servo do Centurião. E disseram-lhe que era merecido assim fazer, uma vez que ele amava muito o povo, e tinha construído uma sinagoga. 3. E Jesus respondeu-lhes dizendo que fá-lo-ia de boa vontade. Quando Jesus se encontrava próximo da casa, o Centurião enviou os seus amigos até Jesus e lhe transmitiram a mensagem de que não se deveria incomodar em ir até lá, e a razão era porque ele não era digno de que Jesus entrasse na sua casa. 4. Mas bastaria a Jesus dizer que ele estava curado, e então, ele saberia bastante bem que seria curado, pois os outros lhe tinham dito isto, e também o seu servo acreditava totalmente que a doença desapareceria e que seria curado, se Jesus o ordenasse. 5. E quando Jesus ouviu isto, voltou-se e disse àqueles que o seguiam: «Não encontrei tanta verdade em qualquer Judeu como neste pagão. 6. E digo-vos que muitos pagãos virão de longe para o Reino de Deus e entrarão com os Patriarcas no descanso, e este povo malévolo estará sujeito a pena sem fim.» 7. Então, Jesus disse sobre o Centurião, àqueles que lhe tinham sido enviados: «Verdadeiramente sucederá como ele acreditou.» Eles regressaram a casa, e encontraram o servo curado.

XLVI – JESUS ENVIA OS APÓSTOLOS A PREGAR

1. Então, deste modo, Jesus foi através de todas as cidades, pregando e curando os doentes. Era tão grande a multidão que o seguia, que pareciam como ovelhas cansadas e derrotadas no caminho. 2. E então, Jesus chamou os Seus Doze Apóstolos, e deu-lhes poder e força para

²⁷⁴ - Lit: «... oferecer a oferta que está ordenada que se oferecesse...». Provavelmente corresponderá a mais um semitismo.

expulsar demónios, para curar todos os enfermos, e enviou-os para todos os lados. Ordenou-lhes ir audaciosamente por entre os Judeus para pregar que o Cristo estava próximo. **3.** E que deveriam curar todo o Povo, fazendo-o sem nenhuma compensação. **4.** Ordenou-lhes que não levassem com eles ouro, nem prata, nem outros bens para o caminho, que não levassem bolsa de viajante, nem duas túnicas ou bastão, mas somente eles, a pé, e uma vara na sua mão. **5.** E quando chegassem a uma cidade ou aldeia, então, perguntassem aí quem seria digno de os receber, e então, ir, e oferecer a paz. **6.** Que permanecessem aí, até que quisessem seguir o seu caminho desse local. E que comessem e bebessem como lhes pusessem ante eles. **7.** Se alguém os recusasse, então, se lhes dirá para seguir o seu caminho para fora daquela cidade, ou daquela aldeia, e que deveriam limpar o pó debaixo dos seus pés sobre as cabeças deles, como testemunho de que não receberam nada deles. **8.** E disse-lhes que Sodoma e Gomorra teriam então um julgamento mais suave do que iriam ter aqueles que não o receberam. **9.** E então Jesus alertou-os das dores e tormentos que eles iriam sofrer por amor a Ele. E pediu-lhes para serem sábios como uma serpente e tão simples como uma pomba. **10.** No fim, confortou-os e disse que todo aquele que tenha uma fê firme, esse seria salvo, e que aqueles que os recebessem, também teriam uma boa recompensa, como a que teriam aqueles que o recebessem a si mesmo, ou a Deus Todo-Poderoso, seu Pai. **11.** E uma vez que os ensinou sobre o que deveria ser feito e, deste modo, os confortou, saiu por toda a região do campo, pregou o arrependimento, expulsou demónios, ungiu todos os doentes e curou-os.

XLVII – A VIÚVA DE NAIM

1. Então, Jesus foi para uma cidade chamada Naim, e os Seus Discípulos caminhavam com Ele, e também muito Povo. **2.** E como eles se aproximassem do portão da cidade, então, saía dele um morto sobre um esquife, e o Povo da cidade o seguia. **3.** Era a filha de uma viúva, que não tinha outra para além daquela. **4.** E ela ia a chorar e a lamentar a sua filha. E quando Jesus a viu chorar, teve grande compaixão dela e lhe pediu para que não chorasse. **5.** Ele foi, e tocou no esquife, e aqueles que o transportavam pararam. E Jesus disse à defunta: «Levanta-te.» Ela imediatamente se levantou, e começou a falar. **6.** E Jesus a ergueu pela mão e trouxe-a à sua mãe. Então, todo o Povo ficou perplexo e agradeceu a Deus. **7.** E as notícias desse feito saíram por toda a Judeia e por toda a região. **8.** E os discípulos de João, ao chegar à prisão onde ele se encontrava, lhe contaram-lhe acerca das maravilhas que Jesus fizera, bem como, para se informarem a partir de João, se Jesus seria o Cristo.

XLVIII – JESUS TESTEMUNHA JOÃO

1. João lhes respondeu dizendo que poderiam ver por eles mesmos, e ouvir se Ele era o Cristo, e pediu-lhes para ir da sua parte ter com Jesus, e lhe perguntar se Ele iria revelar que era o Cristo, ou se cada um deveria entender isto como pertencendo a outro. **2.** E quando vieram ter com Jesus, disseram-lhe o que João lhes pedira para dizer. **3.** Então, Jesus curou e recuperou muitos que

estavam doentes e feridos, deu fala e vista a muitos que eram mudos e cegos, expulsou demónios, e disse aos mensageiros de João para que fossem novamente ter com João e lhe dissessem o que tinham ouvido e visto. **4.** «Declarai-lhe» – disse Jesus – «que os cegos veem, os coxos andam, os leprosos foram curados, os surdos ouvem, os mortos se erguem e vivem, que os pobres foram escolhidos para proclamar a Palavra de Deus, e bem-aventurados são os que não se escandalizarem de mim.»

XLIX – JESUS ELOGIA JOÃO

1. Então, quando os mensageiros de João partiram, Jesus falou ao povo sobre João que ele não era como uma cana agitada e oscilada por todo o vento «nem é nutrido com comida e bebida deliciosa como o são outros homens que existem neste mundo, nem ele é um profeta, mas é mais do que um profeta, pois é o mensageiro²⁷⁵ que Deus prometera que haveria de vir a preparar o caminho antes do Cristo.» **2.** E no fim, disse que nunca houve homem maior nascido de mulher. **3.** E quando ouviram como era louvado por Jesus, todo o Povo restante foi batizado²⁷⁶, e então, aclamaram agradecendo a Deus. Mas os doutores da Lei e os Fariseus que não haviam sido batizados por ele, escarneceram do que Jesus dissera. **4.** Quando Jesus viu isto, disse que eram comparáveis a crianças que nem riam nem choravam com os seus amigos. «João Baptista» – disse Ele – «não comia pão nem bebia nenhum vinho, e vós afirmastes que ele era louco. E eu como e bebo, e vós afirmais que eu sou um glutão e um ébrio, que sou amigo de publicanos e de homens pecadores.»

L – COMO JESUS CONVERTEU MADALENA

1. Então, um fariseu convidou a Jesus para que comesse com ele. **2.** E Jesus entrou na casa dele, e sentou-se para comer. **3.** Uma mulher que tinha sete demónios dentro de si e que tinha sido levada para essa cidade por ser uma mulher pecadora, ouviu dizer que Jesus estava aí a comer. **4.** Ela veio trazendo uma caixa de unguento, colocou-se por detrás dele, unguendo os pés de Jesus, e deixou os pés dele totalmente molhados com as lágrimas dos seus olhos, secou-os com o seu cabelo, e beijou os pés dele, unguendo-os. **5.** E quando o fariseu viu como Jesus lhe permitira fazer isto – tocá-lo e unguir os seus pés – pensou no seu coração que, se ele fosse verdadeiramente um profeta, saberia que tipo de mulher ela era, que ela era uma pecadora, e não teria tolerado que ela lhe tocasse como fizera. **6.** Então, Jesus respondeu ao fariseu dizendo: «Tenho uma coisa para te dizer.» E o fariseu, procurando uma resposta, disse: «Bom Mestre, diz-me.» **7.** Jesus disse: «Um

²⁷⁵ - Provavelmente, o redator do Ms.2498, viu no aramaico מַלְכָּה (malkah) que pode significar «anjo» ou «mensageiro», consoante a quem se atribui. Se for ser humano, traduz-se como «mensageiro», se for de origem divina, como «anjo».

²⁷⁶ - O texto acrescenta: «... por João...» o que, aparentemente, é um erro do redator do Ms.2498, já que, se João estava preso, como poderia batizar? Provavelmente, Jesus continuara a administrar o batismo de arrependimento de João, como também é indicado no Quarto Evangelho (Jo.3,22).

credor tinha dois devedores, um deles devia-lhe quinhentos denários e o outro cinquenta denários. Ora, nenhum deles tinha dinheiro suficiente para pagar, e ele perdoou a ambos a sua dívida. **8.** Agora, pergunto eu, a qual deles ele amou mais?» «Acredito» – respondeu o fariseu – «que foi àquele a quem ele perdoou mais.» **9.** E Jesus lhe disse que julgara bem. Então, Jesus voltou-se para a mulher, e começou a falar: «Simão, vês esta mulher? Eu entrei na tua casa e não me deste água para os meus pés e, contudo, ela banhou-me os pés com as suas lágrimas e secou os meus pés com o seu cabelo. **10.** E não me beijaste a boca e, contudo, ela, desde que ela veio para cá, não tem cessado de me beijar os meus pés. **11.** E tu nem me lavaste a cabeça nem os meus olhos e, no entanto, ela ungiu-me os pés com unguento – pelo qual, eu te digo, que muitos pecados lhe foram perdoados. **12.** E, por isso, eu amo-a muito, pelo facto de que àquele a quem muito é perdoado, mais é amado.» E então, Jesus disse à mulher que os seus pecados foram perdoados. **13.** Aqueles que estavam sentados na refeição pensaram para si: “O quê?! Ele está capacitado para perdoar pecados?!” **14.** E Jesus lhe disse: «Mulher, vai, e fica em paz.» – Pois a sua fé a havia salvo. E ela seguiu adiante, com outras mulheres a quem Jesus curara, e que o tinham seguido e auxiliado, gastando dos seus próprios bens privados – Joana, mulher do administrador de Herodes, Susana, e muitas outras – e elas seguiram Jesus através de todas as cidades e vilas onde ele tinha pregado.

LI – O ENVIO DOS SETENTA E DOIS

1. E, depois disto, Jesus escolheu setenta e dois Discípulos e enviou-os à sua frente, juntos, dois a dois, por toda a região aonde ele haveria de ir. **2.** Ele disse-lhes para seguir rapidamente, e para não levar nem bolsa, nem bastão, nem alforge, nem sapatos: mas demonstrar e testemunhar pela paz aonde quer que vão. **3.** Para comer e beber do que então os homens lhes derem, curar todos os enfermos, sem recompensa, aonde quer que os encontrem, e, trazer o Povo à compreensão de que o Cristo estava próximo. **4.** E se alguma cidade os expulsasse, então, disse que deveriam sacudir o pó de debaixo dos seus pés, e, até mesmo, que nunca mais deveriam sequer receber o seu pó, por não terem reconhecido os seus pecados, e ouvido a sua pregação. **5.** Que deveriam dizer-lhes que o Cristo estava muito próximo, e que deveriam saber que Sodoma e Gomorra terão um julgamento mais leve no dia do Julgamento do que eles terão. «Pois quem vos receber, receber-me-á, e quem vos desprezar, a mim desprezará. E quem me desprezar, desprezará Aquele que me enviou aqui.»

LII – JESUS CONDENA AS CIDADES QUE NÃO ACREDITARAM NELE

1. E então Jesus começou a repreender as cidades aonde Ele tinha pregado e feito muitos milagres, porque não se haviam arrependido – Corazim, Betsaida e Cafarnaum; e disse que se tantos milagres tivessem sido feitos entre os pagãos, eles ter-se-iam arrependido, e, por isso, terão um julgamento mais severo do que os pagãos.

LIII – OS DISCÍPULOS REGRESSAM A JESUS

1. Depois disto, rapidamente todos os Discípulos de Jesus regressaram a Ele novamente, com muita alegria, e disseram-lhe que os demónios lhes estavam submetidos por causa do Seu Nome. 2. E Jesus disse-lhes que deveriam ter poder para expulsar as serpentes e escorpiões, e toda a sorte de demónios em seu nome, e não no próprio nome deles: mas deveriam cuidar em se manterem afastados da vã glória. «Por isso» – disse Ele – «Eu vi, por causa do seu orgulho, Satanás cair dos céus como pó. 3. E se os demónios estão sujeitos a vós, não tenhais orgulho ou alegria por causa disso, mas enchei-vos de alegria porque vós fostes escolhidos pelo nome para o reino dos Céus.»

LIV – JESUS BENDIZ O PAI POR CAUSA DOS PEQUENOS

1. E nesse preciso momento, Jesus começou a chamar o Espírito Santo, e a dar graças, agradecendo a Deus, Seu Pai, porque tinha escolhido os simples e os pequenos de coração e não os sábios e os grandes homens, para mostrar tão grandes coisas. 2. Então, Ele falou e instou a todos os que estavam com um fardo pesado para que fossem até Ele, e os pudesse aliviar. 3. E depois disto, disse aos Seus Discípulos que eles eram bem-aventurados porque podiam ver as suas obras, e ouvir os Seus ensinamentos. 4. Porque, muitos profetas e reis desejaram isto e, no entanto, não lhes havia sido concedido.

LV – O MAIOR MANDAMENTO DA LEI

1. Então, ergueu-se um grande doutor da Lei, e perguntou a Jesus o que é que ele deveria fazer para ter a vida sem fim. 2. E Jesus perguntou-lhe, o que ordenava a Lei que devessem os homens fazer. 3. E ele respondeu dizendo, que ordenava que teriam de amar a Deus acima de todas as coisas no seu coração e na sua alma, e com todo o seu poder e com a sua mente, e ao seu próximo como a si mesmo. 4. E Jesus disse-lhe para assim fazer, e ele teria a vida sem fim.

LVI – QUEM É O PRÓXIMO?

1. E ele perguntou quem era o seu próximo? 2. Jesus lhe disse: «todos os homens», e contou-lhe uma história sobre um homem que ia de Jerusalém para Jericó e foi apanhado por ladrões, despojado e ferido, quase até à morte. 3. Um sacerdote que o viu ali deixou-o deitado, e também um Levita que passou a seguir. 4. Mas então, um Samaritano teve compaixão dele, colocou-o na sua besta, e conduziu-o a uma estalagem, lavou-lhe as feridas com óleo e vinho, e nessa noite o serviu. 4. De manhã, ele também tomou duas moedas para o hospedeiro, e lhe pediu para que cuidasse muito dele até que ele regressasse novamente, e reembolsar-lhe-ia qualquer coisa que ele tivesse gasto a mais. 5. E então, Jesus perguntou ao Mestre qual dos três tinha sido o próximo do ferido. Ele respondeu: «Aquele que teve compaixão dele.» 6. E Jesus disse-lhe para ir e agir do mesmo modo. 7. Que é o mesmo que dizer, que deveria tratar todos os homens como seu próximo.

LVII – COMO MARTA ACOLHEU JESUS

1. Depois disto, Jesus foi a uma aldeia e entrou em casa de Marta, tendo Marta como irmã, a Magdalena, e ela se esforçou muito em colocar Jesus confortável, servi-lo e agradá-lo como ela queria fazer. **2.** Mas Maria deixou-a fazer tudo à sua vontade, e ela sentou-se aos pés de Jesus, para ouvir as suas palavras. **3.** E então Marta veio, e colocou-se de pé, diante de Jesus, e disse: «Senhor, tu não te apercebeste que a minha irmã consentiu-me servir por mim mesma, sozinha? Ordena-lhe que me ajude.» **4.** E Jesus respondeu-lhe dizendo: «Marta, Marta, tu estás bastante ocupada com muitas coisas, e agora nada importa a não ser uma coisa. **5.** Maria escolheu para ela a melhor parte da qual não será destituída.»

LVIII – JESUS ENSINA A ORAR

1. Então sucedeu que Jesus se encontrava em oração, e quando Ele terminou, um dos seus Discípulos pediu-lhe para que lhes ensinasse como fazer oração, assim como João, o Baptista, ensinara os seus Discípulos. **2.** E Jesus disse-lhes para recitar o «Pater Noster» com sinceridade e de boa vontade, [semelhantemente a um homem que descansava em casa com os seus filhos] «E logo a seguir, veio um dos seus bons amigos e pediu-lhe um pão por causa da vinda de alguns convidados, bateu à porta e gritou, e não o deixava ter algum descanso nem deixava os seus filhos dormir. **3.** Mesmo que ele não o faça por amor, ainda assim, lhe dará por causa do seu incómodo, levantar-se-á, e dar-lhe-á mais do que aquilo que pediu.» **4.** Então Jesus disse: «Todo aquele que fizer oração sinceramente, com coração aberto, a sua oração será ouvida por Deus. **5.** Por este motivo, se os homens que têm filhos lhes dão dos seus bens e não os contradizem, ainda que sejam malvados, muito mais dará o vosso Pai do Céu àqueles que Lhe pedirem com sinceridade no seu coração.»

LIX – OS DISCÍPULOS APANHAM ESPIGAS EM DIA DE SÁBADO

1. Nesse tempo, sucedeu que Jesus, certo dia, passou por [searas de] trigo. E os seus Discípulos, tendo fome, foram ter com Jesus, tiraram grãos, esfregaram o miolo entre as suas mãos, e comeram. **2.** Nesse momento, chegaram os Judeus e os Fariseus, e repreenderam-nos diante Jesus, pois eles fizeram isto no Shabbat. **3.** E Jesus perguntou-lhes se não tinham lido no Livro, como David, quando não tinha outro alimento para comer, comeu o pão santo que ninguém deveria comer exceto o sacerdote. **4.** E disse ainda que os sacerdotes que servem no Templo, e não honram o Shabbat, são perdoados por causa da dignidade do Templo. «E aqui está algo com maior dignidade, e mais digno do que o Templo. **5.** E se vós tivésseis percebido aquilo que a Escritura disse, que Deus amou mais a misericórdia do que o sacrifício, vós não teríeis condenado o inocente. Pois o Shabbat foi feito para o homem e não o homem para o Shabbat. E eu sou o Senhor do Shabbat».

LX – CURA DO HOMEM COM MÃO TOLHIDA NO DIA DE SHABBAT

1. Noutro Shabbat, enquanto Jesus pregava na sinagoga, eis que veio até Ele um homem cuja mão direita estava paralisada. 2. E os doutores [da Lei] e os fariseus vigiavam para ver se Ele iria curar alguém no Shabbat, pois nessa altura, poderiam acusá-Lo. 3. Outros se interrogavam se alguém deveria curar outra pessoa no Shabbat. 4. Jesus ordenou ao homem que se colocasse no meio da sala. E ele assim o fez. 5. Jesus lhes perguntou se no Shabbat se deveria fazer o bem ou o mal. 6. E eles permaneceram calados e não responderam. 7. Então Jesus perguntou-lhes, qual dentre eles não lavaria a sua ovelha no Shabbat se ela tivesse caído numa vala imunda. 8. No entanto, nós devemos ajudar antes a um homem, do que a uma ovelha. Então Jesus disse: «Bem, Eu digo que se deve fazer boas obras no Shabbat.» 9. E Ele começou a olhar-lhes com bastante indignação, pois estava irritado por causa da sua cegueira. 10. Então, disse ao homem para que estendesse a sua mão. 11. Ele estendeu a sua mão e nesse instante foi curada.

LXI – JESUS CUROU TODOS OS QUE O SEGUIAM

1. Então, partiram os fariseus e os publicanos²⁷⁷, e, entre si, combinaram como poderiam destruir e derrotar Jesus. 2. Então, para escapar deles, Jesus partiu com os seus Discípulos em direção ao mar, e a multidão de gente que o seguia de todos os lados era grande. 3. E nesse local curou todos os doentes que tinha diante de si. 4. Então, Jesus foi para o barco, e entrou nele por causa da quantidade de povo. 5. Eles sentaram-se na beira, e Jesus começou a pregar, pedindo-lhes para que não dissessem onde Ele se encontrava. 6. Os demónios, quando o viram aproximar-se, caíram de joelhos d’Ele e disseram-lhe era o Filho de Deus. 7. E Jesus proibiu-lhes de revelar isto e os ameaçou severamente se assim o fizessem.

LXII – JESUS CURA O SURDO-MUDO

1. Então, Jesus veio para uma casa, e a multidão seguiu-o, e, de tal modo se aglomerou, que, quer Ele, quer os Seus Discípulos, não conseguiam comer. 2. Os Discípulos sentiram-se cruelmente desprezados e ignorados, porque Jesus estava tão ocupado a atender o povo para o curar. 3. Eles saíram [de casa] para o trazer para dentro. Mas Jesus não parava, e tomou consigo um homem possesso cego, que também era surdo, e expulsou-lhe o demónio. 4. Logo a seguir, ele começou a falar.

LXIII – JESUS É ACUSADO DE FAZER MILAGRES ATRAVÉS DE BELZEBU

²⁷⁷ - N.B: É pouco provável que o redator do Ms.2498 tenha visto no ms. original «publicanos», pois os cobradores de impostos para César contavam-se entre os que tinham ouvido a pregação de Jesus. É, contudo, mais provável, que se quisesse referir aos partidários de Herodes que, em conluio com os fariseus, conspiraram contra Jesus (Mc.3,6).

1. Então, todo o povo disse que lhes parecia claro que Ele era o Cristo. Os doutores [da Lei] e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, disseram que Ele tinha expulso pequenos demónios pelo poder do príncipe deles, de Belzebug. 2. Ele, então, chamou-os, e derrotou-os mediante cinco provas, demonstrando que aquilo que diziam não era verdade. 3. Então, disseram-Lhe que mostrasse algum sinal no firmamento, e que desse modo, lhes demonstraria o seu poder. 4. Jesus viu que o povo estava irado contra Ele, por isso, respondeu-lhes dizendo que não teriam outro sinal senão o de Jonas, o Profeta. 5. Pois assim como Jonas esteve três noites e três dias no ventre da baleia, e depois foi lançado sobre a terra, como sinal para o povo de Nínive, de modo a que, se acreditassem nele, pudessem ser salvos, assim também o próprio Jesus estaria num túmulo, na terra, e depois disso, erguer-se-ia da morte à vida. 6. Então, Jesus disse que o povo de Nínive os condenaria no dia do Julgamento, porque acreditaram na pregação de Jonas, apesar de que este não lhes mostrou nenhum milagre, porém, eles não acreditaram naquele que fez tantos milagres. 7. E também a rainha de Sabá, que era uma pagã, igualmente o faria, pois veio de longe para ouvir a sabedoria de Salomão e, no entanto, eles não acreditaram naquele que lhes ensinou a Lei de Deus, no seu próprio país, muito melhor do que o fez Salomão.

LXIV – A AUTÊNTICA CONVERSÃO

1. Ele também disse que lhes sucederia do mesmo modo que ocorrera a certo homem possesso por um demónio, o qual, não se modificou após ter sido expulso dele. 2. Pois então, esse demónio voltou outra vez a esse homem, e trouxe consigo sete demónios piores do que ele, entrando dentro desse homem com toda a sua imunda companhia. 3. E, ao ter dito de modo tão gracioso e sábio estas palavras, chegou certa mulher com uma veste, juntamente com todo o povo, ergueram as suas vozes e gritaram: «Bendito seja o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram.» 4. Enquanto Jesus falava deste modo a confortar o povo, então, chegou a sua mãe com os seus primos, e enviaram-lhe uma mensagem, ordenando-lhe vir falar com ela. 5. E Jesus respondeu àqueles que o chamaram, que todos aqueles que ouvem as suas palavras e as cumprem, Ele os amará do mesmo modo que à sua mãe e aos outros parentes.

LXV – JESUS COME NA CASA DE UM FARISEU

1. Então, um fariseu convidou Jesus para que viesse comer consigo, e Ele aceitou. 2. E enquanto se sentava para a refeição, o fariseu pensou no seu coração que Jesus transgredira, porque Jesus, segundo o costume das suas leis, antes de comer, não se levantara [para lavar as mãos], como eles mesmos faziam. 3. E Jesus apercebeu-se dos seus pensamentos malvados, da sua hipocrisia, e do exemplo malvado dado pelos doutores [da Lei]. 4. Ele lhes disse que, por causa da sua incredulidade, Deus exigiria um julgamento mais duro e vingança contra eles, que nunca tinham sido exigidos desde que Abel fora morto.

LXVI – JESUS DIZ AOS DISCÍPULOS PARA NÃO CAIREM NA HIPOCRISIA

1. Depois disto, sucedeu que a pressão do povo em torno de Jesus se tornou demasiado grande. **2.** E foi então que começou a alertar abertamente os seus discípulos acerca da hipocrisia, para que se mantivessem bem distantes disso. **3.** Ele os alertou e ordenou-lhes serem corajosos no que concerne às perseguições e tormentos que os fariseus lhes iriam fazer, por causa do seu amor por ele.

LXVII – JESUS NÃO É JUIZ DA AVAREZA

1. E então, chegou dentre o povo alguém, e pediu a Jesus que dissesse ao seu irmão para que lhe desse a sua parte da herança do seu pai. **2.** Jesus respondeu: “Quem me fez juiz e divisor entre vós?” **3.** Aos seus discípulos, Jesus disse-lhes que se deveriam manter bem distantes da avareza. «Por esta razão» – disse Ele – «nenhuma quantia dos bens deste mundo é capaz de salvar a vida de um homem rico.» **4.** E eles disse-lhes uma conveniente parábola sobre um homem que tinha riquezas, e que, num ano conseguira um vasto campo de trigo. **5.** Ele pensou em deitar abaixo o seu celeiro e torna-lo maior, e iria armazenar nesse lugar todos os seus cereais juntamente com todos os seus bens. **6.** E que, após isto, ele iria descansar, comer, beber, e festejar por muitos anos vindouros. Deus, nesse momento lhe disse: «Tolo, nesta mesma noite os demónios trarão a tua alma para o inferno. **7.** Então, quem ficará com tudo o que tu juntaste?» «E assim deverá suceder» – disse Jesus – «àqueles que acumularem para si mesmos, contudo, não forem ricos para Deus.»

LXVIII – ACREDITAR NA PROVIDÊNCIA

1. E então, Jesus começou a ensinar aos seus Discípulos que não deveriam se preocupar a si próprios acerca da sua subsistência, nem acerca da sua comida, nem acerca da sua bebida, nem acerca da sua roupa, mas que deveriam estar cheios de esmolas e, deste modo, afastar deles próprios o julgamento.

LXIX – SABER DISCERNIR OS TEMPOS

1. Depois, ele voltou-se para o povo e exortou-os a que julgassem o tempo da vinda de Cristo, como julgam o tempo que está para chegar pela abóbada do firmamento, e pelos Céus: «Pois se vedes uma nuvem erguer-se no poente, vós dizeis que irá chover, e assim sucede. **2.** E se vós vedes o vento voltar-se na direção do Sul, vós dizeis que haverá uma onda de calor, e assim sucede. **3.** Por que é que, então, também não julgais as maravilhas que vedes agora? Pois tais nunca ocorreram antes. **4.** Ora, então, crede que o Cristo chegou, doutro modo, a vingança recairá sobre vós.»

LXX – COMO OS ACONTECIMENTOS PODEM SER REPENTINOS

1. Nesse mesmo momento, algum povo veio ter com Jesus, e disse-lhe como Pilatos matara um grande número de pessoas da Galileia que tinham ido com um falso profeta ao Monte Garizim, fizera as suas ofertas, 2. e lhes prometeu que, quando ele ascendesse ao céu, todos iriam ver isso, contudo, veio Pilatos e matou-os a todos. 3. E então Jesus disse: «Não penseis que, apesar de que tenham conhecido tal morte, esses homens da Galileia eram os piores homens dessa região. 4. Mas Deus permitiu que assim sucedesse, para, deste modo, alertar outros, de que devem emendar os seus caminhos. 5. E a menos que eles ajam desse modo, todos eles irão perecer juntos, e não só eles, mas todo o povo de Jerusalém. 6. Por causa disso, como um aviso, Deus permitiu que fossem lançados dezasseis homens da torre de Siloé, em Jerusalém, para, desta maneira, trazer emenda a todos os outros. 7. Então, como exemplo para eles, Jesus contou aquela [parábola] de um homem que tinha uma figueira entre as suas vinhas, a qual não dava frutos. Ele instruiu o vinhateiro para que a cortasse. E o vinhateiro suplicou-lhe para que a deixasse de pé ainda outro ano, para que a podasse bem, com determinação. Se desse fruto, isso seria bom, e se não desse nenhum, ele a tiraria no ano seguinte.

LXXI – JESUS CURA UMA MULHER ULCERADA

1. Depois, ocorreu no sétimo dia, que Jesus pregou numa sinagoga e curou uma mulher que tinha uma úlcera, a qual estivera dezoito invernos curvada, de tal modo que não podia sentar-se. 2. Porque Jesus a curara no Shabbat, os mestres da sinagoga tornaram-se desdenhosos, 3. e disseram ao povo nas imediações, que tinham seis dias para ser curados por Jesus, mas não no Shabbat. 4. E então, Jesus respondeu dizendo-lhes: «Seus hipócritas! Qual de vós não desataria os seus animais e os deixaria ir beber no Shabbat? E não servirá um propósito maior, desatar no Shabbat esta humilde mulher à qual o demónio havia atado todos estes dezoito invernos?» 5. Então, quando Ele concluiu o que estava a dizer, todos os seus adversários sentiram grande vergonha, mas todo o povo, por causa de todas as coisas que Ele fizera com tamanha dignidade, sentiu grande alegria.

LXXII – JESUS PREGA COM PARÁBOLAS A PARTIR DE UM BARCO

1. Então Jesus dirigiu-se para o mar. E então, veio ter com Ele tão grande multidão, que se sentou num barco, e começou a ensinar por via da parábola. E disse-lhes que Ele era como o homem que semeava as suas sementes. 2. Uma parte caiu ao longo do caminho, outra sobre pedras, outra nos espinhos, e que outra parte caiu sobre boa terra. 3. A seguir, disse-lhes que Ele era como o homem que semeou trigo bom no campo. E, entretanto, enquanto o povo estava a dormir, veio então o seu inimigo, e semeou joio. 4. Falou-lhes, então, acerca dos que tinham feito isto, dizendo-lhes que eram como a semente que cresce continuamente, dia e noite, até à colheita, e, no entanto, nem

toda ela será aproveitável. **5.** E depois, disse-lhes que deveriam ser como a semente que cresce maravilhosamente alta, ainda que ela, enquanto semente, seja pequena. **6.** Disse, então, que todos eles deveriam ser comparados ao fermento, que torna a massa leveda, e que a faz crescer apesar de ser pequena. **7.** Então, vieram os discípulos de Jesus, e suplicaram-lhe que ele lhes revelasse o sentido destas parábolas. **8.** Jesus revelou-as, dizendo-lhes que eram bem-aventurados porque, tiveram a graça de entender o seu ensinamento, [contudo] o povo, não fora tão privilegiado em entendê-lo. **9.** E então, Ele contou-lhes outra parábola sobre o tesouro que estava escondido num campo, e ainda outra parábola sobre uma pérola preciosa, e perguntou-lhes se tinham compreendido de forma conveniente. **10.** Eles responderam: «Sim.» «Por isso» – disse Ele – «após o tempo apropriado, todo o doutor [da Lei] sábio [é] convenientemente instruído [sobre] o peso que deve ser dado às coisas velhas e novas.»

LXXIII – JESUS CURA NOVAMENTE NUM SHABBAT

1. A seguir, Jesus foi à sua própria região, e pregou de tal modo numa sinagoga que todos ficaram maravilhados, e disseram entre si: «O quê?! Não é este o filho de José, o carpinteiro? O quê?! Não é Maria, a sua mãe? Não são Tiago e João²⁷⁸, Simão e Judas os seus irmãos? E as suas irmãs, não estão elas aqui conosco? Então, como lhe foi dado ser tão sábio e tão poderoso?» **2.** E Jesus respondeu-lhes dizendo que nenhum profeta é tão acreditado na sua própria região, como em regiões estrangeiras. E fez ali poucos milagres por causa da sua falta de fé.

LXXIX – JESUS CURA EM JERUSALÉM

1. Depois Jesus foi a uma Festa em Jerusalém. Sucedeu que havia em Jerusalém uma cisterna que tinha cinco pórticos, onde todos os homens enfermos com toda a sorte de enfermidades se encontravam prostrados, e era seu entendimento que, muitas vezes, vinha um anjo e agitava a água, e que, após o anjo a ter agitado, seriam curados de quaisquer padecimentos que tivessem.**2.** Ora, estava aí um homem que jazia doente há quarenta e oito anos. **3.** E, no Shabbat, veio Jesus, e, tendo visto que ele jazia ali enfermo há muito, perguntou-lhe se queria ser curado do seu padecimento. **4.** Ele respondeu que não tinha ninguém que o pudesse transportar para a água quando era agitada, pois todo os dias, antes que pudesse entrar na água, havia outros que chegavam antes dele. **5.** E então Jesus pediu-lhe que se erguesse e que levasse consigo o seu catre. Imediatamente ele ficou curado e fortalecido, ergueu-se, e transportou o seu catre. **6.** Então, uma vez que souberam que ele tinha sido curado na água, os Judeus disseram-lhe não deveria carregar o seu catre no Shabbat. **7.** Ele respondeu-lhes dizendo que aquele que o tinha curado, lhe ordenara levar consigo o seu catre para casa. E eles perguntaram-lhe quem era esse. **8.** Ele não conseguiu dizer quem era. Depois, Jesus encontrou-o no Templo, e ordenou-lhe que não pecasse mais, para

²⁷⁸ - É provável que este seja um erro do copista. João era filho de Zebedeu e não filho de José.

que nenhum padecimento lhe sucedesse nem nada pior viesse a ocorrer. **9.** Então, ele partiu, e disse aos Judeus que, quem o curara e tornara são tinha sido Jesus. E então, os Judeus perseguiram Jesus, pelo facto de ele ter curado e tornado são um homem enfermo no Shabbat. **10.** Em resposta a isso, Jesus fez um longo discurso, demonstrando-lhes abertamente por que é que, no Shabbat, podia fazer todas estas coisas.

LXXX – JOÃO BAPTISTA É DECAPITADO

1. Então sucedeu que Herodes deu uma festa em honra do seu próprio nascimento, tendo comparecido todos os grandes senhores da região da Galileia. **2.** Então, a filha da mulher de Herodes dançou diante o rei, no meio de todos, e agradou tanto o rei, que ele jurou dar-lhe qualquer coisa que ela lhe pedisse, mesmo que pedisse metade do seu reino. **3.** E a sua mãe ordenou-lhe que não deveria pedir mais nada do rei do que a cabeça de João, o Baptista. **4.** Então, imediatamente, ela pediu a cabeça de João, o Baptista, num prato. O rei entristeceu-se grandemente, mas por causa do juramento e dos nobres da terra, então, desanuviou-se-lhe o semblante, e não permaneceu pesaroso, mas, ordenou que a cabeça de João lhe fosse trazida num prato. **5.** Ela reclamou-a e entregou à sua mãe. E então, vieram os discípulos de João e sepultaram o seu corpo, e, mais tarde, ter com Jesus e disseram-lhe como João havia sido martirizado.

LXXXI – JESUS VAI PARA O DESERTO COM OS SEUS DISCÍPULOS

1. Chegaram os próprios apóstolos, e contaram a Jesus como tinham trabalhado e pregado. **2.** E Jesus lhes pediu para que todos o seguissem em privado para o deserto, e para que descansassem um pouco, uma vez que eles haviam trabalhado grandemente, e não tinham espaço suficiente para comer por causa da quantidade de gente. **3.** E Jesus os levou a todos consigo num barco, atravessou a água para um lugar privado, no deserto, subiu a uma montanha, e aí se sentou com os seus discípulos.

LXXXII – JESUS MULTIPLICA OS PÃES E OS PEIXES

1. Quando Jesus partiu com os seus discípulos para o deserto, a multidão o observava de todos os lados, a fim de saber em que direção Ele partira. **2.** E correu todo o povo dessa região, trazendo com eles todos os doentes, cegos e coxos. **3.** Ele desceu dessa montanha, pois sentiu por eles grande compaixão, uma vez que todos se encontravam como ovelhas pelo caminho. **4.** Jesus começou a confortá-los com as suas doces palavras, e curou todos os enfermos dos seus padecimentos. **5.** E quando a tarde chegou, os seus discípulos vieram ter com Ele, e lhe instaram para que permitisse que as pessoas lhe trouxessem alimento para aquele dia. **6.** Jesus disse aos seus discípulos para dar de comer às pobres gentes, e eles responderam dizendo que não tinham o que lhes dar. **7.** E quando Jesus viu que estavam a chegar mais, então, Ele disse a Filipe: «Onde

é que nós poderemos comprar alimento com a qual dar de comer a toda esta multidão?» – Ele disse isto para pô-lo à prova, pois bem sabia o que iria fazer. **8.** Filipe respondeu dizendo que duzentas moedas de pão não seriam suficientes para repartir entre eles, recebendo cada um somente um bocado de pão. E Jesus perguntou-lhes quantos pães eles tinham. **9.** André respondeu que estava ali uma criança que tinha cinco pães de cevada e dois peixes, mas isto de pouco valia entre tanta gente. **10.** E então, Jesus ordenou-lhes que fizessem trazer os cinco pães e os dois peixes, dividindo a multidão por grupos de cem e de cinquenta, e sentá-los no chão, sobre a erva. E eles o fizeram. **11.** E Jesus, olhando para os céus, deu graças ao Seu Pai, abençoou os pães e os peixes, partiu-os, e entregou-os aos seus discípulos, e estes lhes deram à multidão. **12.** E após terem comido quanto quiseram, então, Jesus ordenou que reunissem tudo aquilo que sobejou. Eles foram, reuniram-no, e encheram doze cestos com as sobras.

LXXXIII – A MULTIDÃO PROCURA FAZER JESUS REI

1. Então, Jesus ordenou a todos seus discípulos que fossem outra vez para o barco, para regressarem novamente a Betsaida enquanto Ele mandava a multidão seguir o seu caminho. **2.** E então eles partiram como Jesus lhes tinha ordenado. E quando todo o povo viu que Jesus os alimentara tão abundantemente com tão pouco, disseram que Ele era verdadeiramente um profeta. **3.** Pois tinham visto que estavam ali cinco mil homens, sem contar crianças, e sem contar mulheres. Então, combinaram entre si que todos o fariam rei pela força. Entretanto, Jesus partira a montanha para orar.

LXXXIV – JESUS ACALMA A TEMPESTADE

1. Então, sucedeu que os seus discípulos estavam imersos numa tempestade, à qual, de nenhum modo, conseguiam evitar. Então, após a noite, quando despontava o amanhecer, Jesus veio sobre as ondas, na sua direção, e fez como se fosse passar por eles. **2.** E quando o viram, tiveram tão grande temor que, tremendo, disseram que não era mais do que um fantasma. **3.** Imediatamente Jesus lhes falou ordenando-lhes que não ficassem temerosos, pois era mesmo Ele. Então, Pedro respondeu dizendo: «Senhor, se és tu, ordena para que eu vá ter contigo sobre a água.» **4.** E Jesus ordenou-lhe que viesse. Pedro saiu do barco, e foi ter com Jesus sobre a água. Veio então uma grande rajada de vento, e Pedro, acometido de medo, começou a afundar-se. **5.** E ele começou a gritar em alta voz para que Jesus o salvasse. Imediatamente Jesus pediu-lhe para tomar a sua mão e agarrá-la, perguntando-lhe por que é que tivera medo. E Ele conduziu-o consigo para o barco. Nesse instante, a tempestade começou a cessar, e logo o barco chegara ao local onde eram para ir.

LXXXV – JESUS FALA DA SUA CARNE E DO SEU SANGUE.

1. No dia seguinte, a multidão à qual Jesus alimentara, pensou para consigo que não havia outro barco senão o barco em que Jesus viera, e que não tinha embarcado nele com os seus discípulos. 2. Eles embarcaram noutra barca que tinha vindo de Tiberíades, e foram para Cafarnaum, tentando encontrar Jesus. E quando o encontraram, perguntaram a Jesus como é que partira e o que sucedera com Ele. 3. Jesus respondeu-lhes dizendo que o procuravam, não por causa da sua pregação, mas para que lhes desse mais alimento. 4. E disse-lhes que deveriam procurar aquele alimento que nunca mais se estraga. Eles responderam dizendo que os seus antepassados comeram o maná no deserto, quando Moisés os tirou do Egipto. 5. E Jesus lhes disse que não foi Moisés que lhes deu o maná, mas Deus, o Seu Pai, quem o deu. Ele lhes daria mais, se acreditassem n'Ele, pois lhes daria o seu próprio corpo e o seu próprio sangue. Se eles o comessem e o bebessem, teriam vida eterna, e, sem isto, nunca teriam vida eterna. 6. Quando Jesus assim falou, começaram a murmurar e a falar, e perguntaram entre si, como é que Ele poderia dar a sua carne e sangue para comer e beber. E muitos dos seus discípulos deixaram-no e foram-se embora. 7. Então, Jesus perguntou aos seus doze Apóstolos: «Partireis vós de mim?» E Pedro respondeu-lhe: «Senhor, para quem mais nós poderíamos ir? Tu tens um ensinamento tão justo e uma palavra tão doce, e tu nos ofereces a vida eterna. Ainda que não percebamos tudo o que tu dizes, nós sabemos que tu és Cristo, o Filho de Deus.» 8. Então, Jesus disse que um dos doze era um demónio. E Ele disse isto de Judas, que o traiu.

LXXXVI – JESUS CURA TODOS EM GENESARÉ

1. Por essa altura, Jesus foi para Genesaré. E logo todo o povo dessa região tomou conhecimento disto. Imediatamente eles se apressaram, trouxeram todos os doentes de toda a região rural até Jesus, e, caindo de joelhos, suplicaram-lhe pedindo tão somente tocar na orla do seu manto. 2. Ele concedeu-lhes isso. E todos aqueles que tocaram nele foram curados.

LXXXVII – OS DOUTORES DA LEI E AS ABLUÇÕES

1. A seguir, Jesus regressou para a Galileia. E os doutores [da Lei] que tinham vindo de Jerusalém, viram os discípulos dele a comer sem terem lavado as suas mãos, segundo o costume dos Judeus que se lavavam antes de comer. 2. Eles perguntaram a Jesus por que é que os seus discípulos não observam a Lei segundo os costumes mantidos pelos seus antepassados. 3. E Jesus perguntou-lhes por que é que eles não guardam o mandamento de Deus. Porque Deus ordenou que se deveria ajudar o pai e a mãe. 3. Os Judeus responderam dizendo que era melhor dar os seus bens ao Templo, em vez de dá-los ao pai e à mãe, 4. e muitas outras coisas eles fazem contra a Lei de Deus através dos seus decretos e das suas tradições. 5. Então Jesus chamou até si o povo e disse que não é o alimento que entra nas suas bocas o que contamina ou profana o homem. 6. E quando Jesus regressou novamente à casa onde estava a residir, então, os seus discípulos disseram-lhe que os fariseus estavam escandalizados por causa das suas palavras. 7. Jesus disse-lhes: «Não lhes

deis atenção», pois eram todos cegos. **8.** E Pedro pediu-lhe com boa vontade de coração para que falasse abertamente sobre o seu objetivo. **9.** Jesus respondeu dizendo que aquilo que entrou na boca, não entrou no coração e, por isso, não contamina a alma. Mas do coração, através da boca, vêm muitas palavras e pensamentos maus, assassínios, adultérios, fornicações, falsos testemunhos, calúnias, inveja, orgulho e insensatez, e todas estas coisas mancham a alma. Mas tomar o alimento²⁷⁹ com mãos por lavar não contamina a alma.

LXXXVIII – JESUS CURA A FILHA DA CAANANITA

1. Então, Jesus partiu para a Síria, em direção a Gades. E chegou a esse local, uma mulher pagã dessa região, implorando a Jesus para que expulsasse um demónio que estava na sua filha. **2.** Jesus não lhe respondeu nem uma palavra, e, os seus discípulos, lhe imploraram para que expulsasse o demónio dela, porque vinha a gritar atrás deles a implorar para que intercedesse em seu favor. E Jesus respondeu-lhes dizendo que não tinha sido enviado senão aos Judeus. **3.** Então, para preservar a sua privacidade, Jesus partiu dali e entrou numa casa. A mulher veio até aí, e, caindo a seus pés, implorou a sua misericórdia. E Jesus disse-lhe que não era bom tirar o pão dos filhos e dá-lo aos cães. **4.** Ela respondeu dizendo que os cães comiam as migalhas que caíam dos seus regaços. E então, Jesus disse à mulher: «Grande é a tua fé. Assim como desejas, assim sucederá, pois, pelas tuas palavras verdadeiras o demónio saiu da tua filha.» **5.** Quando ela regressou à sua casa, encontrou a sua filha deitada sobre o seu leito, e o demónio saíra dela.

LXXXIX – JESUS CURA UM SURDO MUDO

1. Então, Jesus chegou à costa pelo mar da Galileia. E certo homem trouxe outro que era surdo e mudo, e implorou a Jesus para que lhe tocasse. **2.** E Jesus tomou-o consigo, retirou-o do meio do povo, colocou as suas mãos nos seus ouvidos e tocou na língua dele com a sua saliva, olhou para o Céu, ajoelhou-se e disse: «Solta-te e ouve». Nesse instante, o homem começou a falar e a ouvir. **3.** E Jesus ordenou-lhe para que não dissesse a ninguém. Mas, quanto mais lhe dizia isto, mais ele o divulgava no exterior, maravilhando a todos. **4.** Jesus subiu a uma montanha e aí se sentou. E todo o povo o seguiu, trazendo com eles os mudos, os surdos, os cegos, os coxos, os débeis, e todos os doentes, colocando-os aos pés de Jesus, e Ele curou cada um deles.

XC – SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

1. Por esse tempo, uma vez que o povo que permanecera com Jesus não tinha que comer, então, Jesus chamou os seus discípulos e disse-lhes que tinha pena do povo, pois tinham estado com Ele três dias, e não tinham nada para comer. **2.** E não queria deixá-los partir em jejum, para que não

²⁷⁹ - Lit: «... comer a comida ...» novo provável semitismo presente no texto.

perecessem pelo caminho – pois alguns dos que estavam lá tinham vindo de longe. **3.** Então, os seus discípulos disseram-lhe que não tinham nada para os alimentar, nem tanto pão, pelo facto de se encontrarem no deserto. E Jesus perguntou-lhes quantos pães tinham. **4.** Eles responderam: «Somente sete.» Jesus ordenou ao povo que se sentasse no chão, tomou o pão, deu graças, agradecendo a Deus, seu Pai, abençoou-o, partiu-o, e deu-o aos seus discípulos para que estes repartissem entre o povo. **5.** E os peixes pequenos que tinham e que Ele abençoara, também lhos deu. Eles comeram até que ficaram saciados. Quando todos terminaram de comer, os discípulos foram, e recolheram sete cestos cheios de bocados. **6.** E, no entanto, se encontravam lá quatro mil homens, sem contar crianças e mulheres. Então, Jesus deixou-os partir.

XCI – O SINAL DE JONAS, O PROFETA

1. Então, Jesus foi para um barco e partiu para a região de Magadan. E chegaram os fariseus, pedindo a Jesus para que lhes mostrasse algum sinal no céu. **2.** E Jesus respondeu-lhes que compreendiam o sinal do bom tempo e da tempestade, e, portanto, não teriam senão o [sinal] de Jonas, o Profeta.

XCII – O FERMENTO DOS FARISEUS

1. Então, Jesus entrou num barco, e os seus discípulos tinham-se esquecido de trazer pão consigo para o barco. **2.** E Jesus disse-lhes que deveriam fugir da maldade dos fariseus, dos saduceus, e dos herodianos. No entanto, eles pensaram que Jesus dissera isto por causa de se terem esquecido de levar pão consigo. **3.** Jesus apercebeu-se da sua fé pequena, e instou-lhes a que se recordassem dos bocados dos cinco pães, e como muitos tinham sido alimentados com isso. **4.** E então eles se aperceberam de que Jesus dissera isto, somente pelo facto de que deveriam fugir do modo de agir dos fariseus, e dos homens de falsa crença.

XCIII – JESUS CURA UM CEGO

1. Então Jesus chegou a Betsaida. E trouxeram diante de Jesus um homem cego a quem todos lhe imploraram para que curasse. Jesus tomou-o pela mão, conduziu-o para fora da cidade, cuspiu nos seus olhos, tocou-lhe com a sua mão, e perguntou-lhe se ele podia ver alguma coisa. **2.** O homem disse: «Sim», que podia ver os homens em redor como árvores. E Jesus tocou novamente nos seus olhos, após o que, pôde começar a ver com clareza todas as coisas. **3.** Jesus lhe ordenou ir para a sua própria casa, e que não dissesse nada a ninguém.

XCIV – HERODES QUERIA VER JESUS

1. Com o passar do tempo, Herodes ouviu falar sobre as obras que Jesus realizara. E temeu-o, pois, ouviu dizer que João, o Baptista, se erguera dentre os mortos, estando ele próprio convencido disto. 2. Outros disseram que era algum dos outros profetas de outrora que se erguera dentre os mortos. E por isso, desejava muito ver Jesus.

XCV – JESUS NA FESTA DAS TENDAS

1. Após isto, quando Jesus ainda estava na Galileia, aproximou-se a Festa das Tabernáculos. 2. E os seus primos disseram-lhe que, se ele quisesse fazer milagres em Nome de Deus, então, deveria ir à Festa em Jerusalém, para que os seus discípulos pudessem ver as suas obras. 3. Pois até mesmo os seus próprios primos não acreditavam n'Ele. Então, Jesus disse que não iria à Festa, uma vez que o tempo para se revelar a si próprio, ainda não tinha chegado. 4. Mas disse-lhes para seguirem o seu caminho, subindo para a Festa, pois, para eles, o tempo era sempre apropriado, uma vez que o mundo os amava, e a Ele o odiava, porque falava mal dele. 5. Então, os seus primos foram para a Festa, e, após terem partido, Jesus ficou para trás. Depois, Ele subiu em privado. 6. E a multidão que viera para a Festa, perguntava frequentemente por Jesus. Alguns diziam que Ele era bom, e outros afirmavam que era malvado, e que traíra o povo. 7. E quando a Festa estava no seu auge, então, Jesus veio ao Templo e pregou ao povo. Eles se maravilharam muito pelo facto de saber tão bem a Lei, e, contudo, nunca ter aprendido as suas letras. 8. Então Jesus disse que o seu ensinamento não era dele próprio, mas de Deus, seu Pai, que o tinha enviado. 9. E reprovou aqueles que o queriam morto, demonstrando-lhes naquilo em que estavam errados. Pois não circuncidavam no Shabbat? E, no entanto, diziam que Ele cometera uma transgressão por ter curado e tornado são um homem no Shabbat. 10. Então, alguns disseram que era o Cristo. E outros disseram que era de admirar como os governantes não o tenham prendido, uma vez que o tinham procurado para matá-lo, e Ele estava ali presente, e em pessoa. 11. Após Jesus ter falado muito ao povo, os governantes e os fariseus, ouviram e viram como este estava fortemente influenciado pela sua pregação, e reuniram homens e oficiais para prender Jesus. 12. Mas assim que ouviram a sua palavra, eles não conseguiram chegar a um consenso para lhe fazer mal ou causar-lhe dano, regressando novamente aos seus senhores. 13. E eles perguntaram aos soldados por que é que não tinham trazido Jesus consigo. E os oficiais responderam dizendo que nunca tinham ouvido um homem falar do modo que Jesus o fizera. 14. Os governantes responderam: «Como?! O quê?! Fostes vós seduzidos? Considerai os fariseus, nenhum deles alguma vez acreditou nele, mas somente este povo ludibriado, que está amaldiçoado.» 15. Então falou Nicodemos – aquele que antes tinha vindo ter com Jesus, que era um bom homem – e disse que a Lei não condenava nenhum homem sem julgamento. 16. E eles, irados, perguntaram-lhe se era da Galileia, e disseram que nenhum profeta poderia vir de lá. A seguir foram para casa, para os seus afazeres.

XCVI – A MULHER APANHADA EM ADULTÉRIO

1. No dia seguinte, Jesus entrou no Templo e pregou ao povo. Então, vieram os doutores [da Lei] e os fariseus, e trouxeram entre todo o povo uma mulher que tinha sido apanhada em adultério. **2.** Eles contaram isto a Jesus, e lhe perguntaram que deveriam fazer com ela, pois Moisés ordenara que tal mulher fosse apedrejada até à morte. E agiram assim para que, caso Ele dissesse: «Apedreja-a!», todos poderiam denunciá-lo, afirmando que tinha sido muito precipitado e demasiado cruel. **3.** E, como o povo o considerava tão cheio de compaixão e de misericórdia, amá-lo-ia menos por isso. **4.** Se dissesse: «Deixa-a ir livre», então, tê-lo-iam capturado e prendido como alguém que agira contra a Lei de Deus.

5. Então, quando Jesus os viu chegar, começou a inclinar-se, e escreveu no chão que a mulher não tinha desonra nem tinha sido desonrada. Eles permaneceram de pé, diante dele, e, com malvadez, perguntaram-lhe o que deveriam fazer com esta mulher. **6.** E Jesus ergueu-se, olhou para eles com dureza, e disse que aquele que estivesse sem pecado lhe atirasse a primeira pedra. De imediato se inclinou para baixo novamente, e continuou a escrever na terra. **7.** Os Judeus, saíram imediatamente do Templo, começando primeiro pelos anciãos, tão rápido quanto conseguiram ir. **8.** E quando Jesus viu que todos eles se tinham ido embora, então, voltou-se para a mulher e disse muito graciosamente: «Mulher, onde estão aqueles que te acusam? Ninguém te condenou?» «Não, Senhor» – disse ela – «ninguém.» **9.** Jesus respondeu-lhe dizendo: «Nem eu te condenarei. Vai, e não peques mais.» **10.** Então, Jesus começou a provar-lhes que era Filho de Deus, e que eles eram filhos do demónio, e não filhos de Abraão. De tal modo fê-los irem-se, que estavam prontos para lapidá-lo. Então, Jesus escondeu-se, e saiu do Templo.

XCVII – A CURA DO CEGO DE NASCENÇA

1. E enquanto saía, viu um homem cego aí sentado, o qual fora assim toda a sua vida. Os discípulos de Jesus perguntaram-lhe se tinha sido por causa dos seus pecados que ele era cego, ou se, por outro lado, ele nascera cego por causa dos pecados dos seus antepassados. **2.** E Jesus disse-lhes que por nenhuma das razões, mas para, através d’Ele, mostrar o poder de Deus. Então, Jesus cuspiu na terra, e, fazendo um pouco de argila com a sua saliva, besuntou os olhos do homem cego, e lhe ordenou ir lavá-los nas águas de Siloé. **3.** Ele foi, e voltou novamente até Jesus, a ver. Ora, os seus vizinhos que o tinham conhecido cego e pobre, não o reconheceram quando se aperceber que ele via. **4.** Mas nessa altura, disse-lhes que Jesus o tinha curado. E, porque fora no Shabbat, os seus vizinhos conduziram-no aos fariseus. **5.** Estes perguntaram-lhe como é que sucedera isto, e de que modo. Ele disse-lhes que Jesus o fizera no Shabbat, e falou sobre Jesus de modo tão doce e digno que, por pura ira, expulsaram-no dali. **6.** Jesus ouvira dizer que o tinham expulso, e então, Ele próprio foi atrás dele, procurá-lo. **7.** Quando o encontrou, Jesus perguntou-lhe se acreditava plenamente no Filho de Deus. Ele perguntou quem era. E Jesus disse: «Sou Eu.» Ele caiu imediatamente a seus pés, honrou-o, e disse-lhe que acreditava nele. **8.** Ora, os Judeus decretaram entre si que, se alguém reconhecesse que Jesus era o Cristo, seria expulso da sinagoga

deles. **9.** E Jesus começou a demonstrar que era a luz deste mundo, o verdadeiro pastor, e que os governantes e os fariseus, na verdade, eram cegos e ladrões, homicidas ensinados pelo demónio.

XCVIII – JESUS FALA PELA PRIMEIRA VEZ DA SUA PAIXÃO

1. Depois, sucedeu que Jesus partiu, orando ao longo do caminho, e os seus discípulos consigo. E Jesus perguntou-lhes o que falava o povo acerca de si, que tipo de homem era Ele. **2.** Os seus discípulos responderam-lhe que alguns se interrogavam se Ele era João, o Baptista, outros se interrogavam se era Elias, outros ainda, se era Jeremias ou algum outro profeta. **3.** Então perguntou-lhes quem o consideravam ser. E Pedro respondeu dizendo: «Tu és o Filho do totalmente Santo Deus Vivo.» Então Jesus respondeu-lhe dizendo: «Em verdade te digo que tu és Pedro em quem eu fundarei a minha comunidade. **4.** Tu terás poder no céu, na terra, e no inferno.» **5.** E então, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que tinha de seguir o seu caminho para Jerusalém, para ser condenado pelos homens que estavam aí— os doutores da Lei e os governantes e o povo – ser morto, e, ao terceiro dia, erguer-se-ia dentre os mortos. **6.** Então, Pedro começou a opor-se-lhe por ter dito isto dizendo que tal nunca lhe deveria suceder. E Jesus disse-lhe: «Tu, Satanás, foge de mim, pois me entristeces, uma vez que não tomas o lado de Deus, mas dos homens.» **7.** E então, Jesus chamou a si os seus discípulos e todo o povo, e disse que todo aquele que o queira seguir, tem de se esquecer de si próprio, carregar todos os dias a sua cruz sobre as suas costas, e segui-lo. **8.** Disse-lhes ainda que havia alguns, nesse lugar, que não morreriam sem antes o terem visto regressar novamente, e que iria para o reino do Seu Pai, para ser glorificado.

XCIX – TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

1. Oito dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e foi para uma alta montanha para orar em privado. Quando se encontrava nesse local, enquanto Jesus orava, a sua face tornou-se resplandecente como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a neve, muito brilhantes. **2.** Então, chegaram Moisés e Elias, e lhe disseram como padeceria em Jerusalém. E então Pedro disse a Jesus: «Senhor, é bom permanecermos aqui. Se for tua vontade, deixa-nos construir três tendas ²⁸⁰: uma para ti, outra para Moisés e a terceira para Elias.» **3.** Ele dizia isto por medo, pois não sabia o que estava a dizer. E nisto, viram uma nuvem brilhante no firmamento, sobre eles, e uma voz que lhes falou dessa nuvem, dizendo: **4.** «Este é o meu querido Filho com quem estou bem agradado. Escutai-o.» E todos eles, com grande temor, caíram por terra. **5.** Jesus levantou-os e disse: «Não tenhais medo.» Eles olharam, e não viram mais ninguém senão somente Jesus.

C – JESUS FALA DE JOÃO

1. E enquanto desciam, Jesus avisou-os de que não deveriam dizer a nenhum homem o que haviam ouvido e visto, até que Ele tivesse sido erguido dentre os mortos. **2.** Então, perguntaram-lhe se

²⁸⁰ - Lit: «... em três dias completos ...», o que, poderá evidenciar um erro de tradução do copista.

Elias viria antes do Dia do Julgamento. E Jesus respondeu dizendo: «Sim. Ele virá, e aperfeiçoará a condição do povo», mas também lhe farão o que fizeram a João, o Baptista, ou a si próprio.

CI – JESUS CURA UM LUNÁTICO

1. E no dia seguinte, após Jesus ter descido da montanha, veio até Ele muito povo. Jesus chegou, e encontrou os doutores da Lei a disputar com os seus discípulos diante do povo. **2.** Assim que o viram, logo todos eles subiram a correr, e saudaram-no com muito temor. E Jesus perguntou-lhes sobre o que estavam a discutir. **3.** Aproximou-se então um homem, dizendo que trouxera aos seus discípulos o seu filho lunático, e que os seus discípulos não tinham conseguido curá-lo. Jesus ordenou-lhe que trouxesse o seu filho ante si, e perguntou-lhe há quanto tempo tinha este padecimento. **4.** Ele respondeu dizendo, que desde que era uma criança pequena, e que, desde então, o malvado demónio frequentemente tem-lo atirado para o fogo e para a água para o matar. «Mas se tu puderes, doce Senhor, age segundo a tua vontade, ajuda-me.» **5.** E Jesus respondeu-lhe dizendo: «Eu posso fazer isto se tu acreditares.» Ele gritou a chorar, e disse: «Senhor, eu acredito, mas ajuda-me na minha descrença.» **6.** E nesse instante, enquanto a criança vinha na direção de Jesus, caiu de forma medonha, como estava acostumado a fazer, de tal modo, que muitos disseram que ele estava morto. Então, Jesus ordenou ao demónio para que saísse imediatamente dele, e este fugiu apressadamente. Rapidamente Jesus levantou a criança, e entregou-a ao pai. **7.** Quando Jesus veio para casa, para a sua pousada, então, os seus discípulos perguntaram-lhe por que é que não tinham conseguido expulsar o demónio. E Jesus respondeu-lhes dizendo: «Por causa da fé pequena que tinham.» **8.** Também lhes disse que se tivessem uma fé firme, então poderiam fazer todas as coisas, «mas este género de demónios, não seria expulso senão através de oração e através de mim.»

CII – JESUS FALA NOVAMENTE DA SUA PAIXÃO

1. Então, Jesus foi em privado para a Galileia. E novamente preveniu os seus discípulos sobre da sua paixão e a sua ressurreição. E insistiu que, quando chegasse o tempo, deveriam recordar-se do que lhes dissera antecipadamente. **2.** Então, todos ficaram muito pesarosos e tristes, pois não sabiam se Ele dissera isto verdadeiramente, ou através de uma parábola. **3.** Mas nenhum deles se arriscava a perguntar-lhe qual o seu significado.

CIII – O TRIBUTO A CÉSAR

1. Depois disso, Jesus veio para Cafarnaum. Então, vieram os coletores de impostos para o imperador de Roma, e perguntaram a Pedro se Jesus pagava ou não os impostos. Ele disse: «Sim.» **2.** E quando Pedro regressou a casa, logo Jesus lhe perguntou se os reis recebem impostos dos seus filhos ou dos estrangeiros. **3.** E Pedro disse: «Dos estrangeiros.» «Então os filhos estão livres.» – Disse Jesus. «Mas, para que não despertemos neles raiva, vai ao mar» – disse Ele –

«lança os teus anzóis e, na boca do primeiro peixe que apanhares, tu encontrarás uma moeda que vale o imposto de dois. Dá-lho por mim e por ti.»

CIV – O MAIOR E O MENOR

1. E, por esse tempo, Jesus perguntou aos seus discípulos o que é que estavam a falar pelo caminho. 2. Todos eles pararam. Ora, os seus discípulos estavam a discutir pelo caminho qual deles era o mais digno. Eles regressaram, e perguntaram isso a Jesus. 3. Quando Jesus viu a sua crueldade, chamou até si uma criança, colocou-a de pé ao seu lado, estendeu os seus braços sobre ela, e disse aos seus discípulos que, a não ser que fossem mansos de coração como uma criança, que não entrariam no reino do Céu. 4. «Pois aquele» – disse Ele – «que se humilhe a si próprio como o faz esta criança, esse é o mais digno. E todo aquele recebe essa criança em meu nome, esse me recebe. 5. E quanto ao maior dentre todos vós, esse será o menor.»

CV – NÃO ESCANDALIZAR OS PEQUENOS

1. Então, João disse que vira um homem que não era dos seus seguidores a expulsar demónios em nome de Jesus, e que eles lho tinham proibido de o fazer. 2. E Jesus ordenou-lhes que não o proibissem, pois, nenhum homem, disse Ele, que faça milagres em seu nome, poderia, logo a seguir, falar mal dele. 3. Por isso, todo aquele que não fosse contra ele, ele seria a favor dele. E todo aquele que escandalizar uma criança que acreditasse nele, seria melhor para esse nunca ter nascido.

CVI – CORRECÇÃO E PERDÃO

1. Então, Jesus ensinou-lhes que deveriam repreender a todos em privado caso cometessem um delito contra eles, e perdoá-los se procurassem o perdão. Mas caso não quisessem reparar a sua transgressão, então, isso deveria ser transmitido a um ancião. Se fossem ainda desobedientes ao ancião, que saíssem da companhia deles. «E tudo aquilo o que a comunidade julgar, permanecerá, e será confirmado ante mim. Porque» – disse Ele – «onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu, no meio deles.» 2. Então, Pedro perguntou quantas vezes deveria perdoar se lhe fosse pedido perdão, e se deveria perdoar até sete vezes. 3. Jesus contou-lhe, então, uma estória sobre um rei que reaplicou a dívida sobre o seu administrador, uma vez que este não havia feito aos outros como o rei havia lhe havia feito, e disse que o seu Pai agiria de igual modo com eles, a não ser que todos perdoassem o seu próximo de todo o coração.

CVII – JESUS REPREENDE JOÃO E TIAGO

1. Então, Jesus saiu da Galileia e foi para Jerusalém, para sofrer a sua paixão. E enquanto passava pela Samaria, enviou mensageiros pedindo-lhes que o recebessem. 2. Porém, eles não o receberam, porque ia a caminho de Jerusalém. Então, Tiago e João disseram: «Senhor, queres que peçamos para que desça fogo do céu e os queime?» 3. E Jesus, voltando-se, repreendeu-os,

dizendo: «Não sabeis que vos deveríeis suportar uns aos outros doce e suavemente?» Porque Ele não viera para se vingar, mas para os salvar. **4.** Então, Jesus foi para outra cidade.

CVIII – HERODES, RAPOSA ASTUTA

1. E enquanto Ele seguia o seu caminho, então, um homem perguntou-lhe se pouca gente seria salva. **2.** Jesus respondeu que muitos do povo pereceriam, porém, de todos os cantos do mundo muitos seriam salvos. **3.** E que o primeiro seria o último, e o último seria o primeiro. **4.** Então, os fariseus vieram ter com Jesus e suplicaram-lhe que se fosse embora, para que Herodes não os matasse.²⁸¹ **4.** E Jesus respondeu dizendo: «Ide a essa raposa astuta e dizei-lhe que eu expulsarei demónios hoje, amanhã, e no terceiro dia. **5.** Então, eu terei terminado.» Pois não se ouviu dizer que um profeta deva morrer fora de Jerusalém.

CIX – JESUS CURA UM HIDRÓPICO E FALA SOBRE A HUMILDADE

1. Então, sucedeu num dia de Shabbat, que Jesus entrou na casa de um chefe fariseu para comer. E um homem que tinha hidropisia parou diante de Jesus. **2.** Os Judeus vigiavam para ver se Ele curaria alguém no Shabbat. E Jesus perguntou aos doutores [da Lei] e aos fariseus, se dever-se-ia fazer o bem no Shabbat. **3.** Eles calaram-se e não responderam. Então, Jesus tocou no homem e curou-o nesse instante. **4.** E Jesus perguntou-lhes qual deles não iria buscar o seu boi ou o seu asno se caíssem numa vala imunda, num Shabbat. Eles, porém, não lhe deram resposta. **5.** Então Jesus ensinou aos seus anfitriões que, quando fossem convidados para uma festa, não deveriam escolher os assentos mais elevados. Ensinou também aos seus anfitriões que, quando dessem uma festa, deveriam chamar os miseráveis e os pobres, aqueles que não lhes conseguem recompensar, e que Deus os recompensaria no outro mundo. **6.** E então disse um dos seus anfitriões, que seria bem-aventurado aquele que pudesse comer no reino do Céu. Jesus respondeu dizendo que muitos mais poderiam lá comer se desejassem somente estar lá. **7.** A seguir, Jesus contou uma estória sobre um homem que fez uma grande festa. E quando tudo estava pronto, então, todos o abandonaram e não foram, pois alguns quiseram ver o seu campo, outros quiseram provar os seus bois, e alguns tinham casado. **8.** E o senhor daquela região abandonou a sua festa, irritou-se, e disse que nenhum deles comeria com ele. **9.** Então, chamou os pobres e os doentes em seu lugar, encheu totalmente a sua casa, e eles festejaram.

CX – TOMAR A CRUZ PARA SER DISCÍPULO

1. Então, Jesus foi em direção a Jerusalém, e uma multidão o seguia. E, voltando-se, disse que, se alguém quisesse segui-lo e ser seu discípulo, teria de deixar todos os afetos e amores carnisais,

²⁸¹ - O texto canónico (Lc.12,32), tem uma interpretação diferente, uma vez que, ao invés do testemunho do Ms.2498, os fariseus vão alertar Jesus de que Herodes pretendia matá-lo.

carregar sobre as suas costas a sua cruz, e vir após Ele. **2.** Também lhes disse que, quando alguém edifica, erguendo uma torre alta, essa pessoa primeiro pensa se é capaz de completá-la. De igual modo, como um rei que não tem mais do que dez mil homens, reflete consigo próprio como poderá resistir contra outro rei que venha contra ele com vinte mil. **3.** Ele também disse: «convém àquele que queira ser meu discípulo, ter a maior atenção em deixar tudo aquilo que possa perturbar o seu amor por mim.»

CXI – AS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA

1. Após isto, chegaram os publicanos e os pecadores. Os fariseus e os doutores [da Lei] murmuraram dizendo que Ele enganara essa gente para que comessem consigo. **2.** E então, Jesus contou-lhes três histórias, ilustrando-lhes, deste modo, como deveriam agir. «Pois é por isto» – disse Ele – «que um pastor tem maior alegria por um animal perdido, quando o encontra, do que teria por causa de outros cem animais. **3.** E maior alegria teve uma mulher por causa uma moeda que tinha perdido, quando a encontrou, do que por dez outras moedas que ela tinha no seu tesouro. **4.** E também» – disse Ele – «teve o pai maior alegria por causa do seu filho que tinha transgredido e fizera mal, ainda que este regressasse a casa totalmente descalço e nu, se estiver pronto para corrigir os seus caminhos, do que terá por todos os outros seus filhos que nunca fizeram nada contra os mandamentos do seu pai. E também» – disse Jesus – «cem vezes maior alegria terão os anjos por causa de um homem pecador que se arrepende, do que têm por causa de mil outros indivíduos justos que não têm necessidade de arrependimento.»

CXII – PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR ASTUTO

1. Então, Jesus ensinou os seus discípulos a serem piedosos, e contou-lhes uma parábola sobre um administrador, cujo senhor decidira retirá-lo da sua posição como administrador de um estado que lhe tinha sido confiado, pois este senhor ouvira dizer que o administrador tinha esbanjado os seus bens. **2.** E o administrador adquirira muitos amigos, por lhes absolver a dívida justa e reta do seu senhor. Quando o seu senhor ouviu dizer isso, agradeceu a Deus e louvou-o por aquilo que fizera tão sabiamente. **3.** «Pois as pessoas deste mundo» – disse Jesus – «são mais sábios na sua maneira de lidar entre si do que os outros.»

CXIII – PARÁBOLA DO RICO E DE LÁZARO

1. Ora, os fariseus, que eram cobiçosos, ouviram dizer como Jesus ensinara os seus discípulos a dar esmolas e a desprezar este mundo e, por isso, riram dele em escárnio, porque, para eles, a promessa de Deus estava em ajudar e honrar os que observam a Lei. **2.** Jesus censurou-os por causa da sua hipocrisia, e disse-lhes que o tempo da promessa da Lei sobre os bens deste mundo, não durara senão até ao tempo de João, o Baptista, pois, desse tempo em diante, a promessa de Deus aos Seus servos é o reino dos céus: e quem quer que o venha a ter, terá de o conquistar pela

força. **3.** E então Jesus mostrou-lhes que na Lei, Deus odiou a avareza e amou o arrependimento, e contou-lhes uma parábola. «Uma vez havia um homem rico» – disse Ele – «que vivia confortavelmente, e tão luxuriosamente como podia, e cada dia comia comidas deliciosas. **4.** Então, havia um leproso que veio ao seu portão, estava cheio de feridas e de vermes, e apenas desejava as migalhas que caíam da mesa do homem rico. E ninguém lhe dava nada, mas, chamando os cães, expulsou-o do portão. **5.** Os cães vieram, e lamberam os seus pés. Então, o leproso morreu, e a sua alma foi levada, tendo sido transportada por anjos, e reclinada no seio de Abraão. **6.** Depois, morreu o homem rico, e a sua alma foi levada, tendo sido transportada por demónios ao inferno. **7.** E na medida em que o estado deles é diferente neste mundo, assim será diferente nesse outro mundo.»

CXIV – PERDÃO E SERVIÇO

1. Então, noutra altura, Jesus ensinou aos seus discípulos que deveriam fugir da iniquidade, e repreender aqueles que cometam delitos, ou ainda àqueles que vejam a praticar o mal. **2.** E que deveriam perdoar àqueles que peçam e que procurem perdão, tantas vezes quantas eles se arrependam. **3.** Então os Apóstolos pediram a Jesus que fortalecesse a sua fé. Jesus respondeu-lhes que, se eles acreditassem firmemente, fariam tudo o que desejassem fazer. **4.** E acima de todas as outras coisas, pediu-lhes para que não se jactassem das suas obras. «Pois quem é aquele» – disse Ele – «que diz ao seu servo assim que ele chega do trabalho: “Vem e come?” Primeiro, diz-lhe para que prepare a comida do seu senhor e, quando tenha servido o seu senhor, então, poderá ir sentar-se, e comer. No entanto, ninguém lhe agradece por tudo o que fez. **5.** Também eu vos digo» – disse Jesus – «quando tenham feito tudo aquilo que vos foi ordenado fazer, dizei então: “Nós somos servos indignos e inúteis. Nós fizemos o que deveria ser feito como dever.”»

CXV – JESUS CURA DEZ LEPROSOS

1. Após isto, Jesus chegou à entrada de uma cidade. E dez leprosos vieram ao seu encontro, clamando-lhe por misericórdia. **2.** Jesus lhes ordenou que partissem, e se mostrassem aos sacerdotes, para que pudessem testemunhá-lo. E enquanto eles iam, todos foram limpos. **3.** Um deles, que era um Samaritano, assim que se apercebeu que estava limpo, regressou novamente, agradeceu a Deus, caiu aos pés de Jesus, clamando-lhe por misericórdia. **4.** E então, Jesus disse: «O quê?! Não foram todos os dez limpos? Onde então estão os outros nove? Por que é que nenhum deles regressou e agradeceu a Deus, a não ser este estrangeiro? Então, Jesus ordenou-lhe que se levantasse e que partisse, pois «a tua fé te salvou.»

CXVI – O REINO DO MESSIAS

1. Então, chegaram os fariseus, e perguntaram a Jesus quando é que chegaria o Cristo. E Jesus respondeu-lhes dizendo que o Reino de Cristo não chegaria através da observação, doutro modo,

todo o mundo saberia perfeitamente quando chegaria. “Quanto a vós mesmos, tomai nota” – disse Ele – «Cristo está entre vós.» **2.** Depois, Jesus disse aos seus discípulos que chegaria o tempo, quando eles desejarium vê-lo, ao menos um dia na terra, e, contudo, não o verão, mas, antes disso, sucederia que Ele teria de ser abandonado pelo povo e padecer diversas dores. **3.** Então perguntaram-lhe como haveria de suceder na sua vinda? Ensinou-lhes, então, como se prepararem através da oração e da humildade, para esse acontecimento tão terrível.

CXVII – O JUIZ ÍMPIO

1. E disse-lhes que convinha a todos orar, e contou-lhes uma parábola acerca de um malvado [Juiz] avarento que estava numa cidade, que há muito retinha os direitos de herança de uma viúva, então, ela tanto lhe implorou por misericórdia, que, para se livrar, finalmente fez justiça. **2.** «E muito mais» – disse Ele – «fará Deus pelos que foram escolhidos, se Lhe implorarem noite e dia.»

CXVIII – AS RIQUEZAS NÃO SALVAM. O FARISEU E O PUBLICANO

1. Então, contou-lhes outra parábola acerca de certa pessoa que confiava nos seus bens e riquezas, desprezando os outros. Ele disse: «Um fariseu e um publicano, foram ao Templo para orar. **2.** E o fariseu, ficando de pé, agradeceu a Deus por não ser como os pecadores, especificamente, porque não era como os publicanos. Então, ele elencou todas as suas obras. **3.** O publicano, porém, ficando à distância, nem olhava em direção ao céu, mas em segredo, batia no seu peito, clamando: «Deus, tem misericórdia» porque era pecador. «Ficai vós a saber» – disse Jesus – «que o publicano foi ouvido por Deus, mas o fariseu foi recusado, porque todo aquele que se exalta, será humilhado. **4.** E quem se humilha a si próprio, será exaltado.»

CXIX – DIVÓRCIO E CASTIDADE

1. Então, os fariseus vieram ter com Jesus, e lhe perguntaram se um homem pode deixar a sua mulher por qualquer motivo. E Jesus perguntou-lhes: «Que vos disse Moisés?» **2.** Eles disseram-lhe o que Moisés dissera, que todo aquele que deixa a sua mulher, tem de escrever uma carta de divórcio e deixá-la partir. **3.** E Jesus respondeu-lhes dizendo que era por causa do amargor e transgressão que Moisés permitira esta concessão, para que não fosse morto por eles. **4.** Mas desde o tempo que formara a mulher a partir do homem, Deus proibiu que este deixe partir a sua esposa, nem por causa do pai, nem por causa da mãe. **5.** Noutro momento, estando já em casa, os seus discípulos perguntaram-lhe acerca deste assunto. **6.** E Jesus disse-lhes que um homem não deveria deixar a sua mulher por nenhum motivo, exceto se fosse por prostituição. De igual modo, a mulher não deveria deixar o seu marido, «e, por nenhum motivo, poderão entregar-se a outros.» **7.** Depois, os seus discípulos responderam dizendo que, se isso era assim, então, não é bom ter uma mulher. Jesus respondeu-lhes afirmando que, alguns homens são castos por natureza, outros pela força, e

outros ainda, através da sua boa vontade, por amor a Deus. **8.** E que nem todos são assim, mas, todo aquele que possa sê-lo, que o seja.

CXX – JESUS ABENÇOEA OS PEQUENINOS

1. Então, veio ter com Jesus um homem, e apresentou-lhe as suas crianças, para que Ele lhes impusesse as mãos e as abençoasse. E os discípulos de Jesus repreenderam a quem as tinha apresentado. **2.** Quando Jesus viu isto, ficou indignado, e chamou-os a si, ordenando-lhes para que deixassem as crianças irem ter consigo «Pois de tais» – disse Ele – «é o reino dos céus. **3.** E todo aquele que não seja como uma criança, não entrará aí». Então Jesus abraçou as crianças, abençoou-as, e ele foi-se embora.

CXXI – O GOVERNANTE JOVEM E RICO

1. Enquanto Jesus seguia pelo caminho, chegou, então, um governador que era rico e jovem, e ajoelhou-se ante Jesus perguntando-lhe o que é que poderia fazer para ter a vida eterna. **2.** E Jesus disse-lhe: «Quem quiser ter a vida eterna, cuide em observar os mandamentos de Deus.» **3.** Ele perguntou-lhe quais eram. Então, Jesus recitou-lhe os mandamentos da Lei. Respondeu-lhe então, que os guardara ao longo de toda a sua vida, e perguntou-lhe o que é que ainda faltava. **4.** E Jesus observou-o como amabilidade, e disse-lhe que se quisesse ser perfeito e suspirar de alívio, que fosse, vendesse todos os seus bens, os desse aos pobres, e depois, que viesse e o seguisse, e tudo seria para ele como um tesouro no Céu. **5.** Quando o homem rico ouviu isto, foi-se embora todo entristecido e choroso, porque ele tinha muitas riquezas. Então, Jesus disse aos seus discípulos que, com dificuldade, algum rico entraria no reino do Céu. **6.** Todos os seus discípulos ficaram admirados com a esta palavra. Então, Jesus disse-lhes que todo aquele que põe a sua confiança nas riquezas, não pode entrar no reino do Céu, do mesmo modo que um camelo [não] pode entrar no buraco de uma agulha. **7.** E então, os seus discípulos maravilharam-se muito e disseram: «Quem pode, então, ser salvo?» **8.** E então, Jesus respondeu dizendo que não os podia nomear, porque Deus o castigaria.

CXXII – RECOMPENSA DO DESPRENDIMENTO

1. Perguntou, então, Pedro a Jesus: «Qual será a nossa recompensa, nós, que deixámos todas as coisas e te seguimos?» **2.** Jesus respondeu dizendo que, no Dia do Juízo, estariam com Ele e julgariam o povo de Israel. **3.** E também lhes disse: «Todo aquele que deixou o seu pai, mãe, os seus parentes, os seus amigos, e os seus bens, por amor a mim, receberão cem vezes mais no outro mundo, e a vida eterna. Mas muitos dos que eram últimos serão os primeiros, e o último será o primeiro.» **4.** E depois Jesus contou-lhes uma parábola sobre um homem que trouxe trabalhadores para a sua vinha. Ele pagou aos que vieram mais tarde tanto como àqueles que vieram primeiro.

CXXIII – TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO

1. Depois disto, enquanto Jesus seguia em direção a Jerusalém, todos os que se dirigiam com Ele para lá, estavam grandemente aterrorizados, temerosos, e com receio de serem vistos aí. **2.** Jesus caminhava à sua frente, tomando consigo os doze apóstolos, e disse-lhes que tão cedo quanto chegassem a Jerusalém, seriam cumpridas todas as sagradas escrituras e profecias que concerniam à sua paixão e ressurreição, contando-lhes todos os detalhes. Porém, não perceberam, pois Ele não queria que ficassem demasiado tristes.

CXXIV – UM LUGAR À DIREITA OU À ESQUERDA

1. Depois, veio a mãe de Tiago e de João e pediu-lhe que estes se pudessem sentar mais próximos dele do que qualquer outro, durante o seu reinado, um à sua direita e o outro à sua esquerda. **2.** E Jesus respondeu-lhes que não sabiam o que tinham pedido. Depois perguntou-lhes se poderiam beber da sua bebida e ser batizados no seu batismo. **3.** Eles disseram: «Sim.» Depois Jesus disse-lhes que poderiam beber da sua bebida e ser batizados no seu batismo, mas, sentar-se à sua direita ou à sua esquerda, não poderia garantir aos seus primos, mas somente àqueles a quem o seu Pai determinara.

CXXV – A AUTORIDADE ESTÁ NO SERVIÇO

1. Imediatamente logo a seguir, os dez apóstolos ficaram com inveja de que os dois irmãos tivessem feito tal pedido. Então, Jesus chamou-os a si, e disse-lhes que não deveria suceder entre eles como sucedia com os homens profanos. **2.** Pois todo aquele que, entre eles, queira ser a maior autoridade, deverá ser o servo de todos, assim como Ele próprio esteve no meio deles como seu servo, para dar a sua vida e resgatar todos os pecadores.

CXXVI – A CURA DO CEGO EM JERICÓ

1. No momento em que Jesus entrava em Jericó, um homem pobre e cego, que estava sentado à beira do caminho, perguntou à multidão que se aproximava, quem é que estava a passar por ali. **2.** E a multidão disse que, quem estava a passar era Jesus de Nazaré. Imediatamente começou a clamar a Jesus, para que tivesse misericórdia dele. Os que estavam a caminhar, pediram-lhe para que se calasse, mas ele gritava mais alto. **3.** Então, Jesus parou, e perguntou-lhe o que é que queria. Ele respondeu que queria ter a sua visão. Por fim, Jesus disse: “Recebe a tua visão.” E, nesse instante, ele começou a ver, e foi com Jesus. **4.** Então todo o povo agradeceu a Deus.

CXXVII – ENCONTRO COM ZAQUEU

1. Então, Jesus entrou em Jericó. E um homem rico cujo nome era Zaqueu, que era o oficial de justiça dessa região, desejava muito ver Jesus. Porém, não o conseguia ver por conta da

quantidade de gente, pois ele era de pequena estatura. **2.** Em vez disso, correu para diante, e subiu para um sicómoro, para assim poder ver Jesus antes que saísse da sua região. E quando Jesus passou por esse local, parou, olhou para cima, e pediu-lhe para que se apressasse, ordenando-lhe descer daquela árvore, para que lhe oferecesse pousada. **3.** Ele desceu sem demora, e recebeu-o com grande alegria. E todos os que assistiram a isto murmuraram, dizendo que Jesus iria ficar com um homem pecador. **4.** E então, veio Zaqueu, e parou diante de Jesus, dizendo que daria metade do seu património aos pobres, e, da outra metade, caso tivesse sucedido ter tomado de modo injusto as posses de alguém, restituiria o quádruplo. **5.** Depois, Jesus respondeu-lhe dizendo que, uma vez que a tinha punido de forma justa, toda a sua parentela fora salva naquele dia, já que Ele viera para procurar e salvar todos os que andavam perdidos. **6.** E depois, Jesus contou uma estória a respeito de dez moedas que um grande senhor dera aos seus subordinados, dizendo-lhes para investi-las enquanto partia para as regiões bárbaras a fim ganhar para si um reino.

CXXVIII – A REALEZA DE JESUS NÃO É DESTE MUNDO

1. E com isto, perceberam que Ele dissera que iria tornar-se rei assim que chegasse a Jerusalém. Mas fê-los perceber que os Judeus não iriam aceitar esse reino, e, como não o iriam receber, por esse motivo, eles seriam destruídos. **2.** Disse-lhes também, que Ele haveria de regressar no Dia do Juízo, para lhes demonstrar que era rei, e que daria a cada um, segundo o que merecesse.

CXXIX – A CURA DE DOIS CEGOS À SAÍDA DE JERICÓ

1. Então Jesus saiu de Jericó, e dois homens cegos, sentados à beira do caminho, ouviram dizer que Jesus iria passar por ali, então, começaram a clamar a Jesus em alta voz: «Misericórdia!» **2.** E o povo disse-lhes: «Ficai calados e conservai a vossa paz.» Eles, porém, começaram a gritar ainda mais alto. Jesus parou, e perguntou-lhes o que é que queriam. **3.** Eles responderam que não conseguiam ver. Jesus tocou nos seus olhos, e, nesse instante, começaram a ver. Então, partiram com Ele, e, um dos dois, era chamado Bartolomeu [Bartimeu]²⁸².

CXXX – JESUS VAI À FESTA DE HANNUKAH E É REJEITADO

1. Então, sucedeu na Festa da Dedicção do Templo, celebrada no Inverno, que Jesus veio ao Templo em Jerusalém. **2.** Chegaram ali os Judeus e, com intenção malvada, lhe disseram, que, se Ele fosse o Cristo, que lhes dissesse. **3.** E Jesus respondeu-lhes que poderiam constatar isso pelas

²⁸² - N.B: É evidentemente um erro de copista, uma vez que, em aramaico «Bartolomeu (bar-Tolmai) escreve-se «בר-תולמי», e «Bartimeu (Bar-Timai), em aramaico escreve-se «בר-טִימַי». Partindo do pressuposto de que o original estava em aramaico, compreende-se claramente onde se encontra o erro de tradução. Uma vez que, sem a notação massorética, as palavras são muito semelhantes, seria fácil confundir ambas. O grego não permite visualizar este erro, uma vez que «Bartolomeu» escreve-se «Βαρθολομαῖος», e «Bartimeu» escreve-se «Βαρτιμαῖος». Não será esta mais uma evidência da possibilidade de um original Aramaico?

suas obras e feitos. «Mas ainda assim» – disse Ele – «não acreditais em mim, pois vós não sois das minhas ovelhas. As minhas ovelhas se submetem a mim, seguem-me, e eu lhes dou a vida eterna. 4. E ninguém pode afastar o meu Pai delas, para o Qual eu as levarei, pois, o meu Pai e eu somos Um.» 5. Depois, os Judeus apanharam pedras para o apedrejar. E Jesus perguntou-lhes: «Eu vos fiz muitas boas obras. Por qual vós me ireis apedrejar?» 6. Eles responderam: «Por nenhuma boa obra que tu tenhas feito, mas por blasfêmia contra Deus. Pois tu dizes que Deus é teu Pai, e que vocês são Um.» 7. E, de seguida, Jesus mostrou-lhes abertamente que Deus designa assim os Seus escolhidos na Sagrada Escritura. 8. Então, os Judeus deixaram de tentar apedrejar-lo, e tentaram-no prender. E Ele passou por entre as suas mãos, e foi para além do rio Jordão, onde João, o Baptista, outrora, se encontrava com os seus discípulos. 9. Então, chegaram muitos homens e mulheres que acreditaram nele.

CXXXI – RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

1. Enquanto Jesus estava escondido além do rio Jordão, então, sucedeu que um dos seus amigos, chamado Lázaro, a quem Jesus amava especialmente, e que era irmão de Marta e de Maria Magdalena, estava prostrado pela doença, definhando em Betânia, situada a uma milha de Jerusalém. 2. E as irmãs de Lázaro enviaram [um recado] a Jesus, e suplicaram-lhe para que viesse confortar o seu amigo. Ele respondeu que era para a glória de Deus, e não para que morresse para sempre. 3. Então, depois, após Jesus ter permanecido ali dois dias, disse aos seus discípulos que iria para a Judeia. E os seus discípulos disseram que era de admirar que fosse para o meio dos Judeus, que tão recentemente, queriam-no apedrejar. 4. E então, Jesus disse que não deveriam ter medo em segui-lo, pois poderia sempre salvá-los: pois Ele era – disse – «como o sol por cuja luz o homem é mantido a salvo durante o dia, para que não possa ser ferido.» 5. Então disse-lhes que o seu amigo Lázaro, dormia, e que iria acordá-lo. Eles disseram que, se ele dormia, isto era um indicativo de que recuperava a saúde. 6. E Jesus, disse-lhes, então, abertamente, que ele estava morto, e que era melhor assim do que ser de outro modo, para que não fossem tentados a ter a sua fé transformada em medo, pelo facto de, na sua presença, verem morrer o seu amigo. «Mas, agora vamos ter com ele» – disse. 7. Então Tomé, disse aos seus companheiros: «Vamos nós agora, e morramos com o nosso Mestre: pois aquele que for com Ele contra os seus inimigos, de sua livre vontade, será seu amigo.» 8. Depois, Jesus chegou no quarto dia a Betânia, quando Lázaro estava já no sepulcro. Jesus parou fora da cidade e enviou [recado] a Martha. Ela veio, caiu a seus pés, e disse: «Senhor, se estivesses estado aqui o meu irmão não estaria morto. Mas eu sei» – disse ela – «que Deus te concederá tudo o que lhe pedires.» 9. Então, Jesus disse-lhe que ele haveria de erguer-se. E ela respondeu que sabia que ele haveria de se erguer no Julgamento. 10. Depois, Jesus perguntou se acreditava que Ele era a ressurreição e a vida. Ela respondeu: «Sim», e disse que sabia que Ele era o Cristo, Filho de Deus. 11. E depois, Jesus ordenou-lhe que ela fosse e trouxesse a sua irmã. Ela foi, e disse à sua irmã, em privado, que Jesus tinha chegado, e a enviara

para que a trouxesse até Ele. Imediatamente a seguir, Maria foi ter com Jesus. **12.** E muitos dentre os Judeus que tinham vindo para confortá-las na morte do seu irmão, também foram com ela, pensando que tinha ido para chorar no túmulo. Quando Maria chegou junto de Jesus, ela imediatamente caiu aos seus pés, a chorar e a gritar por misericórdia dizendo: «Senhor, se tu tivesses estado aqui, o meu irmão não estaria morto.» **13.** E quando Jesus a viu chorar, e os Judeus que tinham vindo com ela, começou a tremer e a chorar, perguntando-lhes onde é que o tinham sepultado. **14.** E elas conduziram-no ao local. Então, alguns disseram parecia que Jesus o amara muito. E outros, que lá se encontravam, disseram que era de admirar como não salvara a vida do seu amigo, tal como dera a visão a um estrangeiro. **15.** Depois Jesus, ainda trémulo, veio ao monumento. Ora, Lázaro fora deitado num sepulcro, com uma pedra em cima dele. Então, Jesus ordenou que os homens removessem a pedra. E Marta disse que o corpo cheirava mal, pois estava na terra há já quatro dias. Jesus respondeu-lhe que se não lhe faltasse a fé, ela iria ver um milagre. **16.** Depois, eles removeram a pedra. E Jesus olhou para o céu, agradeceu ao seu Pai porque ouvira o seu pedido, e, então gritou em voz alta: «Lázaro, levanta-te, e vem cá para fora.» **17.** Imediatamente ele se levantou, as suas mãos e os seus pés estavam atados com ligaduras, e o seu rosto envolvido com uma veste. Depois, Jesus ordenou para que o desatassem, e o deixassem ir. E então, muitos dos que tinham presenciado isto, acreditaram em Jesus.

CXXXII – O SINÉDRIO DECIDE DAR A MORTE DE JESUS

1. E os outros foram ter com os fariseus, e lhes disseram o que Jesus tinha feito. **2.** A seguir, reuniram-se os Sumo-sacerdotes e os fariseus, e disseram que se permitissem Jesus realizar livremente os seus milagres, todo o povo acreditaria nele, os Romanos viriam, e os destruiriam a todos, pelo facto de terem escolhido um novo senhor sem o seu consentimento. **3.** E depois, um deles cujo nome era Caifás, que era Sumo-sacerdote nesse ano, chamou-lhes ignorantes, pois não tinham pensado que, seria melhor que fosse morto um homem a fim de salvar todo o povo, do que todo o povo fosse morto por causa de um só homem. **4.** E ordenou que se alguém soubesse onde estava Jesus, que deveria rapidamente lhes dar a conhecer, para que pudessem capturá-lo. **5.** Depois, Jesus foi-se esconder numa cidade cujo nome era Efraim, que estava situada num sítio ermo.

CXXXIII – UNÇÃO EM BETÂNIA

1. Aproximava-se, então, a Festa da Páscoa, e o povo de todas as regiões rurais das redondezas vieram a Jerusalém prepararem-se para observar a Festa. **2.** Enquanto estavam no Templo, perguntavam se Jesus não viria à Festa. **3.** Então, seis dias antes da Páscoa, Jesus veio a Betânia, onde tinha erguido Lázaro. Fizeram uma ceia, Jesus foi cear, e Marta servia. **4.** Lázaro era um dos que tinha ido cear. E Maria, sua irmã, trouxe uma libra de um unguento extremamente precioso, e ungiu a cabeça e os pés de Jesus enquanto estava sentado na refeição: e toda a casa ficou cheia

da sua fragância. **5.** Então, Judas Iscariotes disse: «Para que foi feito este desperdício de unguento? Poderia ter sido vendido por trezentos denários, e ter sido dado aos pobres.» **6.** Ele começou, então, a rir da mulher com escárnio e desdém. E ele dissera isto, não porque amasse dar esmolas, mas porque era um ladrão, roubava e levava consigo aquilo que as pessoas colocavam diante dele. **7.** Então, Jesus respondeu dizendo que ela fizera aquilo em honra da sepultura dele. E disse que fizera muito bem, que os pobres, eles os teriam sempre, mas ao seu corpo, nem sempre o terão. «Ela fez» – disse Ele – «o que podia. Por isso, aquilo que fez, será referido por todo o mundo onde quer que as boas-novas sejam proclamadas, em memória de mim.» **8.** Muita gente ouviu dizer que Jesus estava aí. Então vieram, não para ver Jesus, mas para ver Lázaro, que havia sido erguido de entre os mortos. **9.** Então, o Sumo-sacerdote pensou como deveriam matar Lázaro pois, por causa dele, muita gente acreditara em Jesus.

CXXXIV – A ENTRADA EM JERUSALÉM

1. E de manhã, Jesus foi em direção a Jerusalém, e veio a Betfagé. Ele pediu a dois dos seus Discípulos para que fossem à cidade que estava diante deles, e que trouxessem um burro e a sua cria, que ninguém ainda tivesse montado. **2.** E se alguém os tentasse impedir, que lhes dissessem que o seu Senhor necessitava deles, e os deixariam ir. Os seus Discípulos partiram, e encontraram tudo tal como Jesus dissera. **3.** Então, os homens perguntaram o que é que iriam fazer com os animais. E eles responderam como Jesus os tinha instruído. **4.** Deixaram-nos, então, passar. Vieram ter com Jesus com os burros, colocaram as suas vestes sobre a cria do burro, e Jesus sentou-se sobre ela. Alguns colocaram as suas vestes no caminho, por onde os burros iriam passar, **5.** e outros lançaram flores e ramos de oliveira. **6.** Quando Jesus estava a descer do Monte das Oliveiras, toda a multidão agradeceu a Deus pelos grandes milagres que tinha visto e que Jesus fizera. **7.** E começaram a clamar, a cantar, e a alegrar-se muito, porque Ele era o Cristo, o seu rei Justo, que Deus lhes tinha prometido, da parentela de David. **8.** Então, a grande multidão de gente que viera para a Festa, ouviu dizer que Jesus vinha para Jerusalém, e foram para fora, para saudá-lo. Tomaram nas suas mãos ramos de oliveira, e juntaram-se ao resto da multidão, agradecendo a Deus como tinham feito os que antes haviam seguido Jesus. **9.** Então, os fariseus viram as pessoas a fazer-lhe tão grande honra, e Ele a permiti-lo, que foram ter com Ele e lhe pediram para que não o permitisse. **10.** E Jesus respondeu-lhes que, se tentassem reprimi-los, eles ainda clamariam mais.

CXXXV – JESUS CHORA SOBRE JERUSALÉM

1. E quando Jesus se aproximou de Jerusalém, parou, e, de pé, começou a chorar. E disse que, se soubessem aquilo que ainda não sabem, também eles chorariam, porque serão cercados e destruídos, pois não reconheceram o tempo da visitação de Deus. **2.** Jesus entrou na cidade nesta grande procissão, toda a multidão estava maravilhada, e perguntavam quem era. **3.** E a multidão respondia-lhes que era Jesus, o Profeta de Nazaré. Então disseram que tinham visto como Ele

erguera Lázaro, e, que por isso, merecia ter grande honra. **4.** Os fariseus disseram invejosamente entre si que tinham resistido a falar com Ele desnecessária e ineficazmente: «Não veem» – disseram eles – «como todos os doentes o seguem, e Ele não os recusa?»

CXXXVI – JESUS EXPULSA OS VENDILHÕES DO TEMPLO

1. Então, Jesus percorreu montado através da Cidade, até ao Templo. E aí, Ele encontrou mercadores com as suas mercadorias, sentados a vender. **2.** Ele conduziu a cada um para fora, derrubou as mesas daqueles que estavam aí para cambiar dinheiro, bem como as cadeiras dos que estavam sentados, a vender pombas, e declarou-lhes que Deus tinha dito que a Sua Casa é uma Casa de Oração e de Adoração, mas que eles haviam feito dela um covil de ladrões. **3.** E que não mais permitiria que ninguém carregasse os Seus vasos através do Templo, exceto se fossem consagrados. **4.** Os chefes, os governantes do Povo, e os sacerdotes, quando viram isto, reflectiram entre si como poderiam capturá-lo e condená-lo à morte. **5.** Mas não ousaram fazê-lo por causa do Povo, que o amava tanto, e, de forma tão prazenteira o adorava e louvava.

CXXXVII – JESUS CURA TODOS. AS CRIANÇAS ACLAMAM-NO.

1. Entretanto, chegaram os coxos, os cegos, os surdos e os mudos ao Templo, e Jesus curou a todos. **2.** Vieram as crianças da cidade, e cantaram diante o seu Rei: «Justa e verdadeiramente, Jesus [é o] Cristo, da parentela de David.» Então, vieram os sacerdotes e os doutores da Lei, perguntando-lhe se ouvira perfeitamente o que as crianças tinham dito. Pois pensaram que Ele não permitiria tal vã glória. **3.** E Jesus respondeu-lhes que David, o Profeta, como bem sabiam, dissera que Deus faria o Seu Cristo erguer louvor da boca das crianças, para confundir os seus inimigos. **4.** E assim, Jesus ficou no Templo a jejuar até à noite. Olhando em seu redor, [via] se alguém lhe ofereceria alojamento. **5.** Após ninguém lhe ter oferecido, então, regressou novamente com os Seus Apóstolos para Betânia, para a casa de Lázaro. **6.** E permaneceu aí toda essa noite, ensinando-lhes as crenças corretas da Fé.

CXXXVIII – JESUS AMALDIÇO A FIGUEIRA

1. No dia seguinte, bem cedo, Jesus foi outra vez para Jerusalém. E, enquanto seguia pelo caminho, sentiu fome, e foi até a uma figueira, para ver se poderia encontrar qualquer fruto nela. **2.** Ao aproximar-se, não encontrou fruto na árvore, mas apenas folhas. E, nesse instante, amaldiçoou-a, dizendo que não haveria mais de dar fruto. **3.** Logo a seguir, a figueira começou a murchar e a secar toda, até às suas raízes. E os seus Discípulos maravilharam-se muito com isto. **4.** E na manhã seguinte, noutro momento, enquanto seguia para Jerusalém, Pedro mostrou-lhe que figueira estava totalmente seca. **5.** E Jesus respondeu-lhes dizendo que se tivessem uma fé firme

e caridade, não somente poderiam fazer isso a uma árvore, mas também remover, segundo a sua vontade, uma montanha do seu lugar.

CXXXIX – A AUTORIDADE DE JESUS

1. Quando Jesus chegou a Jerusalém, observou os mercadores no Templo e toda a sorte de outros bens terrenos. Então sentou-se, e pregou ao povo. **2.** Vieram ter com Ele os Sumo-sacerdotes, os doutores, e os anciãos, e perguntaram-lhe quem lhe tinha dado a autoridade para fazer aquilo que fizera no Templo.

3. E Jesus respondeu-lhes dizendo, que se lhe respondessem a uma questão, dir-lhes-ia quem lhe tinha dado esta autoridade. «Dizei-me» – disse Ele – «se João, o Baptista, estava a agir da parte de Deus ou não estava.» **4.** Os Judeus pensaram: «Se dissermos que agiu da parte de Deus, perguntar-nos-á por que é que não acreditámos nele. **5.** E se dissermos que não estava a agir da parte de Deus, então, o povo lapidar-nos-á até à morte.» Então, responderam a Jesus que não sabiam. **6.** E Jesus respondeu dizendo que não lhes diria quem lhe tinha dado essa autoridade, porque não tinham respondido à sua questão.

CXL – JESUS, A PEDRA REJEITADA PELOS CONSTRUTORES

1. Então Jesus contou aos doutores da Lei três parábolas demonstrando-lhes que seriam condenados através das suas próprias respostas. **2.** A primeira parábola era sobre um homem que tinha dois filhos. Um disse que iria cumprir o que o seu pai mandara, mas não o fez, enquanto o outro disse que não o faria, mas foi fazê-lo. **3.** Jesus contou-lhes outra história sobre um homem que plantou uma vinha: e o povo conspirou para matar todos aqueles que viessem buscar o seu fruto, até mesmo ao seu próprio filho. **4.** Então, disse-lhes que Ele era como uma pedra, que todos os pedreiros que edificaram o Templo de Salomão tinham rejeitado, até que estivesse quase concluído. **5.** E à última pedra, colocaram-na sobre um ângulo, para completar as duas paredes. Ela cabia tão bem, que todos se maravilharam muito. **6.** Por fim, Jesus contou-lhes a terceira estória, de um rei que fizera uma festa para o seu filho. **7.** E aqueles que tinha convidado para a festa, abusaram e mataram os seus servos, quando chegaram para convocá-los. **8.** Quando os doutores da Lei, os sacerdotes e os fariseus se aperceberam que estas estórias concerniam a eles, quiseram apanhar Jesus, mas não ousaram fazê-lo por causa do povo. **9.** Pois todo a gente verdadeiramente o tinha por Profeta, e, desde a manhã até à tarde, eles ouviram-no com agrado.

CXLI – TRIBUTO A CÉSAR

1. Então, os fariseus partiram, e reuniram-se em conselho com os soldados que estavam associados aos herodianos, para que apanhassem Jesus como um ladrão, criminoso, e traidor, caso dissesse que não daria nenhum imposto aos romanos. **2.** Se dissesse que se deveria dar, denunciá-lo-iam por causa disto, e contariam ao Povo este facto. **3.** Então, chegaram, e enviaram aqueles

que, dentre os discípulos deles, não eram reconhecidos como estando associados às autoridades. Primeiro, começaram por lisonjeá-lo, dizendo que sabiam que Ele ensinava a verdade a todos, e pediram-lhe para que lhes dissesse se deveria ser dado algum tributo a César, o Imperador de Roma, ou se não deveria ser dado. **4.** E Jesus, conhecendo bem os seus ardis, disse-lhes para que lhe mostrassem o dinheiro. Imediatamente os fariseus lhe mostraram um denário. **5.** Então, Jesus perguntou-lhes de quem era a imagem que estava nela, e qual era a inscrição que possuía. Eles disseram-lhe que era de César. Por fim, Jesus disse-lhes que deveriam dar a César o que era seu, e a Deus o que era Seu. **6.** Então, todos eles partiram, sentindo-se envergonhados e confundidos.

CXLII – JESUS CALA OS SADUCEUS

1. Nesse mesmo dia, chegaram os Saduceus dizendo que não haveria nenhuma ressurreição do corpo, e perguntaram-lhe acerca de uma mulher que tinha tomado sete irmãos como maridos. **2.** Segundo o costume da Lei, de qual seria ela esposa quando se der a ressurreição comum? E Jesus disse-lhes que erravam, porque não tinham entendido a Lei. «Porque» – disse Ele – «no outro mundo, os homens não terão esposas como os homens deste mundo, mas serão como os anjos de Deus.» **3.** E então, através da própria Lei, demonstrou-lhes o que será a ressurreição comum de entre os mortos. «Pois Deus disse que é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, e o Deus de Jacob.»

CXLIII – JESUS FALA COM OS FARISEUS

1. Depois de Jesus ter falado e ter, então, respondido bem aos Saduceus, de tal modo que já não podiam interrogá-lo, veio então, um doutor dos fariseus para o pôr à prova, e perguntou-lhe qual era o maior mandamento da Lei? **2.** E Jesus respondeu dizendo, «amar a Deus com todo o seu coração, com toda a sua vida, com toda a sua mente, com toda a sua força, e o segundo, amar o seu próximo como a si mesmo. É necessário que seja assim, pois destes dois mandamentos dependem toda a Lei e Profecia.» **3.** Então, os fariseus admitiram que tinha falado bem. E porque ele concordara com a veracidade daquilo que fora dito por Jesus, Ele disse-lhe que não estava longe do Reino de Deus.

CXLIV – JESUS SUPERIOR A DAVID

1. Então, quando todos os fariseus estavam reunidos no Templo, Jesus perguntou-lhes de que linhagem viria o Cristo. Eles responderam «da de David». E Jesus perguntou-lhes como é que David o chamou nos Salmos «seu Senhor», se não fosse pelo facto do Messias ter existido antes dele. **2.** Nenhum deles ousou responder-lhe a isto, não lhe perguntando mais nada desse dia em diante.

CXLV – A CADEIRA DE MOISÉS

1. Então Jesus disse ao povo e aos seus discípulos, que deveriam fazer o que os doutores [da Lei] e os fariseus lhes dissessem para fazer, mas que primeiro deveriam abster-se de praticar as ações

deles. **2.** Disse-lhes que eles eram hipócritas de muitos modos: que eram duros e cobiçosos com os bens alheios, contudo, leves e brandos consigo mesmos; que desejavam ser honrados; que, através da astúcia, tiravam partido as ofertas das viúvas, e, mais ainda, do povo simples. **3.** Disse que eram como túmulos que tinham sido pintados, limpos por fora, contudo, cheios de podridão por dentro. Também disse, que eram orgulhosos e cruéis, como uma víbora. **4.** E, que, assim como os seus antepassados tinham morto os profetas de Deus, do mesmo modo fariam aos «profetas e doutores da Lei que Eu hei-de enviar.» **5.** E, por isso desse tempo em diante, Ele vingará-se de vós, por todo o sangue que derramaram desde o tempo de Abel.

CXLVI – JESUS CHORA NOVAMENTE SOBRE JERUSALÉM

1. Então Jesus, chorando sobre a cidade de Jerusalém, disse: «Jerusalém, Jerusalém, que mataste os profetas, e apedrejaste aquele que te são enviados, eu desejei muito reunir o teu povo, como a galinha faz com os seus pintainhos, colocando-os debaixo das suas asas, mas tu não quiseste. De agora em diante, tu ficarás desolada, pois eu te digo que, a não ser que tu tenhas acreditado em mim, após esta Páscoa, tu não me verás mais.»

CXLVII – O ÓBOLO DA VIÚVA

1. E Jesus sentou-se, contemplando como o povo fazia a sua oferta. Então, vieram muitos homens ricos que ofereceram muito, e veio uma pobre mulher, uma viúva, que ofereceu um cêntimo. **2.** Jesus chamou os seus discípulos, e disse-lhes que aquela pobre viúva tinha oferecido mais do que qualquer um dos que tinham oferecido. Pois todos ofereceram muito, porque tinham muito. Contudo, ela ofereceu mais, pois ofereceu tudo o que tinha para viver.

CXLVIII – JESUS ENCONTRA-SE COM OS PAGÃOS

1. Com isto, os pagãos que estavam na Festa, vieram ter com Filipe e disseram-lhe que gostariam de ver Jesus. Filipe disse isto a André, e então, eles partiram juntos, e contaram isto a Jesus. **2.** E Jesus disse-lhes que chegara o tempo em que Ele haveria de estar com os pagãos. Pois, assim como é necessário para o trigo – disse Ele – após ter sido semeado, encontrar-se totalmente amadurecido antes de que se possa multiplicar, assim também sucede consigo próprio. **3.** Pois para o trigo amadurecer, a terra terá de estar húmida, somente então, irá multiplicar-se bem, dando muito fruto, pois «do modo que sucede comigo, assim sucederá com os que me pertencem, uma vez que, quem – contrariamente a mim – amar a sua vida neste mundo, esse, perderá a sua vida. E quem a odiar por minha causa, esse encontrará-la-á. Se alguém me quiser servir, que me siga. Pois onde eu estou, aí estará o meu servo. E quem me servir, o meu Pai o honrará.» **4.** Então Jesus disse que estava muito perturbado, e pediu ao seu Pai para que o salvasse daquela hora em diante. «Pai» – disse Ele – «honra o Teu Nome.» E então, veio uma voz do céu que disse: «Eu o glorifico, e glorificá-lo-ei novamente.» **5.** Alguns, então, disseram que tinha sido um trovão. E outros

disseram que era um anjo que lhe tinha falado. Então, Jesus disse que aquela voz não tinha vindo por sua causa, mas que viera por causa deles. **6.** E Ele disse que, se terminasse no madeiro, atrairia a si todo o mundo.

CXLIX – JESUS, O CRISTO

1. Então, o povo respondeu dizendo, que na Lei, estava escrito que o Cristo viveria para sempre. E, se Ele era o Cristo – perguntaram-lhe – o que é que queria dizer com que seria crucificado. **2.** Então, Jesus disse-lhes que lhes fora enviado, e que somente poderiam caminhar enquanto tivessem luz. **3.** Muitos dos chefes acreditaram em Jesus, mas não ousavam demonstrá-lo por causa dos fariseus, com medo de serem expulsos das suas sinagogas, pois amavam mais o louvor do povo do que o de Deus. **4.** Então Jesus disse: «Quem acredita em mim, acredita n’Aquele que me enviou. E aquele que me despreza, eu não o condenarei agora, mas, o meu ensinamento, condená-lo-á no dia da condenação.» **5.** E quando Jesus assim falou, saiu do meio deles e escondeu-se, para que não pudessem saber o que lhe tinha sucedido.

CL – A DESTRUÇÃO DO TEMPLO. O FIM DOS TEMPOS.

1. E enquanto saía do Templo, chegaram, então, os seus discípulos, e lhe mostraram quão rico, bom e forte era o Templo. Jesus respondeu-lhes dizendo, que chegaria o tempo, em que seria tão completamente destruído, não sendo deixada uma pedra sobre a outra. **2.** E então, enquanto Ele se sentava no Monte das Oliveiras, à frente do Templo, Pedro, Tiago, João e André, perguntaram-lhe quando sucederia isto, e que sinais antecederiam esta destruição, e o Julgamento. **3.** Jesus respondeu-lhes dizendo que viriam muitos falsos profetas, fome, terremotos, tempestades e guerras. Que seriam traídos, cercados, e mortos, que os Judeus totalmente destruídos, e que a boa-nova seria pregada em todo o mundo. **4.** Ele contou-lhes, então, os sinais que viriam antes do dia do Julgamento. Disse que o sol se tornaria totalmente negro, a lua perderia a sua luz, as estrelas cairiam do céu, os poderes do céu seriam agitados, e que os habitantes da terra ficariam aterrorizados, por medo do crescimento do mar e do dilúvio. **5.** «Então, aparecerá no firmamento a cruz, e ver-me-ão chegar com muito temor e com grande alegria. Eu, então, enviarei os meus anjos, com som estridente e grande clamor, e reunirão todos os que foram escolhidos através do mundo inteiro. **6.** E quando começardes a ver sucederem todas estas coisas, sede corajosos, pois nessa altura virá a vossa salvação. Mas nenhum anjo sabe nem o dia nem o tempo. Então o povo será apanhado de surpresa, como o foram nos tempos de Noé. **7.** Por causa disto, não carregueis os vossos corações com gula, embriaguez, nem com a cobiça do mundo. Mas vigiai e orai sempre, para que sejais dignos diante de mim.»

CLI – PARÁBOLAS SOBRE O JUÍZO

1. E então, Jesus contou-lhes estas quatro parábolas: A primeira, foi sobre os servos que esperavam o seu senhor e vigiavam, mesmo que chegasse tarde. 2. Então, a outra foi a do homem que tinha medo do ladrão, como deveria manter-se acordado para, deste modo, se proteger do ladrão. 3. A terceira, foi sobre as dez donzelas que foram acompanhar a noiva e o noivo. E cinco das donzelas, foram excluídas, uma vez que não se encontravam preparadas para acompanhar o casal nupcial quando eles estavam para ser desposados. 4. A quarta, foi sobre um homem que fora para longe, numa peregrinação, e confiara todos os seus bens aos seus servos. A um deu-lhe cinco talentos, a outro, dois talentos, e ao terceiro, apenas um talento. E no seu regresso, recompensou muito os dois que tinham duplicado os seus bens, mas, ao terceiro, prendeu-o, pois não tinha ganho nada. 5. Jesus contou-lhes, então, a forma e o modo do Julgamento. Quando vier em majestade para o Julgamento, então, todos serão reunidos diante d'Ele e dividi-los-á em duas partes, como o pastor separa as suas ovelhas dos bodes. 6. Terá as suas ovelhas de pé, ao seu lado direito, e chamá-las-á para a bem-aventurança do Seu Pai, por causa das obras de piedade que, em atenção a si, realizaram. 7. E conduzirá aos do lado esquerdo para o tormento sem fim, com os demónios, porque não realizaram obras de compaixão em atenção a Ele.

CLII – JUDAS TRAI JESUS.

1. Após Jesus ter explicado todas estas coisas aos seus discípulos, disse-lhes, que no terceiro dia seguinte, durante a Festa da Páscoa, Ele seria entregue para terminar num madeiro. 2. E então, reuniram-se os príncipes, os doutores da Lei, os Sacerdotes e os anciãos do povo, no tribunal, com o Sumo-sacerdote, o qual se chamava Caifás, porque Jesus dissera no terceiro dia da semana anterior que, não poderiam voltar a vê-lo, a não ser que acreditassem n'Ele. 3. Então, foram e aconselharam-se como poderiam trair Jesus e matá-lo. E disseram que não seria bom fazer isso enquanto a Festa durasse, para que o povo não murmurasse, nem pudesse evitá-lo. 4. Quando Judas, ouviu dizer que estavam reunidos, foi ter com eles, e perguntou-lhes o que lhe dariam se os levasse até Jesus, em privado, de modo a que o Povo não soubesse disso. 5. Todos ficaram felizes, e lhe prometeram trinta denários. Ele, por sua vez, prometeu-lhes Jesus. 6. E desde esse momento em diante, ele cogitava um modo para trair Jesus, e como, tendo lançado mão d'Ele, levá-lo até eles em privado, sem que o povo se tivesse apercebido disso. Pois, na verdade, durante todos os três dias anteriores, Jesus tinha ensinado o povo desde a manhã até à noite, e da noite até à manhã, no Templo. 7. Durante a noite, Ele ia para o Monte das Oliveiras, e o povo, no dia seguinte, vinha para ouvi-lo, ao Templo. E Jesus passou o quarto dia e o quinto dia da semana aí.

CLIII – PREPARAÇÃO DA PÁSCOA

1. Na tarde do sexto dia, começou a Festa da Páscoa, quando todo o homem deveria sacrificar para si mesmo um cordeiro. Então, os discípulos de Jesus vieram ter com Ele e perguntaram-lhe onde é que deveriam celebrar o Seder de Páscoa e preparar o cordeiro. 2. E Jesus, disse a Pedro e a João que fossem à Cidade, e seguissem um homem que encontrariam a transportar uma bilha de água. 3. Onde o vissem entrar, aí pediriam um lugar para Ele e para os seus discípulos, e esse pedido, lhes seria imediatamente garantido. 4. Eles partiram, encontraram tudo tal e como Jesus lhes dissera, e prepararam o Cordeiro, num grande solar, que a anfitriã lhes tinha preparado, já mobilado.

CLIV – A ÚLTIMA PÁSCOA DE JESUS

1. Quando chegou o entardecer, então, Jesus, veio com os seus discípulos, reclinou-se e ofereceu o Seder de Páscoa, antes que padecesse.

CLV – JESUS TOMA UM CÁLICE

1. Então, enquanto estava sentado e comia, Ele tomou o cálice com vinho, abençoou-o, dando graças ao Seu Pai, bebeu, ofereceu-se-lho, e lhes pediu para que o partilhassem entre eles.

CLVI – ANÚNCIO DA TRAIÇÃO

2. Nessa altura, Ele disse que um deles o iria trair. Então, todos e cada um, começou a perguntar por si próprio, quem seria. 3. E Jesus respondeu-lhes dizendo que era um deles, que comia do seu prato, e disse que teria sido melhor para esse que nunca tivesse nascido.

CLVII – INSTITUIÇÃO DO MEMORIAL DE CRISTO

1. E Jesus [administrou-lhes a Eucaristia²⁸³ com a Sua carne e com o Seu sangue, e pediu-lhes que eles santificassem pão e o vinho em memória da Sua Paixão.]

CLVIII – O MAIOR E O MENOR

1. Então, começou uma dissensão, sobre quem seria o mais perfeito, e a mais alta autoridade. 2. E Jesus disse que não deveria suceder com eles como sucede com o povo corrompido, pois, o mais ancião deveria ser como o mais novo, e o maior entre eles como o mais pequeno. Portanto, assim como tinham permanecido com Ele nas suas tribulações, de igual modo – disse – estariam consigo na sua glória, reinando com o Seu Pai.

CLIX – PEDRO DEVE CONFIRMAR OS IRMÃOS NA FÉ.

²⁸³ - N.B: Esta perícopé foi, provavelmente, quase toda ela alterada pelo redator do Ms.2498 com base na sua devoção à Eucaristia.

1. Depois, Jesus disse a Pedro que o Demónio tinha pedido a Deus, Seu Pai, para tentá-los e purificá-los, como trigo joeirado pelos homens. 2. E que pedira por ele, para que a sua fé não falhasse. «E tu» – disse Ele – «no devido tempo, regressa novamente, e conforta os teus irmãos».

CLX – ANÚNCIO DA NEGAÇÃO DE PEDRO

1. Então, Pedro disse que estava pronto para ir com Ele para a sua Paixão, para ser preso consigo, e para sofrer a morte. 2. E Jesus respondeu-lhe dizendo que o galo não cantaria uma vez, antes que ele o tivesse negado três vezes. 3. Jesus perguntou se lhes faltou alguma coisa quando os enviou sem bolsa, nem alforge, nem sandálias. E todos eles responderam que não, que não lhes faltou nada. 4. Então Jesus disse-lhes que, quem tivesse bolsa ou alforge, que deveria vendê-la para comprar espadas, e quem não tivesse nenhuma, que vendesse a sua túnica, e que, com o produto disso, comprasse uma. Pois a Escritura, no que concernia à sua Paixão – disse Ele – tinha de ser cumprida. 5. Os seus discípulos responderam que tinham duas espadas, e Jesus respondeu que eram suficientes.

CLXI – LAVAGEM DOS PÉS

1. A seguir, Jesus levantou-se, tirou as suas vestes, e, cingindo-se com uma toalha, pôs água numa bacia, ajoelhou-se, começou a lavar os pés deles, e a secá-los. Quando chegou a Pedro, Pedro disse-lhe que não deveria lavar os seus pés. 2. E Jesus respondeu-lhe, que, a não ser que fizesse isso, não teria parte com Ele parte no céu. Depois, Pedro respondeu dizendo: «Senhor, então não só laves os meus pés, mas todo o meu corpo, e a cabeça.» 3. Jesus respondeu-lhe: «Quem tomou banho, não tem necessidade de lavar senão somente os seus pés. Ora, vós estais limpos» – disse Ele – «Mas não todos, como será visto.» 4. Quando Jesus terminou de lavar os pés deles, tomou as suas vestes, e foi novamente reclinar-se na ceia, dizendo-lhes que, aquilo que tinha feito, o fizera para lhes dar o exemplo de como cada um teria de fazer ao outro.

CLXII – JESUS INDICA A JOÃO QUEM O VAI TRAIR

1. De seguida, Jesus começou a entristecer-se, e disse que um deles o trairia. E entreolharam-se entre si, dizendo e perguntando-se quem poderia ser. 2. Entretanto, João reclinou-se sobre Jesus, deitando a sua cabeça no peito d’Ele. Nesse momento, Pedro fez sinal a João, para que lhe perguntasse quem era. E enquanto se inclinava sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe quem era. 3. Jesus respondeu-lhe dizendo que seria aquele a quem Ele daria o pão ensopado. E, de seguida, tomou o pão ensopado, e deu-o a Judas. Imediatamente o demónio entrou nele. Então, Jesus disse-lhe: «Faz imediatamente» o que tinha de fazer. 4. Ninguém ali sabia por que é que Ele dissera isto, mas, alguns pensaram que seria porque ele tinha os denários, e, por isso, Jesus lhe dissera

para que fosse comprar-lhes o que necessitassem para a Festa, ou então, fosse dar alguma coisa aos pobres. E tão depressa como recebeu o bocado, ele saiu. **5.** Então, Jesus lhes disse que iria ser glorificado, e que, em breve, iria partir. Ele também disse: «Do mesmo modo que eu disse aos Judeus que me iriam procurar, mas que não mais me veriam, de igual modo vos digo a vós, meus filhos. Mas eu dou-vos um novo mandamento, que, entre vós, cada um ame o outro, como eu vos amei. Deste modo os homens reconhecerão que sois meus discípulos, se cada um de vós amar o outro.» **6.** Então, entristecido, Pedro perguntou-lhe para onde iria. Jesus respondeu-lhe que agora ainda não o podia seguir, mas segui-lo-ia noutra altura.

CLXIII – SEGUNDO ANÚNCIO DA NEGAÇÃO DE PEDRO

1. Então ele perguntou-lhe por que é que não o podia seguir agora, e disse que daria a vida por Ele. E Jesus responde-lhe que ele o negaria três vezes antes de que o galo cantasse. **2.** Depois, Jesus começou a confortá-los, respondendo-lhes a tudo o que perguntassem, e, do mesmo modo, a avisá-los dos sofrimentos e perseguições que teriam de sofrer por causa d’Ele. **3.** Disse-lhes também, que em breve viria ter com eles, e prometeu-lhes o Espírito Santo, que lhes daria poder, inteligência, e os ajudaria em tudo o que tivessem necessidade. **4.** Depois, Jesus disse-lhes que tinha chegado o tempo em que o negariam e fugiriam, deixando-o sozinho.

CLXIV – ORAÇÃO SACERDOTAL

1. A seguir, Ele ergueu os seus olhos ao Céu, e consagrou-os a Deus, seu Pai, suplicando por eles, e por todos os que, através da sua pregação, tinham acreditado n’Ele, para que todos fossem um. Pediu para que o Seu Pai os amasse como o amou a si, e que os trouxesse para a felicidade onde Ele iria estar, de modo a que pudessem vê-lo e conhecê-lo eternamente.

CLXV – JESUS VAI PARA O MONTE DAS OLIVEIRAS

1. E quando terminaram as suas orações, levantaram-se, e saíram da cidade com Ele, em direção ao Monte das Oliveiras. **2.** Entretanto, Jesus disse-lhes que nessa mesma noite todos o abandonariam, pois assim fora previamente escrito na Profecia. **3.** Mas que após erguer-se de entre os mortos, Ele lhes apareceria, e vê-lo-iam na Galileia.

CLXVI – TERCEIRO ANÚNCIO DA NEGAÇÃO DE PEDRO

1. Nesse momento, Pedro respondeu-lhe que nunca o abandonaria. E Jesus respondeu-lhe dizendo, que ele iria negá-lo três vezes, antes que o galo cantasse duas. **2.** Pedro, porém, disse que isso não iria suceder, pois morreria com Ele. **3.** E todos disseram o mesmo. A seguir, enquanto Jesus caminhava com os seus discípulos, atravessou as águas do Kidron, para um burgo chamado Getsémani, e entrou num jardim situado aí, onde costumava reunir-se com os seus discípulos. **4.**

Ora, Judas conhecia bem o lugar e os hábitos deles. Então, Jesus disse aos seus discípulos que lhe esperassem aí, enquanto Ele ia adorar o Seu Pai.

CLXVII – JESUS ORA AO PAI

1. A seguir, Ele tomou consigo Pedro, Tiago e João, e partiu, temeroso e triste. Disse-lhes que estava entristecido, até à morte, instando-lhes a que ficassem ali e vigiassem com Ele, rezando, para que não caíssem nos ardis do Demónio. **2.** Então, Jesus, afastou-se deles apressadamente um tiro de pedra, e caiu de joelhos por terra, implorando ao Seu Pai para que, se fosse Sua vontade, O libertasse da Sua Paixão. E nisto veio do céu um anjo para confortá-lo. **3.** Jesus, movido pela angústia, demorou-se na adoração, e o suor escorria do Seu corpo para a terra, como gotas de sangue. **4.** Quando veio novamente ter com os seus discípulos, encontrou-os todos a dormir por causa do cansaço. Jesus disse-lhes: «Acordai e orai» para que não caíssem em tentação, nem nos ardis do Demónio. **5.** Então, regressou novamente, e implorou ao Seu Pai para que conseguisse cumprir a Sua Vontade. Após isto, veio de novo ter com eles, e os encontrou a dormir. **6.** Eles já não sabiam como lhe poderiam responder. Como tal, deixou-os, e foi fazer novamente aquilo que tinha estado a fazer antes. **7.** Então, veio de novo ter com eles, e disse-lhes que já tinham dormido o suficiente, por isso, que se levantassem, e que fossem com Ele, pois aquele que o iria trair já estava muito próximo.

CLXVIII – O BEIJO DE JUDAS E A PRISÃO.

1. Entretanto, chegou Judas acompanhado de uma grande multidão de oficiais pagãos, com os servos, chefes, fariseus, e doutores [da Lei], que tinham tomado consigo homens armados com lanças e archotes, para, deste modo prenderem Jesus. **2.** E Judas disse-lhes que deveriam capturar àquele a quem ele beijasse. Então, Jesus aproximou-se, e perguntou-lhes a quem é que buscavam. **3.** Eles responderam «Jesus de Nazaré». E Jesus disse-lhes que era Ele mesmo. Então, eles recuaram e caíram por terra. **4.** Novamente Jesus se aproximou deles, e perguntou-lhes a quem é que buscavam. Eles disseram: «Jesus de Nazaré.» Ele respondeu-lhes: «Já não vos disse que era eu? Ora, se é a mim que buscais, deixai os outros partirem livres de danos.» Judas, que estava com eles, veio ter com Jesus e começou a beijá-lo. E Jesus disse-lhe: «Amigo, para que vieste ter comigo, Judas? Para me traíres deste modo, através de um beijo?» **5.** Aproximou-se logo a seguir o magistrado, os centuriões e os oficiais dos Judeus, que apanharam Jesus e capturaram-no. Os seus discípulos perguntaram-lhe se deveriam atingi-los com espadas. **6.** E Pedro, desembainhando a sua espada, bateu num servo do Sumo-sacerdote, cujo nome era Malco, ferindo a sua orelha direita. **7.** Jesus disse-lhes para que esperassem, e a Pedro para que embainhasse a sua espada, pois todo aquele que ferisse pela espada, com a espada iria morrer. «Por acaso não pensastes» – disse Ele – «que eu poderia pedir ao meu Pai ajuda, e que Ele enviar-me-ia mais de doze legiões

de anjos? Mas é necessário que a Escritura seja cumprida.» Então, Jesus tocou a orelha do servo, e este ficou inteiramente curado.

CLXIX – JESUS É AMARRADO

1. A seguir, os oficiais amarraram Jesus, e fugiram todos os seus discípulos, exceto um jovem que o seguia, e que estava apenas envolvido numa veste de linho. E os Judeus tentaram apanhá-lo rapidamente, mas ele deixou a veste, e fugiu inteiramente nu.**2.** Então, Jesus censurou-os, porque tinham vindo com um exército durante a noite, para o capturar, pensando que Ele seria um ladrão.

CLXX – JESUS NA CASA DE CAIFÁS

3. A seguir, conduziram Jesus à casa de Caifás, que estava casado com a filha do Sumo-sacerdote Anás. E Pedro e João vinham atrás, para ver como tudo iria terminar. E quando chegaram à casa de Anás, João entrou como alguém conhecido dos servos, porém, Pedro, ficou do lado de fora. **4.** Então João pediu ao porteiro para que deixasse entrar Pedro, o que o porteiro permitiu. Os servos fizeram um grande fogo, no meio do pátio, para toda a noite, e colocaram-se em redor dele, a aquecer-se, pois estava muito frio.

CLXXI – AS NEGAÇÕES DE PEDRO

1. E sucedeu que, enquanto ele e Pedro estavam junto do fogo, veio o porteiro ter com ele e perguntou-lhe se tinha estado com Jesus. E Pedro, diante de todos eles, respondeu: «Não», disse que não o conhecia, e quis ir-se embora. **2.** E o galo começou a cantar. Então, chegou uma mulher que observou Pedro, e disse àqueles que estavam em seu redor que ele tinha estado com Jesus. Depois disso, chegou também um servo, dizendo que ele era um dos discípulos de Jesus. **3.** E outro asseverou que assim era. Então, Pedro começou a jurar que não era ele. Após isto, aproximou-se outro servo, dizendo que lhe parecia provável que fosse um dos discípulos de Jesus, pois era um homem da Galileia. O outro disse que isso bem poderia ser verdade. **4.** E então, o primo daquele cuja orelha ele tinha cortado, disse que o tinha visto com Jesus, no jardim de onde fora levado. Então Pedro começou a jurar, e a amaldiçoar todos os que alguma vez estiveram com Jesus, bem como a todos os que alguma vez o tenham conhecido. **5.** Entretanto, enquanto a palavra estava na sua boca, o galo começou a cantar. E Jesus, voltando-se para ele, olhou para Pedro. Então, Pedro recordou-se das palavras que Jesus previamente dissera. **6.** Quando os outros o deixaram partir, Pedro saiu, e começou a chorar muito, de modo intenso e terno.

CLXXII – JESUS ANTE ANÁS

1. Enquanto Jesus esteve diante de Anás, perguntaram-lhe sobre os seus discípulos e a sua doutrina. 2. Ele disse em resposta que, a sua doutrina, não tinha transgressão nem era transmitida em privado, mas que tinha sido pregada no Templo a todos, em voz alta e diante do povo. 3. Um deles deu-lhe uma bofetada abaixo da orelha, e perguntou-lhe se era assim que respondia ao Sumo-sacerdote. 4. E Jesus lhe respondeu, dizendo-lhe que se tinha cometido qualquer erro, que lhe dissesse onde, mas se não lhe pudesse dizer onde, que não lhe batesse mais.

CLXXIII – TESTEMUNHOS FALSOS CONTRA JESUS

1. A seguir, procuraram falsos testemunhos contra Jesus, para condená-lo à morte. Então, alguém se aproximou para falar acerca d'Ele, afirmando que tinha dito que iria destruir o Templo de Deus, e reconstruí-lo novamente em três dias. 2. Alguns deles testemunharam de modo diferente, mas não se encontravam de acordo. E apresentaram contra Ele muitos outros falsos testemunhos, mas não eram concordes em nada.

CLXXIV – JESUS, O CRISTO, O FILHO DE DEUS

1. Então, o Sumo-sacerdote ergueu-se, e perguntou a Jesus por que é que não respondeu àqueles que testemunhavam contra Ele. Jesus ficou calado, e não respondeu. A seguir, ele conjurou-o para que dissesse se era o Cristo, o Filho de Deus. 2. E Jesus disse-lhe que era, e que eles o veriam chegar no reino de Deus, no julgamento de todo o mundo. Então, o Sumo-sacerdote começou a rasgar as suas vestes, e disse que Jesus blasfemara, por isso, não tinham necessidade de mais testemunhos, pois não o tinham todos ouvido? 3. Perguntou-lhes, de seguida, que tinham pensado que seria o melhor a fazer. E todos responderam que Ele era digno de morte.

CLXXV – ESCÁRNIOS CONTRA JESUS

1. Então, aqueles que seguravam em Jesus, começaram a cuspir-lhe e a escarnecê-lo, cobriram os seus olhos, e bateram-lhe sob a orelha, e no pescoço, dizendo-lhe que, se era o Cristo, que profeticamente dissesse quem foi que lhe bateu. 2. E fizeram muitos outros atos vergonhosos para o subjugar.

CLXXVI – JESUS ANTE CAIFÁS, DE MANHÃ

1. Mais tarde, Anás enviou Jesus a Caifás, o Sumo-sacerdote. E assim que chegou a manhã, todos os doutores da Lei, os sacerdotes, e os anciãos da terra reuniram-se, realizando o seu conselho para decidir como iriam conduzi-lo à morte. 2. A seguir, trouxeram Jesus entre si, ao conselho, e ordenaram-lhe que dissesse se era o Cristo. E Jesus respondeu dizendo: «Se eu vo-lo digo, vós não acreditareis em mim. E se vos pergunto qualquer coisa, vós não me respondereis, nem me deixareis ir embora. 3. Mas deste tempo em diante eu estarei à direita de Deus, meu Pai». «Então, tu disseste» – disseram-lhe – «que tu és o Cristo, o Filho de Deus?». «Assim vo-lo disse», disse

Jesus. «Por que razão» – disseram – «necessitamos nós de testemunhas? Nós ouvimo-lo da sua própria boca.»

CLXXVII – JESUS DIANTE DE PILATOS

1. E então, todos se levantaram, amarraram Jesus, e conduziram-no a Pilatos, que era senhor, administrador-chefe do povo, jurista sob César, e era pagão. **2.** Trouxeram-lhe Jesus, mas não entraram na casa de Pilatos, pois tinham de estar limpos para que, na tarde, pudessem comer o cordeiro pascal. **3.** Então, Pilatos saiu ao seu encontro, e perguntou-lhes no que é que acusavam Jesus. Disseram que o encontraram ensinando a proibir o povo de dar o tributo a César, e que tinha dito que era Deus e Rei. **4.** Então Pilatos ordenou-lhes que eles mesmos o julgassem, segundo o costume da sua Lei. Eles responderam que não podiam condenar ninguém à morte. **5.** Então Pilatos entrou dentro da casa onde fazia os julgamentos, e ordenou a Jesus para que entrasse.

CLXXVIII – O REMORÇO DE JUDAS

1. E Judas, quando viu que o Judeus tinham condenado Jesus à morte, foi ter com estes, trazendo consigo as trinta moedas que os sacerdotes lhe haviam dado, e quis devolver-se-lhas dizendo que tinha pecado, porque traíra este bom homem. **2.** Disseram-lhe que antes, deveria ter visto bem o seu próprio ato, mas que isso não era nada com eles. E Judas lançou a suas moedas de prata no Templo, foi-se embora, e enforcou-se numa árvore velha. O seu umbigo, que estava rachado, abriu-se, e todas as suas entranhas caíram-lhe aos seus pés. **3.** Então, os sacerdotes tomaram as moedas, e disseram que não eram dignas de ser incluídas com as outras ofertas, mas, através da deliberação do seu conselho, compraram com isso, um campo de um oleiro, que servia para enterrar os corpos dos estrangeiros mortos. **4.** E, uma vez que fora profetizado deste modo, assim ocorreu.

CLXXIX – JESUS NOVAMENTE DIANTE DE PILATOS

1. Então, Jesus permaneceu de pé diante de Pilatos, que lhe perguntou se era o rei dos Judeus. E Jesus respondeu-lhe dizendo que o seu reino não era deste mundo. «Eu vim» – disse ele – «para dar testemunho da verdade.» **2.** Então, Pilatos perguntou-lhe: «Que era a verdade?» Logo a seguir, Pilatos saiu ao encontro dos Judeus, e disse-lhes que não tinha encontrado nele causa pela qual lhe fosse condenar. **3.** Todos os Judeus, começaram a distorcer muitas coisas. Mas Jesus não respondeu nem a eles, nem a Pilatos, que se, maravilhou muito. **4.** Os Judeus afirmaram que tinha agitado todo o povo, e incitara a todos desde o distrito da Galileia até Jerusalém. E quando Pilatos ouviu falar em «Galileia», perguntou se aquele homem era um Galileu. **5.** Quando soube que Ele estava sob a autoridade de Herodes, enviou-o a Herodes, pois este encontrava-se por aqueles dias em Jerusalém.

CLXXX – JESUS DIANTE DE HERODES

1. Quando Herodes viu Jesus, sentiu grande alegria, pois tinha um grande desejo de ver os seus milagres. Ele perguntou-lhe muitas coisas. Mas Jesus não lhe respondeu nem uma palavra. 2. Então, Herodes desprezou Jesus, bem como todos os seus homens, que o revestiram com uma veste branca como se Ele fosse um louco, e enviou-o novamente a Pilatos. 3. Depois disto Herodes e Pilatos, ficaram em acordo, pois até essa altura tinham sido inimigos.

CLXXXI – JESUS ANTE PILATOS PELA TERCEIRA VEZ

1. Então Pilatos reuniu os príncipes dos sacerdotes, os doutores [da Lei] e todo o povo, e disse que, na medida em que, nem ele nem Herodes, encontraram causa alguma para condená-lo, iria castigá-lo, e deixá-lo partir em liberdade. 2. Com isso, todo o povo suplicou a Pilatos que lhes libertasse um homem que fora condenado, como estava acostumado a fazer todos os anos, em honra da Festa. 3. E Pilatos perguntou-lhes se iriam preferir Jesus ou antes Barrabás, que era um ladrão, e que, por roubo e assassinio que tinha feito na cidade, fora capturado e posto na prisão. 4. E o povo, por ordem dos governantes e dos doutores [da Lei], escolheram Barrabás. Então, Pilatos perguntou-lhes o que deveria fazer com Jesus, uma vez que não havia encontrado razão para condená-lo. 5. E com alta voz, os Judeus gritaram que deveria suspendê-lo num madeiro e não cessavam de gritar.

CLXXXII – JESUS É FLAGELADO E ESCARNECIDO

1. A seguir, Pilatos ordenou que Jesus fosse flagelado. E os seus oficiais revestiram-no de púrpura, envolveram-no num manto escarlate, sobre a sua cabeça, em vez de uma coroa, impuseram uma grinalda de espinhos, e colocaram na sua mão uma cana. Ajoelhavam-se diante dele, saudando-o como a um rei, arranhando-lhe toda a cara, e batiam-lhe em toda a zona abaixo da orelha, e, tomando a cana, batiam-lhe sobre a cabeça. 2. Então, Pilatos conduziu-o revestido e coroado, até aos Judeus e disse-lhes: «Olhai! Aqui está o vosso rei!» Todos eles gritaram a uma voz que o suspendesse no madeiro. 3. E Pilatos disse-lhes que deveriam ser eles a suspendê-lo numa cruz, pois ele não havia encontrado n'Ele nenhum motivo. Os Judeus responderam: «Segundo a nossa Lei, deveria ser condenado à morte, porque fez-se a si mesmo Filho de Deus.» 4. E quando Pilatos ouviu isso, temeu-o ainda mais, e regressou até Jesus, perguntando-lhe de onde, é que Ele tinha vindo. Mas Jesus não lhe respondeu. «O quê?!» – Disse Pilatos – «Tu não me vais responder? Não sabes que eu tenho poder para te deixar partir vivo, ou para te pôr numa cruz?» 5. Então, Jesus disse-lhe que não teria nenhum poder sobre si, se não lhe tivesse sido dado por Um maior do que ele. Em seguida, os Judeus começaram a gritar que, se o deixasse ir em liberdade, não seria amigo de César. 6. Depois, Pilatos conduziu Jesus para fora, e sentou-se à vista de todos para o julgar, dizendo aos Judeus: «Olhai! Aqui está o vosso rei.» Todos gritaram, que Ele deveria suspenso no madeiro. 7. A seguir, Pilatos perguntou-lhes se deveria suspender o rei deles num madeiro. E os Judeus responderam dizendo que não tinham rei senão a César.

CLXXXIII – O SONHO DE CLÁUDIA PROCLA

1. Entretanto, a mulher de Pilatos enviou-lhe recado, pedindo-lhe para que cessasse de se envolver com Jesus, porque – disse ela – estivera em grande tormento nesse mesmo dia, por causa de uma visão de Jesus que tivera. **2.** Então, Pilatos tomou água, lavou as suas mãos diante todo o povo, e disse: «Eu estou limpo do sangue deste homem justo, encarregai-vos vós deste assunto». **3.** Todos responderam: «O seu sangue recaia sobre nós e sobre os nossos filhos.»

CLXXXIV – NOVOS ESCÁRNIOS A JESUS

1. A seguir, Pilatos libertou-lhes Barrabás, e trouxe-lhes Jesus para ser flagelado, tudo segundo a vontade deles, para que o suspendessem num madeiro. **2.** E os soldados pagãos tomaram-no, conduziram-no para dentro do tribunal, e reuniram em seu redor uma companhia inteira de quinhentos soldados, dispendo-o ao jeito de um rei, como tinham feito antecipadamente, e, rindo dele, zombando-o, ajoelharam-se à sua frente, saudando-o, com escárnio, como a um rei. Por fim, arranharam-no no meio da cara, e bateram-lhe na cabeça com uma cana.

CLXXXV – SIMÃO O CIRENEU AJUDA JESUS

1. Depois, despiram a veste púrpura de Jesus, e vestiram-no com as suas próprias roupas, colocaram a cruz sobre os seus ombros, e conduziram-no para fora da Cidade, bem como a outros dois que tinham sido condenados com Ele. **2.** Enquanto caminhavam, um homem estrangeiro chamado Simão, passava pelo caminho. **3.** E os Judeus fizeram-no carregar a cruz pela força, transportando-a sobre as suas costas, atrás de Jesus. Seguia-o uma grande quantidade de gente, e muitas mulheres que choravam por Jesus, lamentando a sua morte. **4.** Jesus voltou-se, e pediu-lhes para não chorassem por Ele, mas pela retribuição que o povo mereceria, e pela vingança que iria recair sobre eles.

CLXXXVI – JESUS É CRUCIFICADO

1. Quando eles chegaram ao Monte do Calvário, despiram Jesus, e colocaram-no totalmente nu sobre a cruz. Jesus implorou ao seu Pai para que lhes perdoasse, pois não sabiam o que tinham feito. **2.** A seguir, deram-lhe a beber vinho misturado com mirra e fel, e puseram-no na boca de Jesus, mas Ele não quis beber. Então, os Judeus suspenderam um ladrão de um lado, e outro ladrão do outro. **3.** Depois, Pilatos fez escrever numa tábua presa à cruz, que Ele era Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus, escrito em hebraico, grego e latim. Muitos Judeus leram esse escrito, pois isto ocorria muito próximo à Cidade.

4. Todos eles clamaram a Pilatos, dizendo: «Escreve que Ele disse que era o Rei dos Judeus, mas não, que ele é o Rei dos Judeus». E Pilatos respondeu-lhes que essas palavras iriam permanecer como foram escritas. **5.** Então, os soldados tomaram e repartiram as vestes de Jesus em quatro

partes, e deitaram sortes sobre elas. **6.** Mas quanto à sua túnica, disseram que não a iriam rasgar, pois era toda feita de uma só peça, antes, que deitariam sortes sobre ela, para determinar quem a teria inteira.

CLXXXVII – JESUS ENTREGA A JOÃO SUA MÃE

1. Depois, sentaram-se e observaram como a mãe de Jesus, João, Maria de Clopas, e Maria Magdalena se aproximaram, e ficaram ao lado da cruz de Jesus. **2.** Então, quando Jesus viu a sua mãe e João, o seu discípulo que Ele amava tanto, ali parados, de pé, Jesus disse à sua mãe: «Mulher, olha! Eis aí o teu filho.» E então Ele disse a João: «Olha, eis aí a tua mãe.» Desde essa altura, João recebeu-a, mantendo-a como sua mãe.

CLXXXVIII – JESUS É ESCARNECIDO NO ALTO DA CRUZ

1. Os Judeus, de pé, esperavam para ver o que iria acontecer, então, foram até diante de Jesus, pararam, abanando-lhe as suas cabeças, e escarneceram dele, pedindo-lhe para que se salvasse a si próprio, se era o Filho de Deus, e para que descesse da cruz. **2.** Depois, repreenderam-no pelo que tinha dito, que iria destruir o Templo de Deus e reconstruí-lo em três dias. Os governantes, os doutores, e os anciãos do povo, riram-se dele e disseram: «Ele salvou outros e não pode salvar-se a si mesmo?» **3.** Então, todos começaram a clamar: «Se tu és o Cristo, e o legítimo Rei de Israel, desce da árvore da cruz e nós acreditaremos em ti. Tu, que confiaste em Deus, deixa agora que Ele te salve, se desejar, pois disseste que és Filho de Deus.» **4.** Também os soldados escarneceram dele, dizendo-lhe que, se era o rei dos Judeus, deveria salvar-se a si mesmo.

CLXXXIX – OS DOIS LADRÕES

1. Então, um dos ladrões disse-lhe que se Ele fosse o Cristo, que deveria salvar-se e salvá-los. Mas o outro ladrão repreendeu-o, dizendo: “Não duvides de Deus. Por causa dos nossos atos malvados, nós merecemos esta morte vil, mas Jesus nunca fez senão bem.» **2.** E implorou a Jesus para que pensasse nele quando chegasse ao seu reino. E Jesus respondeu-lhe dizendo que, naquele mesmo dia, ele estaria consigo, no Paraíso. **3.** Então, desde o meio-dia até ao meio da tarde, o sol perdeu a sua luz, tornando-se escuro, como noite, sobre toda a terra.

CLXC – A MORTE DE JESUS

1. A meio da tarde, Jesus, chorando, clamou em alta voz: «Eli, Eli» e disse este salmo do saltério: «Deus, Deus, respice in me.» Depois, alguns dos que permaneciam ali, disseram que Ele chamara por Eli, um homem que vivia entre eles, na sua zona. **2.** E assim, Jesus cumpriu toda a Escritura que tinha sido dita através de profecia acerca da sua paixão, exceto o ponto em que fora dito, que Ele teria de beber vinagre, por isso, Jesus disse que tinha sede. **3.** Imediatamente, alguém se levantou de um salto, tomou uma esponja, humedeceu-a em vinagre, e, juntando hissope para

isso, colocou-o sobre uma cana, e pôs na boca de Jesus dizendo-lhe para provar o que seria. Como um grupo, os Judeus permaneciam à espera para ver se Elias viria salvá-lo. **4.** Quando Jesus provou o vinagre, disse que todas as coisas estavam cumpridas, ergueu a sua voz começando a gritar, e disse: «Pai, nas tuas mãos Eu entrego o meu espírito.» E com estas palavras, inclinou a sua cabeça entregando o espírito a Deus, o Pai.

CXCI – SINAIS CÓSMICOS NA MORTE DE JESUS

1. Nesse preciso momento, o véu que estava pendurado no Templo diante do grande altar, foi despedaçado em duas partes, a terra tremeu, as pedras se partiram, e os mortos ergueram-se dos seus sepulcros. **2.** Então o centurião, que comandava cem soldados, e que estava a montar guarda próximo de Jesus, disse que verdadeiramente Jesus era justo e Filho de Deus. **3.** Todos os soldados se encheram de temor, porque tinham visto que Ele morrera totalmente de sua própria vontade. E todo o povo que estava ali e tinha visto estas maravilhas, bateu nos seus peitos como culpados, e regressou novamente para a cidade. **4.** Os seus amigos permaneciam ao longe, e com eles, as mulheres que o tinham seguido desde a Galileia até Jerusalém e que, tendo visto todas estas coisas, divulgaram-nas no exterior.

CXCII – JESUS É DESCIDO DA CRUZ

1. A seguir, vieram os Judeus – pois não queriam que os cadáveres permanecessem suspensos no madeiro tão próximos da cidade, no Shabbat da Festa da Páscoa – ter com Pilatos, e pediram-lhe para que lhes fossem partidas as coxas, e que fossem descidos. **2.** Então, vieram os soldados e partiram as pernas dos ladrões que estavam suspensos ao lado de Jesus, mas não partiram as coxas de Jesus, porque encontraram-no visivelmente morto e frio, mas um soldado, atravessou-o com uma lança até ao coração, saindo imediatamente água e sangue, segundo aquilo que diziam as Escrituras.

CXCIII – PILATOS ENTREGA O CORPO A JOSÉ DE ARIMATEIA

1. Então, quando já entardecia, veio certo homem rico, varão nobre, bom e justo, o qual tinha dez soldados sob a sua ordem, que não havia consentido o conselho e os atos dos Judeus, pois era um dos discípulos de Jesus, mas secretamente, por medo dos Judeus. **2.** Ele veio ter apressadamente com Pilatos, por causa do Shabbat, e, implorando, pediu-lhe para que lhe desse o corpo de Jesus. Ora, Pilatos admirou-se muito que tivesse morrido tão rápido, e enviou o oficial no comando que o guardava, dizendo-lhe que deveria enviar notícias sobre se Jesus já estava morto. **3.** Ele respondeu dizendo: «Sim, é verdade.» E então, Pilatos entregou a José o corpo de Jesus, José foi-se embora, e desceu-o [da cruz].

CXCIV – NICODEMOS VEM PREPARAR O CORPO DE JESUS

1. Entretanto, veio Nicodemos, o doutor [da Lei], que antes tinha viera ter com Jesus, de noite, e trouxe consigo, mirra, incenso e absinto. José trouxe um bom sudário, novo e limpo, e colocou as especiarias aí. 2. Depois, tomou outro lençol novo, apropriado, bom e limpo, envolvendo em toda a volta o corpo de Jesus e a esse outro²⁸⁴, como os Judeus ricos estavam acostumados a sepultar. 3. Ora, perto local onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e nesse jardim uma nova gruta tinha sido escavada na rocha, na qual nunca nenhum corpo ainda fora sepultado. José fizera-o para o seu próprio uso. 4. Então, porque o Shabbat estava próximo, foi nesse local que deitaram o corpo de Jesus, e rolaram uma grande pedra diante da entrada do sepulcro. Ora, Ele já estava morto havia bastante tempo, e, embora não fosse por isto que as mulheres os tinham seguido sempre, elas viram onde o corpo de Jesus fora sepultado. Depois, quando terminaram, eles regressaram à cidade. 5. E, enquanto puderam trabalhar antes do Shabbat, elas foram comprar um unguento rico, chamado «Aromatha», e prepararam todo o seu unguento para vir ungir com este o corpo de Jesus. Mas, no Shabbat, elas não fizeram nada.

CXCV – OS SOLDADOS MONTAM A GUARDA

1. No dia seguinte, os sacerdotes e os fariseus foram ter com Pilatos, e instaram com ele para que tivesse em consideração o que Jesus antecipadamente dissera, que no terceiro dia, se ergueria de entre os mortos, e solicitaram-lhe para que pusesse, até ao terceiro dia, vigia no sepulcro, ao corpo, para que os seus discípulos não viessem e não roubassem o corpo dele, dizendo depois ao povo que Ele se tinha erguido de entre os mortos. 2. Pilatos respondeu-lhes que fossem, e que guardassem o melhor que pudessem. E os soldados foram armados para lá, e selaram a pedra que repousava diante da sua entrada.

CXCVI – JESUS RESSUSCITA E TAMBÉM OUTROS COM JESUS

1. No dia seguinte, muito cedo, tão cedo quanto alguém poderia adorar, as Marias partiram, e compraram os unguentos aromáticos para vir ungir o corpo de Jesus. 2. Enquanto vinham em direção ao sepulcro, Jesus, já tivera sido erguido de entre os mortos, bem como muitos outros mortos que vieram, mostrando-se a si mesmos na cidade.

CXCVII – O TREMOR DE TERRA E O SEPULCRO ABERTO

1. Então, houve nesse local um grande tremor de terra, um anjo desceu do céu, removeu a pedra do sepulcro, e sentou-se nele. Ora, a sua aparência e rosto eram vermelhas, como o fogo, e as suas vestes eram brancas, como a neve. 2. E os vigias que guardavam o sepulcro, tão rápido quanto viram isto, ficaram confusos e caíram como mortos, com medo. Ora, enquanto as mulheres

²⁸⁴ - N.B: O Ms.2498 refere-se ao «sudário», isto é, um pano que era colocado sobre a face, antes do corpo ser envolvido por um lençol grande, e atado com ligaduras.

seguiram para o sepulcro, perguntaram-se quem as ajudaria a remover a pedra da porta do monumento. **3.** Entretanto, quando elas olharam de mais perto, viram que a pedra já tinha sido removida da entrada da porta.

CXCVIII – JOÃO E PEDRO VÃO AO SEPULCRO

1. E Maria Magdalena, tão rápido quanto se apercebera que a pedra tinha sido removida, correu, e disse a Pedro e a João que o corpo de Jesus tinha sido roubado. Então, Pedro e João ergueram-se imediatamente, e foram ao sepulcro. **2.** Mas²⁸⁵ João chegou primeiro ao sepulcro, e, apesar de que não tenha entrado dentro, ajoelhou-se e não viu nada a não ser o lençol no qual Jesus tinha sido envolvido. **3.** Quando Pedro chegou, ajoelhou-se, entrou, e viu o lençol e as ligaduras que tinham estado à volta do corpo de Jesus. A seguir, João entrou, também viu e acreditou que o corpo tinha sido levado. **4.** Pois ainda não conheciam a Escritura que dizia que Jesus teria de se erguer de entre os mortos, e depois, entrar no seu Reino. A seguir, eles regressaram a casa.

CXCIX – OS ANJOS ANUNCIAM ÀS MULHERES

1. Então, as mulheres foram em direção ao sepulcro no jardim, e viram um anjo sentado no lado direito do sepulcro, vestido com uma túnica branca. E logo sentiram grande temor. **2.** O anjo disse-lhes: “Não tenhais medo, mas sabeis de uma verdade, que Jesus foi erguido de entre os mortos, como vos tinha dito desde o início.» A seguir, o anjo disse-lhes que deveriam partir, e dizer a Pedro bem como aos outros discípulos que Jesus ressuscitara. **3.** Então, dois anjos se colocaram ao lado delas, mostrando-lhes o sudário e os panos, e um deles disse-lhes que recordassem o que Jesus lhes dissera anteriormente, como lhes tinha avisado que tinha de sofrer a paixão na cruz, morrer, e, ao terceiro dia erguer-se de entre os mortos. **4.** Nesse momento elas recordaram as palavras de Jesus, e, deixando para trás o seu comportamento pesaroso, partiram, com grande temor e alegria, para narrar aos Apóstolos estas boas notícias.

CC – JESUS APARECE A MARIA MAGDALENA

1. Entretanto, enquanto o anjo lhes mostrava estas coisas, a Magdalena, que se encontrava no outro lado, dirigiu-se ao sepulcro, e, permanecendo de pé, chorou. **2.** Então, ela viu os dois anjos com vestes brancas, e observou que um que estava sentado na cabeceira, e o outro aos pés. Depois, eles perguntaram-lhe por que é que estava a chorar. **3.** E ela respondeu dizendo, porque o seu Senhor tinha sido levado e não sabia onde é que fora colocado. Em seguida, os anjos levantaram-se para ir ao encontro de Jesus, que, entretanto, veio, e colocou-se atrás da Magdalena. E ela virando-se, pensou que era o jardineiro. **4.** Então Jesus perguntou-lhe por que é que ela estava a

²⁸⁵ - Suprimimos: “São...” como interpolação posterior do redator.

chorar e a quem é que buscava. «Senhor» – disse ela – «se sucedeu teres sido tu que a levá-lo, diz-me onde é que o colocaste, que eu irei secretamente buscá-lo, e levá-lo-ei embora em privado.» **5.** E nisso, ela voltou-se na direção dos anjos para procurar algum conforto. Em seguida, Jesus chamou-a «Maria». E ela, reconhecendo-o pela sua voz, voltou-se, caiu aos seus pés e disse: “Salve, doce Senhor.” **6.** Depois, Jesus ordenou-lhe que partisse, e que dissesse aos irmãos dela que Ele ascenderia para o Pai deles, e Pai dela, para o Deus deles, e para o Deus dela também.

CCI – JESUS APARECE ÀS OUTRAS MULHERES

1. E enquanto as outras mulheres iam ter com os apóstolos para lhes dizer o que o anjo lhes tinha dito, e a Magdalena se aproximou para ir com elas, então, eis que se aproximou Jesus e saudou-as. **2.** Logo elas caíram aos seus pés, adoraram-no, saudaram-no, e beijaram-lhe os seus pés. Então Jesus ordenou-lhes que não temessem, mas que fossem para a Galileia, para se encontrarem com Ele, e aí vê-lo-iam.

CCII – OS SOLDADOS FALAM DA RESSURREIÇÃO AOS SACERDOTES

1. Entretanto, enquanto as mulheres ter com os Apóstolos, aqueles que haviam estado a vigiar o sepulcro, dirigiram-se à cidade, e relataram aos governantes e aos sacerdotes tudo quanto tinham visto. **2.** Então, reuniram-se todos os anciãos do povo, realizando o seu conselho instruindo-se sobre do que poderia ser feito para que a ressurreição de Jesus não fosse acreditada. **3.** Depois, deram um grande tesouro aos soldados, a fim de que dissessem, que, enquanto tinham adormecido, vieram os discípulos de Jesus, e levaram o seu corpo. Prometeram-lhes, depois, que iriam interceder junto de Pilatos, para que não ficasse irado com eles. **4.** E os soldados tomaram o tesouro, dizendo ao povo tudo o que tinham sido instruídos para dizer. E foi deste modo que, desse dia em diante, relataram ao povo.

CCIII – AS MULHERES ANUNCIAM AOS DISCÍPULOS

1. Quando as mulheres chegaram junto dos apóstolos, contaram como tinham visto os anjos, e como Jesus fora ressuscitado de entre os mortos. Eles perguntaram-lhes de que modo é que tinham visto isso. **2.** Algumas delas responderam dizendo que tinham visto um anjo sentar-se, outras relataram que tinham visto dois anjos de pé, e, por isso, não lhes deram crédito, mas descontaram as palavras delas como algo sem sentido. **3.** Então, chegou a Magdalena, juntamente com as outras Marias que tinham visto Jesus, encontraram os apóstolos a chorar e a lamentar-se, e contaram-lhes o que Jesus lhes ordenara dizer.

CCIV – JESUS APARECEU A PEDRO

1. E quando Pedro as ouviu dizer que tinham visto Jesus, levantou-se, e foi ao sepulcro. Logo Jesus se mostrou a Pedro. **2.** Então, Pedro regressou, e foi até junto dos apóstolos, dizendo aos que lá estavam, que tinha visto Jesus, e que Ele se erguera verdadeiramente de entre os mortos.

CCV – JESUS APARECE A CLÉOFAS E A LUCAS

1. Ora, sucedeu na manhã desse mesmo dia, após terem estado com os apóstolos as mulheres que tinham visto os anjos, e depois que Pedro e João tivessem regressado do sepulcro, que dois discípulos que tinham estado com Jesus, saíram da cidade de Jerusalém, em direção a uma aldeia chamada Emaús, que distava oito milhas e meia de Jerusalém. **2.** Enquanto iam pelo caminho, falavam de muitas coisas que tinham sucedido a Jesus. E, enquanto falavam e se lamentavam das coisas que tinham ocorrido, então, logo a seguir, aproximou-se Jesus, alcançando-os durante o caminho. **3.** Eles, porém, não o conheciam senão como um estranho. E Jesus perguntou-lhes sobre as coisas falavam enquanto caminhavam, e porque motivo estavam tão tristes. **4.** Aquele que lhe respondeu chamava-se Cléofas, e disse que se admirava de que Ele não soubesse o que tinha sucedido durante a Festa em Jerusalém. A seguir, Jesus perguntou-lhe o que é que tinha sucedido. **5.** Eles falaram-lhe acerca de Jesus de Nazaré, como este era tão digno, um homem de Deus, poderoso em palavra e obra, e isto diante todo o povo. E como os governantes e os sacerdotes o tinham condenado, e suspenso no madeiro. «Nós pensávamos que Ele era o Cristo e que superaria tudo. **6.** Mas, já é o terceiro dia desde que isto ocorreu. É certo que uma das nossas mulheres fez-nos temer, porque na manhã deste mesmo dia, ela foi ao sepulcro, e não encontrou o seu corpo, mas disse que tinha visto dois anjos que lhe disseram que Ele estava vivo. **7.** Também alguns dos nossos companheiros foram lá, e encontraram tudo tal e como a mulher tinha dito, porém, a Ele, não o encontraram.» **8.** E então, Jesus disse: «Ó seus tolos, imprudentes e descrentes, porque não acreditastes naquilo que os profetas falaram. Não tinha Jesus de sofrer a paixão e, desse modo, entrar na sua glória?» **9.** E começou a mostrar-lhes através da Lei e através dos Profetas, que assim teria de suceder. Depois, chegaram próximo de Emaús, e Jesus disse que iria seguir o seu caminho para lá dessa aldeia. Então, pela força dos rogos, e porque que era quase noite, obrigaram-lhe a permanecer aí. **10.** Assim, Jesus ficou com eles, entrando na sua pousada. Quando estava com eles à mesa, durante a ceia, tomou pão, partiu-o, abençoou-o e deu-lho. E logo que fez isto, reconheceram-no. **11.** Nesse instante, Ele desapareceu de junto de si. Então, disseram um para o outro: «Não ardiam dentro de nós, os nossos corações, enquanto Ele falava connosco durante o caminho, e enquanto íamos discutindo as Escrituras?» **12.** E logo eles se levantaram, e regressaram a Jerusalém, encontrando os doze apóstolos e outros que também estavam com eles. E disseram-lhes que Jesus certamente se erguera de entre os mortos, e também se manifestara a Pedro. **13.** Então narraram como Jesus lhes aparecera durante o caminho, e como reconheceram Jesus ao partir do pão. Contudo, Tomé e os outros que ali estavam sentados, não acreditaram.

Logo a seguir, Tomé saiu, e os outros ficaram lá a indagar sobre como é que isso poderia ter sucedido.

CCVI – JESUS APARECE AOS APÓSTOLOS, MAS SEM TOMÉ

1. E nesse mesmo dia, ao entardecer, quando os discípulos fecharam os portões por medo dos Judeus, reuniram-se e, tendo-se sentado, conversavam acerca de como Jesus se tinha mostrado a alguns. Logo a seguir, veio Jesus, colocou-se entre eles, e disse: «A paz esteja convosco. Sou eu. Não tenhais medo.» **2.** Todos ficaram aterrorizados, e pensaram que era um fantasma o que estavam a ver ali. E Jesus confortou-os com doçura, mostrou-lhes os seus pés, as suas mãos, o seu lado, e ordenou-lhes palpar e ver como Ele tinha quer carne, quer sangue, o que nenhum fantasma tinha. **3.** Contudo, por causa da alegria e da grande admiração, não conseguiam acreditar que era Ele. Então, Jesus perguntou-lhes se tinham algo para comer. **4.** Apresentaram-lhe um bocado de peixe assado e um pouco de mel, e Jesus tomou-os, comeu diante de todos, e deu-lhes o que sobejou. **5.** Então disse-lhes outra vez: «A paz esteja convosco. Como o meu Pai me enviou, assim eu vos envio.» Tendo Ele assim falado, pousou o Espírito Santo neles. Ele disse: «Recebei o Espírito Santo. Os pecados que vós ireis perdoar, serão perdoados.» **6.** E então recordou-lhes as palavras que lhes dissera antes, na Galileia, que tinha de passar pelo sofrimento e pela paixão, para cumprir as profecias. Depois disto, deu-lhes entendimento da Sagrada Escritura, dizendo-lhes que tinham de pregar o arrependimento por todo o mundo em seu nome, mas primeiro em Jerusalém, para dar testemunho da sua paixão e da sua ressurreição, pois teriam de permanecer na cidade, tranquilos, até que lhes enviasse do Céu o Espírito Santo, que lhes daria a potestade necessária para o fazer. **7.** Ora, sucedeu que Tomé não se encontrava com os apóstolos quando Jesus se manifestou a eles, mas, quando regressou, relataram-lhe tudo acerca de como Jesus se revelara. **8.** E Tomé respondeu dizendo que nunca acreditaria nisso, ainda que o visse, a não ser que visse as suas feridas nas suas mãos, e pusesse os seus dedos no seu lado.

CCVII – JESUS MOSTRA-SE A TOMÉ E AOS OUTROS APÓSTOLOS

1. No oitavo dia, os apóstolos estavam encerrados onde tinham estado antes por medo dos Judeus, e Tomé estava com eles. Então, veio Jesus, colocou-se entre eles e disse: «A paz esteja convosco.» **2.** A seguir, ele disse a Tomé que colocasse os seus dedos na ferida onde os pregos haviam estado, e no lado, onde a lança o tinha perfurado, ordenando-lhe que não mais fosse descrente. **3.** E quando assim o fez, disse: «Tu és o meu Deus e o meu Senhor.» Jesus disse: “Sim, Tomé, porque tu o comprovaste, tu acreditas. Mas bem-aventurados sejam aqueles que nunca comprovaram isto, contudo, acreditam firmemente.” **4.** Jesus fez muitos outros sinais diante os seus discípulos, que não estão escritos no Evangelho. **5.** Houve também o momento em que se mostrou mais a quinhentos homens reunidos.

CCVIII – JESUS APARECE NA GALILEIA, SOBRE UMA MONTANHA

1. Depois, Jesus ordenou aos onze apóstolos que partissem para a Galileia, a uma montanha onde estava acostumado pregar-lhes, porque haveria de ir lá, ter com eles. E quando chegaram aí, encontraram-se outra vez com Jesus. **2.** Alguns que o viram, adoraram-no. Contudo, outros estavam com medo. Então, Jesus veio ter com eles, dizendo que todo o poder no céu e na terra lhe tinham sido dados. **3.** E ordenou-lhes que partissem por todo o mundo a pregar, e que baptizassem em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-lhes todas as coisas que tinham aprendido. **4.** Também lhes prometeu que estaria para sempre com eles, até ao fim do mundo.

CCIX – JESUS APARECE JUNTO AO MAR DE TIBERÍADES

1. Mais tarde, Jesus mostrou-se a Pedro, a Tomé, a Natanael, a Tiago, e a João, seu irmão, bem como a outros discípulos perto do Mar de Tiberíades deste modo. Eles estiveram toda a noite, a pescar, trabalhando arduamente, mas não apanharam nada. **2.** E ao amanhecer, Jesus estava na praia, e perguntou-lhes se tinham algum peixe. Eles responderam: «Não.» Ora, não sabiam que era Jesus. Depois, Jesus ordenou-lhes que lançassem as suas redes para o lado direito, e encontrariam. **3.** Assim o fizeram, e imediatamente a rede ficou tão cheia, que não a conseguiam trazer para dentro do barco. **4.** Logo, disse João a Pedro que tinha sido Jesus que lhes falara. Pedro tomou a sua túnica – pois estava molhado e nu – e nadou em direção a terra, porém, os outros, ficaram no barco, navegando-o em direção a terra. **5.** Quando chegaram a terra, viram que já estava peixe a assar sobre as brasas e pão ao lado. Então, Jesus disse-lhes para que trouxessem dos peixes que tinham apanhado. **6.** Pedro, então, foi, e trouxe a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes que tinham acabado de apanhar, e, apesar de serem tantos e tão grandes, contudo, a rede não se rompeu. **7.** Depois, Jesus ordenou-lhes que vir comer. Eles foram, e sentaram-se no chão. A seguir, Jesus aproximou-se, e deu-lhes pão e peixe. Nenhum deles perguntou-lhe quem Ele era, pois eles bem sabiam que era Jesus, o seu Senhor. **8.** Depois de terem comido, Jesus perguntou a Pedro se ele o amava mais do que qualquer um dos outros. Pedro respondeu que Ele bem sabia que o amava. E Jesus ordenou-lhe para que partisse, e alimentasse os seus cordeiros. **9.** Novamente Jesus perguntou-lhe se ele o amava. Pedro respondeu que bem sabia que o amava. Pela terceira vez Jesus perguntou-lhe se o amava. **10.** Então, Pedro ficou envergonhado por Jesus ter-lhe perguntado três vezes se ele o amava, e respondeu-lhe dizendo que Ele sabia todas as coisas, e por isso, bem sabia que o amava. **11.** Então Jesus ordenou-lhe que alimentasse as suas ovelhas, e disse-lhe que, quando era mais novo, ele mesmo se cingia e ia para onde queria, mas, quando fosse mais velho, iria estender os seus braços, e os homens o cingiriam, conduzindo-o para onde não iria querer ir. – Disse-lhe isto como sinal de que seria estendido, torturado, e colocado numa cruz por amor a Deus. **12.** Após ter falado, Jesus levantou-se e foi adiante, e Pedro seguiu-o. Quando regressaram novamente, Pedro viu João a vir atrás deles, e

perguntou a Jesus o que é que João deveria fazer. **13.** Jesus disse-lhe que se devesse permanecer até que Ele regressasse novamente, «que tem isso que ver contigo?» Então, os outros discípulos começaram a falar entre si dizendo que João não iria morrer. **14.** Mas Jesus não dissera que João não morreria, mas antes, que poderia desejar que ele permanecesse até que regressasse novamente.

CCX – JESUS VOLTA A APARECER NA SALA DO ANDAR DE CIMA

1. Então, os discípulos regressaram a Jerusalém reunindo-se no quadragésimo dia após a sua ressurreição, na sala do andar de cima, onde Jesus realizara a sua Última Ceia. **2.** Enquanto se sentavam para a refeição, Jesus mostrou-se a eles, e juntou-se à sua refeição, repreendendo-os, porque não tinham acreditado no que viram, isto é, que fora erguido de entre os mortos. **3.** E ordenou-lhes ir pregar o Evangelho a todo o mundo, e a todas as pessoas. Também lhes disse que, aqueles que acreditassem e fossem batizados, seriam salvos, e que aqueles que não acreditassem, seriam condenados. **4.** Que aqueles que acreditassem seriam capazes de expulsar demónios – disse Ele – em seu nome. Seriam capazes de falar a língua que nunca tinham aprendido, de mexer em víboras e transportá-las sem dano, e ainda, que se bebessem uma bebida envenenada, não lhes causaria dano, e se tocassem nos doentes, seriam curados. **5.** Jesus disse-lhes ainda que permanecessem em Jerusalém [até que o Espírito Santo fosse enviado] para confortá-los, como lhes tinha sido prometido. Pois João, o Baptista – disse Ele – batizou na água, mas eles seriam daquele dia em diante, batizados no Espírito Santo. **6.** A seguir, Jesus ordenou-lhes que reunissem todos os discípulos que vivessem nas imediações, homens e mulheres, e que todos fossem ao seu encontro no Monte das Oliveiras, pois os Onze moravam na grande sala do andar de cima, e os outros discípulos moravam noutras casas, próximas desse lado da cidade, que era chamado Monte Sião.

CCXI – JESUS DESPEDE-SE DOS APÓSTOLOS E SOBE AOS CÉUS

1. Imediatamente eles partiram, reuniram todos os discípulos de Jesus, homens e mulheres, e saíram da cidade em direção ao Monte das Oliveiras, em Betânia. Então apareceu Jesus e mostrou-se a eles. Depois, perguntaram-lhe se iria restaurar o Reino de Israel, expulsar o rei estrangeiro e Pilatos, administrador de César, reinar Ele próprio ou ainda, estabelecer a casa de David. **2.** E Jesus respondeu dizendo que não lhes competia saber o tempo que o seu Pai havia ordenado, segundo a Sua vontade. «Mas vós deveis» – disse Ele – «receber a virtude do Espírito Santo, que descerá sobre vós. E deveis, antes que chegue esse tempo, ser testemunhas das minhas palavras, das minhas obras, e da minha ressurreição, em Jerusalém, na Judeia e na Samaria, até aos confins do mundo.» **3.** Após Jesus ter assim falado, levantou a sua mão e abençoou-os a todos. E depois de os ter abençoado, beijou-os a todos, um por um. **4.** Olhando para cada um deles, ascendeu ao céu, com dois anjos em cada lado.

CCXII – JESUS HÁ-DE VOLTAR

1. Todos ficaram a olhar para cima, a ver se o viam. Veio então uma nuvem cheia de luz e arrebatou-o da sua visão. Enquanto todos estavam a olhar para o alto, aproximaram-se, então, dois anjos com vestes brancas, permanecendo perto deles, e perguntaram-lhes por que é que eles estavam a olhar para o alto, em direção ao céu. **2.** Disse-lhes também, que, assim como Ele tinha sido levado para o céu, do mesmo modo também virá outra vez, descendo para o Julgamento. **3.** Então, agradeceram a Deus, sabendo que Jesus partira, para se sentar à direita do Seu Pai. E regressaram novamente para Jerusalém com grande alegria, entrando na sala do andar de cima, onde viviam os apóstolos. **4.** Permaneceram assíduos nas orações nesse local, com Maria, a mãe de Jesus, com outras mulheres, e com os primos de Jesus, até ao dia em que, na hora das orações da manhã, o Espírito Santo desceu sobre eles, resplandecendo no seu íntimo, e lhes deu inteligência, sabedoria, compreensão das línguas, e intrepidez para pregar a Fé em todo o lado.

CCXIII – A MENSAGEM DE JESUS É ANUNCIADA

1. Depois, eles partiram para o Templo, e aí permaneceram agradecendo a Deus, até que foram expulsos da Judeia pelos Judeus. **2.** E no décimo segundo ano após a ascensão de Jesus Cristo, quando Tiago foi decapitado e Pedro preso, então, cada um seguiu o seu caminho por todo o mundo, e pregou aos pagãos, e aos judeus. **3.** E o Espírito Santo os lhes conduziu, ensinou, e confirmou a sua mensagem, através dos milagres que Jesus fez por meio deles.

Colophon

Age assim para que Deus seja teu amigo.

